

CIPEX-Centro de Investigação e Pesquisa Exobiológica
 Cx. P. 24.555 - Agência Uberaba - Curitiba - Paraná - Brasil
 Cep. 81.570-971 - e.mail: cipexbr@yahoo.com

BOLETIM ESPECIAL 1975 - SBEDV BL ISSN 0037-8666

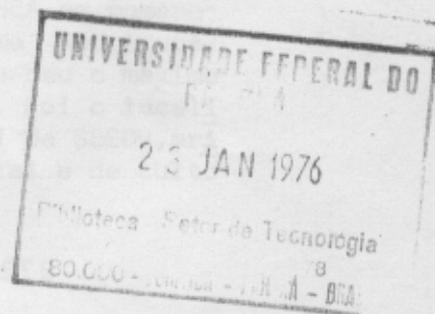
SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS SOBRE

DISCOS VOADORES

Caixa Postal nº 16.017.-ZC-01 - Rio de Janeiro (RJ)
 - Brasil -

A - Capsula espacial; B - "Desenho Falado" do ufo
 nauta do episódio nº 22 (desenhista do CICOANI - Be
 lo Horizonte)

- FIG. G-2 (leia cap. G)



CIPEX e GENA

40 ENCONTROS COM EXTRATERRESTRES

NO BRASIL

Pesquisas sobre importantes casos brasileiros de tripulantes (de Discos Voadores) tendo aspecto humano (terrestre) e aspecto humanóide.

-Estudos e conclusões sobre os métodos adotados na pesquisa dos DV e dos seus tripulantes (também chamados ufonautas).

-Publicação de conceitos de sociedades brasileiras e estrangeiras.

-Receptividade aos UFOs

§ § § § § § § § § § §

-Este Boletim Especial é fornecido aos seus colaboradores e Associados da SBEDV em Setembro de 1975.

§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§

A Diretoria da SBEDV, no biênio 1973/1974, a diante assinalada, editou esta COLETÂNEA em homenagem póstuma ao Sr. Lullo Duncan de Lima Rodrigues. Ele foi um dos Presidentes da SBEDV, e deu o máximo de seus esforços em prol da Sociedade. Foi o idealizador do Decálogo (adiante transcrito) da SBEDV, orientando-a com total desvinculação racial e de culto religioso.

§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§

DIREITOS AUTORAIS

RESERVADOS

- Em língua portuguesa: SBEDV

- Em qualquer outra língua: Editora "Ventura Verlag" 6200 - Wiesbaden 13-Alemanha citações e/ou traduções, mediante permissão por escrito. C. Postal 17185.

Episódio nº39 - "Caso Benedito Miranda"	pag. 54
Episódio nº40 - "O caso Paulo Castano"	pag. 55
D - RESUMO DE RELATOS DE JORNAIS.....	pag. 57-a
Episódio nº41 - "O caso de Ceres"	pag. 57-a
Episódio nº42 - "O caso de Guaporé"	pag. 58
Episódio nº43 - "Caso Pedro Zilli"	pag. 58
Episódio nº44 - "O caso do Paraná"	pag. 58
Episódio nº45 - "Os casos de Venâncio Aires"	pag. 59
Episódio nº46 - "No Ceará em Paracarú"	pag. 60
Episódio nº47 - "No município de Ipu-Ceará"	pag. 60
Episódio nº48 - "No Rio Grande do Sul"	pag. 60
Episódio nº49 - "O caso de Sidrolândia-Mato Gros so"	pag. 61
Episódio nº50 - "Disco em Londrina"	pag. 62
E - SELEÇÃO DE MATERIAL DE ESTUDO: CRITÉRIO ADO- TADO.....	pag. 63
1 - A objetividade na pesquisa.....	pag. 63
2 - Material eliminado.....	pag. 63
F - ANÁLISE DOS 40 CASOS RELATADOS; CONCLUSÕES ...	pag. 65
1 - Em relação ao número de tripulantes ob - servados.....	pag. 65
2 - Em relação ao número das testemunhas pre sentes.....	pag. 65
3 - Em relação ao horário do aparecimento;.....	pag. 65
4 - Em relação à vestimenta dos tripulantes...;	pag. 66
5 - Em relação ao seu tamanho;.....	pag. 66
6 - Em relação aos meios de comunicações ado tados;.....	pag. 67
7 - Em relação à morfologia.....	pag. 68
8 - Efeitos estranhos verificados em alguns dos 40 casos.....	pag. 69
G - O COMPORTAMENTO DOS TRIPULANTES.....	pag. 71
H - HAVERÁ JUSTIFICATIVA DO PONTO DE VISTA GENÉ- TICA PARA OS DIFERENTES TIPOS HUMANOIDES ?.....	pag. 75
I - O PROBLEMA DO INTERCÂMBIO COM OS UFORNÁUTAS.....	pag. 77
1 - "Prós e contras".....	pag. 77
2 - Sugestões.....	pag. 79
K - A INTERVENÇÃO DA POLÍTICA NO CAMPO DA UFOLO- GIA.....	pag. 81
1 - Despistamento.....	pag. 81
2 - Slogans.....	pag. 83
3 - Procura da verdade.....	pag. 84
L - PADRONIZAÇÃO DA PESQUISA UFOLÓGICA.....	pag. 85
1 - Generalidades.....	pag. 85
2 - Detalhes da Técnica.....	pag. 85
3 - Lembrete de Controle.....	pag. 86
4 - Roteiro envolvendo ufonáutas.....	pag. 86
5 - Controle de cores e formas do DV.....	pag. 87
6 - Carta no caso de um contato ou aterrissa- gem.....	pag. 87
7 - Possibilidades numa aterrisagem e/ou con tato.....	pag. 88
M - DECÁLOGO E NORMAS.....	pag. 91
1 - O Decálogo da SBEDV ;;;.....	pag. 91
2 - Normas de Contatos.....	pag. 91
N - RELAÇÃO CRONOLÓGICA DOS ENCONTROS COM OS UFO NAUTAS.....	pag. 92
O - REFERÊNCIAS.....	pag. 93

1. Introdução (à edição em português)

a - Embora já preparado para publicação há aproximadamente 12 meses, só agora foi editado o presente trabalho, o que vem comprovar mais uma vez que não é só a presença da matéria prima que garante o seu desenvolvimento. Assim, a primazia da edição desta coletânea (meados de 1975) coube ao VENTILA VERLAG, editora alemã ligada à Sociedade Ufológica Duist, que se congrega em torno do casal Karl Veit, Wiesbaden, na Alemanha.

Não é esta a primeira vez que a Duist se adianta na publicação de material ufológico brasileiro, também acessível a outras sociedades que estudam o assunto. Assim é que, em 1973, foi lançado em primeira mão, pela mesma editora, o relato do brasileiro Artur Berlet, da cidade de Sarandi, no Rio Grande do Sul, a respeito da viagem forçada que fez a um outro planeta e que, em alemão, tem o título IM RAUMSCHIFF VON PLANET ZU PLANET (ref 253)

b - Esta coletânea, na edição alemã, tem o título VIERZIG BEGEGNUNGEN MIT AUSSERIRDISCHEN IN BRASILIEN (ref 282)

Na presente edição foram feitos alguns acréscimos, por necessidade de maiores explicações ou em virtude de informações recebidas posteriormente. Esses acréscimos estão identificados por dois sinais (*), um no início e outro no fim do referido trecho.

c - Estas são, sem dúvida, notícias alvissaras para a Diretoria da SBEDV. É lamentável, porém, que o Vice Presidente da entidade, Sr. Orlando Teixeira Fernandes, não possa participar da nossa alegria, porquanto faleceu no mês de Maio, após uma breve porém grave doença. Nesta oportunidade, a SBEDV registra o seu pesar pela ocorrência e estende de seus sentimentos à família enlutada. Orlando foi um membro daquele pequeno grupo de pessoas que pelo seu entusiasmo e dedicação desinteressada durante longos anos, tornou possível os trabalhos da SBEDV, como também a presente "edição especial".

d - (*) - Quatro diretorias tem dirigido a SBEDV nos seus 18 anos de existência. As 3 primeiras foram presididas respectivamente pelo advogado Dr. José Augusto da Costa Filho (Presidente Fundador), pelo Sr. Lullo Duncan de Lima Rodrigues, e pelo advogado Dr. Paulo Manzo, tendo os 2 primeiros já falecidos (ref. 56, 92).

Há ainda a assinalar o nosso pesar pela morte precoce da tradutora de grande parte do texto (para o alemão), a senhora Eli Baselau, porquanto não teve ela a satisfação de acompanhar o desenvolvimento do seu trabalho, sucumbindo a grave e rápida moléstia.

Notificamos também o passamento da Dra. Helena Paes de Oliveira, componente do Conselho Fiscal da penúltima Diretoria, e entusiasta do assunto e nossa colaboradora prestímosa de quem lamentamos a ausência. (*)

2 - Roteiro

1º - Com a COLETÂNEA dos casos de aterrisagens de DV (DISCOS VOADORES) e encontros com os seus tripulantes, também chamados ufonautas (ou "uranides" pelo CICOANI) - quer apresentem eles forma es-

tritamente humana terrestre ou apenas forma semelhante à terrestre (chamada "humanoide") - pretende a SBEDV (Sociedade Brasileira de Estudos sobre os Discos Voadores) nos capítulos "B", "C", "D", "E", "F", "G" e "H" trazer ao conhecimento de seus leitores, de forma sucinta, os fatos que se vêm verificando no Brasil nestes últimos 15 anos, de 1957 a 1972, principalmente.

2º - (*) Pelos dados de identificação contidos nos relatos, poderá o próprio leitor constituir-se num pesquisador que, repetindo a mesma pesquisa, chegue a idênticos resultados dos ufológicos que pesquisaram anteriormente, ou a melhores e mais completos ou, então, a conclusões diferentes, corrigindo-nos publicamente, se for o caso, o que deve ser feito, para o bem da verdade. Se o leitor não puder pesquisar, por falta de tempo ou de recursos materiais, mesmo assim, pela leitura do nosso material poderá formar sua própria opinião. (*)

3º - Pretende, também, tornar conhecido a reação das pessoas que dizem ter tido contato com os seres extraterrestres (as chamadas "testemunhas" de um contato) para que nos acostumemos com o assunto e possamos nos imaginar - um dia - em idêntica situação, de perto ou de longe, frente a um desses seres extraterrestres, avaliando nossas reações. (veja cap. "F-7", "F-8" e "6").

Isto, pensa a SBEDV, é uma forma de preparo para futuros encontros com estes seres.

Importante no assunto é a fixação de um relacionamento amistoso e pacífico com os ufonautas conforme o cap. "I", para possibilitar o seu estudo.

4º - Finalmente, pretende no capítulo "L" ainda, à vista do comportamento adotado nas diversas pesquisas e, sobretudo, reconhecendo falhas que porventura ocorram naquelas realizadas, criar uma mentalidade e uma escola de pesquisadores. Pois da argúcia e honestidade do pesquisador depende a boa elucidação do caso.

5º (*) Sabe-se que a cobiça de novas energias, ainda desconhecidas, como as usadas pelos discos voadores, e também a sede de poder das hegemonias fazem com que o assunto DV se constitua em poderoso ímã para a política "e policíaca" terrestre. Coisa idêntica aconteceu no início do desenvolvimento do petróleo brasileiro. Por isso é que sociedades desvinculadas da política quotidiana, como a SBEDV estão mais aptas a realizar pesquisas imparciais nas ocorrências de DVs e difundí-las, do que os "experts" apontados pela política e por ela contrólados, como os que nos últimos 28 anos sonegaram o assunto ao público. (*)

3 - OPÇÃO: DIVULGAÇÃO OU SIGILO?

Achamos necessárias as informações corretas e serenas sobre o problema, porquanto só elas poderão evitar o desgaste da nossa civilização e da nossa sociedade atual, evitando sua subversão e o caos. A coletânea consiste assim de relatos genuínos, pesquisados por gente que não procura esconder a sua identidade, como acontece com o pesquisador político.

A denominação do estudo dos DVs tem hoje uma expressão corriqueira na palavra UFOLOGIA, deriva-

da da sigla UFO, letras iniciais da expressão inglesa UNIDENTIFIED FLYING OBJECTS, em português OANI (Objeto Aéreo Não Identificado), em espanhol OVNI (Objecto Volador Não Identificado). No entanto, para acabar com esse anonimato e medo na definição do problema, a SBEDV usa de preferência a palavra DISCO VOADOR, com sua origem identificada como EXTRATERRESTRE. (sendo os tripulantes chamados também Ufonautas ou "ocupantes").

Embora hoje quase todas as sociedades de estudo se ocupem também dos tripulantes, houve época em que isso era tido "de mau gosto", especialmente por aqueles que seguiam uma linha política, de segredo. Entretanto, a SBEDV, com o cuidado de seguir uma linha apolítica, sempre estudou os tripulantes dos DVS, desde a sua fundação em 1957, e, assim, ficou em condições de apresentar ao leitor, agora, a COLETÂNEA, dos casos de tripulantes pesquisados por ela própria e outras sociedades, principalmente de 1957 para cá.

O estudo dos tripulantes e construtores dos discos voadores é matéria muito audaciosa, porquanto constitui também um desafio à política terrestre, já que esses tripulantes são representantes de civilizações e tecnologias mais avançadas do que as nossas (ref. 3 - 11 - 49 - 79 - 86 - 89 - 112 - 123 - 125).

Diz o padre Salvador Reixado, de Costa Rica, no seu livro (ref 246) EXTRATERRESTRES Y CREENCIAS RELIGIOSAS que "os dogmas terrestres vão desintegrar-se (voar pelos ares) quando os Discos Voadores começarem a aterrisar".

Reixado também acha que, ao tempo de Galileu, (ref. 232) abrangia a mudança apenas a concepção física do Universo, enquanto que, pelo problema dos DVs, fica ameaçada a concepção psíquica do antropocentrismo, a nota dominante na atual filosofia terrestre. (ref. 8 - 73 - 81)

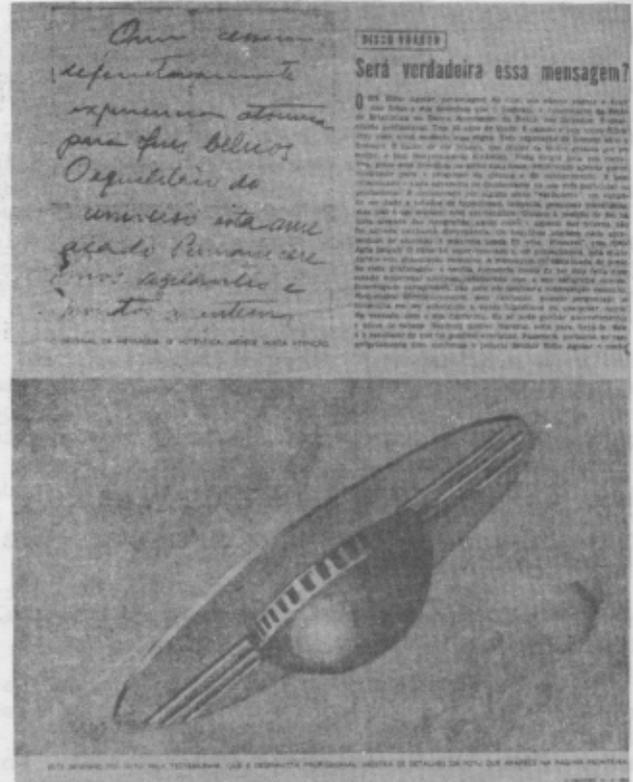
Ao tempo de Galileu, foi fácil para a Inquisição liquidar o pequeno grupo de intelectuais e astrônomos rebeldes, mas hoje, os governos receiam que seu prestígio fique abalado à primeira onda de sobrevôos ou aterrissagens mais intensas dos discos voadores, porquanto isso daria cabo, de uma vez, à política de despistamento e mascaramento do problema DV, tal como está mencionado no capítulo "K".

Permanecem, pois, em pânico constante os governos, não só com a presença mais ou menos velada dos extraterrestres, como também, pelas mensagens que estes lhes dirigem, como, por exemplo, aconteceu na Bahia, no dia 24 de abril de 1959. O caso se deu com o Sr. Hélio Aguiar que, avistando um DV aproximando-se em vôo rasante, conseguiu documentar a ocorrência por meio de sua máquina fotográfica, colhendo três expressivos instantâneos. Além dessa documentação objetiva, seguiu-se um outro episódio de caráter parapsicológico, que nos parece muito mais importante: depois da ocorrência, o Sr. Aguiar encontrara no seu bolso, escrita por ele mesmo, porém num momento de amnésia (não se lembra de a haver escrito), uma mensagem na qual pedia a atenção dos governos terrestres para o perigo que apresentavam as explosões atômicas experimentais, ainda muito frequentes na ocasião.

Essa mensagem fora, evidentemente, transmitida ao sr. Hélio Aguiar pelo tripulante do DV, que o fizera mentalmente ou por intermédio de alguma força estranha oriunda da nave que sobrevoava o local onde ele se encontrava (ref. 16, 31, 141, 299).

No Brasil, e isso a nossa coletânea registra fartamente, outras pessoas, que tiveram contato com tripulantes de índole amável, deram testemunho de caráter idêntico. Entre estas, estão o professor João de Freitas Guimarães, de Santos; Antonio Rossi, de São Paulo; Wilson Gusmão, de Alexania e

Artur Berlet de Sarandi (correspondendo aos relatos nºs 18, 21, 23 e 34 do capit. "C" do nosso texto).



Reprodução de folha "O Cruzreiro" Ref. 299 que focaliza o DV fotografado por Hélio Aguiar

Assim, só se compreende o relacionamento da política terrestre no seu combate à pesquisa sobre os DVs como oriunda do nervosismo e da falta de uma orientação viável face aos extraterrestres. A aplicação da força, do segredo e do despistamento sempre foi sinal de fraqueza e insegurança, demonstrando ausência de uma programação racional.

Assim é explicável que o assunto DV, embora constitua um óbvio para muitas pessoas há mais de 20 anos, continua apresentando o caráter de suspense e sensacionalismo no seu bojo, porquanto o assunto não foi ainda oficializado por nenhum poder civil, político ou religioso de qualquer país terrestre. Entendemos que, se não fosse isso, maior número de casos, importantes mas até agora não divulgados, viriam à tona, permitindo-se chegar a valiosas conclusões para o grande público sobre a real existência do Problema e sua evolução.

Pelo menos, pode-se dizer que os cientistas das instituições governamentais muito pouco fizeram para instalar uma pesquisa sistemática e imparcial sobre o problema. De maneira geral, parece perdurar o preconceito contra a existência de tripulantes, cujo tema geralmente é tratado displicentemente. Nesse sentido, o livro do prof. Hynek também não apresenta uma exceção mas, pelo menos, sabe-se que o professor embora publicamente desligado do Projeto Bluebook e dos seus 20 anos de despistamento, ainda continua com contrato governamental, segundo a revista APRO (ref 189), "apenas promovido em segredo a um escalão mais elevado".

* Pela leitura de números recentes da revista SKYLOOK (ref 169), chegamos a compreender a nova função do professor Hynek. Em novembro de 1968, aproximadamente, ao término do projeto Blue Book, a Rand Corporation editou um documento (ref. 170)

com recomendações altamente secretas a respeito do assunto UFO, já que a "Rand é um pequeno Pentágo - no, tendo a USAF como o seu maior empregador". Entretanto, em julho de 1973 (ref 171), tornou-se público o referido documento, que recomenda o estabelecimento de uma "rede de pesquisa ufológica, liga

"Discos voadores não existem diz o Departamento de Defesa de Washington"



DETROIT, Michigan -- O dr. Hynek, astrônomo da Universidade de Northwestern, foi enviado pela Força Aérea Norte-Americana a Michigan para investigar o caso de objetos voadores vistos neste Estado da União. O dr. Hynek disse acreditar que os objetos voadores eram apenas gases luminosos. - (Foto UPI).

Prof. Hynek - do projeto Blue Book - desacreditou as fotos de DV de G. Adamski (já falecido)

da a cientistas e Delegacias de Polícia". Em 1974 (ref 172, 173, 174, 175) foi, então, estabelecido o UFO Center, sob a supervisão do professor Hynek e financiado pelo PEG (Public Education Group), tendo, na ocasião, os representantes recebido do prof. Allan Hynek uma carta de apresentação à Delegacia de Polícia local e um número telefônico para a sua comunicação com o Center, livre de taxa.

Esse Centro pretende orientar também outros países na questão ufológica... (ref. 172) *

Também o novo livro de Hynek não alterou a maneira anterior de encarar os DV.

Hynek, (ref. 272) no seu livro (pág. 170), explica o procedimento dos cientistas em despistar os fatos ufológicos, pelo sentimento de humilhação que sofreram ao depararem com ocorrências para as quais não havia, ainda, nenhuma explicação de acordo com a ciência ("explanation gap") e, assim, reagiram emocionalmente, porque os fatos estavam acima da sua capacidade de admissão ("threshold of acceptability"). Entretanto, o problema se nos apresenta como mais um de uma escolha profissional infeliz pelos respectivos cientistas, imaturos para a busca da verdade, mais atraídos pela vaidade e cobiça. Aliás, o próprio Hynek participou durante 20 anos dos projetos de despistamento da Força Aérea e dos conselhos do Serviço Secreto da CIA (o Comitê Robertson), sem denunciá-los (ref. 164).

Assim, não nos parece ser coincidência o fato

de quase não ser citado no seu livro o ilustre ufólogo e cientista James E. McDonald, que tornou público esses despistamentos e a sua orientação pela C.I.A.!

Do ponto de vista da antropologia, poder-se-ia aplicar aos possíveis habitantes de outros planetas as palavras de Claude Lévi-Strauss recentemente admitido na Academia Francesa que disse: "Os antropólogos tentam ensinar pacientemente que a nossa maneira de viver não é a única possível, nem a melhor: outros modos existem, capazes de levar homens e grupos à felicidade. A antropologia, em suma, convida-nos a moderar o nosso orgulho e a respeitar outros estilos de vida." (Jornal do Brasil de 19.05.73).

Em relação aos cientistas que não se ocupam com o problema dos DVs, pelo ridículo que o envolve, afirma Eugene H. Burt, na página 20 do seu livro: (ref. 274) ... falta-lhes a coragem de viver a pesquisa científica, a qual alegam professar... E, mais adiante, na página 24: "Ao invés de avaliarem a veracidade e motivação das testemunhas - o que seria feito em qualquer tribunal de justiça - rejeitam os nossos cientistas "julgadores" a evidência (ufológica) que lhes é apresentada, só porque lhes faltam os conhecimentos para explicá-la."

Em relação de alguns pesquisadores sobre os DV que compartilham da idéia intervencionista dos extraterrestres aqui na Terra gostaríamos responder com as palavras tiradas ainda do livro de Burt (pág. 77) onde diz:

"Se o precedente de uma interferência (por parte dos extraterrestres) fosse estabelecido alguma vez, daí em diante teriam os nativos, (terrestres) sempre uma razão para reclamar... em nosso caso, poderíamos então indagar a razão pela qual não evitaram a subida ao poder de um Genghis Khan, ou Hitler, ou por que motivo não realizaram nenhuma intervenção em outras ocasiões, quando isso teria trazido benefícios para nós, da Terra. O homem (terrestre) desenvolveria ressentimentos de desconfiança contra qualquer vida extraterrestre que houvesse interferido com o nosso próprio desenvolvimento. De outra forma, se o desenvolvimento for exclusivamente da nossa própria conta, então podemos imaginar que, finalmente alcançaremos, futuramente os extraterrestres em igualdade de condições".

Claro está que ninguém é dono do assunto DV, quando nos é vedado, como ocorre no momento, qualquer pesquisa "ativa" nos próprios planetas de origem, visto faltar-nos a técnica para lá chegarmos, e nível de comunicação que nos possibilite estabelecer contatos com os extraterrestres, e recebermos deles a ajuda técnica de que necessitásemos.

(* Assim, mais uma vez repetimos: "No estudo ufológico é ponto de partida um relacionamento amistoso e pacífico, idéia esta que tem sido a tônica de nossos conceitos e agora desenvolvida no capítulo "I".

Lógico seria também, que nós não hostilizássemos o assunto em se, nem hostilizássemos os ufonautas, nem as pessoas que com eles tivessem contato.

Infelizmente, nem todos pensam e agem assim(*)

ANÁLISE DE ESTUDOS SOBRE UFONÁUTAS

1 - COLETÂNEAS ESTRANGEIRAS

O livro inglês *The Humanoids*, de autoria de Charles Bowen, (Ref. nº 260), teve o merecido impacto, pela maneira corajosa com que apresenta o problema dos tripulantes dos discos voadores, contribuindo Gordon Greighton com uma série de 65 casos ocorridos na América do Sul. Entretanto, os seus casos de números 19 e 22, referentes aos episódios brasileiros do professor João de Freitas Guimarães e Antônio Vilas Boas (nºs. 21 e 32 da nossa série) demonstraram possuírem alguns dos tripulantes feições "estritamente iguais" às do gênero humano.

Assim, o nome HUMANÓIDES não foi bem escolhido, porque sugere, de maneira errônea, não existirem extraterrestres "estritamente iguais aos terrestres". Mais convincente é o nosso argumento, em vista da nossa série apresentar 15 casos de tripulantes iguais aos homens terrenos, como os de D. Maria Cintra, em Lins (S.P.), Daíldo de Oliveira, em Bauru (S.P.); o dos quatro estudantes na estrada Aguai-Pirassununga (S.P.) e Artur Berlet, de Sarandí (Rio Grande do Sul), respectivamente os casos nºs. 17, 21, 28 e 29 da nossa série. Demonstram estas quatro ocorrências que as testemunhas ignoravam completamente que estivessem na presença de criaturas extraterrestres, só percebendo que não eram gente do nosso planeta quando essas "pegoas" entraram em suas naves e levantaram vôo, rapidamente e silenciosamente.

Esses quatro casos, no entanto, não fazem parte da série dos HUMANÓIDES, onde, além dos casos nºs. 19 e 22, adicionalmente, estão assinalados os de nºs. 121 e 124, correspondendo aos nosos episódios nºs. 19, de Guaranhuns e 21, de Canhotinho (PE), nos quais os tripulantes, embora de aspecto morfológico igual ao humano, se distinguem pelas proporções, variando sua altura de 70 a 80 centímetros.

Torna-se necessário enfatizar a existência desses seres extraterrestres, uns semelhantes e outros iguais à raça humana, porquanto a pesquisa política, nestes últimos 20 anos, vem procurando suprimir este aspecto.

Na nossa série, entretanto, chamaríamos de aspecto "humanóide" os casos de Flozino de Oliveira e Tiago Machado (nºs. 35 e 20), pela assimetria que apresentava a localização dos olhos no rosto; da família Gualberto, em Sagrada Família, pela ciclopia (apresentava um único olho) e de Antônio Rossi, que observou tripulantes completamente glabros, aparentemente sem órgãos sexuais.

Dai é que sublinhamos no subtítulo da nossa Coletânea os aspectos humano e humanóide dos extraterrestres.

Já em 1963 e 1964 (ref. nº 130, 131, 132) publicou a FSR um trabalho de Jaques Vallée, com 350 casos de entidades oriundas de discos voadores do "Tipo - 1" (circular ou ovóide), sob o subtítulo de "uma interpretação científica". Nela, infelizmente, seu autor usou dogmas anticientíficos, como de "a priori não tomar em consideração os casos de tripulantes que demonstrassem moral elevada (evangelizante), por serem falsificações e misinterpretações, ... obviamente constituindo os casos

de tripulantes de tipo Adamski um erro, ... devido do ser descartados automaticamente ...". O astrônomo Allan Hynek, empregado pela Força Aérea, duplamente colega de profissão de Jaques Vallée, no seu recente livro *THE UFO EXPERIENCE* (ref. nº 272, pag. 30), incorre também no mesmo erro, porquanto acha que "... os tripulantes quasi nunca fazem tentativa de comunicar-se ... pelo contrário, o encontro é, invariavelmente, uma única experiência ... fogem, entram nas suas naves e levantam vôo, para desaparecer. Não parecem ter mensagens para a humanidade, a não ser o pedido para que os deixem sossegados ..."

Embora o livro do Prof. Hynek ofereça trechos interessantes e originais, como o referente a "fatos estranhos encontrados nos aspectos da ufologia" (*ON THE STRANGENESS OF UFO REPORTS*), dentro dessa obra uma prevenção contra os tripulantes e seus contatos, chamados pelo autor de "CLOSE ENCOUNTER" (encontro de perto), que, entretanto, usa a mesma expressão para um sobrevôo rasante ou aterrissagem de DV.

O preconceito de Hynek poderá explicar também a sua inconsistência quando, de um lado, culpa os contatos repetidos com tripulantes que transmitem mensagens para a testemunha terrestre (pag. 30 no seu livro) pela "atmosfera de ficção" que criou em torno do problema dos DVs. Por outro lado, na página 29, dogmatiza que tais casos (de contato) ... "de saída não deviam ser tomados em consideração".

Quer nos parecer que o astrônomo Hynek, com referência ao problema dos contatos, mais se parece a um hábil bombeiro hidráulico (plumber, em inglês), querendo impedir que a verdade do problema "vaze para o público" (Ref. nºs. 1, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 34, 53, 57, 74, 80, 81, 93, 107, 146, 250).

Assim, por faltar em um ou outro caso os dados certos que permitissem a classificação, seja pelo aspecto da morfologia, da roupa, do planeta de origem, do tamanho, tipo do DV usado na viagem, usamos em substituição somente o relacionamento psicológico - terrestres versus extraterrestres - no seu encontro, à semelhança do que já foi tentado por Escobar Faria.

Porém, separamos completamente as nossas conclusões do Capit. "F", dos relatos propriamente ditos, contidos no Capit. "C" para que o leitor possa chegar às suas próprias conclusões, livre de comentários ou pronunciamentos, sejam eles objetivos, emocionais ou precipitados.

As dificuldades encontradas na pesquisa foram as grandes distâncias a serem vencidas. No caso da SBEDV, com o ponto de partida do Rio, seriam somados 13.000 Km.

Somente para uma única pesquisa ufológica, durante nossas férias, percorremos com o nosso carro particular um total de 10.000 Km, tendo passado pelos Estados de Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Acreditamos que, só nas pesquisas focalizadas nesta coletânea, devemos ter percorrido aproximadamente uns 50.000 km.



cap. "B-1"

Frankfurter Zeitung (15/4/75) publicou um mapa que ressalta a extensão territorial do Brasil, onde caberia a Europa toda.

2 - COLETÂNEAS NACIONAIS

O primeiro trabalho no Brasil sobre tripulantes, incluindo casos observados no mundo, foi, salvo engano, publicado pelo advogado J. Escobar Faria, no livro "DISCOS VOADORES" (Contatos com seres de outros planetas) - (Ref. nº 200), obra prefaciada em outubro de 1959 pelo Prof. Flávio A. Pereira. Nesse trabalho o autor classifica os 18 casos de tripulantes que cita, vistos em carne e osso (excluindo o caso de Cynthia Appleton, que foi por nós da S.B.E. DV interpretado como uma projeção visual), em três grupos: - o primeiro consiste de tripulantes "bonzinhos" (tipo branco), vistos pelas testemunhas Bethurum, (Ref. nº 237), Klarer, Adamski, (Ref. nº 247, 248, 252), V. Tassel, Allingham, as moças norueguesas Jacobsen e Slavang, o mexicano Villanueva (Ref. 251) e os brasileiros Freitas Guimaraes e Godói.

No segundo grupo, "tipo preto", o autor reuniu os tripulantes agressivos ou que se defendiam de uma agressão com outra, sendo constituídos pelos casos de Flores e Gonzalez, Gonzalez e Ponce, Desverges, Taylor, May e Fekete.

Em um terceiro grupo, citou os casos em que tripulantes foram vislumbrados à distância: Symmonds, Hunicutt e Roestenberg.

Em 1970, o ufólogo Jader Pereira, de Porto Alegre, publicou na revista da Sociedade francesa "Groupe d'Etude de Phenomènes Aeriennes" (GEPa), um trabalho re-editado em 1975 (Ref. 165, 166), no qual analisa 333 casos de tripulantes, aparentemente abrangendo os últimos 20 anos, sendo focalizada a classificação e desenhos, nos volumes nº 24 e 25; a bibliografia, nos nºs. 28 e 29 e os dados estatísticos no nº 27. Esse extenso trabalho, embora reúna maior número de casos, peca pelos dois pontos seguintes:

1º - Os casos especificados não mencionam testemunhas, locais e datas, como o fez Escobar Faria, nem, o que seria mais completo, nomes dos pesquisadores e datas das pesquisas. Deste modo, não há no trabalho do gaúcho Jader a possibilidade de re-exame dos casos, para uma comparação de dados e detalhes, nem para comprovação de que as ocorrências tenham sido de fato pesquisadas. Isso, naturalmente, traz no bojo o inconveniente de inclusão de apenas rumores de jornais, sem nenhum

pormenor para a sua identificação, às vezes produto de piada, como, por exemplo, o caso de Barcelona - Amazonas, esclarecido pela SBEDV, que ouviu o prefeito daquela cidade. Em nosso entender, haveria ainda lugar para uma triagem dos relatos, segundo a sua origem, por ufólogos políticos, uma vez que estes, por razões já antes mencionadas - (Ref. 77), consideram a prioridade das implicações políticas acima da importância da difusão da verdade, deformando até narrativas já existentes (Ref. 108). Daí a necessidade de se fazer uma triagem nos relatos desta procedência, com pesquisa retroativa rigorosa, por pesquisadores neutros e apolíticos.

2º - Houve falha na adaptação de um critério "único" na classificação dos tripulantes, porquanto, dos 12 tipos apresentados, eram considerados ora a semelhança e morfologia humana nos tipos 1 a 3 ora o aspecto da pele no tipo 4, ora a proporção da cabeça (grande) no tipo 5, ora os fanos (corpo coberto de pelos) no tipo 6, e a roupa (máscara respiratória ou escanfandro) nos tipos 7 a 12.

Além de não trazer elucidação para a classificação morfológica do "Homo Sapiens Cosmicus" em novas espécies e raças, a classificação de Jader Pereira permitiria a inclusão de outras raças entre nós terrestres, só pela maneira de trajá-las: - o homem rã (escanfandro), o banhista (quasi nu), o nudista (todo nu), o africano comum (cabelo curto encarapinhado), o africano Hippí (cabelo com prido), e assim por diante ...

Por outro lado, teve a obra de Jader grande importância, de repercussão internacional, porquanto conseguiu ele descerrar um pouco o véu de segredo, reduzir bastantes o ridículo com que, até então, se cercava o assunto tripulantes. Neste sentido, tiveram a revista francesa GEPa (Ref. 163) e a espanhola STENDECK (Ref. 309) o grande mérito de dar fórum à obra de Jader nos seus conceituados boletins.

Nesta oportunidade convém citar a ajuda prestada por outros pesquisadores brasileiros, nem sempre mencionados especificamente nos trabalhos, como o general Alfredo Moacir Mendonça de Uchoa, que recentemente editou uma bela obra, a "Parapsi-

ciologia e os Discos Voadores" - (Ref. 239) que trata da sua pesquisa no caso dos tripulantes de Alêxãnia (leia-se episódio nr. 18 no capítulo "C").

Citamos ainda o nosso amigo e companheiro Guilherme Wirz, de São Paulo, Snrs. Nigel Rimes e Cataldo Bove de Campinas (S.P.), Antônio Magalhães Lisboa de Itajubá-M.G. (já falecido), Fernando Sampaio de Porto Alegre, Du Silvan de Manaus, Rubens Couto Soares e Enoch Burgos de Garanhuns (PE) e Irene Granchi do Rio de Janeiro. Todos envolvidos em pesquisas desta natureza e nem todos publicados aqui, como p. ex. a do Sr. Carlos Varrassin de um "caso bizarro de tripulantes" (Ref. 120). e Victor Soares (R.G.S.).

* Quando a política resolver despojar-se de suas intrigas e despistamentos, então será chegado o tempo em que investigadores cultos e competentes, humildes e honrados, como o Sr. Carlos Varrassin, resolvam unir-se de novo à ufologia brasileira. *

Todos estes ufólogos, pelo seu entusiasmo e conhecimentos, ajudaram em muito, às vezes especificamente em um ou outro caso, tendo seu esforço repercussão no conjunto do trabalho apresentado.

3 - APRESENTAÇÃO DO MATERIAL

Pensamos que seria inconveniente classificar os tripulantes pela roupa, ou pelo uso de máscaras simplesmente, por se tratar de apetrechos que seriam usados ou não nas excussões terrestres, conforme as necessidades do caso. Também achamos inconveniente usar a morfologia dos tripulantes para o seu devido agrupamento, já que dos 40 casos somente 24 permitiram o vislumbre de algumas peculiaridades morfológicas, como foi exposto no Capítulo "F-7").

Finalmente, usamos para o seu agrupamento a maneira psicológica de como eles se portaram nos seus encontros com os terrestres, mas não da maneira simplista como fora feita antes de nós pelo advogado Escobar Faria, que os dividiu em bonzinhos "brancos" e mauzinhos "pretos".

A apresentação dos episódios, fruto de um resumo dos casos encontrados na coleção dos Boletins da SBEDV, foi feita sem comentários, isso para que o leitor estudioso possa formar a sua própria opinião, independentemente, já que a nossa, encontrada mais adiante, em separado, nos Capítulos "F", "G", "H" e "I", não precisa necessariamente representar a única ou autêntica opinião em relação à matéria.

E, as opiniões diferentes são válidas, porquanto é a pesquisa brasileira facilitada pela independência das mentes, das quais Coral Lorenzen, no Congresso de Baltimore (Ref. 305 - pág. 46), comentou, dizendo "... dizem aquilo que tiverem a dizer, mesmo que a verdade possa ser ridicularizada ...!"

Finalmente, opinamos, à vista do reduzido número de casos, quando em comparação com o número global no mundo (aproximadamente 40 casos brasileiros e 350 no mundo inteiro) que a qualidade e os aspectos peculiares dos contatos havidos no Brasil, a homogeneidade da pesquisa, mencionando data, local do episódio, nomes dos protagonistas e da Sociedade pesquisadora, ultrapassam os 10% que lhe corresponderiam quando em comparação numérica.

Nestes 40 casos não foram incluídos as experiências de Onilson (Ref. 118, 122) e Edmond Cardoso (ainda em fase de investigação).

Assim classificamos as ocorrências da nossa série em 4 grupos psicologicamente distintos, conforme o relacionamento entre a testemunha terrestre e o visitante espacial:

- 1º Grupo "V-D" - Ufonauta visto à distância..... 16casos
- 2º Grupo "A-A" - Aproximação Amistosa do Ufonauta.....12casos
- 3º Grupo "P-F" - Pânico e Fuga do Ufonauta..... 03casos
- 4º Grupo "A-F" - Aproximação Forçada do Ufonauta..... 09casos

No capítulo "E" justificamos a "Delimitação dos nossos casos".

No capítulo "D" citamos os casos de tripulantes difundidos pelos jornais mas que, ao que nos consta, não foram pesquisados por quaisquer grupos brasileiros. Esses casos não foram considerados no capítulo "F" das Conclusões e nem foram tomados em consideração nos gráficos desse item.

Todos os casos da Coletânea foram compilados e condensados dos boletins, pelo ufólogo Carlos Neto, jornalista aposentado e residente em Boa Esperança, Minas Gerais (37.140), à Rua Rubi, nº 30 (Tel. 619).

O Dr. Carlos Neto, de formação acadêmica (dentista) e com vasto lastro de cultura geral, é conhecido dos leitores da SBEDV desde longa data pelos seus trabalhos publicados pelo Diário de Notícias (RIO) (Ref. 217, 218, 219, 220), em cuja Redação atuou durante 30 anos ininterruptos.

Também acreditamos que o Dr. Carlos Neto, com os seus arquivos e bibliotecas especializadas, equidistante das diversas correntes ufológicas brasileiras e estrangeiras, possa melhor que ninguém responder a indagações que um ou outro leitor tenha com referência à matéria.

O leitor estudioso encontrará também preciosos subsídios para seus estudos sobre o assunto nas coleções dos Boletins da SBEDV que se encontram à disposição dos interessados nas bibliotecas: Nacional do Rio de Janeiro e Municipais de São Paulo e Curitiba.

CAPÍTULO C
DESCRIÇÃO DE 40 CASOS DE
APARECIMENTO DE TRIPULANTES

Divididos nos seguintes 4 subgrupos:

- 1 - Subgrupo "V-D": 16 casos de tripulantes vistos à distância
- 2 - Subgrupo "A-A": 12 casos de aproximação amistosa
- 3 - Subgrupo "P-F": 3 casos de pânico e fuga
- 4 - Subgrupo "A-F": 9 casos de aproximação forçada

1 - Subgrupo "V-D": 16 casos de tripulantes vistos à distância

- Episódio nº 1 - "Amerissagem observada da avenida Niemeyer"
- " nº 2 - "Encontro em Carazinho"
- " nº 3 - "Caso da Lagoa Negra"
- " nº 4 - "Cosmonauta em Quipapá"
- " nº 5 - "O caso de Mogy-Guaçu"
- " nº 6 - "O caso de Lança-chamas"
- " nº 7 - "O caso do K-11"
- " nº 8 - "Levitação em Itaperúna"
- " nº 9 - "Caso do Cabo Frio"
- " nº 10 - "O caso de Itabirito"
- " nº 11 - "Fazenda Bela Aliança"
- " nº 12 - "Os gigantes"
- " nº 13 - "Na Serra da Mantiqueira"
- " nº 14 - "O caso dos "Mata-Formigas"
- " nº 15 - "O caso do Colégio Batista"
- " nº 16 - "O caso do sítio Quebra-Perna" ...

Episódio nº 1

"AMERISSAGEM OBSERVADA DA
AVENIDA NIEMEYER"

Pesquisa: SBEDV; Dna. Irene Granchi, D.C. Neto.
 Publicação: Ref. nº 84, 148,222.

No dia 21 de junho de 1970, um objeto estranho apareceu no mar, em frente à Av. Niemeyer, na Guanabara, sendo observado por várias pessoas, entre estas o Sr. Aristeu, sua esposa D. Maria Nazareth, cinco filhos do casal e o agente da Polícia Federal João Aguiar, que visitava a família, na casa de número 318.

Entrevistados pela SBEDV, relataram o seguinte:

Às 11 horas e 40 minutos, o Sr. João Aguiar olhou distraidamente para o mar e viu "uma lancha esguichando água por todos os lados". Chamou a atenção das pessoas que estavam na varanda da casa e de D. Maria, que se encontrava na cozinha, fazendo o almoço. Esta acorreu e opinou que a embarcação talvez precisasse de socorro, pois os "dois banhistas" que se encontravam nela estavam fazendo sinais com as mãos.

O agente da Polícia argumentou que as duas pessoas, "com roupas brilhantes e alguma coisa na cabeça" deveriam estar trabalhando na coberta do barco, que era de cor cinza metálica e devia ter de 4 a 6 metros de comprimento.

Então, D. Maria insistiu e pediu ao agente providenciar socorro para a lancha e seus ocupantes. Imediatamente o policial dirigiu-se, a pé, ao Mar Hotel, de onde telefonou à Polícia Marítima, no centro da cidade, a qual prometeu mandar socorro. Voltando à casa 318, ainda pode ver a lancha no mesmo local, planando uns 300 metros, jogando para os lados, como acontece com os barcos de corrida.

ERA DISCO VOADOR

De repente, aquilo elevou-se no ar, descrevendo um arco para cima, na direção Sudeste. Só então, constataram tratar-se de um disco voador.

Quando estava na água, o objeto tinha a aparência de alumínio brilhante, mas, no ar, pareceu transparente, podendo D. Maria Nazareth ver dentro da nave, de baixo para cima, os dois tripulantes sentados. Em poucos momentos o artefato desapareceu da vista dos observadores apalermados.

Ao decolar, a nave deixou, no local onde esteve, uma coisa como um "aro branco, do tamanho de um caixote", o qual afundou pouco depois, voltando logo à superfície. Então, separou-se dele um corpo

amarelo, de formato elíptico, de uns 40 centímetros, ficando parte imersa. Este objeto dirigiu-se lentamente para a terra. Quando estava a uma dis-



Nº 1 - Sr. Aristeu localiza o DV no mar.
D. Maria usa seus óculos como lente.

tância de 120 metros da margem, deu uma guinada para a esquerda, em ângulo reto, seguindo em direção à praia da Gávea.

Curiosa, D. Maria saiu para a estrada, seguindo o objeto ainda uns 10 minutos, desistindo de pois. Por outro lado, o arco branco seguiu a coisa amarela, porém mais lentamente, ora mergulhando, ora emergindo, até que desapareceu do ângulo de visão.

INCIDENTE ESTRANHO

Pormenor curioso ocorreu 20 minutos depois que o Sr. Aguiar telefonara à Polícia Marítima. Uma lancha, aproximando-se em alta velocidade em direção às ilhas Comprida e Palmas, deteve-se a cerca de mil metros do local de onde o aparelho acabara de decolar. Então, todas as testemunhas viram que a tripulação daquela lancha içou para bordo, com muita dificuldade, um objeto vermelho, de forma cilíndrica. Em seguida, a lancha regressou velozmente, na direção de onde havia vindo.

Nº 2 - Adilson Batista

Nº 2 - Desenho "falado" de Wilma Romito

Episódio nº 2

ENCONTRO EM CARAZINHO

Pesquisa: SBEDV

Publicação: Ref. nº 42, 266.

A cidade de Carazinho, no Rio Grande do Sul, foi a localidade escolhida para um encontro em terra de duas naves espaciais e seus respectivos tripulantes. A ocorrência, pesquisada pela SBEDV, se resume no seguinte:

No dia 26 de julho de 1965, à noite, o estudante Adilson Batista de Azevedo, de 14 anos, saiu de casa em companhia de seus coleguinhas Nelson Vieira, de 17, e João Pereira, de 14 anos, os quais foram convidá-lo para uma sessão de cinema.

Como a residência de Adilson fica na periferia da cidade, teriam que andar, a pé, uns 10 minutos. Ao chegarem à altura de um terreno baldio, entre as ruas Quinze de Novembro, General Canabarro e Alexandre da Mota, avistaram no céu, saindo por trás de uma nuvem, a uns 500 metros de altura, um foco de luz forte, em forma de cone, que iluminava o chão numa faixa de 10 metros. Como a luz descia rapidamente, com um zumbido estranho, os garotos se assustaram. Nelson e João Pereira, pensando tratar-se de estrela cadente e enxame de abelhas, correram, gritando:

- "São abelhas! São abelhas!"

Adilson, mais curioso, parou para observar e viu um objeto de forma ovoide, com 5 ou 6 metros de comprimento por 1,50 de altura, aterrisar no terreno baldio, a uns 40 metros de onde se encontrava. O aparelho não tocou o solo, ficou parado a 1 metro do chão.

MAIS UM

Uns três minutos depois, outro objeto surgiu, iluminou o solo e desceu, com igual zumbido, parando a três ou quatro metros do primeiro, no mesmo nível, ambos projetando um fecho de luz no chão, pela parte inferior. Eram idênticos na forma, porém o segundo era bem menor. Deveria ter apenas 2 ou 3 metros de comprimento.

Dois pequenos seres, de 1,50 m, saíram do engenho maior, andando em volta do seu aparelho. Gesticulavam e conversavam, numa linguagem incompreen-



Nº 2 - Adilson Batista.



Nº 2 - Desenho "falado" de Wilma Romito.

sível, cheia de SS e ZZ, com voz grave como de pessoas velhas. Adilson ficou observando-os durante uns dois minutos e, num momento em que as criaturas estavam de costas, avançou mais uns trinta metros e entrou no terreno, para olhar mais de perto. Agachou-se atrás das paredes de cimento de um velho poço, a apenas 30 ou 40 metros dos tripulantes. Estes usavam roupa escura e um capacete luminoso. Saindo do capacete, desde a altura do nariz, descia até o peito uma faixa mais escura do que a roupa, destacando-se desta com bastante nitidez.

Após uns 5 minutos de observação, o jovem notou que três tripulantes, de estatura idêntica, haviam saído do aparelho menor e se dirigiram ao primeiro grupo, falando no mesmo idioma sibilado. Um dos elementos do segundo grupo segurava na mão direita um objeto luminoso e andava de um lado para outro. Pouco depois, os dois homenzinhos do primeiro grupo deram três voltas em torno da sua nave e entraram nela, pela parte inferior, abaixando - se suficientemente para isso. O aparelho decolou ver-

tualmente, aumentando nesse momento o zumbido e desaparecendo em poucos segundos, confundindo - se com as estrelas. Os três tripulantes da segunda nave continuaram conversando mais 3 minutos, executando os mesmos movimentos do grupo anterior, curvando-se, finalmente, para desaparecer por baixo do engenho, que subiu logo, em alta velocidade, desaparecendo rapidamente.

CONSEQUÊNCIAS

Depois dessa alucinante aventura, o Jovem Adilson foi encontrar seus colegas no cinema, onde só ficou meia hora, porque estava sentindo forte dor de cabeça. Passou na farmácia, comprou um comprimido de Fontol, que não fez efeito. No dia seguinte, seu pai, o Sr. Gumercindo Batista Azevedo, impressionado com a história, levou-o ao médico. Este lhe receitou calmantes e sedativos que, por sinal, de nada adiantaram. Sua dor de cabeça continuou ou mais 5 dias e 5 noites, cessando, então, repentinamente.

Episódio nº 3.

CIPEX e GENA

CASO DA LAGOA NEGRA

Pesquisa: Prof. Felipe Machado e o seu grupo GGIO-ANI

Publicação: Ref. nº 18, 212, 244.

O "DIÁRIO", de Belo Horizonte, edição de 30 de novembro de 1958, publicou um relato do Prof. Felipe Machado Carrion, catedrático de Geografia no Rio Grande do Sul, no qual, "cinco pessoas idôneas, que desejam conservar-se no anonimato", contam estranha aventura que tiveram em janeiro de 1958, nas margens desertas da escura Lagoa Negra.

Afirmaram essas pessoas que viram descer do céu estrelado, em fantástica velocidade, e pousar, não em contato, mas a 2 metros acima do solo, um objeto de forma quase circular, de fulguração vermelha-alaranjada, de aproximadamente 10 metros de diâmetro por 3 de altura. Ao lado do estranho artefato, estacionado no ar, apareceram, inexplicavelmente, dois homens altos, de 2 metros, mais ou menos, vestidos de macacões brancos, com cintos de cor idêntica, gola alta e escura. "Seguiam-se três ou quatro criaturas, aparentando desenvolvimento corporal infantil, vestidas de macacão marron, com cinto da mesma cor. "Eram todos eles de tez branca, com cabelos negros e longos, até à altura do ombros. Pareciam homens comuns, exceto no caminhar, que era extremamente rápido e em largos "passos de ganho", dando a impressão de que as pernas eram rígidas. Andavam de um lado para outro com impressionante facilidade. De acordo com uma das testemu-

nhas, "nem pareciam tocar o chão, aparentando antes ser conduzidos por algo semelhante às águas da maré crescente. "Contudo, mais tarde, foram observados vestígios de seus pés no solo.

Aqueles misteriosos seres pareciam não demonstrar nenhum interesse pelas coisas que os cercavam, movimentando-se sem parar. Dirigiram-se para uma casa situada a uns 500 metros, mas retrocederam para o foco de luz que os acompanhara até parte do trajeto, depois que a dona da casa abriu a porta da residência para chamar o marido, que estava do lado de fora.

Em seguida, entraram no aparelho, que partiu velozmente.

No local de aterrissagem, os únicos vestígios encontrados eram de pés humanos, calçados, muito pequenos, saltos lisos e solas com a marca de uma estrela. Viem-se também sinais de pés descalços, com calcanhares proeminentes e dedos muito compridos, que não podiam ser confundidos com pegadas de pessoas comuns.

Pormenor estranho é que três cães de guarda, geralmente agressivos, permaneceram calmos e mudos, sem mesmo se levantarem dos lugares em que estavam deitados.

Episódio nº 4

COSMONAUTAS EM QUIPAPÁ

Pesquisa: Rubens Couto Soares

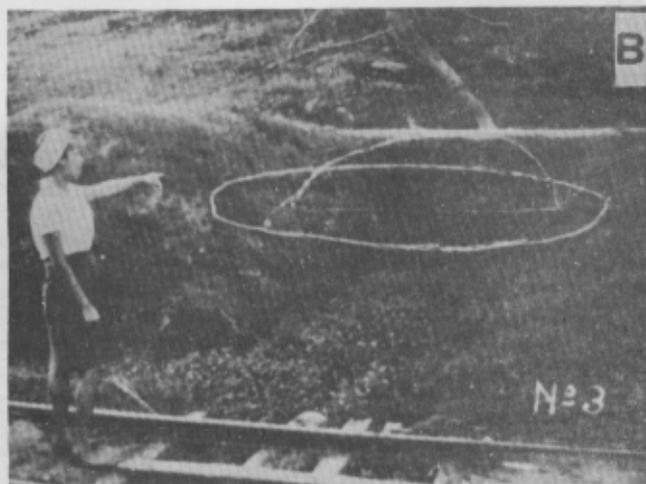
Publicação: Ref. nº 51, 147, 209.

No dia 25 de fevereiro de 1966, à noite, as irmãs Maria Marluce e Maria Marilucy da Silva, de 20 e 17 anos respectivamente, em companhia da ami-

ga Ofélia Versoa, sua hóspede, deixaram a casa de uns conhecidos de volta à sua residência, perto da Usina de Água Branca, em Quipapá, Estado de Pernam

bucco. Mas, ao invés de tomarem a estrada de rodagem, preferiram andar pelos trilhos da linha férrea - propriedade particular da usina - que passava ao lado da morada da família Silva.

Caminhavam alegres e despreocupadas quando, pouco depois das 22 horas, viram, na estrada, que passa ao lado dos trilhos, a uns 100 metros de distância, um foco de luz que pensaram ser de algum jeep enguiçado. Aproximaram-se mais uns 50 metros e, então, perceberam que a luz provinha de um objeto estranho, com a forma de um prato emborcado, de 3 a 4 metros de diâmetro e apenas 1,50 mts. de altura.



Nº 4 Em "A" - Rubens Couto Soares ouve testemunhas
Em "B" - Marluce mostra o local do DV

Estava suspenso no ar, a uns 30 centímetros do solo. Ao lado, no chão, um homem alto, com talvez mais de 2 metros, estava parado, imóvel, e, também junto ao aparelho, várias pessoas, estas muito pequenas, com 1,50 mts. de altura, se tanto, gesticulando, movimentando a cabeça como se estivessem em animada conversação, mas não se ouvia som algum, nenhuma voz.

Todos eles vestiam uma roupa inteiriça, como um macacão, de uma peça só. De ombro a ombro, à altura do peito, estendia-se uma faixa extremamente luminosa, cuja cor variava entre amarelo claro, verde e azul. Esta última cor parecia com a luz de um arco elétrico. Na cabeça uma espécie de chapéu largo, esquisito, brilhante, cuja luminosidade, de coloração idêntica à faixa no peito, variava de intensidade. No homem alto, brilhava tanto que chegava a iluminar os arredores.

Pânico

Apavoradas, Marluce e Ofélia voltaram correndo, parando mais distante. Marluce, pelo contrário, embora assustada, aproximou-se alguns metros, incentivando as companheiras para passarem todas juntas. Então, vindo do lado oposto, surgiu um Jeep na estrada e as moças aproveitaram a chance para atravessarem a zona "perigosa". Cruzaram com a viatura e não viram mais o objeto. Mas, imediatamente notaram que o aparelho se ocultara em uma depressão do terreno, ainda mais perto da linha férrea por onde teriam que passar. Todavia, não se viu os tripulantes e, assim, criando coragem, as garotas passaram, correndo, chegando em casa esbafofritas, cansadas.

D. Joana da Silva, sua mãe, ao ouvir a história, resolveu acompanhá-las de volta ao local. Foi então que, na altura da porteira da fazenda, todas elas viram o objeto em vôo rasante, a 6 metros acima do solo. Gritando, amedrontadas, em pânico, voltaram correndo para a casa, com exceção de Marluce, que ficou observando o objeto luminoso voar em círculos e depois, em poucos segundos, sumir de vista.

Em consequência do fato, talvez, Marluce passou a noite extremamente nervosa, chorando sem motivo e sentindo muita dor de cabeça, que não melhorava nem com o uso de remédios. No dia seguinte, a dor de cabeça passou, continuando, porém, o nervosismo, embora com menor intensidade.

Episódio nº 5

O CASO DE MOGY - GUAÇU

Pesquisa: SBEDV

Publicação: Ref. nº 52, 106

A Sra. Lúcia Anhaia, esposa do Sr. Dário Anhaia, proprietário da Fazenda São Luís, em Mogy-Guaçu, no Estado de São Paulo, teve uma experiência, que sempre relembra com prazer, saudade e temor. Foi no dia 18 ou 19 de outubro de 1965. Era noite de luar. A Lua já estava desaparecendo no horizonte, quando viu uma luz alaranjada aproximar-se da casa da fazenda, à altura da copa das árvores. Não ouvia nenhum ruído, mas com a aproximação do foco de luz, sentiu um agradável aroma, que atribuiu a emanção da flora local.

A luminosidade provinha de um objeto que des-

ceu no cercado de gado, do outro lado da estrada, mas não chegou a tocar o solo. Permaneceu no ar, a meio metro do chão, oscilando num movimento de vaivém pendular. D. Lúcia, que estava acompanhada do menino Darinho, aproximou-se da porteira, de onde pode distinguir a configuração cônica do objeto, que teria 3 a 4 metros de diâmetro na base, por 3 de altura. De um dos lados do cone, projetava - de um tubo de 1,20 m, mais ou menos, de extensão. O aparelho irradiava faíscas luminosas à sua volta.

Ao lado, no chão, estava um homenzinho de... 1,20 m, talvez. Como D. Lúcia observava a 40 metros

de distância, não conseguiu ver seu rosto, mas notou que o pequenino vestia um casaquinho "folheado de cinza", com manchinhas brancas "do tamanho de grãos de feijão", tendo uma faixa na frente. Não parecia trazer nada na cabeça. Suas mãos eram muito pequenas. Andou um pouco entre as reses, que permaneceram indiferentes, e se dirigiu para uma mangueira, 50 metros adiante. De repente, desapareceu da sua vista e a nave deixou o local.

OUTRO TRIPULANTE

Cinco minutos depois, o aparelho voltou, descendo no mesmo ponto e dele saindo outro tripulante pequeno, este de camisa branca, aparentemente enxada; calças cor de chocolate.

- "Parecia com um desenho publicado pelo Correio Paulistano (21/11/54) referente ao incidente da senhora com as flores, na Itália" - exclamou D. Lúcia, respondendo a uma pergunta do pesquisador da SBEDV. Esse novo personagem ela viu mais de perto, notando seu nariz fino e rosto delicado.

- "Era muito bonitinho de rosto. Não sei de minha memória..."

O pigmeu foi e voltou cinco vezes até um pé de jurubeba, de lá levando para o Disco uma braçadeira de galhos de cada vez.

Como naquela noite havia uma festa de casa - mento na vizinha Fazenda Cataguá, passavam, vez por outra, gente de bicicleta, ou a pé, com lanternas. Cada vez que uma pessoa passava, a observadora se escondia com o garoto para não ser vista na estrada à noite. Também o objeto voador não queria se mostrar e se ocultava por trás de uns arbustos, enquanto o tripulante desaparecia misteriosamente, para reaparecer logo depois. A manobra durou uns 5 minutos, após o que, a cosmonave deixou a área.

IMAGEM PROJETADA

Em seguida, começou outro espetáculo deveras emocionante. A uns 2 quilômetros de distância, surgiram no céu, também equidistantes 2 mil metros entre si, dois objetos luminosos idênticos. Um deles, o da esquerda, dirigiu um fecho de luz em um dos pilares de madeira do galpão ao lado da casa e, durante 2 ou 3 minutos, foi projetada ali, como se fosse num espelho, a imagem de um homenzinho olhando do fixamente para a frente e com os braços flexionados, como se estivesse sentado no volante de uma máquina. Tinha a pele clara, a cabeça calva e descaíva a nuca num rolo grosso, de cor creme. D. Lúcia não se simpatizou com aquela figura, porque suas feições lembravam outra pessoa de quem ela não gostava. O garoto se aproximou e colocou a mão a uns 20 centímetros do pilar, interceptando a projeção, aparecendo a sombra correspondente na imagem.

Ao cessar o cineminha, o mesmo aparelho projetou uma faixa luminosa horizontal, em direção ao outro objeto. Essa faixa, que apresentava linhas verticais como se fosse uma escada deitada, foi crescendo em comprimento até atingir o disco voador da direita. Ao atingi-lo, houve uma explosão, provocando grande estrondo e uma espécie de flash extremamente luminoso, desaparecendo ao mesmo tempo a faixa de luz e os dois objetos.

No mesmo momento, apagaram-se todos os lampiões de querosene da casa e, durante um certo tempo, não funcionaram nem as lanternas a pilha e, o que é mais estranho, até os fósforos não se acendiam. Mais tarde verificou-se que todas as "câmbias" de asbesto dos lampiões estavam rompidas!

Episódio nº 6

O CASO DO LANÇA - CHAMAS

CIPEX e GENA

Pesquisa: Cataldo Bove-Campinas; SBEDV.
Publicação: Ref. nº 17

10/06/59

O "DIÁRIO DO POVO", de Campinas, divulgou, na sua edição de 10/06/59, um caso que, pela riqueza de detalhes, merece ser incluído nesta coletânea. O fato, que ocorreu em Setembro de 1957, se resume no seguinte:

Um conhecido fazendeiro de Campinas e dois dos seus empregados estavam consertando uma cerca na fazenda quando, repentinamente, um dos serviços jogou-se ao chão, acorrendo o patrão e o outro empregado em seu auxílio. Apavorado, o camarada mostrou-lhes um objeto circular, em forma de peneira, parado pouco distante, assentado no solo sobre um tripé de 2 metros de altura, mais ou menos, completamente imóvel, sem qualquer sinal de vida.

Como seus relógios haviam deixado de funcionar, não sabem quanto tempo permaneceram ali, observando o engenho. Calculam nuns 20 minutos. Então, abriu-se uma fenda na parte superior, por onde saíram três indivíduos, de compleição e altura normais, 1,70 mts. mais ou menos. Deslisaram pela cúpula, como se estivessem patinando, e chegaram ao solo. Usavam roupa fustacora, de tecido colante ao corpo, como malha. A seguir, começaram a andar, observando primeiro a nave e, depois, as adjacências. Um deles portava uma espécie de "detetor de radar". Olharam para uma vaca que ruminava calmamente e, em seguida, deslocaram uma cúpula na parte inferior da nave, retirando dali um objeto de uns 40 centímetros por 30, e rumaram em direção ao rio que passa a uns 800 metros de distância.

ESTEIRA METÁLICA

Nessa altura dos acontecimentos, o patrão mandou um dos empregados à cidade, para trazer um fotógrafo que pudesse documentar a ocorrência. Mas o camarada, muito assustado, passou em casa e levou também a família para a cidade, não voltando à fazenda. Entretanto, o fazendeiro e seu capataz aproximaram-se cautelosamente da estranha nave. Andaram em torno dela, procurando uma abertura, mas não encontraram. Notaram, no entanto, pequenas vigias cobertas com uma esteira metálica, parecida com "pensiras de máquina de café". A astronave era circular e se compunha de três discos superpostos, um em cima, outro maior no meio e um terceiro, bem menor, em baixo. Este tinha, no centro, uma peça redonda, convexa, que foi retirada pelos tripulantes e deixada de lado. No bojo, via-se o maquinismo da nave espacial. Cada perna do tripé tinha, em baixo, na extremidade uma esfera maciça, metálica. As esferas estavam afundadas no chão uns 40 centímetros.

O fazendeiro bateu com a coronha da carabina na quilha do disco maior e ouviu um som ôco. Usando o facão paraguaio que trazia no cinto, procurou deslocar um rebite na chapa do aparelho, constatando que o material não era ferro, nem metal de qualquer espécie, parecendo mais substância plástica, como resina acrílica, de cor prateada e dourada. As esferas, cromadas, eram protegidas por uma espécie

de cúpula, que apresentava em cima pistões, provavelmente para manobrar o tripé. Na parte aberta em baixo, havia um disco em formato de volante transparente e que tinha, na parte radial interna, mais de vinte perfurações, em cujo centro se viam ainda esferas metálicas pequenas.

COLETA DE MATERIAL

Quando viram que os três tripulantes estavam voltando, os observadores se esgueiraram, agachados para não serem vistos, e se postaram mais adi-

ante. Notaram que, desta vez, dois deles carregavam o pequeno objeto, aparentemente mais pesado, presumindo que, naturalmente, havia sido colhido algum material pela redondeza. Ao passarem perto de um pé de jacarandá, um deles, o que trazia o "detetor", acionou uma espécie de lança-chamas, queimando a árvore de ponta a ponta.

Mais tarde, verificou-se que, da casa do emprego que fugira com a família, os tripulantes do disco levaram alguns objetos de uso doméstico, como faca, latas de doce e conservas e até uma metralhadora alemã.

Episódio nº 7

CASO DO "K-11"

CIPEX e GENA

Pesquisa: SBEDV

Publicação: Ref. nº 75

O Sr. João David de Souza, mestre de obras, estava no terraço de cobertura de sua casa, em Nova Iguaçu, Estado do Rio, quando viu cair nas faldas do morro Maxambomba, na altura do K-11 da rodovia Rio-São Paulo, um objeto, que ele pensou ser um avião teco-teco em pane. Rodando como um pião, o aparelho, que soltava "uma fumacinha", tinha um ponto mais brilhante numa das extremidades. Ao cair, ficou em posição oblíqua. Pouco depois, entretanto, duas pessoas bem pequenas apareceram ao lado da nave e a empurraram, retificando sua posição.

Logo que viu o acidente, João David chamou seus filhos Durval e Dilmar, que ainda presenciaram o fato, juntamente com outros garotos, entre estes, Darci de Oliveira Pereira e João Procópio. Algumas destas testemunhas correram para o morro, a fim de prestarem os primeiros socorros aos tripulantes e passageiros. Várias outras pessoas, residentes no Morro da Igrejinha, também testemunharam o acidente. Alguém avisou os bombeiros, que se di-

rigiram para o local, acompanhados de populares que queriam prestar ajuda.

Nesse ínterim, João David, que descera para tomar café, voltou ao terraço, para observar o progresso dos trabalhos de socorro, e foi, então que ele e todas as pessoas que estavam olhando viram um fenômeno espantoso: as pessoas que compunham a primeira turma de socorro já estavam a 40 ou 50 metros do local, embora não pudessem ver o aparelho, em virtude dos acidentes do terreno, quando o objeto começou a diminuir rapidamente de tamanho, brilhando muito, até se tornar apenas um ponto luminoso. A seguir, esse ponto de luz passou a executar pequenos movimentos laterais, desaparecendo depois.

Toda essa metamorfose, até o sumiço completo do estranho "avião", não durou mais que uns 5 minutos. Quando as pessoas chegaram ao local nada encontraram, nem sequer vestígios no chão duro!

O fato ocorreu no dia 1 de abril de 1969 e até hoje constitui um mistério.

Episódio nº 8

LEVITAÇÃO EM ITAPERUNA

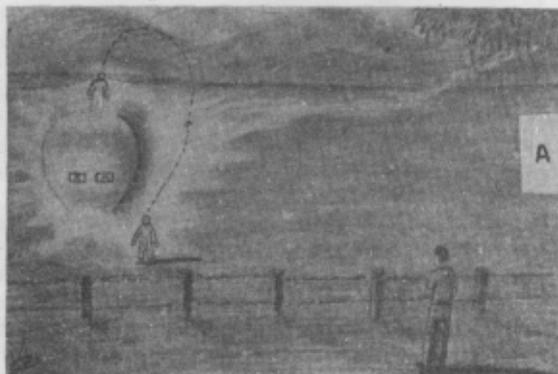
Pesquisa: SBEDV

Publicação: Ref. nº 102, 158.

O Sr. Manuel da Silva e Souza, pai de 13 filhos, é administrador de um campo de aviação em Itaperuna, onde tem um anexo com salão e bar e a casa em que reside. A localização do campo permite grande visibilidade, oferecendo uma vista panorâmica de toda a cidade.

No dia 20 de dezembro de 1971, à noite, estava o Sr. Manuel limpando e lubrificando sua espingarda, quando notou uma luz forte que se aproximava. Pensando ser um avião prestes a aterrissar, fechou o portão e saiu pela porta dos fundos, caminhando uns 15 metros. Então, percebeu, a distância de uns 100 metros, já pousado no chão, na direção Sudeste, uma estranha nave, arredondada ou ovalada, transparente, inteiramente iluminada por uma luz azulada e forte.

Curioso, atravessou a estrada, aproximando-se mais um pouco, até alcançar uma cerca. Estava, então, a 50 metros do aparelho, que tinha uma altura de 2,50 m e que era mais alto que largo, apresentando um "bico" pouco acentuado na frente. Ao





Nº 8 - Em "A" - Embarque do tripulante, desenho de Wilma Romito.

Em "B" - À esquerda, Manuel da Silva e Souza, à direita, Paulo Caetano da Silva (leia-se também episódio nº 40)

seu lado estava um homenzinho de uns 90 centímetro - tros, de cabeça descoberta e roupa esverdeada. O pequenino deu uma volta em torno do aparelho e parou repentinamente, como se tivesse percebido a presença do Sr. Manuel. Este e também o tripulante permaneceram imóveis, fitando-se mutuamente, durante 3 ou 4 minutos. Depois, o pigmeu voltou-lhe as costas e se elevou no ar, levitando até ultrapassar a aeronave. Então, parou bem em cima da cúpula e desceu por uma abertura como se estivesse afundando em pé numa piscina.

A transparência do objeto permitiu ao observador ver mais duas pessoas semelhantes à primeira, sentadas, aparentemente olhando em sua direção. Não percebeu o que o tripulante fez depois de entrar no disco, mas observou que os dois outros colocaram as mãos em alguma coisa ao seu lado e a nave decolou, continuando seu voo na mesma direção de onde viera, desaparecendo atrás de uns morros distantes.

Episódio nº 9

CASO DO CABO FRIO

CIPEX e GENA

O Sr. Oswaldo Guarischi, funcionário da Afândega, em palestra proferida no dia 7 de junho de 1960, relatou um encontro que teve com tripulantes de um disco voador em Setembro de 1956, quando servia junto à Companhia Nacional de Alcalis, em Cabo Frio, Estado do Rio.

Uma noite, por volta das 21 horas, saiu do hotel, descalço e de calção, acompanhado pelos seus três cães, para um passeio na praia. Lá chegando, percebeu ao longe, como que emergindo das águas e vindo em direção à terra, um vulto, que pensou ser um submarino, pois a esquadra brasileira estava em manobras no local. Chegando à praia, a "embarcação", que parecia anfíbia, parou a uns 200 metros distante e, do seu interior, saíram duas pessoas altas, de 1,80 a 2 metros, tipos esbeltos, com uníformes de aparência metálica. Uma delas ficou junto ao aparelho e a outra foi caminhando na areia, como se estivesse recolhendo objetos do chão.

Em dado momento, os dois indivíduos perceberam a presença do observador, e o que estava perto do "barco" veio andando em sua direção. O Sr. Guarischi, por sua vez, também se encaminhou ao encontro do tripulante, mas parou, receoso, ao ver que o outro parara repentinamente... Ficaram os dois fi-

Pesquisa: SBEDV
Publicação: Ref. nº 21

tando um ao outro, em completo mutismo. A escuridão não permitiu ao Sr. Oswaldo ver as feições do homem mas, para criar um ambiente mais cordial, chamou pelo nome um dos seus cães, "Leão", o mais fiel. Este, entretanto, com o rabo entre as pernas, fugiu, correndo, de volta ao hotel. Então, os dois permaneceram mais uns 4 minutos parados, olhando-se.

Houve um momento em que Oswaldo Guarischi sentiu como se a outra pessoa estivesse bem perto dele... convidando-o mas, fixando bem a vista, verificou que isso era ilusão dos sentidos e que o tripulante ainda se conservava distante, como que dominado por indecisão igual à sua. O segundo tripulante também lhe pareceu dominado pela mesma reciprocidade de indecisão... Então, os dois estranhos seres voltaram para o aparelho, através de cuja porta, só então, apareceu uma tênue claridade, deixando ver a nave no interior.

Em seguida, o objeto afastou-se em vôo oblíquo e em incrível velocidade no ar, sobre as águas, em direção ao morro do Farol. Somente então, ante aquela performance espantosa, foi que o Sr. Guarischi chegou à conclusão de que se tratava de um disco voador.

OBS: "CASO AV. NEYMEIER"
VER

Episódio nº 10

O CASO DE ITABIRITO

Pesquisa: SBEDV
Publicação: Ref. nº 41

Às 23 horas de uma noite escura, em Itabirito, Estado de Minas Gerais, três homens saíram do cinema e ficaram conversando na esquina das ruas Artur Bernardes e Queiroz. Inopinadamente, ouviram um chiado e, olhando para o céu, viram um Disco Voador imóvel sobre um grupo de eucaliptos, a uns 30 metros de altura, a 50 metros do local onde se encontravam.

A SBEDV tomando conhecimento do fato, que ocorreu no dia 30 de agosto de 1962, entrevistou duas das testemunhas, os Srs. Luís Gonzaga do Carmo, de 31 anos e Geraldo Liberato da Silva, de 19 anos, que confirmaram a ocorrência e acrescentaram: O aparelho era circular, em forma de cúpula, com 3 a 4 metros de diâmetro, luminoso, de aparência metálica, cor de alumínio.

Enquanto observavam o objeto, Geraldo Liberto chamou a atenção dos companheiros para um homenzinho que vinha andando do lado oposto, em direção a eles, distante uns 60 metros. Segundo o relato de Luís, o "pigmeu" parecia com o boneco de reclame dos pneus Michelin e não tinha mais do que um metro de altura; tronco roliço, cabeça pequena e braços curtos, que não acompanhavam o movimento gíngado do andar. A parte superior do corpo era luminosa...

Contradizendo, Geraldo achou que o pequenino deveria ter 1,20 m ou 1,30 m de altura, cabeça e pernas grandes em relação ao tronco curto, porém volumoso, vestindo uma carapaça de couro. Braços pequenos, passos rápidos.

Após caminhar uns 10 metros, desapareceu como num passe de mágica, sob as vistas das testemunhas. Apavorados, dois dos observadores correram, gritando:

"-É o bicho! É o bicho!"

EPISÓDIO Nº 11

BELA ALIANÇA

CIPEX e GENA

OBS. ESTE CASO TRATA
DE INTERFERÊNCIA EM
TV. (EM-ELETRO MAGNETISMO)

Pesquisa: SBEDV

Publicação: Ref. nº 82, 116.

No dia 6 de fevereiro de 1969, o sr. JOSÉ ANTONIO FIOCO, administrador da "Fazenda Bela Aliança", que fica a 8 km. do centro de Pirassununga, ouviu, ao escurecer, grunhidos dos porcos no chiqueiro. Ao se dirigir para lá, assistiu, a uns 20 metros de distância, ao lado da casa, a aterrissagem de uma estranha nave, com cerca de 5 metros de altura por 4 de largura, que se apoiava num tripé de pés largos e de mais ou menos 1,50 metros. Por uma abertura que surgiu no aparelho, saíram três homens, mas não desceram. Ficaram postados em uma balustrada que circundava o aparelho, ali permanecendo durante uns 3 minutos.

Teriam 1,60m de altura, usavam sapatos de material parecido com alumínio, roupa inteiriça apresentando três botões grandes, de uns 3 centímetros de diâmetro, na frente, na altura do peito. Não tinham barba. Apesar da distância, José Antonio distinguiu os olhos dos estranhos seres e:

"parecia que cada um tinha uma função diferente". Um deles segurava um tubo de uns 35 centímetros de comprimento por duas polegadas de espessura, do qual saía, por uma das extremidades, um fecho de luz que iluminou perfeitamente o galinheiro, que se achava distante uns 250 metros, podendo-se distinguir claramente as galinhas nos poleiros. Outro tripulante olhava através um aparelho que parecia máquina fotográfica de caixa. O terceiro personagem portava um bastão semelhante ao do primeiro "homem", porém um pouco maior e mais grosso. Este último indivíduo olhava constantemente ao redor do disco voador, sempre atento.

Fioco pensou em chamar alguém para testemunhar a ocorrência e saiu, recuando cautelosamente, em direção à sua casa. Porém, ao abrir a porta, esta rangeu nos gonzos e "possivelmente isso tenha assustado os tripulantes, porque imediatamente a nave levantou vôo, desaparecendo em poucos segundos.

Posteriormente, em abril de 1973, a SBEDV localizou o novo endereço do Sr. Fioco, em Descalvado, localidade que fica a aproximadamente 40 km de Pirassununga e aproximadamente 15 km da cidade de Porto Ferreira: Rua Nicolau Antonio Lobo, nº 635,

Porém Luís Gonzaga, mais ponderado, continuou ali, fumando calmamente seu cigarro e observando. Após uns dois minutos mais, a claridade do estranho objeto aumentou de intensidade, a ponto de iluminar todo o bairro. Ante aquele novo aspecto, Luís tentou chamar seus amigos, mas, supreso, constatou que não podia emitir nenhum som. Quis movimentar-se, mas percebeu que estava inteiramente paralisado. Nenhum músculo obedecia ao seu comando mental. Ficou imobilizado durante 1 minuto, talvez, até que a luminosidade do aparelho diminuiu de intensidade. Assim que conseguiu mexer-se, elevou a mão à boca para fumar o cigarro que acendera pouco antes, mas não o encontrou entre os dedos, nem no chão, nem em local algum.

Depois dessa aventura, ele, que nunca sofreu dor de cabeça, passou com ela um mês inteiro, dia e noite, sem encontrar um remédio que a pudesse aliviar.

bairro Azteca.

DADOS ADICIONAIS AO CASO DE BELA ALIANÇA

A fim de aclarar detalhes sobre o caso Bela Aliança, o pesquisador da SBEDV voltou a Pirassununga, a 29/04/73, onde procurou localizar a atual residência do Sr. José Antonio Fioco e, em 20/5/73, para lá se dirigiu. Em Descalvados, que fica a uns 15 km da cidade de Porto Ferreira, e aproximadamente 23 km de Pirassununga, na Rua Nicolau Antonio Lobo, nº 635, bairro Azteca, conseguiu entrevistar novamente sua esposa, D. Sebastiana e sua filha, Maria Conceição, atualmente com 19 anos de idade. Esta última, moça inteligente, de raciocínio rápido, declarou que, durante os dois meses em que os discos voadores sobrevoavam Pirassununga, teve oportunidade de observá-los 5 vezes diferentes, quando, volta e meia, eles apareciam por ali, mas não chegou a presenciar nenhuma aterrissagem.

" - Foi nessa época que eu e minha mãe vimos, por duas vezes, na TV, durante a novela do Canal 4 de São Paulo, cerca das 20 horas, que a imagem foi saindo... e apareceu outra, depois de um certo período de interferência, vendo-se então, durante uns 15 minutos, personagens estranhas no vídeo. Eram iguais a nós nos olhos, boca, dentes e maneira de andar, mas tinham o rosto bem mais fino, e suas roupas eram diferentes. As mulheres usavam saias compridas, até ao chão, e cabelos longos; os homens vestiam uma espécie de fraque, camisa e laço tipo borboleta. Cabelos até as orelhas. "

- Eles falavam? Havia mais alguma coisa na cena, além de homens e mulheres? Eles se movimentavam?

- Achei o idioma deles parecido com o húngaro - disse D. Sebastiana.

- Era uma "língua rápida e enrolada" - falou Maria Conceição. - A cena parecia de novela, com algumas pessoas entrando e outras saindo por uma porta. Notei que havia uma mesa, ou coisa parecida, e algumas cadeiras.

As fazendas circunvizinhas, umas quatro ou cinco, não possuíam ainda aparelhos de TV.

EPISÓDIO Nº 12

OS GIGANTES

Pesquisa: SBEDV

Publicação: Ref. nº 11, 264.

A SBEDV entrevistou as personagens deste caso que aconteceu em Agosto de 1958 em Minduri, Minas Gerais, mas, a pedido, relata a história, sem mencionar nomes.

Seriam 9 horas da manhã quando 3 pessoas avistaram, subindo a serra, do outro lado do vale próximo, dois gigantes, que usavam roupa vermelha, brilhante, cobrindo o corpo dos pés à cabeça. Eram bem proporcionados fisicamente e andavam com um ritmo normal, despreocupados, como se ignorassem que

estavam sendo observados. Quando passaram perto de algumas árvores, as testemunhas puderam calcular suas dimensões: o mais alto mediria 5 a 6 metros e o outro 3, aproximadamente. Os observadores só os viram pelas costas.

Segundo apurou o pesquisador da SBEDV, duas horas antes desta ocorrência, numa cidade próxima, um comerciante (CM) e sua família teriam visto um objeto luminoso, de formato circular, cruzando o céu, em direção ao local onde foram avistados os dois gigantes.

EPISÓDIO Nº 13

NA SERRA DA MANTIQUEIRA

CIPEX e GENA

Pesquisa: GEOANI (Itajubá - MG)

Publicação: Ref. nº 63, 83, 126.

Na madrugada do dia 7 de junho de 1946, o motorista Geraldo Baqueiro regressava do Rio para Itajubá, com a "perua" da Escola de Medicina daquela cidade mineira quando, à 1h30m, viu, perto do ponto mais alto da estrada na Serra da Mantiqueira, um disco voador com cinco tripulantes.

Primeiro, ele viu uma "luz vermelha" que vinha na sua direção piscando... piscando... cada vez que piscava, o motor do seu veículo falhava. Em dado momento, deixou de funcionar. Nessa hora, a "luz vermelha" estava estacionada à distância de 20 ou 30 metros, a uns 10 ou 15 metros do chão e a um ângulo de cerca de 30 graus com o observador. Então, a luminosidade mudou de cor, para azul claro, tipo

neon forte, e parecia provir de dentro de um objeto de forma discóide, iluminando seus contornos nitidamente. Esse estranho aparelho apresentava uma protuberância quadrada na parte inferior e, em cima, na aba circundante, uma espécie de parabrisa transparente, profusamente iluminado, onde, um após outro, apareceram cinco rostos de seres humanos, mas de olhos amendoados, como "olhos de gato". O contorno superior da nave não pode ser observado, porque estava na sombra.

Após alguns momentos de observação, a cosmoneve elevou-se, desaparecendo, e só então os faróis da "perua" acenderam, o motor entrou a funcionar e o rádio voltou a falar.

EPISÓDIO Nº 14

O CASO DOS "MATA-FORMIGAS"

Pesquisa: SBEDV

Publicação: Ref. nº 115

Voltando a Pirassununga, em 19/4/73, a fim de colher dados adicionais ao Caso Tiago Machado, o pesquisador da SBEDV soube que alguns trabalhadores rurais tiveram, na mesma ocasião, oportunidade de ver um disco voador.

A Sra. Bárbara Mina da Silva, que atualmente reside no bairro Risca-Faca e trabalha no IZIP (Instituto de Zootecnia Industrial e Pecuária), visita da pelo pesquisador, assim relatou sua aventura:

Naquele dia (6 de fevereiro de 1969), pela manhã, trabalhava na capina de arroz, no local chamado "Chácara do Morais", que fica meia hora a pé da sua atual residência, quando dois meninos, João Batista da Silva, de 9 anos, e Benedito Paulino Ramos, de 13, chamaram sua atenção para uma "barraquinha reluzente" que se achava a uns 500 metros de distância.

Ela olhou e viu a tal barraca, que lhe parecia branca, mas não reluzente como diziam os garotos.

" - Tinha a forma triangular e pensei que fosse uma daquelas usadas pelos mata-formigas, ainda mais porque, andando ali por perto, estavam três homens com capacete na cabeça, parecidos com os que eu já vira antes dando combate às formigas saúvas ... "

Os rapazinhos diziam-lhe que a roupa daquela gente estava brilhando, com grande luminosidade, mas para D. Bárbara parecia apenas cor de cinza.

Indiferente, a campeзина continuou seu trabalho. De repente, os meninos gritaram:

" - Olha! A barraquinha desapareceu! "

Ela constatou que, realmente, não se via mais nem os mata-formigas, nem a "barraca", porém não se interessou pelo fato e prosseguiu capinando. Logo depois, os jovens chamaram sua atenção para uma bola luminosa "do tamanho do Sol", imóvel pouco acima do mato. Ela viu a bola, mas não ligou à excitação dos meninos, que lhe perguntavam repetidamente o que era aquilo.

Após meia hora, mais ou menos, a luz desapareceu e, em seguida, uma aeronave da FAB desceu perto do local da ocorrência. Nos dias seguintes

o fato se repetiu várias vezes.

Somente algum tempo depois, quando teve conhecimento do caso ocorrido com Tiago Machado, o que se deu no mesmo dia e perto do local da sua primeira experiência, foi que pensou na coincidência e, então, admitiu que vira um disco voador e três de seus tripulantes

No episódio nr. 14, bem como nr. 20 e talvez também nr.35: Pensa-se na identidade de raça dos tripulantes.

EPISÓDIO Nº 15

O CASO DO "COLÉGIO BATISTA"

CIPEX e GENA

Pesquisa: CICOANI (ref. 310)

Publicação: inédito

"1969 - Março, 22 - COLÉGIO BATISTA - Antes das 20 horas, duas moças observaram um estranho objeto luminoso imóvel na direção do poente, a altitude média. Apresentava brilhante luz azul clara, rodeada por anel de luz branca, e parecia girar. Desinteressando-se da observação, foram para casa. Algum tempo depois, uma das moças chegou à janela e olhou para o portão da entrada, para ver se seus pais retornavam.

Ao sair da janela, sentou-se, pálida e tremula, despertando a atenção de sua amiga e de uma terceira companheira que se encontrava na sala. A amiga foi, então, à janela, apresentando a mesma reação de medo. Ambas declararam que, a cerca de 10 metros, na altura do portão, viram um homenzinho vestido com uma espécie de escafandro, de fraca luminosidade verde, em postura ereta e de frente. Da posição correspondente aos seus olhos (sob o capacete), notaram dois focos brilhantes, como

"olhos de gato". A segunda observadora já viu o indivíduo de perfil, notando que o capacete era esquentado logo abaixo da testa. A terceira moça demorou a chegar à janela, porque procurava assistir a amiga, que estava em estado de estupor. Não conseguiu ver nada, quando tentou.

Na mesma noite e quase à mesma hora, o namorado de uma das moças se encontrava num bairro distante, Nova Vista, onde fora buscar uma irmã. Ao passar por uma rua deserta, notou que as luzes do bairro se apagaram. Após caminhar alguns metros, observou as silhuetas fracamente iluminadas de dois homens pequenos, imóveis, sobre um alto barranco, à margem da rua. Os homenzinhos não mudaram sua posição, enquanto ele prosseguia, amedrontado. No retorno, as luzes do bairro já estavam acesas, mas os indivíduos não foram vistos. Quando chegou à casa da namorada, ainda impressionado com o que vira, teve a surpresa de encontrá-la também impressionada com uma visão semelhante".

EPISÓDIO Nº 16

O CASO DO SÍTIO "QUEBRA PERNA"

Pesquisa: CICOANI (ref: 310)

Publicação: INÉDITO

OBS: OBSERVAR
EFEITOS FISIOLÓGICOS
COLATERAIS NA TESTE-
MUNHA ATUAL MENTE.

Em junho e julho de 1972 acentuaram-se as aparições de discos voadores no município de Baldim (MG), especialmente nas localidades "Batista" e "Quebra-Perna" (divisa com Jequitibá), onde dezoito das ocorrências foram assinaladas.

Tomando conhecimento dos fatos por intermédio do Sr. Julianete de Oliveira, adjunto de promotor, o Grupo CICOANI, de Belo Horizonte, pesquisou a ocorrência, no local, e, por especial deferência, remeteu à SBEDV uma cópia da pesquisa, trabalho este que oportunamente publicaremos na íntegra. Todavia, relatamos abaixo um dos casos pesquisados, que, em síntese, é o seguinte:

Em noite enluarada, ao retornar de um sítio vizinho ao seu, o lavrador João Alves Sobrinho, residente na localidade denominada Quebra-Perna, município de Jequitibá, a 10 quilômetros ao norte de Baldim (MG), observou, bem à margem do caminho que

ia trilhando e entre a vegetação rasteira, um vulto clero, imóvel, no solo.

Ao se aproximar, percebeu que se tratava de um aparelho pouco maior do que uma "Kombi", da altura desta e com as bordas "despontadas". Era de cor branca, tinha um farol (então apagado) na frente e, visto de perfil, parecia um barco com dois pequenos vãos retangulares, lembrando janelinhas, próximos à sua base, que parecia tocar o solo.

À medida que se aproximava pela trilha, passou a perceber, ao lado do aparelho, duas pessoas de pequena estatura, agachadas, de costas para ele e mexendo no solo. Ao passar à distância de cinco metros dos indivíduos, estes se levantaram, sempre de costas, cochichando um para o outro, virando um pouco a cabeça para o lado do lavrador, mas sem mostrar-lhe as faces. Ambos vestiam uma espécie de capa larga, de cor clara, sobre a qual sobressaía

cabreira escura que atingia a cintura. A capa ia até os pés e suas mangas eram largas.

Estugando os passos, o lavrador chegou à sua casa, onde contou o caso a um irmão e um cunhado, os quais resolveram armar-se e acompanhar a testemunha até o local da ocorrência. Porém, antes de ali chegarem, viram o clarão feito pelo farol do aparelho, que, agora, se apresentava arredondado "como roda de trator" e voava horizontalmente, a baixa altura, distanciando-se rumo a Oeste e apagando, em seguida, seu farol.

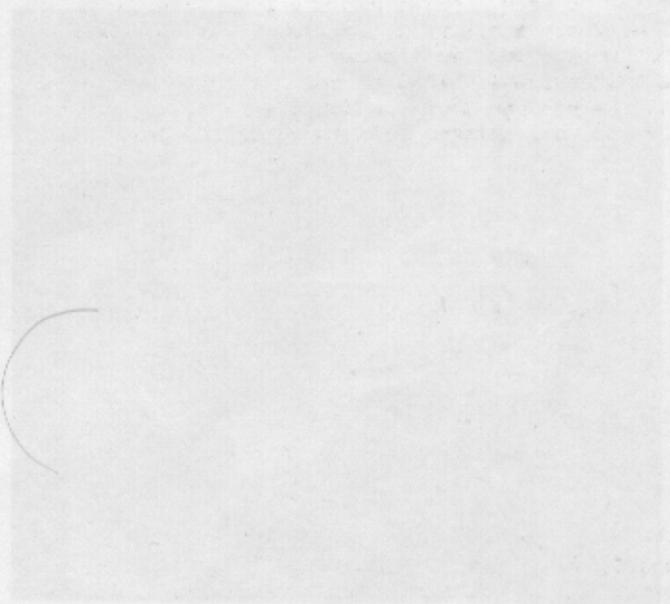
Prosseguindo até o local do pouso, os lavradores nada mais encontraram, a não ser um forte e desagradável cheiro "como de gás misturado com pólvora queimada". Um deles chegou a riscar dois pedregosos, à procura de marcas no solo pedregoso. Mas foi aconselhado a não riscar o terceiro, pois surgiu o temor de que o gás pudesse se incendiar, queimando a todos. Deixaram, então, apressadamente, o local.

O Sr. João Alves afirma que, voltando ao lugar durante o dia, sua mão ficara dormente quando tocou uma das pedras existentes no local do pouso.

CIPEX e GENA

CIPEX e GENA

Publicado em: 1955, 22/08/55
Publicação Def. nº 44, 1955



2 - SUBGRUPO "A-A": 12 CASOS DE APROXIMAÇÃO A
MISTOSA PELO EXTRATERRESTRE

- Episódio nº 17 - "Caso Maria Cintra"
 Episódio nº 18 - "Caso Alexânia"
 Episódio nº 19 - "Caso Pão Ferro"
 Episódio nº 20 - "Caso Tiago Machado"
 Episódio nº 21 - "Caso Dr. Freitas Guimarães".....
 Episódio nº 22 - "O caso da Sagrada Família".....
 Episódio nº 23 - "Caso Antônio Rossi"
 Episódio nº 24 - "Caso da enfermeira"
 Episódio nº 25 - "Caso Luiz Henrique"
 Episódio nº 26 - "Caso Mário Restier"
 Episódio nº 27 - "Caso Maurício Ramos"
 Episódio nº 28 - "Tripulantes pedem carona".....

CIPEX e GENA

EPISÓDIO Nº 17

CASO MARIA CINTRA

Pesquisa: Nigel Rimes, SBEDV.
 Publicação: Ref. nº 66, 144.

Na madrugada do dia 25 de agosto de 1968, ocorreu um fato no Sanatório Serefim Ferreira, em Lins, Estado de São Paulo que, pelo seu aspecto, abalou a opinião pública amplamente divulgada por jornais e revistas do país. Quatro meses após a ocorrência, a SBEDV entrevistou a principal protagonista do caso, em sua residência na localidade de Caiçara, que fica a 45 minutos a pé do Sanatório.

A funcionária acompanhou a SBEDV ao sanatório, auxiliando a reconstituição do episódio.

Tudo se passou, conforme as declarações da entrevistada, D. Maria José Cintra, atendente daquela casa de saúde, da seguinte maneira:

Por volta das 5 horas da manhã do dia 25, ela D. Maria, ao se levantar, estava fazendo suas rotinas costumeiras quando ouviu "uns estalinhos" no pátio, um barulho ligeiro como se fosse da embreagem de um carro. Abriu a janela e, olhando lá fora, distinguiu um vulto de mulher em frente à porta.

"-espere um pouquinho que vou já abrir..." - disse a atendente vestindo sua guarda-pó branco e descendo.

"-É internamento?", perguntou à dama ao abrir-lhe a porta.

Em resposta, a visitante disse algumas palavras em idioma desconhecido e lhe apresentou um vasilhame de uns 20 centímetros de comprimento. Pensando que a mulher queria água, D. Maria Cintra levou-a até o bebedouro automático, no outro hall de entrada, e enquanto enchia o frasco, reparou na singular beleza da garrafa. Depois a visitante estendeu um canequinho de uns 7 centímetros ao bebedouro tendo a atendente pisado no pedal que aciona a corrente d'água.

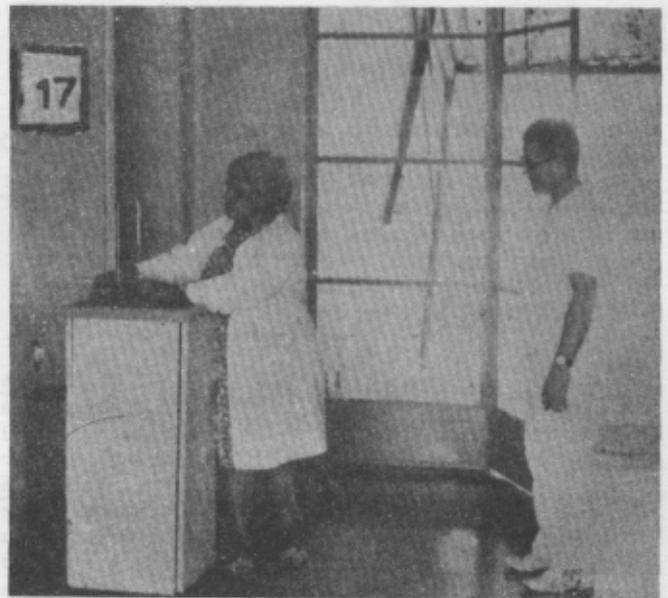


Fig. nº 17 - Enfermeiro do sanatório simula mulher extraterrestre.

"- A água aqui é boa! É boa!", falou, enquanto a visita bebia.

A seguir, a estranha personagem dirigiu um olhar interrogador para dois automóveis que estavam estacionados lá fora, visíveis através os vidros de uma porta. A funcionária esclareceu:

"-Este - apontou para o carro - é do médico de plantão e aquele outro é do administrador".

As duas senhoras voltaram pelo longo corredor. Na saída para o pátio, D. Maria entregou o frasco à visitante que o segurou com uma das mãos e com a outra deu umas pancadinhas amistosas no ombro da companheira, acompanhando seu gesto com as palavras: "Abaúra, abaúra, abaúra".

A atendente não compreendeu o que ela dizia, mas não estranhou, porque era comum atender ali a pessoas de várias nacionalidades e que não sabiam falar o Português.

ERA DISCO VOADOR

Quando a visita saiu, Maria Cintra começou a fechar a porta, mas parou, meio curiosa, ao ver que a mulher, ao invés de se dirigir diretamente para a saída, atravessou uns canteiros, tomando outra direção, o que não fazia sentido, pois o pátio era todo fechado e só tinha uma entrada. Foi então que, logo adiante, no centro do gramado, acendeu-se uma luz difusa num estranho objeto em forma de pera, que flutuava a uns 60 ou 70 centímetros acima do chão.

"Devia haver gente lá dentro", pensou a atendente, porque notou, por transparência, uma sombra como se fosse uma mão torcendo uma maçaneta quando a dama chegou lá. Esta certamente entrou, porque deixou de ser visível imediatamente.

A seguir, o aparelho elevou-se no ar, quase sem ruidos, apenas com os suaves "estalinhos" idênticos aos ouvidos antes do aparecimento da estranha criatura.

Assustada, D. Maria José fechou a porta, recuou até a parede, murmurando "Oh! É o Disco Voador! É o Disco Voador!"

Percebeu, então que estava amedrontada, tremendo assustada, pois, naqueles poucos momentos,

CIPEX e GENA

EPISÓDIO Nº 18

CASO ALEXÂNIA

Pesquisa: SBEDV, Gal Moacir Uchôa
Publicação: Ref. nº 76, 160, 161, 162, 239

O Sr. Wilson Plácido Gusmão, brasileiro, casado, residente em Brasília, desde que adquiriu a fazenda "Vale do Rio do Duro" em Alexânia, a 120 quilômetros do Distrito Federal, começou a notar estranhas ocorrências na sua propriedade. Tudo começou em Setembro de 1967. Primeiro, era uma luz "como uma estrela" que se aproximava até cerca de 200 metros da casa, permanecendo ali uns três minutos, afastando-se depois e desaparecendo no espaço. A notícia se espalhou, atraindo curiosos, que se postavam durante a noite no morro fronteiro à residência do fazendeiro para observarem o espetáculo, que se repetia com frequência.

No dia 27 de dezembro do mesmo ano, Eunápio Gusmão, irmão do Sr. Wilson, saiu para caçar e, no momento em que apontava a arma para uma perdiz, viu um curioso objeto descer a poucos metros de onde se encontrava. Naquele instante, sentiu-se inteiramente imobilizado mas, mesmo assim, pode notar que por uma porta que se abriu na estranha nave em forma de prato, três seres o fitaram por alguns segundos, após o que a porta se fechou e o aparelho partiu em alta velocidade. Ao recuperar os movimentos imediatamente o Sr. Eunápio voltou à fazenda, reuniu os empregados e todos, munidos de pás e picare

tas, passaram a cavar o solo no ponto onde o objeto aterrissou, na expectativa de descobrirem algum metal precioso ou coisa assim. Porém só encontraram pequenos cristais de quartzo e nada mais.

O casal preocupou-se com seu estado, mas não acreditou na sua história. Então, ela reagiu violentamente:

"-Não! Não sonhei nem estou louca! Vou-me embora agora mesmo!"

PEGADAS

Procurando acalmar a atendente, o administrador e sua esposa acompanharam-na até a entrada do Santório, onde constataram no chão, encerado na véspera, as impressões dos sapatos de D. Maria e outras pegadas de calçado sem salto, afinando muito na dianteira. Ao lado da porta, onde as impressões eram mais mltidas, o administrador colocou algumas cadeiras deitadas, protegendo as marcas para exame posterior.

Lá fora, no gramado, exatamente onde estivera o objeto, havia uma depressão circular com grama chamuscada, cujo diâmetro teria quasi 2 metros, por 15 ou 20 centímetros de profundidade.

Respondendo a uma pergunta feita pelo entrevistador, a funcionária do Sanatório disse que não reparou nos trajes da visitante misteriosa, pois pensava tratar-se de uma pessoa comum, necessitada de auxílio, mas pode notar que ela deveria ter 1,60 m de altura, tinha tez clara, trajava uma capa de cor azul-clara, brilhante, de tecido semelhante ao gobelim, sobre um vestido de gola alta, mangas compridas. Trazia uma espécie de touca na cabeça, de fazenda idêntica à da capa. Não usava luvas.

Bolas de luz em evoluções eram vistas inúmeras vezes, a ponto de aterrorizarem os empregados, que foram abandonando o emprego, amedrontados.

FRAGMENTOS DE LUZ

No dia 18 de fevereiro de 1968, às 20 horas os serviais DAVID e AMADEU viram belíssima nave no alto do morro e chamaram o Sr. Wilson que, munido de revólver e lanterna, para lá se dirigiu. Saíndo do objeto, um jato de luz varria o espaço, alcançando uns 500 metros de distância. Foi então que ocorreu um fenômeno incrível: apagou-se a fonte luminosa mas uns 400 metros do raio de luz permaneceram imóveis no ar durante 1 minuto, aparentemente sem qualquer ligação com a fonte de origem. Depois, foi lançado novo fecho de luz que alcançou o primeiro, recolhendo-o todo, como se fosse algo materializado.

Preocupado com as ocorrências na sua estân

cia, o fazendeiro reuniu em Brasília um grupo de pessoas qualificadas para estudar e procurar esclarecer o fenômeno. Deste grupo participaram: professor Walter Radic, escritor José Roque Martins, jornalista Volney Milhomem e Luís Macêdo; fotógrafo Luís Albuquerque; médicos Jarbas Rorrezenta e Cláudio Costa; advogado Gutenberg Rodrigues; general Moacir Uchôa; major Jacob Zweiter; dr. Oswaldo França, do Tribunal Eleitoral; dr. Edmar Lins, industrial; dr. Evani Geraldo Viana, Procurador do IBRA

Foram tiradas várias fotografias e estabelecidos muitos contatos com tripulantes dos engenhos espaciais nas diversas ocorrências observadas.

Na noite de 31 de janeiro de 1969, o General Uchôa estava a postos com sua equipe, na fazenda, quando, aproximadamente às 20 horas, surgiu a astronave, que passou a fazer as evoluções costeiras, aproximando-se até uns 20 metros do local onde se encontravam os pesquisadores e aterrissando mais adiante, cerca de 100 metros de distância. O fotógrafo Albuquerque bateu algumas chapas do engenho. Era uma noite de luar. Convencionados, o Sr. Gusmão se destacou do grupo e foi ao encontro do objeto. Chegando a 1 metro de distância parou, observou a nave, que pequena, do tipo "chalana", medindo uns 2 metros de comprimento por 1 apenas de largura, com um farol na frente. Enquanto observava, abriu-se uma entrada na parte superior e surgiu um tripulante que, aparentemente, foi levantando o sem dobrar o corpo.

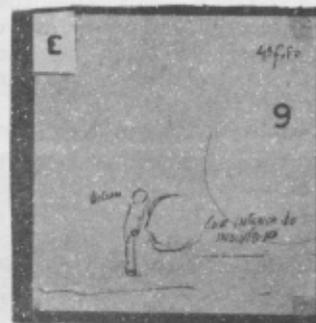
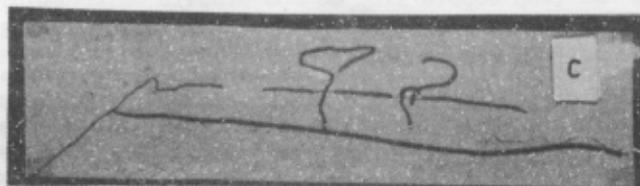
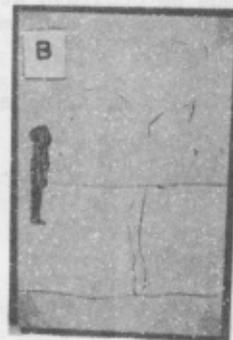
FOTOGRAFANDO

A pequena cosmonave não estava pousada no solo. A princípio, balançava-se, a meio metro de altura do chão, mas imobilizou-se quando o tripulante ficou em pé, na posição vertical, embora o corpo aparecesse apenas dos joelhos para cima. Aquele ser mirou com firmeza o Sr. Wilson e logo baixou lentamente os olhos até um objeto que trazia no cinto, na parte da frente. E fê-lo como se pedisse ao fazendeiro que olhasse para aquilo. Pelo menos foi essa a intuição que o Sr. Gusmão teve no momento. Fitou a coisa e sentiu ou percebeu que o estranho ser o estava fotografando. Depois este virou-lhe as costas e, como se obedecendo a uma ordem, surgiu lá do morro "uma grande luz". O tripulante voltou-se novamente de frente. Nesse momento ouviu-se uma algazarra vinda do grupo de observadores que, como se soube depois, brigavam pelo binóculo: todos queriam ver, pelas lentes de aumento, os gestos dos dois interlocutores - um terrestre e outro extraterrestre - nesse encontro memorável. O alarido chamou a atenção do próprio cosmonauta, que olhou na direção do grupo e sorriu para o fazendeiro. Em seguida, levou a mão ao cinto e fez surgir um halo luminoso ao seu redor. Esse halo não impedia o Sr. Wilson de ver o tripulante, mas as pessoas que estavam na observação só viram uma bola de luz ao lado do Sr. Gusmão. A foto batida nesse momento também fixou apenas uma bola luminosa. Depois, com um pequeno gesto como se fosse uma saudação, o estranho se inclinou-se dentro da "chalana" que, fechando-se, movimentou-se e partiu desaparecendo rapidamente

DIFERENTES

Antes desse encontro tão bem documentado, o Sr. Wilson Plácido Gusmão teve outros três contatos com seres extraterrestres. Nestes, as naves eram de tipo diferentes tendo cerca de 10 metros de diâmetro, e os tripulantes, em número de cinco, mediam 1,60 mt. e 1,75 mt. de altura, mais ou menos. Tinham a pele pálida, como porcelana; cabelos colados à cabeça; vestimenta colante ao corpo, de

cor cinza-escuro; botas com abas metálicas na parte superior, sendo que na de um - do chefe, talvez - brilhava "uma luzinha na frente, no bico". Embora



CIPEX e GENA

Em A: Foto com tempo de exposição aprox. 14 segundos - tripulante chegando. O movimento da sua lâmpada é visto como um traço branco (cópia do original, por gentileza do general Moacir Uchôa).

Em B: Croquis mostrando a aproximação do tripulante pelo ar, observado por um binóculo.

C,D,E: Croquis do fotografo Luiz Albuquerque; "C"-aproximação do tripulante, pelo ar; "D" - o tripulante parado no chão; "E" - o fazendeiro Wilson tendo ao lado o tripulante (observe-se, o halo de luz que o cercou).

sem pronunciarem palavras, mantiveram uma espécie de diálogo com o Sr. Gusmão. Pelo que pode compreender, o fazendeiro acha que os seres que visitam a Terra não procuram quaisquer minérios, mas estão interessados em conhecer nosso estágio de evolução principalmente nas experiências atômicas que, mal orientadas, poderão afetar seriamente o equilíbrio de sistemas planetários.

Relatou, ainda, a esposa do Sr. Wilson que ela mesma chegou a ver o rosto de um tripulante, na noite de 22-03-69 quando, às 21 horas, estava na varanda da casa junto aos seus dois filhos, Júlio de 3 e Eliana de 5 anos.

Enquanto seu marido tinha ido observar, com os visitantes, o jogo de luzes em movimento naquela noite, na fazenda, viu ela, na penumbra da semi-obscuridade, um rosto humano colado a uma das colunas da varanda, olhando-a e aos seus filhos. O corpo da pessoa que se ocultava atrás da coluna usava roupa escura e deixava ver um rosto, com nariz fino e comprido.

Assustada, pegou as crianças e as levou para dentro de casa.

CIPEX e GENA

EPISÓDIO Nº 19

CASO PAU FERRO

Pesquisa: Rubens Couto Soares; SBEDV; Ennoch Burgos
Publicação: Ref. nº 59, 197, 223, 267.

Antônio Pau Ferro, tratorista da Prefeitura de Garanhuns, era proprietário de pequena gleba de terra fértil, onde, nas horas vagas cuida de suas plantações de milho, feijão, tomates, fumo e mandioca. Foi ali que ele viveu a maior aventura de sua vida.

No dia 10 de setembro de 1965, Antônio estava trabalhando na lavoura, quando, às 8h30m, ouviu um barulho no milharal próximo, olhou e viu dois objetos de brilho metálico descendo do céu, a uns 8 metros de onde se encontrava. Tinham a forma circular, com cerca de 1,5m de diâmetro por uns 80 centímetros de altura. Tocaram o solo, os dois ao mesmo tempo, em movimentos, uniforme, como que sincronizado, subindo outra vez uns cinco metros, imobilizando-se então. Ao tocarem o chão, deixaram ali dois homenzinhos que não teriam mais de 70 ou 80 centímetros de altura. Estes, imediatamente, se

OBSERVAÇÃO: Tudo o que foi relatado aqui consta das declarações do Sr. Wilson Plácido Gusmão e senhora, em entrevistas ao pesquisador da SBEDV, depoimentos esses já divulgados em 15-10-69, no Boletim nº 69/70 dessa Sociedade. Entretanto, foi editado agora, em 1973, pelo Grupo de Expansão Cultural, São Paulo, o livro A Parapsicologia e os OV, de autoria do General Moacyr Uchoa, com 194 páginas, 14 fotos e 8 ilustrações. O Boletim da SBEDV nº 90/93, que deu conta desse importante livro, disse, nas páginas 2, 4 e 37, entre outras coisas, "um exemplo de um bom trabalho minucioso (de pesquisa) é a obra de General Uchoa... condensação do trabalho de um grupo de pessoas por ele dirigidas, e que, para tanto, trabalhou durante muitos meses em Alexânea. A publicação desse caso parece-nos uma das coisas mais importantes até agora, no campo da ufologia, "um contato documentado por testemunhas categorizadas e adicionalmente por máquina fotográfica, tendo sido previamente combinado com os extraterrestres (que ainda consentiram a presença de outras testemunhas além da principal)."

aproximaram do lavrador, que estava parado, observando, numa elevação do terreno, agarrado a um galho de cajueiro, apavorado, "pensando que chegara o fim do mundo". Mas os "pequeninos" estacaram a meio caminho e voltaram para onde estavam seus aparelhos. De lá, olharam Antônio, com um olhar de simpatia e bondade e, como que reconsiderando a decisão, novamente se encaminharam para ele, porém mais devagar. Pararam quando um deles colheu um tomate que mostrou ao outro. Trocaram algumas pala-



Fig. nº 19 - testemunha, Antônio Pau Ferro, mostra tamanho dos tripulantes.



Fig. nº 19 - O tomate por eles colhido.

vras numa linguagem que o treforista não compreendeu. Depois, jogaram fora o tomate. Mais calmo agora, o Sr. Antônio Ferro perguntou-lhe o que desejavam e de onde vieram. Eles não responderam, apenas sorriram e voltaram para a nave. Postaram-se debaixo delas, cada um sob a sua. Estas desceram sobre eles, recolhendo-os, tudo em movimento uniforme, ao mesmo tempo. Então decolaram, sempre sincronizados a princípio com um "chiado" e depois com um som grave, muito forte. A certa altura, o observador teve a impressão de que, entre as duas cosmonaves se formavam prolongamentos laterais. Tanto na descida como na subida, os discos provocaram ventania agitando os pés de milho.

EPISÓDIO Nº 20

CASO TIAGO MACHADO

CIPEX e GENA

Pesquisa: SBEDV, NIGEL RIMES, W. WIRZ
Publicação: Ref. nº 69, 114, 157.

Vários moradores no Bairro Pinheiro, da cidade de paulista de Pirassununga, assistiram, no dia 6 de fevereiro de 1969, às 7h30m, a um espetáculo impar e emocionante: Um objeto luminoso desceu do céu, a uns 800 metros de distância, no mato. Quem viu primeiro foi D. Maria dos Santos:

"-Ele fazia movimentos de subida e descida, a pouco mais de meio metro acima do chão".

Tiago Machado, 19 anos, vizinho de D. Maria pensou que fosse um para-quedas azul, luminoso, "de um brilho total". Os outros disseram que era um disco voador. E, talvez com receio, ninguém quis acompanhar Tiago na busca ao objeto. Este munuiu-se de um binóculo a tiracolo e seguiu, mato a dentro, sempre guiado pelos gritos dos observadores distantes que, de onde estavam, tinham melhor visão.

Já bem adiante, Tiago resolveu pedir ajuda ao seu amigo Francisco Hanser, que morava por ali, dentro do terreno do Instituto Zootécnico. Seguiram os dois pelo mato, um pela parte baixa outro pela parte de cima.

FRENTE A FRENTE COM O DISCO

Em virtude da vegetação ser espessa e alta, Tiago só viu o objeto quando já estava a apenas 10 metros de distância, mesmo assim, só percebeu uma estrutura arredondada, metálica, com 1,50 metro de altura, pousado num tripé. Afastando ramos, procurou melhor posição e ficou observando. Quasi imediatamente, abriu-se uma portinhola no aparelho e por ela saíram, flutuando, dois tripulantes, um de cada vez, baixando suavemente até o solo. Porém, dentro da nave, ele distinguiu mais dois observando-o através de uma espécie de pábrisa.

Eram homens pequenos. Teriam 1,50m de altura. Usavam roupa colante, aluminizada, que cobria todo o corpo, dos pés à cabeça. Na altura do rosto havia um visor transparente. O rosto tinha a pele lisa, amarelada, com uma cicatriz em cada bochecha. O olho esquerdo ficava em nível mais alto do que o direito. Lábios finos, nariz achatado, olhos amarelo-escuros, sem pupila e sem esclerótica. Duas rugas paralelas acima dos olhos sem cílios nem pálpebras. O queixo dava a impressão de "estar fugindo para trás..."

Os dois tripulantes deram 3 passos à frente e o garoto deu um, ficando, assim, a uns 8 metros, frente à frente, quando entabularam "conver-

Em entrevista ao pesquisador da SBEDV, o Sr. Antônio Pau Ferro acrescentou que não reparara na vestimenta dos tripulantes, mesmo porque eles pouco sobressaíam do capim alto, mas podia afirmar que eram pessoas adultas, com cabeça e membros proporcionais ao tamanho do corpo. No rosto e nas mãos a pele era lisa, sem rugas, queimada. Os dedos não tinham pregas nas articulações, como em nós terrestres. "E pareciam com as figuras de que o Sr. Olegário Guilherme da Rocha tem na sua fazenda..."

sação". Eles emitiram sons graves, guturais e roucos, que pareciam sair de uma "tromba" que se movimentava na parte inferior da "máscara" de cada um, ao falar.

Quando Tiago perguntou-lhes, em Português, como teriam chegado ali, um deles fez gestos de movimentos rotativos com as palmas das mãos apostas, formando um círculo com os dois braços que, em seguida, levantou e abaixou várias vezes. Nesse momento, o rapaz tirou um cigarro do maço que estava no bolso da camisa e o acendeu, o que foi observado com grande atenção pelos quatro seres, que se entreolharam e trocaram algumas palavras quando Tiago tirou as primeiras baforadas. Então, o jovem mais calmo, pegou o maço que ainda continha 14 cigarros, e o jogou para eles. Um deles, sem desviar os olhos do garoto, apanhou-o, inclinando-se com alguma dificuldade. Quando a mão que o homenzinho estendeu chegou a uns 10 centímetros do maço, este elevou-se sozinho e aderiu a ela. Em seguida, o tripulante encostou a mão com os cigarros ao próprio corpo e, como num passe de mágica, o maço desapareceu. Os dois pigmeus riram, mostrando seus dentes enegrecidos e "diferentes", pois os inferiores se encaixavam em falhas nos superiores e vive-verfa.

ALARMADOS

Depois do episódio dos cigarros, os dois, mais confiantes, adiantaram um passo, o mesmo fazendo Tiago, que pensou que eles queriam convidá-lo para uma viagem no disco voador. Assim, para deixar um comprovante, o jovem tirou o binóculo que trazia a tiracolo, colocando-o no chão. Alarmados, os pilotos recuaram 4 passos. Vendo isso, Tiago recolocou o binóculo no pescoço, após o que os dois se aproximaram novamente.

Procurando fazer-se entender, os cosmonautas falaram e gesticularam cerca de 15 minutos, até que, ouvindo o grito de Francisco chamando pelo nome do amigo, recuaram lentamente, sempre de costas para o Disco. Deram um pulinho, elevaram-se no ar e entraram na cosmonave, um depois do outro. O último, com o busto ainda do lado de fora, apontou um instrumento na direção do jovem e lançou uma chama azul, que o atingiu na coxa direita, onde sentiu logo um "formigamento", seguido de endurecimento de todo o corpo. Ainda pode ver a janelinha fechar-se e a nave ergueu-se uns 2 metros do solo, silenciosamente, seguindo para o "lado do Morais". Foi então que caiu e perdeu os sentidos. Ao recuperar

a consciência, uma hora depois na Santa Casa, ainda sentia um pouco de dor na coxa, mas disse que esta

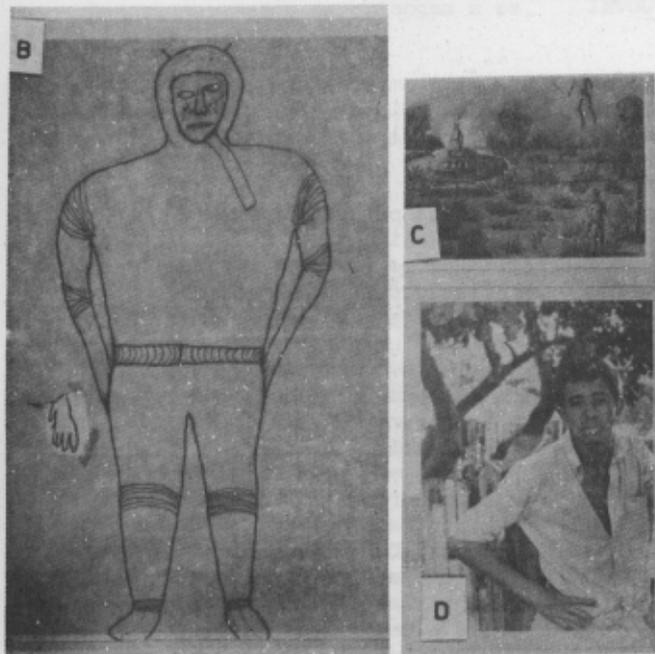
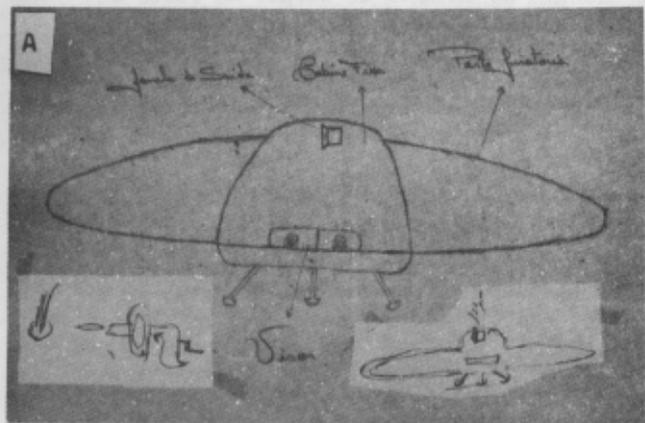


Fig. n° 20 - Em "A": O DV; em "B": o tripulante - desenhos de Tiago. - "C": embarque do tripulante, desenho de W. Romito. - "D": foto de Tiago.

va bem ao médico que o foi atender. Este segundo declaração de Tiago, não o examinou, apenas olhou-o, dispensando-o imediatamente.

No local da aterrissagem, a vegetação estava amassada num círculo de quatro metros de diâmetro e, dentro desta área, 3 buracos, correspondendo às conchas nas quais se apoiavam as pernas do tripé.

Tiago nesse dia ingeriu de 3 a 4 litros de água e dormiu muito. Nos primeiros dias seguintes ainda tomou água em abundância.

TESTEMUNHOS ADICIONAIS

O MÉDICO - O Dr. Henrique Reis, em entrevista que concedeu à SBEDV no dia 19 de maio de 1973, declarou, por sua vez, que, no mesmo dia da ocorrência, examinou Tiago Machado, dos pés à cabeça, na Santa Casa, durante uma hora, não encontrando nada de objetivo na perna ou no corpo. Achou no mais o pulso, a pressão e a respiração. Notou apenas que o rapaz estava com o corpo todo duro e piscava muito, o que interpretou como pitiatismo. Acrescentou ainda que, a posteriori, acha realmente

que teria havido algum episódio com Tiago ligado a discos voadores, mas acha também que o jovem se comportara como vedete, embora admita ser o histérico muito mais raro no homem do que no sexo feminino.

A VIZINHA - A Sra. Maria dos Santos, vizinha de D. Maria Machado Metzler, mãe de Tiago (moradora na Travessa n° 9 da Rua Alzira Silveira Pinheiro, n° 299) também tem a sua história para contar.

Naquele dia 6 de fevereiro, às 8h30, estava "aprontando" seu filho para ir à escola, olhando para fora, viu, no mato do Instituto Zootécnico da Indústria e Pecuária, do outro lado do vale do bairro Pinheiro, um objeto muito reluzente, no formato de uma bacia emborcada, subindo e descendo, numa altura de 2 a 3 metros do chão alguns minutos. Viu quando Tiago entrou no IZIP à procura do objeto.

Uns 30 ou 40 minutos depois, chegou um menino, correndo, esbaforido, para dizer à mãe do rapaz que ele estava morrendo lá no mato. D. Maria dos Santos e outra vizinha, Ana Maria Creonice, acompanharam a Sra. Maria Machado mato a dentro, seguindo o garoto, e lá adiante encontraram Tiago caído ao chão, de olhos abertos mas "todo abobalhado", pálido, suando copiosamente e repetindo sem parar:

- Água, água, água...

Não se aguentando em pé, foi arrastado pelas três senhoras para a casa mais próxima, do Sr. Francisco Hanse. Como ele começou a balbuciar palavras referentes a ferimento na coxa, D. Maria dos Santos rasgou suas calças na perna direita onde constatou um vergão esbranquiçado, como se fosse produzido por uma chibatada.

Avisada a Polícia, esta mandou dois elementos que levaram o jovem para a Santa Casa.

Ali - disse D. Maria - o Dr. Henrique Reis, que deveria examinar o acidentado, vendo as roupas rasgadas de Tiago, teve uma impressão errônea e o mandou embora.

Às 17 horas daquele dia, o pessoal da Escola de Aperfeiçoamento de Aeronáutica, sediada na Base de Pirassununga, chegou à casa de D. Maria Metzler, fazendo perguntas e desenhos de acordo com as indicações da própria vítima. Saíram logo depois e voltaram, por volta das 18 horas, com o Dr. Henrique do Reis que, sozinho no quarto com Tiago, submeteu-o a exame.

D. Maria Santos acrescentou que, tanto ela como outras duas vizinhas que acudiram o rapaz passaram 3 dias consecutivos sem se alimentarem, bebendo água apenas, nervosas e com insônia.

OBS: Seria interessante para o leitor recapitular, em conexão com o caso Tiago Machado, o relato n° 14, "O CASO DO MATA-FORMIGA", de 1º Grupo, e ainda o de n° 35, "TRIPULANTES ATACAM PIRASSUNUNGA", localizando adiante, no Grupo n° 4, porquanto são todos eles acontecimentos que se verificaram no mesmo local ou nas proximidades, e ainda na mesma época, conforme a tabela "G-1" no cap. 6 quando "as mesmas e diferentes raças demonstraram comportamento diferente em diversas ocasiões".

CIPEX e GENA

Pesquisa: SBEDV

Publicação: Ref. Nº5, 27, 29, 37, 202, 204, 210, 261.

Em entrevista concedida ao Canal 13 da Televisão carioca, na noite de 27 de agosto de 1957, o prof. João de Freitas Guimarães, advogado militante, relatou a estranha aventura que teve com um disco voador e seus tripulantes. Entrevistado pela SBEDV, confirmou suas declarações, que se resumem no seguinte:

No dia 16 de junho de 1956 fora a São Sebastião a serviço de sua profissão. Encontrando o Fórum já fechado, hospedou-se num hotel, após o jantar, poz-se a passear pela praia. Seriam 19h10m ou 19h15m quando, olhando para o mar, viu elervar-se um jato d'água no trecho compreendido entre a Ilha Bela e São Sebastião. Pensou logo numa baleia mas imediatamente emergiu das águas um aparelho bojudo, que tomou a direção da praia, onde, ao chegar, lançou um trem de aterrissagem munido de esferas e, por uma abertura, saíram dois homens, que se encaminharam ao seu encontro. Eram altos, claros, cabelos louros, olhos claros e serenos. Usavam uma espécie de macacão verde, que se estreitava ao nível do pescoço, dos punhos e dos tornozelos.

A princípio se assustara quando pararam à sua frente mas, como pareciam tão humanos, perguntou-lhes se teria havido algum acidente com a máquina ou se estavam procurando alguém. Não obtendo resposta, repetiu a pergunta em francês, inglês, italiano, mas sem resultado. Todavia, embora eles não falassem, o advogado teve a impressão de que estavam convidando-o a entrar no aparelho. Pareceu-lhe que os tripulantes estavam se comunicando por telepatia. Percebendo que o convite era insistente o Dr. Freitas Guimarães sentiu uma vontade irresistível de ver o interior do objeto. Um dos homens se encaminhou para a nave, dando-lhe as costas. Ele seguiu-o sem relutância e o outro cavalheiro marchou atrás.

DENTRO DO DISCO VOADOR

O indivíduo que ia à frente alcançou a parte inferior da nave e nela subiu facilmente, segurando-se à escada com uma só das mãos, enquanto que ele, o advogado, precisou o auxílio de ambas as mãos. Na entrada do disco, aguardando-os, estava um terceiro tripulante. Fechada a porta, o engenho de colou. Nesse momento, mesmo sentindo um ligeiro mal estar, o professor notou que havia água nas vigias.

"-Está chovendo?" - perguntou.

Sempre telepaticamente foi-lhe dito que não se tratava de chuva. Aquela água era proveniente da "rotação em sentido contrário das peças que compunham a nave". Explicaram-lhe que, contornando a cosmonave, havia um dispositivo de filtração de raios, o qual tinha a propriedade de fazer o semi-vácuo em qualquer uma das suas partes. Observou o causídico que durante toda a viagem eles só permaneceram num único compartimento, mas notou que havia outros, também iluminados.

Através das vigias, viu o Dr. Guimarães que passavam por uma zona intensamente escura, onde os astros brilhavam de maneira extraordinária. Sucedi-am-se regiões enxameadas de estrelas, que cintilavam com incomparável fulgor. Seguiam-se novas zonas escuras. Atravessaram depois uma camada viole-

ta fulgurante e, nessa ocasião, sentiu que o aparelho se sacudia fortemente. Como demonstrasse re- ceito, disseram-lhe que a nave acabara de deixar a atmosfera da Terra.

Durante a viagem, o advogado perguntou, várias vezes, de onde eram eles originários, mas não obteve resposta. Não sabe por que razão não desejavam identificar-se. Reparou que havia no compartimento onde se encontrava um painel de forma circular, no qual oscilavam três agulhas, muito sensíveis. Viu que, ao deixarem a atmosfera da Terra,

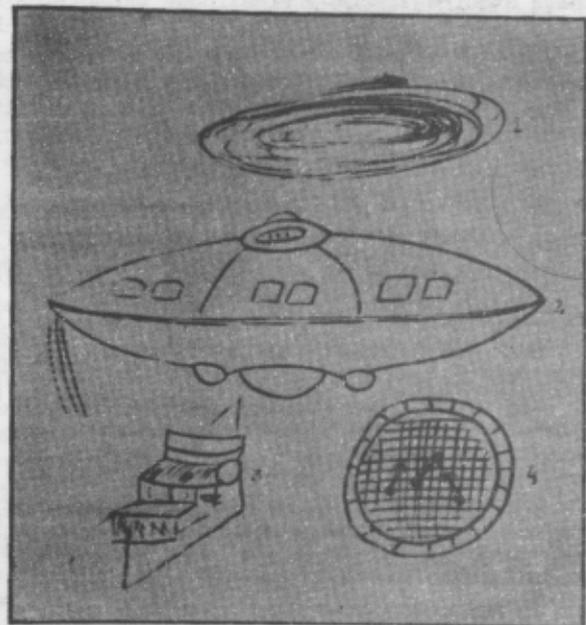


Fig. nº 21 - A: O prof. Dr. João de Freitas Guimarães relembra sua experiência.

B: Desenhos ilustrativos do professor.

os referidos ponteiros passaram a vibrar intensamente. Segundo foi-lhe explicado por um dos tripulan-

tes, o aparelho "era conduzido no sentido da resultante da composição das forças magnéticas naquele lugar". Ao regressarem, notou que seu relógio estava parado, mas calculou em 30 ou 40 minutos o tempo que estiveram em vôo.

NOVO ENCONTRO

Ainda dentro da astronave, combinaram novo encontro para o dia 12 de agosto do ano seguinte, 1957, no mesmo local e hora. A data foi marcada por meio de 12 constelações que dispuseram sob a forma de Zodíaco. Uma roda indicava o ano e a repetição de 12 vezes o número 8 deu-lhe a idéia do mês de agosto.

Declarou ainda o Professor Freitas que não compareceu ao novo encontro porque, como caso fora muito divulgado, havia sido organizada, por curiosos, uma caravana para assistir à entrevista, o que certamente, provocaria grande tumulto. Além disso,

a Aeronáutica enviara ao local alguns aviões de caça a jato.

Em entrevista posterior, concedida ao pesquisador da SBEDV, declarou o advogado que, poucos dias antes da data convencionada para o encontro, o Coronel Aviador Coqueiro, na presença do Dr. Gabriel Alca, do irmão deste e de um escrevente do 5º Tabela de Santos, disseram-lhe:

"-Eu, se fosse você, não iria a esse encontro. Terei lá dois esquadrões de caça a jato para receber o Disco Voador".

Nesta última entrevista, acrescentou o Dr. Guimaraes que soubera, por pessoas que deram testemunho público na TV Tupi de São Paulo, que, na data marcada, o disco voador surgiu por trás da Ilha Bela, passara sobre S. Sebastião e seguiu em direção à praia de Barraqueçaba.

EPISÓDIO Nº 22

O CASO DA SAGRADA FAMÍLIA

CIPEX e GENA

Pesquisa: CICOANI, SBEDV.

Publicação: Ref. nº 45, 48, 60, 64, 156, 240, 265, 307.

OBS: ILHA BELA
VER PLANETA "ILHA BELA"

Tripulantes de um disco voador tentaram estabelecer contato com três meninos em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, no quintal da casa à rua Conselheiro Lafaiete nº 1533, no bairro Sagrada Família, sem, contudo, lograrem êxito. O caso, que ocorreu no dia 28 de agosto de 1963, foi minuciosamente pesquisado pelo grupo mineiro CICOANI e se resume, em linhas gerais, no seguinte:

Os meninos Fernando e Ronaldo, 14 anos, filhos do casal Alcides Gualberto, após o jantar, saíram para o quintal, com a finalidade específica de lavar o coador de café com a água de um depósito-um velho tambor de gasolina - ao lado da cisterna. Acompanhava-os o garoto José Marcos Gomes Vidal, então com 7 anos, e que se dirigiu rápido para o depósito dentro do qual abaixou totalmente a cabeça e os braços para colher o líquido numa vasilha que levava.

Ronaldo, que vinha logo atrás, notando uma claridade no quintal, olhou para o alto e viu um objeto esférico, iluminado por dentro e de paredes transparentes, flutuando sobre um abacateiro, a 8 metros de distância. Tinha de 3 a 3,50 metros de diâmetro. Na parte superior, uma espécie de antena, com duas hastes inclinadas, em forma de V, encimadas por pequenas esferas, e uma outra haste vertical no centro.

Dentro, havia 4 pessoas sentadas em banquinhos de uma só perna. Uma delas era mulher, com longos cabelos alourados e puxados para trás. Os homens eram calvos. Em questão de segundos, projetaram ao solo dois feixes de luz amarela, entre os quais desceu uma das criaturas, em postura ereta, mas como que flutuando, até tocar o solo suavemente. Sem perceber a presença de Ronaldo e Fernando, encaminhou-se para a cisterna. Ali chegando, estendeu um braço na direção de José Marcos, que o não viu, por que estava com a cabeça dentro do tambor.

PARALISADOS

Interpretando o gesto do homem que tinha mais de 2 metros de altura como uma ameaça ao garoto, Fernando saltou sobre o menino, jogando-o ao

chão. O homenzarrão fez-lhe uma série de gestos com as mãos, acompanhando-os com movimentos de cabeça e palavras estranhas. Depois, sentou-se à beira da cisterna, de frente para o Disco. Aproveitando o fato dele estar de costas, Fernando apanhou um pedaço de tijolo e levantou o braço para arremessá-lo no indivíduo. Inexplicavelmente, como se houvesse advertido, o homem saltou de pé, virando-se e lançou na mão do menino um jato de luz amarela, projetado de um pequeno retângulo situado na altura do peito. A pedra caiu da mão de Fernando e os três garotos, como que acalmados pelos gestos e voz grave do ser, não fugiram e nem gritaram por socorro.

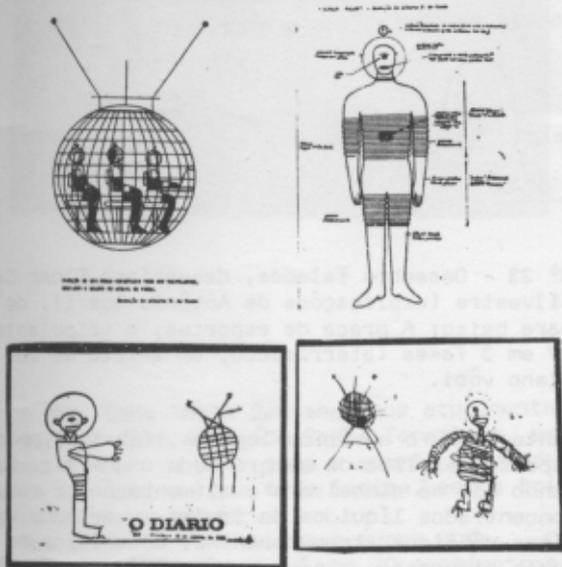


Nº 22 Em "A" - Fernando aponta o tamanho do tripulante. Em "B" - Os desenhos de Fernando. Em "C" - Moça de anatomia ciclópica, e que viveu na França, conforme indicado no "Buffon's Natural History", vol. II (ref. 240)

Ficaram observando aquela criatura enorme que lhes falava em idioma desconhecido. Como os outros que estavam na cabine, ele era calvo, e só ti

nha um olho, grande, arredondado, escuro, sem esclerótica, bem no meio da testa, na base do nariz. A pupila era um risco horizontal, mais escuro. Sobre o olho, uma mancha escura que seria, talvez, sombra da celha. O rosto era todo vermelho. Quando falava, mostrava uns dentes muitos brancos. Vestia uma espécie de escafandro e tinha a cabeça encolvida num caçapete redondo e transparente, através o qual seu rosto era bem visível. A roupa era de cor castanha até a cintura, branca até os joelhos e depois preta, até os pés, calçados com botas pretas. O uniforme parecia ser de couro e era muito enrugado nas partes correspondentes aos membros e torax. Nas costas havia uma caixa "cor do cobre".

CIPEX e GENA



Nº 22 - Em cima: desenhos "falados", do DV e seus tripulantes, desenhista do CICOANI. Em baixo, os desenhos feitos pelas outras duas crianças.

PROMETEU VOLTAR

Apontando para a Lua, fazendo um gesto de elevação progressiva das mãos, como a indicar um voo naquela direção, o estranho ser virou-se e se encaminhou na direção do aparelho. Vendo-o afastar-se, José Marcos conseguiu falar:

"-Será que ele volta?"

Surpreendentemente, o homem girou a cabeça em sua direção e fez com ela vários movimentos verticais, como a responder afirmativamente à pergunta do garoto. No meio do caminho, dobrou o corpo sobre o canteiro, apanhando uma planta com a mão esquerda. Ao atingir o ponto onde havia descido, fez um discreto gesto e reapareceram as duas listas de luz, ligando o objeto ao solo. Subiu entre as duas faixas, em postura ereta como descera, e sentou-se junto aos seus companheiros. Então, a nave emitiu um brilho forte e voou silenciosamente, rumo Leste, apagando-se logo e desaparecendo.

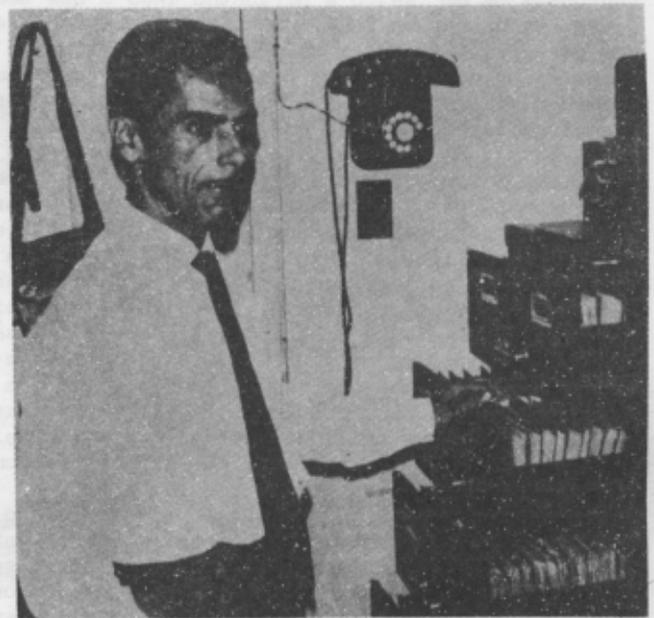
Tão logo se sentiram, os meninos correram para dentro de casa, gritando:

"-Mãe, mãe, venha ver que coisa horrível!"

D. Maria José, alarmada pela aparência dos filhos, mandou uma menina chamar seu esposo, no bar no próximo.

"PAPAI, entrou gente no quintal lá de casa!"

O Sr. Alcides Gualberto, pai das crianças, constatou que havia no quintal marcas pequenas, em forma de triângulo, no trajeto que o homem fizera, segundo indicação dos meninos.



Nº 22 - Foto do pesquisador e psicólogo Hulvio Brant Aleixo (CICOANI)

Segundo a edição de outubro de 1973 do Boletim Filosófico (e ufológico) norte-americano, editado por Daniel Fry (The White Sands Incident New Age Publishing Copy), publicou o jornal ST. LOUIS POST DISPATCH, em 5 de agosto de 1973, a notícia da UPI, datada de 4-8-73, procedente de Sofia, Bulgária, de que, nas proximidades da cidade de Rizlog, na parte sudoeste do país, foram, segundo a agência búlgara BTA, descobertos esqueletos gigantes, em sepulcro pré-histórico, os quais mediam 5 pés e 8 polegadas, apresentando somente uma única cavidade ocular, no osso frontal ("coronal bone"), acima do nariz. Informou ainda a agência que a descoberta foi feita nas ruínas de uma edificação antiga, cuja idade, até aquela data, não fora determinada.

CIPEX e GENA

Pesquisa: SBEDV

Publicação: Ref. nº 255

Quando Antônio Rossi saíu, com seus companheiros, para uma pescaria no rio Paraíba, a 150 km de São Paulo, mal sabia ele a aventura que o esperava naquele sábado inesquecível. Como passariam toda a noite pescando, arrumaram a "tralha" em determinado local, à margem do rio, e cada um procurou encontrar um poço mais piscoso.

Rossi estava bem distante de seus amigos, longe de suas vistas, quando, às 16 h 40 m, notou que dois homens altos, de complexão robusta, inteiramente nus, vinham em sua direção. Apreensivo, levantou-se de um salto e perguntou-lhes o que desejavam. Os estranhos indivíduos, não responderam e, com um sorriso franco e amigável, aproximaram-se, um atrás do outro, para a 2 metros do pescador, olhando-o fixamente. Seus olhos eram grandes e pareciam irradiar bondade, o que tranquilizou Rossi.

Então, um deles apontou para seus próprios olhos, que Antônio fixou e percebeu, através deles, "uma espécie de claridade que deixava a sua própria mente compreender os pensamentos do seu interlocutor", o qual, numa linguagem visual, lhe dizia:

"- Aqui estamos com a paz de Deus. Somos habitantes de um outro planeta, e não tenha receio porque nenhum mal lhe causaremos... Nossa missão é benéfica em todos os sentidos, tanto para vocês como para seus semelhantes. Tenha confiança em nós, que aqui estamos para convidá-lo a visitar o nosso Mundo. Não estamos exigindo, apenas o convidamos. Se aceitar o convite, será por sua espontânea vontade. Dentro de poucas horas chegaremos lá".

A proposta parecia honesta, mas aqueles homens eram tão diferentes não tinham órgãos sexuais como os terrestres, eram completamente glabros, sem pelo algum, nem na cabeça, e só tinham dois dedos em cada mão e em cada pé! Ainda desconfiado, Rossi deu uma olhada, de "esguelha", no seu facão colocado sobre a pedra ali perto... Como que lendo seu pensamento, um dos visitantes abaixou-se com certa elegância, apanhando a arma e entregando-a ao pescador, com um sorriso franco nos lábios.

NO DISCO VOADOR

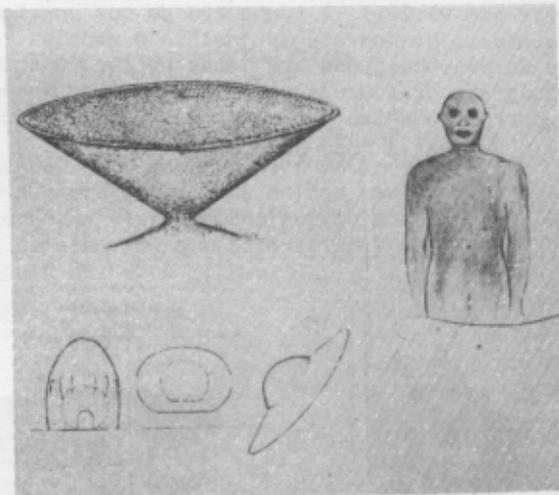
Antônio Rossi seguiu os dois gigantes até a cosmonave, estacionada numa baixada. Com uns 30 metros de diâmetro e 9 de altura, o aparelho, de cor cinza pálida, tinha a forma de uma guarita. Dentro do disco voador, foi interrogado mais uma vez, na linguagem visual, se estava disposto a ir espontaneamente.

nº 23 - Desenhos falados, desenhista Elder Carros Silvestre (explicações de Antônio Rossi). De cima para baixo: A praça de esportes, o tripulante e o DV em 3 fases (aterrissado, em início de voo e em pleno vôo).

Ante sua resposta afirmativa, um dos tripulantes apanhou um minúsculo copo, encheu-o com líquido de um depósito ali existente, entornando a substância na própria boca, entregou o recipiente ao pescador, dizendo-lhe para fazer o mesmo e esclarecendo que aquilo era imprescindível para a viagem espacial.

Não se sentiu mal, nem perdeu a consciência. Não demorou muito e pousaram no "mundo dos homens nus". Ali, todos, homens e mulheres andavam completamente despidos, estas se destacando apenas por suas formas, mais graciosas.

Naquele planeta tudo é curvo. Até as casas, de paredes vitreas e transparentes, são arredondadas. Foram recebidos com alegria por uma multidão de "pelados", que movimentavam os braços, em silêncio, pois lá também a linguagem é visual. O tripu-



Nº 23 - Desenhos falados, desenhista Elder Carros Silvestre (explicações de Antônio Rossi), de cima para baixo: A praça de esportes, o tripulante e o DV em 3 fases (aterrissado, em início de voo e em pleno vôo).

lante levou-o a vários lugares, fábricas, praças de esporte, explicando sempre tudo o que via. Naquele mundo não há dinheiro e a alimentação se resume em concentrados líquidos de frutas, guardados em depósitos públicos, transparentes, classificados por cores diferentes e não contém resíduos.

O transporte é feito por discos voadores pequenos, individuais e coletivos, que eles chamam de "voadores". Esses veículos, todos automatizados, não se entrecrocavam. Entre outras coisas fascinantes, Rossi viu, no Departamento de Engenharia, um capacete que, colocado na cabeça de uma pessoa, transmite e desenha numa prancheta as idéias de quem o está usando, tendo o pescador, por esse processo, feito a imagem do Cristo Redentor, mesmo sendo o mau desenhista.

Viu também uma máquina que torneava por meio de raios de luz (na época, ainda não se conhecia o raio Laser). Foi-lhe explicado que esse raio é tão poderoso que pode pulverizar até planetas, mas nunca é usado para esse fim, porque os povos agressivos não conseguem alcançar seu mundo e porque o estágio evolutivo em que se encontram é muito elevado e, por conseguinte, orientado no sentido de beneficiar, de ajudar o próximo.

A posição da mulher ali é de mãe e mestre transmitindo seus conhecimentos aos filhos, que não podem ser mais de dois.

O REGRESSO

Na viagem de volta, seu cicerone, o tripulante, prometeu-lhe uma outra excursão, quando o levaria a um planeta menos evoluído que a Terra e também a um mundo mais adiantado do que aquele que visitou e onde seus habitantes, em grau evolutivo muito mais elevado, apresentam consistência gasosa.

Foi-lhe também explicado o motivo de não poder levar alguma coisa material que provasse a sua estada fora da Terra e augurada a esperança de que esta possa um dia atingir um estágio em que os encontros interplanetários se façam com mais frequência e com mais facilidade.

No dia seguinte, domingo, às 10 horas da manhã, o disco voador deixou-o em terra, no vale, per-

to de onde o levava. Seus companheiros já estavam apreensivos com a sua longa ausência, sem alimentação, já que os sandwiches estavam com eles.

Atendendo a recomendações do seu amigo tripulante, Rossi nada revelou aos seus companheiros e nem a ninguém antes de decorridos oito dias. Então, reuniu alguns colegas de trabalho (ele era metalúrgico) à hora do café e, na presença também dos seus companheiros de pescaria, relatou a sua aventura. Aquilo foi uma bomba, mas, como sempre acontece, alguns acreditaram outros não, porém a notícia se espalhou e, para não precisar estar repetindo sua história vezes sem conta, Antônio Rossi escreveu e publicou um livro: NUM DISCO VOADOR VISITEI OUTRO PLANETA. Nessa obra ele narra toda a sua aventura, detalhadamente. Na época, o autor, que é casado, tinha 35 anos de idade e residia em São Paulo.

ESPERANÇA FRUSTRADA

Uns 2 ou 3 anos após a publicação do livro

Episódio nº 24

CASO DA ENFERMEIRA

CIPEX e GENA

Antônio Rossi, então residindo no Rio, estava com um vizinho na praia de Sepetiba quando ambos viram um disco voador se aproximar, em voo baixo. Pensaram do tratar-se de seus amigos extraterrestres, correram ao seu encontro, mas, decepcionado, viu a nave levantar voo e afastar-se, desaparecendo...

OBS: Em relação aos desenhos "falados" do episódio nº 23, e que seguem abaixo, o próprio desenhista da SBEVD que os executou, Sr. Elder Silvester, observou que a testemunha, Antônio Rossi, sabia perfeitamente o que queria, porquanto não aceitava quase nunca o desenho executado. Pelo contrário, muitas vezes exigia uma concepção completamente diferente, demonstrando lógica na inclusão de minúcias que só uma pessoa que realmente houvesse visto e vivido o episódio poderia exigir.

Pesquisa: SBEVD
Publicação: Ref. nº 103, 158.

A Sra. Geni Maria Santana, que atualmente é enfermeira na Casa de Saúde Santa Terezinha, em Itaperuna, Estado do Rio, teve a oportunidade de falar a um ser que, ao que tudo indica, seria tripulante de um disco voador.

Foi em 1969. Morava nessa época numa casa construída, sobre estacas, a uns 70 centímetros acima do chão, à beira da estrada RJ-100, entre Seraria e Bananeiras. Após levar o almoço ao seu marido, na Fazenda da Prata, onde ele trabalhava, regressou à sua residência e, pouco depois que entrou, ouviu uma batida na porta. Abriu a janela, olhou para baixo e viu um homenzinho de 1 metro ou pouco mais de altura. Tinha os olhos amendoados "como japonês", boca feia e grande, nariz fino. Como estava com a pele do rosto coberta por um pó escuro, pensou que se tratasse de um mendigo e foi logo dizendo:

"- Que quer o Senhor?"

O homúnculo falou qualquer coisa numa algarvia que ela não entendeu e que interrompeu áperamente:

"- Não tem almoço para o senhor, não".

A estranha criatura baixou os olhos e calou-se. D. Geni fechou a janela e só depois de uns 10 ou 15 minutos abriu-a novamente, não vendo ninguém mais lá fora.

Nas suas declarações ao pesquisador da SBEVD acrescentou que a cabeça do homenzinho estava coberta por um tecido listrado, de cor azulada e brilhava intensamente. Sua roupa, semelhante a um macacão escuro, era folgada, encobrindo as mãos, que pareciam segurar alguma coisa. Não reparou nos sapatos.

Episódio nº 25

CASO LUIZ HENRIQUE

Pesquisa: SBEVD
Publicação: Ref. nº 14, 141.

O caso de Luís Henrique da Silva, de São Paulo, apresenta importante particularidade, que é uma mensagem escrita em caracteres desconhecidos. Ocorreu nos dias 25, 26 e 30 de abril de 1959.

No dia 25, regressando de uma festa, deitou-se mas não conseguiu dormir. Alguma coisa o perturbava. Alta madrugada, ouvindo um barulho no quintal, "como se fosse uma ventania muito forte", foi ver o que era. Olhando para cima, viu "um círculo no ar, como ferro em brasa". Voltou correndo à casa para chamar os pais. Levou-os ao quintal mas a "coisa" havia desaparecido.

Mas tarde, às 4h30m, despertou sobressaltado

e, atraído novamente ao quintal, encontrou ali um bilhete com os dizeres: "Compareça amanhã, às ... 3,10h., neste mesmo local e não diga nada para não correr o risco de vida." Assustado, tomou um calmanete e deitou-se. No dia seguinte não se preocupou muito com o incidente. Foi a uma festa, depois ao cinema, só regressando às 23 horas. Às 3 horas da manhã foi despertado e se lembrou do bilhete que estava no bolso do palitô. Vestiu este e se dirigiu ao quintal, como que impelido por uma força desconhecida. Lá, às 3h10m, apareceu no céu, a uns 100 metros de altura, um círculo luminoso de 6 metros de diâmetro, mais ou menos, do interior do

qual, por uma abertura em V, saiu um ser humano, descendo em espiral até cerca de 20 centímetros do solo e que lhe disse:

"- Pode entregar-me aquilo que você achou?"

O jovem, que estava inteiramente imobilizado, recuperou então os movimentos entregando-lhe o bilhete. Ao recebê-lo o tripulante colocou-o na mão e, num movimento de abrir e fechar de mão, o papel desapareceu. Em seguida o estranho indivíduo pediu a Luís Henrique que comparecesse ao mesmo local na quinta-feira, dia 30, às 2h05m, recomendando-lhe ainda absoluto segredo. Subiu em espiral, como descera, entrou no aparelho e sumiu em um minuto apenas.

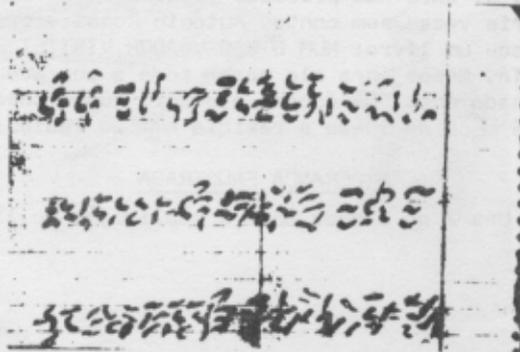
MENSAGEM

Durante três dias o jovem viveu horas de angústia, inquietude e dúvida. Mas guardou o segredo. No dia 30, à hora combinada, o estudante voltou ao local do encontro onde, como das outras vezes, sentiu-se imobilizado. Novamente surgiu o artefato, descendo em espiral um tripulante que, olhando algo no próprio braço, do tamanho de um grão de milho, disse:

"Duas horas e cinco minutos do seu planeta". Nesse momento, o jovem quis consultar seu relógio, mas não conseguiu levantar o braço. O homem perguntou ainda se estava tudo normal, ao que lhe foi respondido que sim. Pediu então licença e subiu em espiral. Logo em seguida desceu outro ser idêntico, que somente o cumprimentou, subindo novamente. Um terceiro tripulante desceu e lhe pediu algo com que se crever. O rapaz perguntou-lhe se queria um lápis e ele disse: "Folha". Recuperando os movimentos, Luís Henrique foi à casa, apanhou um caderno, voltou e

estendeu-o ao visitante. Este mandou que o rapaz o colocasse na palma da mão. Feito isso, o caderno abriu sozinho. Novamente imobilizado, o jovem esperou cerca de meio minuto, quando o caderno desceu até sua mão, trazendo uma mensagem em caracteres desconhecidos. Então ouviu a voz do tripulante que lhe dizia: "- Um homem da Terra deverá decifrá-la quando isto for conseguido saberemos o que fazer." Disse, agradeceu e partiu.

CIPEX e GENA



nº 25 - A mensagem deixada pelo ufonauta.

Nas declarações à SBEDV, Luís Henrique acrescentou que os seres que viu usavam um capacete "embaçado", roupas com aparência de plástico que cobriam também o pescoço e os pés e luvas transparentes, como se fossem de vidro.

Episódio nº 26

CASO MÁRIO RESTIER

OBS. CASO DE
"DILATAÇÃO DO TEMPO"

Pesquisa: SBEDV

Publicação: Ref. nº 62

Às 17 horas do dia 4 de dezembro de 1949, Mário Restier, que morava na cidade de Barra Mansa, regressava do sítio de seu pai, em Volta Redonda, quando notou, ainda perto do sítio, um objeto discoidal sobrevoando silenciosamente um grupo de árvores, aterrissando em seguida a 10 ou 15 metros da estrada. Surpreso, assustou-se mais ainda quando viu uma voz que lhe dizia: "Não tenha medo... Quer saber do que se trata? Sabemos que você acredita em nós".

À sua aproximação, abriu-se uma portinhola no aparelho e apareceram dois tripulantes, de estatura aproximadamente igual à sua, pouco mais de 1,65 mts., os quais acenaram-lhe amistosamente, como que convidando-o a entrar. Usavam uma espécie de saíote romano e tinham a cabeça coberta por um gorro ou capacete.

A primeira pergunta que Mário lhes fez foi se acreditavam em Deus, ao que responderam imediatamente: "- Deus é um só."

Mais encorajado, o jovem entrou no Disco, sendo conduzido por um corredor a uma sala com painéis cheios de ecrãs, quadros e botões. Comprimindo-se alguns destes botões, apareciam nos quadros luzes mínimas e fosforescentes esquemas que explicavam a locomoção da nave no espaço. Convidaram-no para uma viagem. Restier respondeu que aceitaria se eles promettessem trazê-lo de volta são e salvo. Assim convencidos, deitaram-no, vestido como estava, dentro de uma espécie de urna ou banheira, cheia de um

líquido que, como lhe foi explicado, servia para eliminar as inconveniências de grandes acelerações e também para alimentar o corpo. Apenas os olhos e nariz ficaram fora do líquido.

EM OUTRO MUNDO

Ao ouvir os tripulantes dizerem que iam decolar, sentiu que adormecia rapidamente. Quando acordou, disseram-lhe que já estavam chegando. Foi ti-



nº 26 - O Sr. Mário Restier e filha

rado da urna e levado a um compartimento anexo, onde sua roupa encharcada e seu corpo molhado secaram imediatamente, como por encanto. Deram-lhe para vestir uma roupa igual à que usavam, muito confortável, e calçados também idênticos.

Olhando por uma das vigias, percebeu que chegavam a uma espécie de espaço-porto, de onde subiam e desciam naves idênticas à que o trouxera. Ao voltar-se para seus companheiros de viagem assustou-se vendo-os sentados num sofá, com a cabeça e troncos inclinados para a frente, sem qualquer movimento, completamente apagados, como se fossem dois bonecos.

Nesse momento abriu-se a portinhola e algumas pessoas, amáveis e sorridentes, cumprimentaram-no, expressando-se em Português frases como estas: - "Estamos contentes com a sua vinda ... É o teu ceiro ... Estamos ao seu dispor!" Eram todos altos, chegando alguns a 2 metros de altura e irradiando saúde, bom humor, felicidade.

Levaram-no a visitar algumas fábricas e estabelecimentos diversos. Andou, a pé, nas ruas, mas durante o passeio viu gente andando também no ar, a uns 10 metros de altura. Veículos deslizavam em estradas suspensas. Entrou num edifício onde havia uma sala reservada ao nosso planeta Terra. Era uma espécie de museu. Acionaram uns botões, projetando num ecrã imagens referentes aos terrestres, nossa índole, nossos sentimentos de ambição e violência, nosso grau de evolução. Disseram-lhe que, bilhões de anos, a órbita da Terra passava perto do seu planeta. Com a aproximação de um enorme

corpo celeste, foi a Terra removida para outro sistema. Informaram também que o mundo deles estava perto da constelação de Orion (nome com que a conhecemos) e que astrônomos russos já o haviam localizado.

A cidade era toda coberta por gigantescas cúpulas transparentes, através das quais se via um céu azul. Não viu Sol, mas havia uma iluminação difusa que parecia natural. Os alimentos não deixavam resíduos. A média de vida das pessoas ali era de 300 anos terrestres.

REGRESSO

Após um tempo que lhe pareceu ser de 6 a 8 horas, desejou regressar à Terra e, como se adivinhassem seu pensamento, seus 6 cicerones disseram-lhe: "Sabemos que o senhor está com vontade de voltar ao seu planeta." Levaram-no a uma nave idêntica à que o transportara e o processo foi o mesmo: mergulhou na banheira, dormiu, acordou, secaram-lhe a roupa espacial. Depois vestiram-no com sua primitiva indumentária, aterrizaram e deixaram-no próximo ao local de onde o haviam apanhado.

Chegando ao sítio de seu pai, este recebeu-o por desaparecer durante tanto tempo sem dar notícias, preocupando seus familiares. Foi então que Mário Restier constatou que aquele era o dia 14 de abril de 1950. Esteve afastado da Terra 4 meses, mas, pelos seus cálculos, foram três dias, no máximo!

Episódio nº 27

CASO MAURÍCIO RAMOS

CIPEX e GENA

Maurício Ramos Bessa estava hospedado na casa de um colono da Fazenda Guaraná, a légua e meia de Santana dos Montes, Estado de Minas Gerais. No dia 12 de janeiro de 1953 foi ao lugarejo fazer umas compras e, na volta, depois de andar meia légua, tomou um atalho para a fazenda. Ao passar por um estábulo, perto de uma plantação de eucaliptos, viu um objeto luminoso que o deixou surpreso. Mas continuou andando e, em virtude dos acidentes do terreno, perdeu-o de vista. Meia hora depois, tornou a ver a "coisa", agora a 6 metros de distância. Aproximou-se temeroso e parou a 2 metros do aparelho, observando-o. Era um veículo menor que um Volks, de brilho metálico, achatado em baixo e ovalado em cima.

Estava estacionado a 1,30m do chão.

De repente, apareceu um vão quadrado e uma porta deslisou para cima. Pela abertura puleram ao chão duas pessoas. Um terceiro tripulante ficou dentro do aparelho, imóvel, olhando para fora. Eram de baixa estatura. Teriam 1,30m ou, no máximo, 1,40 de altura. O traje que usavam parecia inerte e era cor de chumbo, brilhante como metal. Cobria também a cabeça, apresentando apenas um bu-

Pesquisa: SBEDV
Publicação: Ref. nº 58

raco à altura do rosto. Traziam uma bola brilhante na ponta dos pés, em cima dos sapatos. Na altura do peito um retângulo brilhante. A cabeça parecia mais achatada em relação à nossa.

Um deles tinha na mão um cilindro de uns 12 a 14 centímetros de comprimento por 3 ou 4 de largura, que fincou no chão, retirando-o em seguida. Então aquele instrumento encurtou-se e arredondou-se, até caber todo na mão do homem que o segurava.

Antes, quando se aproximara da nave, Maurício começou a sentir dor de cabeça, que foi aumentando ... aumentando ... tornando-se quase insuportável. Por último, a dor estava tão forte que ele não pôde ver a porta fechar-se e o disco partir. A última cena que conseguiu distinguir, já com dificuldade, foi os dois tripulantes recuarem até a nave e entrarem mansamente. Quando cessou a pressão na cabeça, o que se deu repentinamente, nada mais havia. Foi ver então o buraco que o instrumento fez no solo. Tinha uma profundidade de 5 centímetros com uma abertura circular de apenas 3 centímetros de diâmetro. Não havia pegadas dos homenzinhos na terra seca.

TRIPULANTES PEDEM CARONA

CIPEX e GENA

Pesquisa: SBEDV

Publicação: Ref. nº 90

Eles eram quatro: Jaime, Luís, Walter e Osmar. Todos estudavam no Colégio São João, em Águaí. Na noite de 19 de novembro de 1968, viajaram juntos num Volks, em direção à cidade de Pirassununga, no Estado de São Paulo, quando, cerca das 23 horas, ao entrarem numa reta de 5 quilômetros, divisaram ao longe, na outra extremidade, um foco de luz. Pensaram ser um carro trafegando em sentido contrário. Mas a luz demorou em demasia para se aproximar e parecia estar no ar, a uns 40 metros de altura e a igual distância do carro.

" - É um disco voador! Olhem ... lá vem vindo dele! - disse Luís, que estava no volante".

Prosseguiram. Chegando ao fim de uma descida na rodovia e no início de uma subida, Luís parou o carro e, com os faróis dirigidos para cima, em virtude da elevação da estrada, apagou e acendeu repetidamente as luzes. Estes sinais foram inteligentemente respondidos, porquanto aquele foco de luz repetiu os sinais o mesmo número de vezes, embora em cadência mais lenta.

A ocorrência gerou certo nervosismo no homem que estava dirigindo e que, por isso, passou o volante a Osmar que, tomando posição, consultou os companheiros:

" - Sigo em frente, ou volto?"

" - Vamos para a frente" - retrucou Jaime.

Pouco depois, passavam pelo ponto da estrada sobre o qual deveria ter estado a "luz" momentos antes. Então, observaram, a uns 80 metros à direita da estrada, um foco luminoso de 1 metro de diâmetro, mais ou menos, de tonalidade azulada, que clareava a mata próxima.

PEDE CARONA

Dos quatro, Luís era o mais nervoso e pedia repetidamente para o companheiro acelerar o carro.

" - O carro não dá mais ... não dá mais .." - explicava Osmar, que já havia passado da terceira marcha para a segunda e estava com o pé na tábua.

Assim, com alguns rezando e todos assustados, passaram lentamente em frente ao objeto, mais ou menos a um quilômetro da fazenda de Fernando Costa, que se localiza em pequena depressão do terreno, à esquerda da rodovia. Logo depois, o automóvel começou a desenvolver velocidade, funcionando normalmente.

Então surgiu à frente do fusca um redemoinho que tomava quase toda a largura da estrada. Isso fez o motorista reduzir a marcha e desviar o carro para a margem esquerda. Mas, o que viu em seguida, o levou a frear mais ainda a viatura, desviando-a o mais possível: No meio da estrada, estava um homem em pé, olhando para o carro, com o braço direito estendido, tendo a palma da mão voltada para baixo.

Com a guinada para a esquerda e a frenagem rápida, o veículo passou pelo homem raspando, porém sem atropelá-lo. Mas, logo adiante, postados em fila na margem direita da estrada, estavam três outros homens, olhando para o carro. Eram indivíduos altos, com feições normais em relação ao padrão humano terrestre, todos usando roupa azul clara, uma espécie de macacão. Não falaram nem fizeram qualquer movimento. Mais calmo, Jaime abaixou o vidro da porta, observando que não estava ventando ...

PORMENORES

Isto foi o que os personagens do caso, em conjunto, declararam ao pesquisador da SBEDV, de pois, depondo em separado, Luís acrescentou outros pormenores. Disse ele que, primeiro, a luz, se aproximou rapidamente ao encontro do "fusca", depois ficou parada e alta, em um ângulo de 60 e 80 graus em relação ao Volks, e a uns 100 metros de altura, numa distância de 30 a 40 metros. Com os movimentos e subida e descida do foco luminoso, perceberam que não era nenhum carro, já que a estrada nesse ponto só tinha uma inclinação muito suave. Então, o motor do veículo parou e todos os quatro chamaram que não poderiam sair do automóvel, porque sentiam o corpo "amolecido".

Ficaram assim, de 5 a 10 minutos, quando a luz passou por trás do carro, em vôo rasante, clareando toda a estrada. Seguindo em frente, a luz ficou a uma distância de aproximadamente 1 quilômetro e apresentava o tamanho aparente de uma roda de Volks, quando se apagou. Foi, então que Luís, muito nervoso, trocou de lugar com Osmar, que passou para o volante. O motor entrou de novo em funcionamento, mas o carro não desenvolveu a velocidade normal. Depois que passaram pelos quatro homens, Luís sugeriu:

" - Vamos parar, para que eles também vejam o disco voador."

Mas seus companheiros ainda estavam amedrontados e preferiram seguir o mais depressa possível para Pirassununga.

3 - SUBGRUPO "P-F": 3 CASOS DE PÂNICO E FUGA

Episódio nº 29 - "LUTA LIVRE EM BAURU" ...

Episódio nº 30 - "O CASO DE TURÍBIO PEREIRA" ...

Episódio nº 31 - "O CASO DE CANHOTINHO" ...

CIPEX e GENA

Episódio nº 29

LUTA LIVRE EM BAURU

Pesquisa: SBEDV

Publicação: Ref. nº 68

Em entrevista concedida à SBEDV no dia 15 de dezembro de 1968, o Sr. Daildo de Oliveira, funcionário da Companhia Elétrica do Estado de São Paulo, subestação de Baurú, relatou pormenorizadamente a aventura que teve com três tripulantes de um disco voador na madrugada de 23 de julho do mesmo ano.

Estava trabalhando na empresa apenas há 15 dias. Seu horário era das 19 horas às 7 da manhã. À 1 hora dessa madrugada, depois de "picotar o relógio de controle" no escritório técnico, deu uma volta ao redor da oficina e lá pendurou o mesmo, como de praxe. Nesse momento, notou, a uns 70 metros do barranco, atrás do escritório, um vulto de homem, iluminado pelas lâmpadas da vizinhança. Aproximou-se para observar melhor sem ser visto e pensou na maneira mais fácil de interceptar aquele indivíduo. Nesse interim, ouviu um ligeiro ruído que vinha do lado do escritório. Olhando para aquela direção, viu outro homem em uma das janelas, ao lado da porta. Reparou que ele vestia calças e camisa de mangas compridas, ambas escuras.

Raciocinando rápido, entrou na oficina e mudou-se de um conduíte de pouco mais de meio metro. Evitando fazer qualquer ruído, acercou-se do estranho, que lhe pareceu estar olhando pela vidraça o interior do escritório, e vibrou-lhe, com o conduíte, dois violentos golpes, os quais, apesar de lançados com força e destreza, foram desviados, com movimentos rápidos, pelo homem, indo atingir a madeira do lado, que ficou marcada pelo azorrague. É que o indivíduo só aparentemente estava de costas, mas realmente de frente com a cabeça e rosto todo encapuçado, agarrou-se ao vigia, pronunciando uns "grunhidos", e ambos estraram numa lata corpo-a-corpo, rolando pelo chão.

TRÊS CONTRA UM

Então, por uma das janelas do escritório saiu outro camarada, igualmente vestido, acorrendo em auxílio ao companheiro. Os dois procuraram imobilizá-lo, mas Daildo, rapaz novo e forte, continuou lutando. Daí a pouco, chegou um terceiro homem, talvez aquele que ele vira no barranco. Este não usava capacete e, ao contrário dos outros, trajava roupa clara. Tinha um rosto de pele alva, cabelos arruivados, cortados e de consistência mais dura ao toque, conforme pode observar durante a luta, que prosseguiu violenta. O terceiro homem pegou Daildo pelos pés, arrancou-lhe os sapatos, depois tirou-lhe a capa de frio e a camisa, da qual saltaram os botões, e, por último, deu-lhe um "tranco" na perna esquerda. Finalmente, levantaram-no

ao ar e o socaram no chão, pelas costas, umas cinco ou seis vezes, quebrando-lhe a resistência.

Então, eles o puseram de pé e o homem branco deu-lhe umas pancadinhas amistosas nas costas, enquanto pronunciavam algumas palavras que o vigia não entendeu, mas cujo significado lhe pareceu ser: "vá para lá, seu vadio, que aqui voltamos no término." Os outros dois, que antes haviam dado os grunhidos, ficaram silenciosos.

Daildo afastou-se, cautelosamente, em direção à escada, olhando sempre para trás, pensando em chamar Antônio, o outro vigia, que devia estar no escritório administrativo. Ouvindo, entretanto, um barulho como o bater de uma porta de automóvel, olhou e viu o vulto de um objeto com a forma de um furgão Volks, tendo, porém, uma base de uns 10 metros, mais ou menos. Aquilo elevou-se no ar, emitindo estranho ruído, acompanhado de uma "pressão de ar". Voou até um transformador de baixa tensão, de onde recuou, subiu um pouco para passar por cima da rede de alta tensão, em novo zig-zag, partindo depois rumo à cidade vizinha, Lins. Somente então foi que Daildo pensou tratar-se de um disco voador e seus tripulantes.



Nr. 29 - O engenheiro do escritório, apontando sinais dos ufonautas

VESTÍGIOS

Os dois vigias, a seguir, inspecionaram o local da luta, verificando que o cascalho estava revirado e espalhado pela grama. Encontraram a camisa, os botões que lhe foram arrancados, a capa de inverno e uma lanterna caída do bolso da calça de Daildo e que não fora usada por estar com as pilhas esgotadas. Os sapatos foram encontrados a 20 metros do local. Duas janelas do escritório estavam abertas.

Episódio nº 30

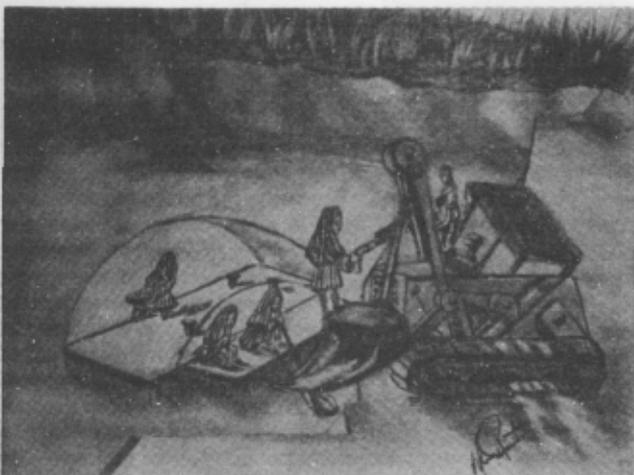
O CASO DE TURÍBIO PEREIRA

CIPEX e GENA

Pesquisa: SBEDV; Guilherme Wirz
Publicação: Ref. nº 67

No dia 2 de outubro de 1968, Turíbio Pereira, motorista da Prefeitura de Lins, Estado de São Paulo, saiu de casa bem cedo para continuar seu trabalho de rebaixamento de um barranco que ficava na continuação da Avenida da Saudade, a 500 metros das últimas casas do bairro de São João, onde morava. Às 6 h 20 m, chegando silenciosamente ao local onde estava a máquina, com uma ponta encostada no barranco alto, subiu na esteira direita, de tração; inclinou-se um pouco para a frente, puxando a vareta de óleo do diferencial, para seu controle.

Foi, então, que viu um pequeno e estranho homem, de 1,50m de altura, examinando o motor da máquina. Ele estava de cócoras na plataforma de um objeto do tamanho de um Karman-Ghia, entre o barranco e a máquina de Turíbio, fora do ângulo de visão de quem viesse pela estrada. Sentado na mesma plataforma, mais ao lado, encontravam-se dois outros indivíduos idênticos ao primeiro. Usavam uma espécie de túnica azul, radiante, de mangas compridas e que cobria a cabeça, braços e bustos. Uma outra túnica, de um vermelho brilhante "como jamais tinha visto", cobria o tronco até a altura dos joelhos. Suas dobras caíam naturalmente, enquanto que as da túnica azul ondulavam e se movimentavam, embora não houvesse vento.



nr. 30 - Reconstituição: desenho de W. Romito

Nos pés usavam sandálias amarradas por cordões que subiam até os joelhos. A parte visível do rosto mostrava feições finas. Todos eles tinham a mesma aparência ...

Pela manhã, quando os engenheiros chegaram, foi constatado que nada faltava no escritório, mas havia sinais estranhos de mãos em um dos arquivos. O fato foi levado ao conhecimento do delegado de Polícia, Dr. Oswaldo Sena, e dois dias depois as autoridades militares de Baurú inteiraram-se da ocorrência e examinaram o local. O Sr. Daildo de Oliveira foi entrevistado por elementos da Aeronáutica, pelo Repórter ESSO da TV Canal 4, de São Paulo, e por vários jornais do país.

" — Eram mais parecidos uns com os outros do que as minhas duas filhas gêmeas" — completou Turíbio.

IMOBILIZADO

Um dos homenzinhos apontou para o motorista uma arma pequena, de cano grosso e cabo em ângulo reto, e disparou um raio de luz, que o atingiu no peito, immobilizando-o. Esse raio tinha um movimento contínuo de ida e volta, ora aumentando até o máximo, ora diminuindo até o completo desaparecimento.

Embora paralisado, estava consciente, observando tudo o que se passava à sua frente. Através a cobertura transparente do veículo, notou uma quarta pessoa, num dos 4 banquinhos sem encosto dentro da nave. Estava sentado em frente a uma "caixa xinha", na qual tamborilava com os dedos de ambas as mãos, sempre com os olhos fitos no motorista, durante todo o tempo, cerca de um minuto e meio.

Um dos que estavam na plataforma recolheu terra do barranco, por meio de uma conchinha cor de alumínio. Seus movimentos eram serenos, sem nenhuma pressa, como filme em câmara lenta. Terminada essa operação, os dois que estavam sentados se levantaram e entraram no disco voador. O outro in-



Nº 30- Turíbio aponta o local de aparecimento do DV.

terrompeu a ação da arma e também se recolheu ao a parêlho. Então, a plataforma dobrou-se para cima até encostar-se no casco, deixando ver o bojo, na parte inferior. O objeto, que flutuava a uns 5 centímetros do chão, elevou-se no ar, desaparecendo em alta velocidade.

CONSEQUÊNCIAS

Um pouco aliviado da terrível pressão no peito, quase insuportável, provocada pelo raio de luz, Turíbio desceu com dificuldade e saiu em busca de auxílio, mas não podia correr, no estado de fraqueza em que se encontrava. Daí a pouco, passou o "caminhão do Ismael", que o levou até a Prefeitura, onde todos que o viram estranharam sua "palidez de defunto" e suas fundas olheiras.

Relatando o caso ao seu chefe, este o mandou de volta ao trabalho. Na volta, passou por sua ca

sa, "onde entrou chorando", segundo declarou sua esposa.

Meia hora depois, o Prefeito da cidade levou-lhe, no local, calmantes e leite, animando-o a assumir o trabalho para "ajudar a esquecer a ocorrência". À tarde, às 14 horas, "por ordem do Delegado de Polícia e a pedido da Aeronáutica", foi levado para uma fazenda, onde permaneceu, isolado do público, durante três dias. Tomava calmantes para os nervos e soníferos para poder conciliar o sono.

Nos 18 dias que se seguiram ao episódio, Turíbio emagreceu muito, perdendo 13 quilos, o que ele atribue à falta de apetite. 11 semanas depois, quando entrevistado pela SBEDV, já havia recuperado 5 kg, mas ainda sentia "formigamento" na parte posterior do flanco esquerdo. Por último, declarou que, desde então, tem "um certo receio de relâmpagos", que o enervam tremendamente.

Episódio nº 31

CIPEX e GENA

O CASO DE CANHOTINHO

Pesquisa: SBEDV; Rubens de Couto Soares; Enoch Burgos.

Publicação: Ref. nº 50, 223 e 268

JOSÉ CAMILO FILHO, um alagoano forte e corpulento, mora em Canhotinho, no Estado de Pernambuco, e trabalha na oficina mecânica da cidade, a "MECÂNICA CENTRAL". Tendo ficado surdo aos 19 anos de idade, José Camilo não escuta, mas conversa, lendo nos lábios das pessoas que lhe falam.



Nº 31 - José Camilo Filho em seu local de trabalho.

Em 1965, numa tarde quente do mês de outubro, já então com 57 anos, ele atravessava a pé um "cerrado" que fica perto do cemitério, em direção à sua casa, quando, numa curva do caminho, deu de cara com dois homenzinhos, de uns 80 ou 90 centímetros de altura, sentados ao lado de um tubo de mais ou menos 1,20m de altura, apoiado no chão em

uma das extremidades.

Quando viram aquele homenzarrão que seguia em sua direção, os pigmeus se levantaram de um pulo, com os olhos arregalados e, movimentando-se rapidamente, de maneira desordenada, colidiram um contra o outro. Um deles, o que parecia mais idoso, pegou o cilindro com incrível facilidade, o que fez supor que o tubo era oco e estava vazio. O outro homenzinho, que havia dado um pulo de metro e meio para trás, apontou para o mecânico um canudo, de uns 50 centímetros de comprimento, que momentos antes trazia entre seu corpo e o braço esquerdo.

Entretanto, Camilo, receando a ameaça do pequenino, correu à frente, passou por eles, parando bem mais adiante. Depois, refletiu e resolveu retroceder para observar melhor aquela gente miuda. Mas não encontrou ninguém, não viu mais nada ... "Talvez, pensou, eles se tenham embrenhado na vegetação espessa circundante ..."

Em entrevista ao pesquisador da SBEDV, José Camilo Filho esclareceu que os "pequenos" tinham a forma humana, embora apresentassem a cabeça e os olhos maiores, grandes de mais em relação ao tamanho do corpo. Tinham cabelos brancos, mas um deles usava boné com pala na frente. A fisionomia era semelhante à de japonês, com as faces queimadas e enrugadas, como se fossem velhos. Um deles parecia ter uma barba tênue. Contrastando com o rosto queimado, as mãozinhas eram muito brancas. O que parecia mais idoso usava camisa de cor azulada, calças verde-oliva, brilhante, e uma espécie de sapatos tênis, separados das calças. Na altura do peito, uma faixa multicolorida, de ombro a ombro, e que brilhava como a luz de um arco voltaico, tão forte que quase não podia ser fitada! Os pés e braços eram muito pequenos.

A pesquisa da SBEDV constatou que, naquela tarde, à mesma hora, o Sr. Oscar Passos, na Fazenda da Camboim, a 6 quilômetros ao Norte, e a Sr. Lindinalva, na cidade, haviam visto um objeto cruzar o céu de Canhotinho.

4 - SUBGRUPO "A-F" 9 CASOS DE APROXIMAÇÃO FORÇADA

- Episódio n° 32 - "CASO VILLAS BOAS" ...
 Episódio n° 33 - "CASO DE BEBEDOURO" ...
 Episódio n° 34 - "CASO BERLET" ...
 Episódio n° 35 - "TRIPULANTES ATACAM EM PIRASSUNUNGA" ...
 Episódio n° 36 - "O CASO DA VILA OPERÁRIO" ...
 Episódio n° 37 - "O CASO DA BALEIA" ...
 Episódio n° 38 - "RAPTO EM SARANDI" ...
 Episódio n° 39 - "CASO BENEDITO MIRANDA" ...
 Episódio n° 40 - "O CASO PAULO CAETANO" ...

Episódio n° 32

CASO VILLAS BOAS

CIPEX e GENA

Pesquisa: Drs. O. Fontes e J. Martins; SBEDV
 Publicação: Ref. n° 32, 107, 109, 133, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 142, 150, - 159, 250, 263, 269, 270, 271, - 286, 287, 301, 302, 303.

Um dos casos mais importantes de contato com seres extra-terrestres é, sem dúvida, o que ocorreu na madrugada de 15 para 16 de outubro de 1957, na Fazenda dos Villas Boas, localizada em São Francisco de Sales, Minas Gerais, próximo à fronteira com São Paulo.

Antônio Villas Boas, 23 anos, branco, filho do proprietário da fazenda, estava arando o campo à noite, no trator à gasolina, quando, por volta de 1 hora da madrugada, olhando o céu, viu uma grande estrela vermelha descendo e aumentando de volume.

Em poucos segundos, constatou que aquilo era um objeto de grandes dimensões, fortemente luminoso, que vinha na sua direção, em tremenda velocidade, parando bem em cima de sua cabeça, a uns 50 metros de altura, iluminando o trator e o chão em volta como se fosse dia, com uma luz vermelho-clara tão forte que superava a luz dos faróis da sua máquina. Depois desceu mais lentamente, libertando o trem de aterrissagem, que consistia em três hastas metálicas, formando um tripé muito resistente, porque tocou o solo e sustentou o peso daquele enorme aparelho a alguns metros de altura.

A NAVE

O objeto tinha a forma oval, alongada, com 15 ou 20 metros de comprimento por uns 3 ou 4 de altura. A parte de trás era mais bojuda. Na frente, havia três hastas de aparência metálica, solidamente encravadas, sendo uma no bico afunilado da nave e uma de cada lado, como se fossem três espóreas, bem grossos na base e afinando nas pontas. Destas extremidades saía uma ligeira fosforescência avermelhada, "como se as pontas estivessem em brasa". Na base de implantação de cada haste, um pouco mais acima, estavam embutidas lâmpadas avermelhadas. As laterais eram menores do que a da frente, que parecia um grande farol. Inúmeras lâmpadas quadradas, embutidas, contornavam o bojo do aparelho, pouco acima de uma plataforma, sobre a qual lançavam uma luminescência arroxeada. Essa plataforma, em toda volta do objeto, terminava na frente, junto a um vidro largo e grosso, meio saliente, alongado para os lados, solidamente embutido no metal.

" - Como não havia janelas em parte alguma, esse vidro talvez servisse para se olhar o exterior, embora parecesse muito embaçado quando visto de fora".

Na parte superior, havia uma cúpula giratória, de 9 ou 10 metros de diâmetro, em constante movimento de rotação, e emitindo uma forte luminosidade avermelhada, que, de acordo com a aceleração, mudava de cor.

RAPTADO PELOS TRIPULANTES

Quando a nave aterrisou, Villas Boas, apavorado, movimentou o trator, tentando abrir caminho para fugir. Mas só conseguiu rodar alguns metros, pois o motor parou repentinamente e as luzes dos faróis se apagaram sozinhas, misteriosamente. Em pânico, abriu a porta, saltou para o chão e correu mas foi agarrado pelo braço por um homenzinho. Desesperado, Antônio girou o corpo com violência e deu um empurrão forte no indivíduo, que caiu de costas. Então, mais três pequeninos atacaram-no ao mesmo tempo, pelos lados e pelas costas, arrastando-o para onde estava o aparelho. O jovem gritou por socorro e esbravejou, sem resultado. Cada vez que dizia um palavrão, os homenzinhos paravam surpresos e o olhavam, "como se quizessem dizer que eles eram educados ...", mas não o soltavam.

Por uma escada metálica, flexível, içaram-no para o interior da nave. Soltaram-no lá dentro, numa saleta feéricamente iluminada. Depois levantaram-no a uma ampla sala, de forma oval, com as paredes prateadas, como de metal polido, intensamente "iluminada por uma infinidade de pequenas lâmpadas quadradinhas, embutidas no metal do teto". A luz era branca, fluorescente.

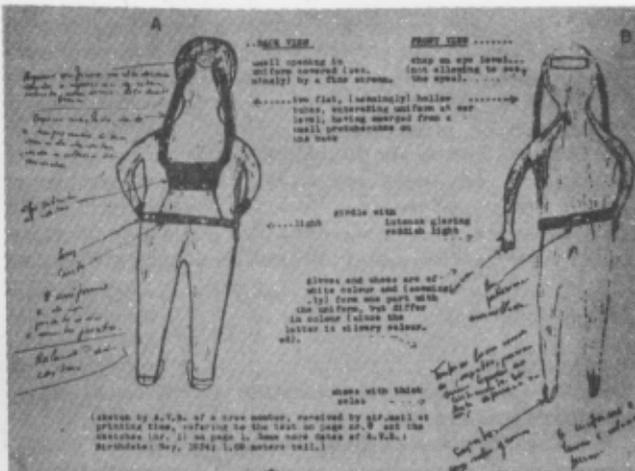
Havia uma coluna metálica, roliça, bem no centro do compartimento. Ao lado, uma mesa esquiada, rodeada de cadeiras giratórias, sem encosto, tudo do mesmo metal branco e polido.

OS TRIPULANTES

Eram de pequena estatura, 1,50m, no máximo, e em número de cinco. Usavam uma espécie de maca

cão justo e aderente ao corpo, feito de tecido grosso, porém macio, de cor cinzenta, com listras pretas aqui e ali. Essa roupa ia até o pescoço, onde se unia a um capacete feito de material mais duro, da mesma cor, reforçado atrás e na frente por lâminas de metal fino, uma delas triangular, à altura do nariz, só deixando ver os olhos, claros, por trás de dois vidros redondos, como lentes de óculos. Da parte de cima do capacete saíam 3 tubos redondos e prateados, um pouco mais finos do que uma mangueira de jardim, e se embutiam na roupa, um no meio das costas, os outros dois, um de cada lado, se fixavam por baixo das axilas. Não havia nenhuma saliência que indicasse estarem os tubos ligados a alguma caixa por baixo da roupa.

CIPEX e GENA



Nº 32 - Ufonauta visto de frente e de costas
(desenho de A. V. B.)

As mangas do macacão eram compridas e justas, indo até os punhos, onde se continuavam por luvas grossas, da mesma cor, com cinco dedos. Também não havia separação entre as calças e os sapatos, que pareciam ser uma continuação das vestes, mas apresentavam solas grossas, com dois ou três dedos de largura, e arqueadas para cima, na frente.

Todos os tripulantes traziam, à altura do peito, uma espécie de escudo vermelho, "do tamanho de uma rodela de abacaxi", que, de vez em quando, apresentava reflexos luminosos. Desse escudo, descia uma tira de tecido prateado, ou de metal laminado, que se unia a um cinto largo e justo, sem fivela ou presilhas.

EXAMINADO E APROVADO

" - Durante intermináveis minutos, permaneci de pé naquela sala, seguro pelos braços por dois dos pequenos seres, enquanto aquela gente estranha me observava e conversava a meu respeito ... Digo "conversar" como maneira de dizer, pois, na verdade, o que eu ouvia não tinha nenhuma semelhança com voz de gente: eram ganidos, ligeiramente parecidos com uivos de cães ..."

Quando os "ganidos" terminarem, todos os cinco agarraram o jovem e começaram a despí-lo à força, porque ele resistia, lutava, protestando e xingando em altos brados. Completamente nu, Antônio Villas Boas ficou novamente angustiado, sem saber o que lhe iria acontecer.

Um dos homens, então, se aproximou com uma coisa na mão, que parecia uma esponja molhada, e começou a passar um líquido na sua pele. Era claro como água, porém bem grosso e sem cheiro. Não era óleo, pois a pele não ficou engordurada nem oleosa. Depois que o indivíduo passou aquilo em todo

o seu corpo, outros dois "camaradinhas" o levaram a um novo compartimento, bem menor. Ali, dois pequeninos entraram, segurando dois tubos e um recipiente em forma de cálice. Colocaram a extremidade de um dos tubos no cálice e a outra ponta, que tinha um "biquinho semelhante a ventosa", foi aplicada na dor ou picada, de um lado. Não sentiu nenhuma dor ou picada na hora, apenas a sensação de que sua pele estava sendo sugada. Mas viu seu sangue escorrer e entrar no cálice, enchendo-o até a metade. Ai, o tubo foi retirado e substituído pelo que ainda não fora usado, mas colocaram esse do outro lado do queixo, de onde foi coletado mais sangue, até encher o cálice. Depois da operação, a pele ficou ardendo e coçando no lugar da sangria.

Os homens saíram e o jovem ficou sozinho ali mais de meia hora, sentado no único móvel que havia na sala: uma espécie de divan muito macio. Foi então, que sentiu um cheiro estranho e começou a ficar enjoado.

" - Era como se estivesse respirando uma fumaça grossa que abafasse a minha respiração, dando a impressão de um cheiro de pano pintado que estivesse sendo queimado" ...

Examinando as paredes, viu uns furinhos, por onde saía uma "fumacinha" cinzenta que se dissolvia no ar. O enjôo foi aumentando ... até que, não resistindo, correu para um canto da sala e vomitou muito. Depois disso, a dificuldade de respirar passou, mas ele continuou um pouco enjoado com o cheiro da "fumacinha".

EXPERIÊNCIA BIOLÓGICA

Após prolongado intervalo, abriu-se uma porta e entrou na sala uma mulher toda nua e descalça. Não usava capacete como os outros tripulantes. Era muito bonita, embora de um tipo diferente. Tinha cabelos alourados quasi brancos, lisos, não muito compridos, com as pontas anarcoladas acima dos ombros e repartidos no meio da cabeça; olhos azuis, grandes e rasgados. O nariz era reto, sem ser pontudo, nem arrebicado, nem grande demais, rosto de forma triangular, lábios muito finos e orlas pequenas.

" - O corpo era muito mais bonito do que os de todas as mulheres que conheci!

Ela era baixa, magra, com seios empinados e bem separados, cintura fina, barriga pequena, quadris mais desenvolvidos e coxas grossas; pés pequenos, mãos compridas e finas. Os dedos e as unhas eram normais. A pele bem branca e cheia de sardas nos braços. Não tinha nenhum cheiro, apenas "cheiro de mulher".

A porta se fechou sozinha logo que a dama entrou e, então, ela se aproximou em silêncio, olhando-o como se desejasse alguma coisa. De repente, abraçou-o, esfregando a cabeça no seu rosto, de um lado para outro, o corpo colado ao dele.

" - Sozinho ali, com aquela mulher me abraçando e dando a entender claramente o que queria, comeci a ficar excitado ... Isso parece incrível, na situação em que me encontrava. Penso que o tal líquido que me esfregaram no corpo foi a causa disso. Só sei que fiquei numa excitação sexual incontável, coisa que nunca me aconteceu antes. Aí bebi esquecendo tudo e agarrei a mulher, correspondendo aos seus carinhos com outros maiores. Fomos terminar no "divan", onde tivemos relações pela primeira vez".

Foi um ato normal e ela se comportava como qualquer mulher. Depois houve um período de carícias comuns, recíprocas, seguido de nova relação

sexual. No fim, ela estava cansada, com a respiração ofegante. Não o beijou nem uma vez sequer.

" - Eu continuava animado, mas ela agora negaciava, procurando fugir, me evitar, acabar com aquilo ... Quando notei isso esfriei também.

Além disso, não podíamos conversar. Ela não entendia o que eu falava e nem eu entendia seus "gafidos".

Villas Boas notou que os pelos que ela tinha nas axilas e no pubis eram bem vermelhos, "quasi cor de sangue".

Pouco depois a porta se abriu. Apareceu um dos homens na soleira e fez um gesto para que a mulher saísse, mas, antes de sair, ela apontou para sua própria barriga, depois para o jovem fazendeiro e, com um sorriso, apontou finalmente para cima, na direção Sul. A seguir, entrou o homem, trazendo suas roupas. Fez sinal para que ele vestisse.

" - Minhas coisas estavam todas nos bolsos, só faltando o isqueiro, marca Homero". Não sei se foi tirado por eles ou se o eu o perderei durante a luta".

ENFIM, LIVRE!

Saíram para a sala grande, onde três tripulantes estavam sentados e "ganindo". Havia sobre a mesa uma caixa quadrada, com tampa de vidro. Parecia um relógio. Villas Boas pensou em levá-lo, para comprovar sua aventura, e apanhou-o sorrateiramente. Um dos homenzinhos levantou-se de um salto, arrancou-o de suas mãos, com raiva, empurrando-o para o lado e voltando a colocar a caixa no mesmo lugar.

Finalmente, levaram-no para fora, mostraram-lhe a parte exterior da nave, que percorreram, andando pela plataforma estreita que a circundava. Então o guia fez-lhe sinal para descer pela escada e se afastar da cosmonave. Já no chão, viu a escada de metal encolher, os degraus se arrumando uns em cima dos outros, "como uma pilha de tábuas".

O aparelho começou a elevar-se lentamente, enquanto as hastes do tripé subiam, embutindo-se a parte inferior na superior, mais grossa, e esta no fundo da cosmonave, fundo esse que ficou liso e polido, sem sinal algum, como se fosse uma só peça. Ao atingir uns 50 metros de altura, o objeto parou por uns instantes, aumentou ainda mais sua luminosidade e o zumbido. A cúpula entrou a girar em velocidade espantosa, passando a luz por várias cores, até ficar de um vermelho vivo, quando a nave, num movimento brusco, mudou de direção e partiu como uma bala, rumo Sul, desaparecendo em poucos momentos.

O lavrador voltou para o trator. Quis ligar o motor e notou que este ainda estava enguiçado. Foi ver se havia algum defeito e constatou que um dos cabos da bateria havia sido desparafusado e tirado do lugar. Seria, então, 5h30m da manhã.

Voltando para casa, não contou a ninguém o que lhe acontecera, pois sabia que não iriam acreditar e "não queria ser alvo de zombaria". Apenas sua mãe tomou conhecimento do assunto. Estava exausto. Deitou-se e dormiu quase o dia todo. Quando despertou, às 16 h 30 m, sentia-se bem. Jantou normalmente. Mas, à noite, não conseguiu dormir. Estava nervoso, muito excitado. Amanheceu o dia inquieto, andando de um lado para outro, fumando sempre. Estava muito cansado, com dores por todo o corpo. Tomou apenas uma xícara de café, sem comer coisa alguma, o que não era seu hábito. Logo

em seguida, entretanto, começou a sentir-se nauseado, com uma forte dor de cabeça, nas têmporas. Não

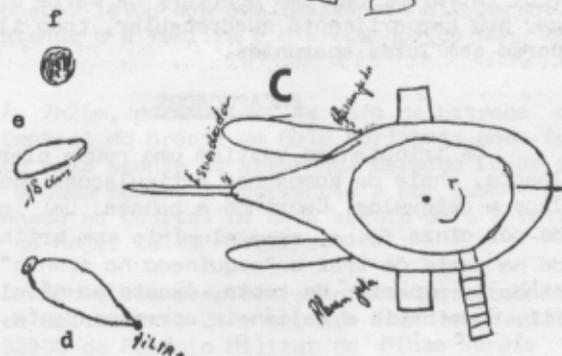
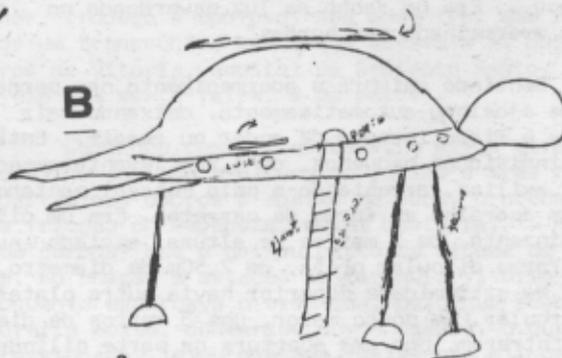
CIPEX e GENA



N.º 26/27
SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS SOBRE DISCOS VOADORES
ABRIL A JULHO DE 1962

SBEDV

Boletim
ED. 1 JUNHO



n.º 32 - "A": Roça e residência de A. V. Boas, desenho de Dr. Maria-Prudente de Aquino. "B": Perfil. "C": Planta baixa do DV (desenho A. V. B.)

conseguiu comer absolutamente nada naquele e no dia seguinte. A segunda noite também passou a em claro. A dor de cabeça desapareceu, porém surgiu uma ardência nos olhos, que se acentuou nos dias que se seguiram, agravando-se à luz do Sol.

Na terceira noite, o sono voltou, para ficar, porque, desde então, durante o período de um mês, foi acometido de sonolência excessiva. Bastava ficar parado por alguns momentos para dormir.

A náusea desapareceu no terceiro dia, quando também o apetite voltou.

Depois apareceram algumas feridas nos antebraços e pernas, começando por um pequeno calombo, "com um olhozinho no centro", coçando muito, levando de 10 a 20 dias para cicatrizar. 15 dias após sua estranha aventura, apareceram-lhe duas manchas amareladas no rosto, aos lados do nariz, desaparecendo ao fim de uns 10 a 20 dias. Não notou qualquer diminuição da libido ou potência.

Na data em que narrou sua aventura ao Dr. Olavo Fontes (22-2-58), que o examinou, ainda apresentava duas pequenas manchas hipercrônicas, uma de cada lado do queixo.

CIPEX e GENA

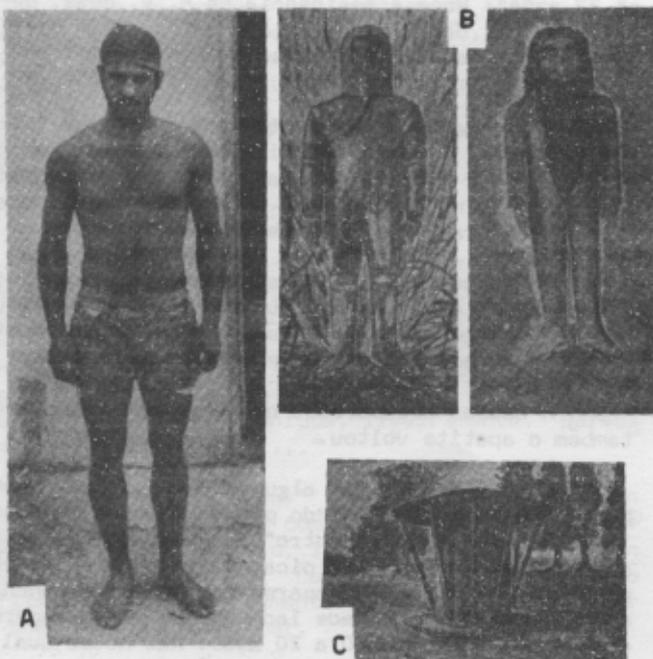
No dia 4 de maio de 1969, o soldado José Antônio da Silva estava pescando numa lagôa que fica no local denominado Bebedouro, Município de Matozinhos, Minas Gerais, quando, por volta das 15 horas ouvindo um ruído no mato às suas costas, olhou e divisou, por entre o capim alto, alguns vultos. Nesse momento, pareceu-lhe escutar "um gemido vindo do fundo do peito" e, imediatamente, foi atingido nas pernas por "uma rajada de fogo".

"-Parecia fogo, mas não era, porque não me queimou... Era um fecho de luz esverdeada no centro e avermelhada nas bordas".

Sentindo calambra e adormecimento nas pernas, ele se ajoelhou automaticamente, deixando cair o caniço e ficou incapaz de andar ou reagir. Então, dois indivíduos pequenos, de 1,20m, levantaram-no pelas axíllas, arrastando-o pelo matagal pantanoso até um aparelho em forma de carretel. Era um cilindro cinzento, de 2 metros de altura, apoiado numa plataforma circular preta, de 2,50m de diâmetro, no solo. Na extremidade superior havia outra plataforma circular, um pouco maior, uns 3 metros de diâmetro. Entraram, por uma abertura na parte cilíndrica, num compartimento quadrangular, todo iluminado porém sem luzes aparentes.

ENCAPUÇADOS

Os tripulantes vestiam uma roupa clara, brilhante, cheia de gomos nas articulações dos joelhos e cotovelos. Cobrindo a cabeça, um capacete de cor cinza fosca, como alumínio sem brilho, redondo na parte de trás e "esquinado na frente", aplastando-se a partir da testa, exceto ao nível do nariz, onde havia a saliência correspondente. Na al-



nr. 33 - A: foto da testemunha; B: Ufonautas com e sem máscara; C: croquis do DV (desenhos "falado" do CICOANI)

Pesquisa: CICOANI; SBEDV.
Publicação: Ref. nº 111, 154.

tura dos olhos dois orifícios redondos. Aparentemente rígida, essa máscara descia larga sobre os ombros e não tinha conexão com o vestuário. Da parte inferior saía um tubo semelhante a plástico que passando sobre o peito e sob as axíllas, terminava num pequeno bujão fixado nas costas.

Era grande o contraste entre os tripulantes e José Antônio, que vestia apenas um calção curto, de camurça amarela, com um grande rosário enrolado na cintura e um gorro de meia de mulher na cabeça, coberto por outro, de malha preta.

Dentro da estranha nave, os homenzinhos sentaram o soldado num banco cúbico, sem pernas, e colocaram na sua cabeça um capacete idêntico aos que usavam. Também desse capuz saía um tubo, mas ele não ficou sabendo se lhe adaptaram o bujão às costas. Pensa que, talvez, este estivesse atrás do banco, mas não percebeu.

Sentando-se cada um de um lado, no mesmo banco, os dois estranhos seres amarraram-lhe os pés e depois a cintura com um material "ressecado, áspero". Depois amarraram-se a si próprios. Então, entrou outro tripulante, sentando-se à sua frente, num banco isolado e, após prender-se acionou uma alavanca e a nave decolou, acelerando-se imediatamente.

NO ESPAÇO

Logo após a decolagem, os tripulantes começaram a falar animadamente, em idioma ininteligível. À medida que o aparelho subia, a respiração do soldado se fazia mais difícil. A certa altura, além do abatimento normal, sentiu o organismo cansado, quase paralisado. Sua posição foi se tornando cada vez mais incômoda "devido, talvez, à dureza do banco, ao adormecimento das pernas e ao peso do capacete", cujas quinas machucavam-lhe os ombros e a nuca. Já lhe parecia que a viagem não teria fim quando a nave apoiou-se em algum lugar e parou. Os homenzinhos se desamarraram e também a ele, mas vedaram-lhe os orifícios da máscara, de maneira que agora, ele só podia escutar. Depois pegaram-no pelas axíllas e o arrastaram até algum lugar, sentando-o num banco sem encosto.

EM OUTRO MUNDO

Só então abriram os orifícios da sua máscara. Através destes, viu que estava num grande salão. A sua frente, olhando-o, um indivíduo sem máscara e sem o uniforme de voo, conversava alegremente com os três tripulantes, que retiraram seus capacetes.

Todos tinham cabelos longos, ondulados e avermelhados; barba espessa e comprida, chegando até o abdômen; pele clara; olhos arredondados, grandes, de cor verde amarelada, com esclerótica mais escura do que a pele; pupilas bem escuras; sobrancelhas grossas, nariz afilado e comprido; orelhas grandes, despontadas a parte superior; boca larga, "parecendo boca de peixe". Seu ângulo de visão era muito pequeno, mas, forçando a posição, viu, ao lado, num estrado, enfileirados, em decúbito dorsal, desnudos, quatro homens. Pareciam mortos. Dois deles eram robustos, sendo um preto e outro claro. Os outros dois eram franzinos e brancos. Acima desse estrado viam-se desenhos coloridos de seres e coisas da Terra: animais, casas, cidade, árvores, mar

automóveis, caminhões, aviões.

Por meio de gestos, desenhos e palavras repetidas, tentaram fazer-se entender. O militar percebeu que eles queriam algumas armas dos terríveis e respondeu negativamente.

Interrompendo a "conversação", entrou um deles, servindo uma bebida amarga, de cor verde escura, que o soldado só tomou depois que viu alguns beberem a droga. Beber foi uma operação muito difícil, porque, para levar o cálice à boca, tiveram de movimentar sua máscara e esta machucava sua nuca, que estava ferida. Mas depois sentiu-se mais bem disposto.

Dentre os aspectos abordados na tentativa de comunicação, José Antônio não tem dúvida de que aqueles indivíduos estavam insistindo para que ele os auxiliasse em seus propósitos relacionados com a nossa sociedade. O líder propoz-lhe levá-lo de volta à Terra, onde durante três anos, ficaria colhendo informações para eles. Mandaria depois buscá-lo para junto deles, a fim de que estudasse ali num período de 7 anos. Finalmente, deixá-lo-iam definitivamente na Terra, como um guia para a sua gente.

Como resposta, José Antônio fez sinal negativo, para indicar sua recusa e, manipulando o rosário, começou a rezar em voz alta, mas o chefe, demonstrando irritação, agarrou o crucifixo, arrancando-o.

O HOMEM DE HÁBITO

Subitamente, enquanto os homenzinhos examinavam o crucifixo e as contas, entrando em um longo debate, o soldado viu surgir à sua frente, como se tivesse vindo do nada, uma figura humana que ali se manteve imóvel, em atitude firme e amigável, olhando-o e falando-lhe em Português muito claro. Concluiu que aquela visão era exclusivamente sua, pois, aparentemente, não era percebida pelos homenzinhos, que continuavam discutindo entre si.

Era um homem de 1,70m, magro, barba e cabelos compridos, alourados. Pele clara e corada; olhos claros. Sua roupa escura descia até os pés descalços, tinha mangas largas, gola revirada e uma espécie de corda, branca e grossa, na cintura, com um nó e duas extremidades pendentes, como hábito de frade.

Aliviado com a presença daquela figura, que

identificou como uma "pessoa boa, um dos nossos", animou-se muito mais com as revelações, de caráter secreto, oriundas daquela visão. Tais revelações ele não poderia transmitir a ninguém antes de receber novas instruções, e isto demoraria uns três a nós.

A VIAGEM DE VOLTA

Da mesma forma que surgiu o indivíduo alto desapareceu e os homenzinhos continuaram sempre mais irritados. O líder falou com os guardas e estes vedaram os orifícios da máscara de José Antônio, preparando-o para a viagem de volta, que ocorreu nas mesmas condições da subida. Foi deixado sobre uma pequena pedreira, ao lado de um córrego. Ali permaneceu cerca de uma hora, num estado de semi-consciência, só melhorando nos primeiros albatres do dia. Estranhando a paisagem, começou a caminhar, trôpego e confuso, até encontrar uma rodovia. Por um transeunte, soube que estava a 32 quilômetros de Vitória, capital de Espírito Santo, e que o dia era sexta-feira, 9 de maio!

Caminhou com dificuldade. A perna direita estava inchada até a altura do joelho e três feridas abertas nos ombros e abaixo da nuca, provocadas pela fricção do capacete, doíam bastante. Aceitou uma "carona" que o deixou perto da cidade de Colatina. Ao chegar à estação da ferrovia Vitória-Minas, enquanto aguardava o trem que, pelo que soube, moraria muito, conversou com o agente, o qual, impressionado, levou-o à sua residência ali perto, apresentando-o à família e oferecendo-lhe um lance.

Às 7h25m, desembarcou na gare da Estrada de Ferro Central do Brasil em Belo Horizonte, onde foi abordado pelo agente de segurança Geraldo Lopes da Silva, a quem contou a ocorrência e por quem foi encaminhado ao Quartel de onde seguiu para a residência do Major Célio Ferreira.

Quando viveu essa estranha aventura, José Antônio da Silva tinha 24 anos, era solteiro, soldado nº 33930 da Polícia Militar de Minas Gerais e ordenança do então Sub-Comandante do Batalhão de Guardas da PMMG, Major Célio Fernandes, e residia na rua Emídio Germano, Vila Pompéia, Belo Horizonte.

O caso foi pesquisado exaustivamente pelo grupo CIOCANI de Belo Horizonte.

EPISÓDIO Nº 34

CASO BERLET

CIPEX e GENA

Pesquisa: SBEDV, Jorge Geisel e Carlos de O. Gomes
Publicação: Ref. nº 245, 253.

No dia 14 de maio de 1958, Artur Berlet tratante da Prefeitura de Sarandi, Rio Grande do Sul, regressava do interior do município, viajando ora a pé ora de carona, quando, às 19 horas, ao passar pela fazenda do Dr. Dionísio Peretti, viu uma luz estranha no mato à beira da estrada a uns 200 metros de onde se encontrava. Curioso, atravessou a cerca de arame para ver o que era aquilo e, chegando a 30 metros do foco, constatou que a claridade opaca provinha de um enorme objeto circular, de uns 30 metros de diâmetro, cuja forma lembrava duas bandejas, viradas uma contra a outra. Receioso, pensou

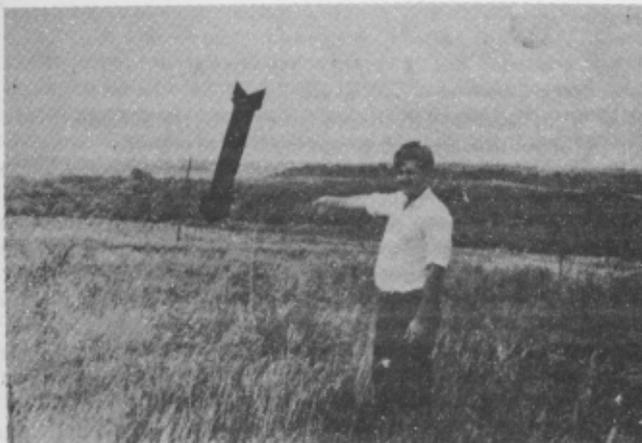
em fugir, mas a curiosidade foi mais forte e ele se aproximou alguns passos.

Subitamente, surgiram alguns vultos e um forte jato de luz atingiu-o, fazendo perder os sentidos.

RAPTADO

Ao recuperar a consciência, encontrava-se atado num leito tipo cama de hospital. Algumas pessoas se movimentavam, aparentemente alheias à sua

presença. Eram altas, mais do que o normal na Terra, claras, cabelos cor de palha.



Nr. 34 - Artur Berlet aponta o local onde foi capturado pelo DV

"Procurei dirigir-me a elas em diversos idiomas. Um^s me olharam indiferentes, outras nem se quer olhavam..."

Pouco depois, Berlet foi desemarrado por dois indivíduos que o levantaram e o levaram a um outro compartimento, onde lhe vestiram uma capa comprida. Sempre amparado pelos flancos, porque ele se sentia muito fraco, os homens o conduziram através de várias salas até uma porta de saída. Surpreso, constatou que a nave estava pousada em solo firme, numa cidade estranha. Sentiu, então grande mal-estar.

"-Tive a impressão de que havia perdido metade de meu peso e, ao mesmo tempo, de que meus ombros haviam aumentado de volume".

Amparado pelos dois tripulantes, saiu do disco e foi levado, a pé por uma rua estreita, com altos edifícios de cores variadas e intensamente luminosas, até um grande prédio, onde entraram. Ali, foi alimentado com uma espécie de carne e pão. Depois, foi conduzido a outra sala, onde havia muitas pessoas reunidas.

Tentaram estabelecer conversação com ele, mas não se compreendiam mutuamente. Berlet falou-lhe em Português, Espanhol, Italiano e Alemão. Quando falou nesta última, um deles levantou-se, demonstrando grande alegria, e disse:

"-Deutsch?"

Terminada a reunião, esse homem, que só sabia falar umas três ou quatro palavras em alemão, levou-o a um outro edifício. Ali, Berlet tomou um banho de "água tão leve como gás", vestiu novos trajes que lhe deram e foi conduzido a uma sala, onde várias pessoas, sentadas ao redor de uma mesa retangular, conversavam animadamente.

"-Ao notarem nossa presença, todos, como por encanto, calaram-se e se voltaram para mim!"

Seu acompanhante falou algo com eles e, então levantou-se um homem alto e forte, dizendo-lhe em correto alemão:

"-Sente-se".

Dáí em diante esse indivíduo, de nome Acorc,

passou a ser seu cicerone, levando-o a visitar aquela e outra cidade de Acart - o nome daquele mundo - explicando-lhe tudo que via e perguntava.

ACART

Esclareceu-lhe Acorc que seu planeta, naquela ocasião, estava a 62 milhões de quilômetros da Terra. Não tem satélites naturais, mas possui duas gigantescas plataformas espaciais girando à sua volta. O clima é sempre frio. Os meios de locomoção são aéreos. As cidades são como as nossas, mas as ruas servem só para pedestres. À noite, as ruas não têm necessidades de iluminação, devido ao resplendor das paredes. Para o transporte de pessoas existe nave pequenas, com capacidade para dois até 10 passageiros. São como aviões sem asas, impulsionados por motores solares. Feitas de material muito leve e super-resistentes, podem parar em pleno ar e voar mesmo dentro de uma sala. Os veículos para carga, pesadas, são empregados também em viagens espaciais.

Um ano lá equivale a 676 dias da Terra; um mês a 61 dias e 8 horas terrestres; uma semana, a 9 dias e 14 horas; um dia, a 46 horas; e uma hora a 7 horas e 40 minutos. O ano acartiano tem 11 meses; a semana 5 dias e o dia 6 horas.

DE OLHO NA TERRA

O grande problema de Acart é o da super-população. Por isso, os acartianos estão de olho na Terra. Não para invadi-la à força, pois "eles possuem alto senso humanitário, são muito evoluídos e bons". Todavia, sabem que os próprios terrícolas se destruirão com suas armas atômicas, o que não vai tardar muito e, então, sem guerra, sem qualquer violência, eles poderão ocupar o planeta morto. A radioatividade não constituirá problema. Seus aparelhos poderão, em poucos minutos, transformar o veneno atômico em fertilizantes para o solo, para vegetação e seres vivos.

Suas armas são apenas duas: desintegrador e neutralizador solares. Este último é também empregado na medicina e na lavoura.

Quanto ao sistema de governo, Berlet não sabe como qualificá-lo. Disse ser uma mistura de sistemas com um nome diferente. Lá não há moeda circulante. O planeta Acart é um só país, inteiramente habitado. Sua capital, aquela metrópole onde se encontra, tinha 90 milhões de habitantes! Todos, no país, trabalhavam para a coletividade e têm um padrão de vida elevadíssimo. O governador é eleito cada três anos por um Conselho de 500 membros.

A VIAGEM DE VOLTA

Na volta, a viagem foi mais agradável. Entraram na cosmonave e Acorc, que o acompanharia até a Terra, deu-lhe uma pílula.

"-Terei que fazer a viagem em estado de inconsciência como na vinda?"

"-Não, desta vez não será preciso. Poderá percorrer acordado grandes trechos do percurso sem correr perigo algum. Apenas nas zonas de turbulência magnética, a fim de resistir melhor, deverá dormir: ao sair do campo magnético de Acart, ao percorrer o chamado espaço neutro e ao atravessar as barreiras magnéticas da Terra".

A pílula, que os tripulantes também tomaram, foi o único alimento durante a viagem.

A nave deixou-o em terra a 5 quilômetros de Sarandi. Seu amigo despediu-se afavelmente à saída do disco. Caminhou com dificuldade 10 passos à



nr. 34 - O local de aterrissagem
(fotos do arquivo da DUIST, Alemanha)

frente, sem se voltar, seguindo recomendação de Acorc. Então, parou e olhou para trás, na esperança de ver a decolagem da cosmonave... Mas só havia escuridão! Tudo desaparecera naqueles poucos momentos!... Ainda obedecendo recomendações do acartiano, fez todo o percurso a pé até sua residência, vagarosamente, levando três horas nesse trajeto que, normalmente, fazia em uma hora apenas.

Na primeira semana após regresso, permaneceu em casa, até recuperar completamente as energias perdidas e ordenar suas idéias confusas, conturbadas por aqueles oito dias em que viveu a mais estranha aventura de sua vida.

O relato de Artur Berlet, publicado no livro "Da UTOPIA à Realidade, viagem real a um outro planeta", prefaciado por Jorge Geisel e com epílogo de W.K.Buhler, está com a edição esgotada. Ele pode ser lido nas Bibliotecas do Rio (Nacional), São Paulo e Curitiba (Municipais):

EPISÓDIO Nº 35

TRIPULANTES ATACAM EM PIRASSUNUNGA

CIPEX e GENA

Pesquisa: SBEDV.
Publicação: Ref. nº 88

Luiz Flozino de Oliveira lavrador, funcionário do Instituto Zootécnico de Pirassununga, Estado de Minas Gerais, não acreditava na existência de discos voadores e, "talvez por isso", tenha levado tremenda surra de dois homenzinhos de "outro mundo".

Foi no dia 12 de fevereiro de 1969. Nessa época, ele morava, com esposa e filhos, na Chácara do Moraes, ali mesmo, em Pirassununga. Acordava cedo, porque tinha que andar uma hora, a pé, até chegar à roça de arroz, lésua e meia bem puxada.

Naquele dia, levantou-se às 4h40m e já estava perto da plantação quando, à 5h40m, ouviu um barulho estranho dentro da mata, à sua esquerda. No momento, ele estava enrolando um cigarrinho de palha, com certa dificuldade, por causa do bernal com a marmita, pendurando no braço. De repente, sentiu-se agarrado pelos flancos e puxado rapidamente para trás uns 4 metros. Tentou equilibrar-se, firmando os pés descalços no chão, para não cair. Não conseguiu. Foi atirado de encontro ao barranco depois agarrado novamente por trás e atirado à distância no meio da estrada.

BARBUDINHOS

Viu, então, seus agressores: dois homenzinhos de 1,40m de altura, olhos assimétricos - o esquerdo mais alto do que o direito - barba e cabelos negros, muito compridos. Usavam calção curto, com desenhos de cores variadas; blusa branca, de mangas outras sem botões; botinhas pretas. A pele do rosto e da parte visível das pernas era clara, de aparência idêntica à humana. Atracou-se com um deles, rolando junto pelo chão umas seis vezes. Durante a luta, eles falavam entre si, numa linguagem incompreensível. Deram-lhe três socos na orelha e ele não conseguiu acertar nenhum. Os "Baixinhos" eram extremamente ágeis e tinham muita força! Vendo que não poderia vencê-los "na raça", Flauzino levantou-se, ofegante, e aplicou-lhes uma boa rasteira, derrubando os dois de uma só vez, um sobre o outro. Surpresos, os pigmeus se levantaram e disse um ao outro, em Português:

"-Vamos embora... Com este nós não podemos!"

E entraram no mato, sem muita pressa. Passado o primeiro susto, o lavrador dispôs-se a perseguí-los.

"-Eu queria pegá-los e amarrá-los um ao outro pelos cabelos"- disse Luiz ao pesquisador da SBEDV.

Mas, ao passo que os dois se distanciavam calmamente, Flozino não conseguia alcançá-los, mesmo correndo, pois o emaranhado de cipós dificultava a caminhada. No entanto, os "baixinhos" caminhavam com a maior facilidade e não romperam o cipo nem uma vez sequer!...

"NERVOSO" FICA NERVOSO

Outro permenor que o deixou intrigado foi a atitude de seu cão, de nome "Nervoso", um cachorro inteligente e obediente. Antes de dar a rasteira nos pequeninos, o lavrador gritará:

"-Pega, Nervoso!"

O cão atendeu, rosnou e avançou contra os homenzinhos, mas, antes de os atingir, rolou pelo chão, "uivando" e ganindo. Depois que os foresteiros foram embroa, Nervoso continuou a rolar no chão, embora sem ganir e uivar. Só depois que Luiz Flauzino apanhou a marmita, que havia caído durante a luta, foi que o animal se acalmou ficando em pé com dificuldade, como se estivesse tonto. Dava uns passos e parava. Diante disso, seu dono deixou-o e seguiu caminhando para o trabalho. Dois quilômetros adiante, Nervoso o alcançou, mas ainda estava "meio Tontão".

Antes de chegar ao plantio, encontrou seu chefe, o Sr. Waldir Couto, na estrada. Este o mandou voltar à cidade e dar parte à delegacia de Polícia. A meio caminho, foi alcançado pelo Dr. Claude, que já estava inteirado do assunto e convidou-o a subir na "perua" que dirigia.

Na Delegacia, contou o ocorrido e, em companhia do Dr. Claude e de cinco policiais, voltou ao local, onde todos encontraram vestígios da luta. Os policiais não conseguiram entrar no mato mais

de 8 metros, tal o emaranhado de cipós.

Um mês depois da ocorrência, "Nervoso" morreu. Enquanto esteve vivo, evitou passar pelo local do incidente. Contornava a estrada, por cima ou por baixo, quando chegava perto.

D. Maria Vital de Oliveira, esposa do lavrador, ao ser arguida pelo pesquisador da SBEDV, respondeu:

EPISÓDIO Nº 36

CASO DA VILA OPERÁRIA

CIPEX e GENA

O Sr. José Pereira Sacramento, encarregado de serviço no setor de Mineração da Mina de Morro Velho, mora na Rua Padre Eustáquio nº 190, Vila Operária, em Nova Lima, Estado de Minas Gerais.

No dia 20 de maio de 1969, por volta de 1 hora da madrugada, despertou com um ruído e, imediatamente, associou-o à sua lambreta, que guardava num cômodo lateral.

Desde a ocorrência de um furto de galinhas no seu quintal, ele passou a levantar-se à noite, todas as vezes que ouve algum barulho incomum. Desta vez, levantou-se apressado e se dirigiu para o lugar onde fica estacionado o veículo, mas verificou que a moto estava lá, como a deixara. Abriu a porta da rua e não viu ninguém. Em seguida, ouvindo latidos da sua cadelinha "Lassie" no quintal, abriu a porta dos fundos, distinguiu o vulto branco do animal, que estava agitado, e, quase simultaneamente, notou no solo, bem perto, um reflexo luminoso, de forma circular, que se movimentava como foco de lanterna. Olhou para o alto e viu um farol a uns 500 ou 1000 metros de altura. O foco foi aumentando de tamanho e descendo em sua direção, sem qualquer ruído.

DENTRO DA NAVE

Receoso, tentou entrar em casa, mas suas pernas não obedeciam ao seu impulso. Estava imobilizado, olhando e raciocinando. A luz provinha de um enorme objeto que aterrissou bem em frente onde estava e desligou o farol. Imediatamente sentiu-se atraído para uma abertura que surgiu na estranha nave. Tentou gritar, reagir, mas não tinha voz nem movimentos. Sem saber como, viu-se dentro de um estreito cômodo. Era uma espécie de elevador, que o levou a um compartimento circular, abobadado e profusamente iluminado, grande, um salão de uns 14 metros de diâmetro. Ali, observando-o, seis pequenos indivíduos, de uns 80 centímetros de altura, falavam entre si, numa linguagem de sons breves, repetidos e agudos, semelhantes a "guinchos de porco".

Cada um deles estava, de abdômem para baixo,

"-Flozino saiu antes das cinco horas e só voltou para casa à noite, todo amolado, todo nervoso, com a orelha vermelha porque tinha levado uns tapas no ouvido..."

Em relação aos episódios nº 14, 20 e talvez também nº 35: Pensa-se na identidade de raça dos tripulantes.

Pesquisa: CICOANI (ref. 310)
Publicação: ref. nº 91

dentro de uma espécie de tubo ou cilindro, de mais ou menos 1 metro de diâmetro por 40 centímetros de altura, e todos distribuídos em duas fileiras, sendo 3 na frente e 3 atrás. Entre as duas alas, havia, no piso, uma passarela que atravessava a sala pelo meio. Junto a cada cilindro e pouco acima da cabeça de cada homenzinho, havia uma placa curva, com uma alavanca na extremidade esquerda.

Os indivíduos eram todos iguais. A parte visível, fora do cilindro, estava totalmente coberta por um material fino, transparente, flexível como plástico, de cor creme clara, bem ajustado ao corpo no pescoço e na cabeça grande. Na parte correspondente aos olhos, a cobertura apresentava dois orifícios estreitos como "olhos de japonês". À altura de cada ouvido havia também um orifício. Percebia-se a saliência do nariz bem comprido, e a linha da boca, aparentemente normal.

INCONSCIENTE

Transcorridos 4 ou 5 minutos desde que entrou no compartimento, o Sr. José Pereira viu o indivíduo que encabeçava a fileira esquerda levantar um braço, na direção do painel, e manipular uma peça. Imediatamente, a iluminação ambiente foi aumentando de intensidade... aumentando... até que ele não pode mais suportar, perdendo a consciência.

Só recobrou os sentidos às 6 horas da manhã, ao ser acordado em seu leito pela esposa. Não sabe quanto tempo esteve no aparelho e nem tem a mínima idéia de como voltou para casa e para a cama. Sua esposa viu-o levantar-se, mas não percebeu quando ele voltou.

Logo ao acordar, ficou muito impressionado com a ocorrência, mais ainda ao notar que sentia dores no ombro esquerdo, que estava com os olhos vermelhos, as pálpebras inchadas e que sentia dificuldade em firmar a vista. Os distúrbios visuais persistiram por um mês, mas não procurou médico. Quasi um ano depois, ainda sentia a "cabeça leve, ôca, e dificuldade para se concentrar".

EPISÓDIO Nº 37

CASO DA BALEIA

Pesquisa: CICOANI (ref. 129, 310)
Publicação: Ref. nº 85, 143, 207, 208.

Pesquisado meticolosa e detalhadamente pelo CICOANI de Belo Horizonte, Minas, o Caso da Baleia

constituiu um novo ângulo na série de contatos com extraterrestres dentro do território nacional. Em

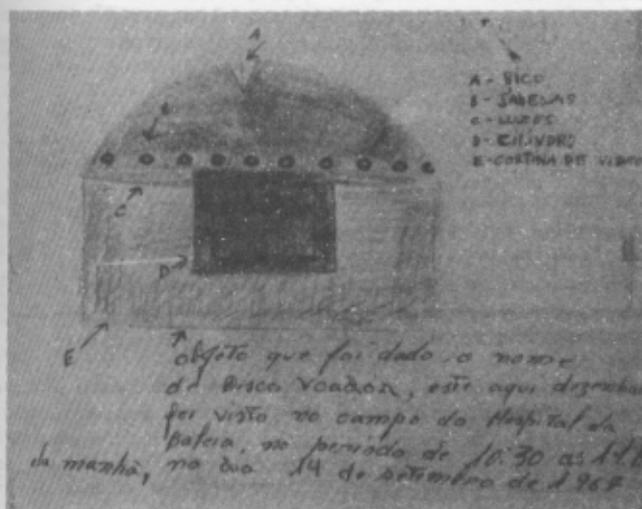
síntese, é o seguinte:

Às 10h30 do dia 14 de setembro de 1967, o garoto Fábio J. Diniz, de 16 anos de idade, saltou do ônibus "Baleia" no ponto final da linha, na área do hospital do mesmo nome. Daí dirigiu-se, a pé, para o pavilhão mais afastado daquela casa de saúde, onde tentaria vender persianas metálicas. Subindo aameda asfaltada, chegou à altura do campo de futebol onde deparou com um objeto enorme, em forma de cogumelo, que parecia uma calota. Tinha uns 20 metros de diâmetro e era de cor marrom, com uma fileira de aberturas "semelhantes a vigias". Na sua base plana havia raias luminosas, de cores vermelha, amarela e azul, que piscavam intermitentemente.

TRIPULANTES

Fábio observava o aparelho quando, repentinamente, com leve e indefinível ruído, desceu das bordas

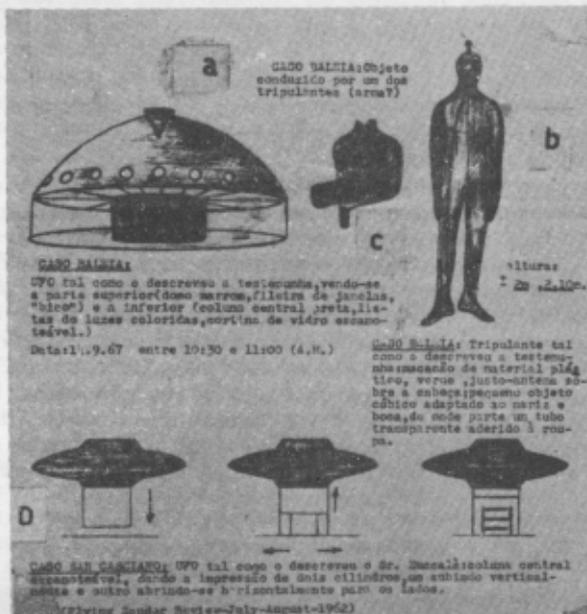
CIPEX e GENA



nº 37 - DV segundo o croquis feito pela própria testemunha.

das da cúpula até ao solo um anteparo transparente, que lhe pareceu ser de vidro. Incrustado na base do objeto havia uma espécie de tambor ou cilindro preto, brilhante, com mais de 3 metros de largura por 2 de altura e que formava a base da cúpula. Por uma abertura que surgiu no cilindro saíram dois seres de mais de 2 metros de altura. Tinham a forma humana, eram fortes e vestiam roupas colantes, da cabeça aos pés, de cor verde, semelhantes à dos mergulhadores. Havia um anteparo saliente cobrindo a boca e as narinas. Da base desse anteparo saía um tubo que descia pelo peito, atingindo o calcanhar direito e subindo, por trás, até a nuca. Os calcanhares eram entumescidos. Os dedos das mãos, embora cobertos pelo vestuário, pareciam ser grossos e em número de quatro. Um dos tripulantes tinha uma antena na cabeça e o outro portava uma "arma", ou coisa assim.

Quando os estranhos indivíduos apareceram, Fábio tentou fugir, mas uma voz fê-lo voltar: "Não corra! Volte!"



nº 37 - Desenho falado de desenhista do CICOANI;
"a": o DV; "b" : o ufonauta; "c": uma arma; "d": DV avistado na Itália, e de forma semelhante ao visto no "bairro da Baleia", em Belo Horizonte.

Chegando a 5 metros dos dois homens, observou que o que estava armado deu uma volta completa em torno do cilindro, enquanto o outro, o da antena na cabeça, lhe dizia: "compareça aqui amanhã, neste mesmo horário, do contrário levaremos sua família".

Em seguida, entraram no cilindro, fechou-se a abertura, a cortina transparente recolheu-se e a gigantesca máquina decolou em vôo oblíquo, lentamente, subindo depois na vertical.

DILEMA

Aterrorizado, o jovem voltou, correndo, para o ponto do ônibus, com a intenção de revelar à sua mãe a ameaça que a envolvia e que o angustiava. No interior do ônibus, refletiu com mais calma e resolveu procurar a Polícia, chegando ao Departamento de Vigilância Social cerca de 45 minutos após o incidente.

Na manhã seguinte, pesquisadores do CICOANI acompanharam o garoto ao campo de futebol e ali, sob as vistas de dois policiais civis e dois elementos da Polícia Militar, recolheram, no local onde teria pousado o objeto, pequenos grãos negros, leves, de forma irregular, despreendendo mau cheiro e pulverizando-se a pequena pressão. Levada ao Instituto Central de Geo-Ciências da Universidade Federal de Minas Gerais, essa substância foi analisada pelo prof. Edmar de Melo e Araújo, que obteve o seguinte resultado:

ANÁLISE: Maiores constituintes: Ferro, alumínio, magnésio, sílica.

Elementos traços: Cobre, fósforo, zinco, cobalto, zircônio, níquel e titânio.

Pesquisa: SBEDV
Publicação: Ref. nº 91.

Dirceu Góes morava nos arredores da cidade de Sarandí, Rio Grande do Sul, no entroncamento do caminho que leva a Palmeira das Missões. Era Biscateiro. Às 21 horas de uma noite fria de junho de 1967, ele voltava do trabalho quando, a uns 200 metros de sua residência, viu uma bola luminosa a 30 metros de altura e pensou que fosse o que os habitantes daquela região chamam de "BOI TATÁ ou MÃE DO OURO". Aquilo desceu até uns 10 metros do chão, parou, projetou um fecho de luz para baixo e, em movimento helicoidal, em torno desse raio, guardando sempre a distância de 30 ou 40 centímetros do mesmo, desceram rapidamente dois seres de uns 85 centímetros de altura.



nr. 38 - Dirceu Góes e Artur Berlet
(episódio nr. 34) - contato com ufonautas

Paralisado pela surpresa, não pode reagir quando os "pequeninos" passaram-lhe por baixo dos braços uma fita, içando-o para dentro da bola luminosa, através de um buraco circular na parte inferior do aparelho. Um terceiro tripulante pegou-o em cima e o colocou num pequeno assento de um só pé, soltando em seguida a fita que o amarrava. Logo após, foi projetado do teto da cabine, através a abertura no piso, um raio de luz, em torno do qual subiram os 2 tripulantes que estavam em terra, sempre com os olhos voltados para o fecho luminoso e em movimento helicoidal, conforme aconteceu na descida.

DENTRO DA NAVE

Dirceu observou que o recinto, do tamanho de "uma ampla cabine de caminhão", não media mais do

que 1,50m de altura pois, quando em pé, ele, que tinha 1,64m precisou curvar-se. Os três cosmonautas tinham o rosto arredondado, olhos azuis, boca, nariz e dentes proporcionais à sua estatura, segundo o padrão humano. Cabelos ruivos e lisos. Usavam roupa cinza, de gola alta, cobrindo o pescoço. Cinto da mesma cor. Os sapatos eram uma continuação da roupa.

Falavam-lhe e conversavam entre si uma língua que não entendia, mas em voz agradável.

Ao sentar-se, sentiu-se fraco, e aquela iluminação, que oscilava constantemente, desde uma intensidade ofuscante até uma fraca luminosidade, perturbavam sua visão. Após umas três horas de viagem, notou, pela janelinha ao seu lado, que não havia mais escuridão lá fora, e viu cidades com altos edifícios e matas de coloração mais escura do que conhecia. Depois de umas 3 horas, a nave entrou de novo na escuridão.

REGRESSO

Os tripulantes mostraram-lhe um painel no qual apareciam, coloridos, veículos e pessoas que, aparentemente o olhavam. Só havia luminosidade no painel quando estava escuro lá fora. Dirceu teve a impressão de que a maior parte da conversação dos homenzinhos era sobre aquele painel.

Ao regressarem, a nave desceu no mesmo local, parando a uns 3 metros do chão. Dirceu foi amarrado e descido por um dos pequeninos. Quando tocou no solo a amarra soltou-se por si mesma, sendo recolhida pelo aparelho que, em seguida, afastou-se em vôo oblíquo para cima, desaparecendo em poucos segundos.

No local da aterrissagem Dirceu Góes procurou imediatamente aliviar a bexiga, que sentia muito cheia. Com enorme surpresa, notou, então, que, antes de sair a urina, era expelido pela ureta por alguns momentos, um gás sibilante. Esse estranho fenômeno, no ato da micção, perdurou por uns 3 ou 4 dias. Entretanto, a frequência das micções era normal, bem como a quantidade de urina.

Como se sentia um pouco fraco das pernas ao descer do disco, ficou sentado no chão uns 10 minutos, para recuperar energias. Chegou em casa pouco depois das 5 horas da manhã. Passou 5 dias acamado, com forte desinteria. Nos primeiros dias teve febre. Emagreceu e sentiu dores de cabeça e fraqueza durante um mês, período em que permaneceu em casa. Não foi ao médico.

EPISÓDIO Nº 39 CASO BENEDITO MIRANDA

CIPEX e GENA

Pesquisa: SBEDV
Publicação: Ref. nº 97, 127, 158.

Na Delegacia de Polícia de Itaperuna, Minas Gerais, foi registrado um depoimento estranho e impressionante pelas características de que se reveste. Consta nesse documento, tomado a termo pelo investigador da Polícia Nilson Almeida Amorim, que, na noite de 25 de setembro de 1971, às 2 horas da madrugada,

... compareceu o Sr. Benedito Miranda, vulgo, "Badita", brasileiro, casado, residente em Cataguanas, à Rua da Liberdade, 248, comunicando que, ao regressar de Itaperuna para Cataguanas, na altura da ponte de Carangola, na BR-040, deparou com um objeto estranho, de forma redonda, no meio da estrada, in-



nr. 39 - Benedito Miranda, uma semana após à sua experiência

pedido-o de passar com seu veículo. Ao aproximar-se do referido objeto, viu saírem do seu interior 2 homens de estatura pequena, medindo aproximadamente uns 30 centímetros de altura. A seguir as referidos criaturas tiraram do cinto um instrumento comprido, com a aparência de uma lanterna, do qual saiu um foco de luz de cor ora azul ora avermelhada; lançaram o foco em sua direção e, quando a luz atingiu o informante, este ficou suspenso no ar, como se fosse um passarinho. Quanto mais aumentava o referido foco, mais ele subia no ar, chegando mesmo a atingir uns 50 metros de altura. Sentiu-se totalmente paralizado, não podendo nem gritar por socorro. Ao se passarem uns 5 minutos, surgiu a claridade dos faróis de um carro na lombada, na direção das localidades de Retiro e Muriaé. Foi quando as referidas criaturas baixaram o foco lentamente, em direção da viatura do informante e o colocaram no interior do seu carro, sem mesmo

CIPEX e GENA

EPISÓDIO Nº 40
O CASO PAULO CAETANO

Pesquisa: SBEDV
Publicação: Ref. nº 100, 156.

Paulo Caetano Silveira, técnico de máquinas de escritório, casado, residente à rua Bonifácio Alonso nº 213, em Itaperuna, Estado de Minas Gerais, é - por de-se dizer - um homem eleito pelos extraterrestres. Num período de apenas 5 meses, teve ele nove experiências com disco voadores. Foi interceptado várias vezes na estrada, bateu fotos, ficou suspenso no ar, foi levado ao espaço dentro de uma nave, viu os tripulantes... tudo isso bem documentado e testemunhado

Sua primeira aventura foi no dia 23 de setembro de 1971. Regressava de Carangola, onde fora no exercício de sua profissão, quando, às 19h45m, a uns 3 quilômetros da cidade de Tombos, notou pelo espelho retrovisor, que era seguido por um corpo luminoso. A distância entre eles foi encurtando até se reduzir a 3 metros. Então, o objeto ficou evoluindo em volta da Vemaguet, a meio metro do chão.

Era um aparelho vermelho, de forma elítica, com uns 3 metros de altura por 2,50 de largura. Depois, tomou uma coloração branca, de brilho azulado. Nesse momento, o carro começou a perder velocidade, até parar. O estranho objeto continuou girando em torno do veículo cerca de 3 ou 4 minutos, sem nenhum ruído, subindo depois. Paulo notou que o automóvel devia estar engrenado com o motor funcionando pois, repentinamente, deu um avanço para a frente e o motor "morreu" em seguida.

Apavorado, suando copiosamente, ligou de novo

encostar-lhe as mãos, só com o poder do foco saído do estranho instrumento. Em seguida, entraram no objeto, de forma redonda, que então voou a uma velocidade incalculável, em direção ao céu. Disse o informante que levou uns trinta minutos para voltar ao estado normal, em virtude do grande susto que levou. Assinado: Benedito Miranda.

AMNÉSIA

O que torna esse depoimento mais estranho é que o Sr. Benedito Miranda não se recorda, em absoluto, de haver feito essa declaração, mas reconhece a assinatura como sua, autêntica! Outro pormenor conurbador é que sua residência não é na rua citada, rua essa que o pesquisador da SBEDV não conseguiu localizar.

Na entrevista que concedeu à SBEDV em 2 de outubro de 1971, apenas 10 dias após a ocorrência, disse o entrevistado que se recordava somente do seguinte: no dia 24 do referido mês, entre 23h40 e 24 horas, parou seu carro na ponte sobre o rio Carangola a 4 quilômetros de Itaperuna, para verificar um defeito na direção do auto, que parecia balançar. Abriu a porta, saiu e... apagou-se, perdeu a consciência, só voltando ao estado consciente às 6h30m do dia 25. Quando deu acordo de si, estava sentado dentro do veículo, com as roupas sujas de terra escura, os olhos congestionados, ardendo; o corpo todo dolorido, principalmente o braço esquerdo, cuja mão estava entorpecida e formigando. Chegando em casa, constatou que esse braço apresentava também manchas de coloração roxo-avermelhada na região do cotovelo. Não sabia o que ocorrera nesse longo lapso mental de mais de 6 horas.

ABS: NOTAR AS DUAS
TELAS DE TV DO QUNT.

o motor, que pegou normalmente, e seguiu para Tombos, onde chegou 5 minutos depois. Lá, relatou a ocorrência ao Delegado de Polícia, que o levou à sua residência, dando-lhe água com açúcar para se acalmar e recomendando-lhe pernoitar em Tombos. Mas ele preferiu continuar a viagem. Em uns 20 minutos mais chegaria à sua casa... Mal sabia ele que o pior iria acontecer mais adiante...

CAÇADO NOVAMENTE

Pouco depois de Tombos, antes de chegar a Porciúncula, viu pelo espelho que a "coisa" estava seguindo-o outra vez, a uma distância de 10 metros mais ou menos. Perto de Natividade, voltou a ver o aparelho. Parou no posto de gasolina do Celsinho, a quem contou o fato.

"-Isso não é nada - disse o Celsinho - Reze um Padre Nosso e vá em frente! Isso é gente de Marte!"

Faltava ainda uns 13 quilômetros para chegar a Itaperuna quando, na localidade de Bananeiras, notou o corpo luminoso mais uma vez, agora a uns 500 metros de altura. 3 quilômetros à frente, em Serra Rica, que fica no K-4 da rodovia RJ-100, viu no meio da estrada, iluminado pelo seu carro, um vulto escuro, que pensou ser algum animal. Quando se aproximou até ficar a uns 10 metros, a coisa se iluminou toda de luz vermelha e, ao mesmo tempo, seu veículo desligou para o acostamento, como por magia, e parou. En-

quanto a cor do aparelho mudava do vermelho para o branco, Paulo tentou desesperadamente sair do local, mas o carro não se moveu. Ouvia um assobio agudo vindo do objeto, uma porta se abriu e, de dentro, foi projetado um fecho de luz, que o atingiu.

Desceram três criaturas pequenas, que pareciam garotos de 5 a 6 anos. Teriam 1 metro, mais ou menos, de altura, e eram iluminados pela claridade irradiada da porta. Aproximaram-se vagarosamente, por que seus movimentos eram lentos e as pernas não se dobravam suficientemente, dando a impressão de que flutuavam no ar. Quando chegaram bem perto do automóvel, a porta do carro se abriu sem que alguém a houvesse tocado e ele, mesmo contra a vontade, não sabe como, saiu, caminhando em direção à entrada da nave, no que foi acompanhado por dois dos homenzinhos, um de cada lado.

DENTRO DO DISCO VOADOR

Chegando em frente à porta, os três foram levados para o interior da nave por uma espécie de pá. Não viu se o outro tripulante entrou no disco. Lá dentro, encontrou-se numa sala profusamente iluminada. Ouvia o mesmo assobio e a porta se fechou. Por alguns momentos teve a impressão de estar subindo, como se estivesse num elevador muito rápido. Notou que estava envolto por um fecho de luz amarela, oscilante, que vinha do teto plano e hexagonal, a uns 2,50m acima da sua cabeça. Percebeu que estava sem forças para falar e para reagir, mas se sentia perfeitamente consciente. Achou que estava sendo examinado, sem que alguém ou alguma coisa material o tocasse, no entanto. Pensa que no interior da nave deveria ter umas seis pessoas, mas não as pode ver bem, porque a luz que o envolvia atrapalhava a visão.

Não viu os olhos e nariz dos tripulantes, pois o rosto estava coberto por um material cinzento, da cor do capacete afunilado que usavam. O queixo era fino. Abriam e fechavam a boca, sem emitir sons. Tinham os ombros altos, quasi sem pescoço. A roupa era azul clara; sapatos toscos, retangulares e chanfrados na frente.

DE VOLTA CIPEX e GENA

De repente, teve a sensação de estar num elevador em descida rápida, e logo ouviu o assobio, a brinde-se a porta. Novamente foi escoltado por dois deles quando a pá os colocou no chão. Caído de fraqueza sobre o asfalto, sentiu que ia sendo arrastado alguns metros até ficar ao lado da estrada, na encosta, desmaiando então. Recuperou os sentidos ainda a tempo de ver o objeto em ascensão oblíqua e lenta, até uns 100 metros, quando, acelerando a velocidade, desapareceu rapidamente. Ficou deitado no chão mais uns 10 minutos. Ouvindo o barulho de um carro que se aproximava, levantou-se, fazendo sinais. Era o Dr. Crespo. Pediu-lhe que avisasse a Polícia. Logo a seguir, passou outro veículo, cujos ocupantes o aconselharam a seguir-los em marcha lenta, o que foi feito.

Na cidade, dirigiu-se à Delegacia de Polícia, relatando o fato, sendo depois encaminhado ao SAMDU, onde foi atendido pelo seu médico particular, o Dr. Bussad.

Depois daquela noite de "pesadelo", Paulo Caetano tornou-se nervoso, irritado, sentindo por vezes escurecimento da vista, calor e ardência nos olhos. Nem bem estava completamente recuperado, quando nova aventura bateu à sua porta, ou melhor, à sua janela...

NOVA AVENTURA

Foi na noite de 10 para 11 de outubro de 1971, 18 dias depois da sua primeira experiência. Acordando

do sobressaltado às 3 horas da madrugada, como por um "choque mental", percebeu uma claridade que penetrava através a grade da janela da cozinha. Levantou-se. Lá no quintal, a uns 3 metros da casa, flutuando a meio metro do chão, estava o mesmo disco voador. Ao lado, os homenzinhos apontavam uma caixinha em sua direção. Ficaram, assim, entreolhando-se, durante uns 10 minutos, quando começou a sentir dor de cabeça. E foi só. Aparelhos e tripulantes foram embora e ele voltou para a cama, porém não conseguiu mais dormir naquela noite.

No dia 5 de novembro de 1971, Paulo Caetano voltou a ver um disco voador. Foi, também, na estrada, às 20h30m, entre Serraria e Bananeiras. O Sr. Erbert V.P. Dias, que o acompanhava, testemunhou a ocorrência. Mas os tripulantes não desceram.

CONTINUA O "PESADELO"

E os homenzinhos voltaram. Desta vez Paulo estava acompanhado. Seu amigo Elvino o convidara para ir à cidade de Natividade de Carangola, no dia 17 de novembro de 71, e quando regressavam, nas proximidades de Bananeiras, sentiu que o carro não puxava bem e chamou a atenção de Elvino para o fato. Este respondeu:

"-Estou com sono. Quero dormir".

Daí a pouco a coisa aconteceu. Como na vez anterior, o carro foi impelido para o acostamento, onde parou. O mesmo Disco estava ali, projetando um raio vermelho na direção do automóvel, cuja porta se abriu por si mesma. Um tripulante, usando roupa cor de rosa conduziu-o ao interior da nave, pelo processo da pá, e ali, por meio de gestos, pediu-lhe que se deitasse numa mesa com traveseiro. Como a mesa era muito pequena, suas pernas ficaram penduradas. Então, desceu do teto um aparelho como de Raios X, prendendo seus dois braços. A seguir, sentiu um corte na pele, próximo ao cotovelo e percebeu que era coletado seu sangue, que corria. Depois teve a sensação de que o corte estava sendo lavado, alguma coisa soprando o calor no local da incisão. Tudo isso durou apenas uns dois minutos, após o que, mostraram-lhe dois painéis: Um representando o traçado de uma cidade, parecia com a planta de Itaperuna, que tivera oportunidade de ver na Delegacia de Polícia. O outro painél pareceu-lhe representar a explosão de uma bomba atômica.

Trouxeram-no de volta à estrada, mas não sabe como chegou a Itaperuna. Só se lembra de estar com o corpo pesado e de ter sido emparado pelo amigo Elvino.

VERSÃO DE ELVINO

Elvino conta o fato de maneira diferente. Diz ele que, nas proximidades de Bananeiras, Paulo Caetano começou a mostrar sinais de nervosismo, dizendo que estavam sendo acompanhados por um disco voador, quando, "na realidade", eram seguidos por um ônibus, a razoável distância. Pouco depois, Paulo começou a diminuir a marcha do automóvel, parando-o. Ele não percebeu quando o amigo desceu do carro, nem sabe como foi que a porta se abriu, mas viu-o caído no chão, atrás do veículo, meio inconsciente, e teve bastante dificuldade para o colocar em pé, precisando, para isso, apoiar-se no para-lama da viatura, que usou como encosto.

Depois seguiram num ônibus para Itaperuna, onde Paulo foi levado ao SAMDU e atendido pelo Dr. Humberto Campos de Souza, que constatou ferimento e manchas hipercrômicas na região do cotovelo. O enfermeiro disse que essas manchas "cheiravam a queimado".

O médico estranhou que o paciente, durante o

exame, lhe perguntasse o nome, pois eles se conheciam bastante.

A ocorrência foi comunicada à Polícia, tendo esta providenciado a remoção do automóvel, que ficara na estrada.

Élvio não soube explicar por que preferir tomar o ônibus com o amigo, quando poderia dirigir o carro, que conhecia bem...

EM MISSÃO DE PAZ

Seu quarto contato com extraterrestres deu-se no dia 5 de dezembro de 1971. Estava perto da ponte no rio Carengola, quando viu um disco voador, que dele se aproximou até ficar a uma distância de 20 metros. Parou o carro, saiu e percebeu a porta da nave abrir-se. Dois tripulantes, um na porta outro na cabine, faziam-lhe sinais. Como nas outras vezes, subiu levado pela pá e foi convidado a sentar-se num banco. Os dois pilotos, de pé, falaram-lhe em espanhol, "à maneira do ator Cantinflas", porém sem qualquer movimento dos lábios. Era como se estivesse ouvindo uma gravação. Disseram-lhe que estavam ali em missão de paz, preparando gente para entrar em contato com eles.

SUSPENSO POR UM RAIO DE LUZ

No dia 19 de dezembro de 1971, Paulo Caetano esteve novamente às voltas com Discos Voadores. Dirigia seu carro, à noite, na estrada, quando, a 2 quilômetros do sítio do Sr. Erbert, viu um disco acima dos morros. Saiu do veículo e se aproximou, a pé, até uma distância de 100 metros. Então, o aparelho se movimentou em sua direção, evoluindo acima da sua cabeça. Durante uns dois minutos viu-se envolvido por um fecho luminoso. Em dado momento, a nave deu uma guinada para o lado e, então, ele sentiu-se suspenso no ar, a uns 20 centímetros acima do chão, retornando logo em seguida, assim que a nave se afastou. Voltando a Itaperuna, soube do alvoroço geral causado pela aparição de estranhos objetos nos céus da cidade.

FOTOGRAFA DISCO

Nos dias 15 e 16 de novembro de 1971, Paulo Caetano bateu seis fotos de um disco voador, conseguindo aproveitar três delas, apesar de serem colhidas à noite.

No dia 26 de fevereiro de 1972, voltou a fotografar um objeto luminoso. Desta vez bateu 12 chapas em 10 minutos de observação. A ocorrência deu-se à noite, na estrada de terra batida, continuação da Av Itaperuna, 3 quilômetros além da Fábrica "Leite Glória Ltda" e a uma distância de 200 ou 250 metros.

CIPEX e GENA

EPISÓDIO Nº 42
"O CASO DE GUAPORÉ "

Publicação: Ref. nº 293.

No dia 28 de novembro de 1953, Pedro Serrate e Francisco de Assis Teixeira caçando patos na Baía dos Patos, a duas horas de caminhada da povoação de Pedras Negras, no Rio Guaporé, onde residiam quando viram chegar um aparelho estranho que, sem ruído algum, pousou na superfície das águas, a uns 50 metros de onde se encontrava Francisco e apenas 4 metros de Pedro, que estava postado em cima de uma árvore e que pode observar detalhadamente o objeto.

Tinha uns 4 metros de comprimento por uns dois de altura. O casco era do feitio de uma bacia, sendo de vidro ou material semelhante toda a circunferência do bojo, com mais ou menos um metro de altura. A cobertura era boleada, apoiada sobre o vidro e sustentada por barras de metal existentes no interior, sem rebites. Na porta traseira havia uma espécie de leme, sistema "cauda de boto", com cerca de um me-

tro de comprimento por uns cinquenta centímetros de largura, e, de cada lado, um tubo recurvado, por onde saía água. Todo o aparelho era de cor azul escura.

TRIPULANTES

No interior, visíveis através do material transparente, estavam seis pessoas, quatro homens e duas mulheres, brancos, de faces rosadas e todos aparentando não ter mais de vinte anos de idade. Pareciam ser de estatura média. Estavam sentados, três de cada lado. Tinham cabelos ruivos, curtos nos homens e compridos até aos ombros nas mulheres. Usavam roupas grossas, da mesma cor azul da cosmonave. Tão logo os tripulantes notaram que haviam sido vistos, levantaram vôo, silenciosamente, mas em tremenda velocidade, desaparecendo em um ou dois segundos.

EPISÓDIO Nº 43

" CASO PEDRO ZILLI "

CIPEX e GENA

Publicação: Ref. 11-12-13 - 36-263.

No dia 18 de novembro de 1957, às 10h30m da manhã, o Sr. Pedro Zilli estava trabalhando na construção de uma estufa para fumo, no seu sítio, que fica a dois quilômetros da localidade de Crescuma - Ararangué, em Santa Catarina, quando notou um chiado, "assim como o de uma chaleira fervendo água e deixando escapar a pressão." Achou esquisito, mas não deu importância ao fato. Seu ajudante, João Ernâni, também ouviu.

Vinte minutos mais tarde, precisando de madeira, Pedro Zilli mandou o camarada ir buscá-la. Este, ao subir uma pequena elevação, viu algo estranho na baixada do terreno e chamou o patrão. Então, ambos constataram que havia dois aparelhos redondos, sem asas, cor de alumínio, parados a cerca

de um metro do chão, perto do laranjal e de um bosque de eucaliptos. Quando o colono e seu companheiro se aproximaram, saíram da chácara seis indivíduos de estatura média, vestimenta cinza, mãos e pés brancos, tendo na cabeça como que uns gomos, que brilhavam ao Sol. Correram, agilmente, e entraram nos objetos, por baixo, três em cada um. Es seguida, os dois engenhos subiram e, ao passarem por cima dos eucaliptos, surgiram por trás das árvores mais três naves iguais e todas sumiram na distância, em poucos momentos, em grande velocidade.

"- Venho notando a desapareição de grande quantidade de laranjas na minha chácara e agora atribuo o fato a esses discos voadores."

EPISÓDIO Nº 44

" O CASO DO PARANÁ "

Publicação: Ref. nº 293

Em 1947, quando ainda pouco se falava em discos voadores, aconteceu um caso no Paraná, a primeira ocorrência no gênero no Brasil, e que foi divulgado por vários jornais, inclusive pelo Diário da Tarde, de 8 de agosto de 1947, que assim relata o fato:

" Estava eu, diz o Sr. José C. Higgins, no dia 23 de julho, a Oeste da Colônia Goio-Bang, que fica a Nordeste de Pitange e a Sudeste de Campo do Mourão, realizando alguns trabalhos topográficos, quando, ao atravessar um dos raros descampados da região, um silvo profundo, porém, baixo, me fez levantar o olhar para o céu. Vi, então, algo que me orçou os cabelos: uma estranha nave aérea, de forma circular, com rebordos absolutamente iguais aos de uma cápsula de remédio, descia do espaço. Meus homens, todos caboclos simples, fugiram espavori-

dos ante o que lhes era dado ver. E eu, não sei hoje por que, resolvi ficar, para aguardar os acontecimentos.

"O estranho aparelho percorreu em círculo fechado o terreno e aterrou, mansamente, a uns 50 metros do local em que me encontrava. Era algo surpreendente. Tinha aproximadamente 30 metros de diâmetro - fora os rebordos, de um metro mais ou menos - e uns 5 metros de altura total. Era atravessado por tubos em diversas direções, seis dos quais deixavam ouvir o citado silvo sem, entretanto, fazer fumaça. A parte que pousou no solo era provida de hastes curvas, que se arcaram um pouco mais ao tocar no chão. O todo parecia ser feito de um metal branco-cinza, diferente, porém, da prata.

"Enquanto eu examinava o seu conjunto, sem contudo me atrever a mexer no aparelho, verifiquei,

ainda, uma parede deixando ver uma janela provida de vidro ou coisa semelhante. Vi, então, duas pessoas que me examinavam com ar de curiosidade. Essas pessoas, como constatei ao primeiro olhar, eram de aspecto estranho. Decorridos alguns segundos, uma delas voltou-se para o interior do aparelho e, ao que me parece, falou com alguém. E, imediatamente, ouvi barulho no interior do mesmo e uma porta, por baixo do rebordo, se abriu, dando passagem a três pessoas, metidas dentro de uma espécie de macacão transparente, que as envolvia completamente, cabeça e tudo, e que estava inchado como uma câmara de ar de automóvel, cheia de ar comprimido. E, às costas, tinham presa uma mochila de metal, que me pareceu ser parte integrante da vestimenta. Através desse macacão, eu via perfeitamente as pessoas vestidas de camiseta, calções e sandálias, não de fazenda, creio, mas de papel brilhante.

"Notei ainda que sua aparência estranha era devida aos olhos bem redondos e grandes, sem sobrancelhas, tendo no entanto cílios, e a calva bem pronunciada. Não tinham barba e suas cabeças eram grandes e redondas e as pernas mais compridas que as proporções que conhecemos. E, quanto à altura, tinham uns trinta centímetros mais do que eu, que tenho um metro e oitenta.

"O mais interessante é que pareciam irmãos gêmeos, tanto os de macacão quanto os que não os usavam e que se achavam à janela, por trás dos vidros. Um deles trazia um tubo do mesmo metal do aparelho na mão, pequeno tubo, e o apontava para mim. Notei que falavam entre si. Ouvia perfeitamente as palavras e, entretanto, nada entendia. Falavam uma língua que eu jamais ouvira, mas bonita e sonora. Apesar do seu avantajado porte, moviam-se com incrível agilidade e leveza, formando um triângulo em minha volta. O que empunhava o tubo fez gestos indicando-me que entrasse no aparelho. Ante esse gesto, aproximei-me da porta e só pude ver um pequeno cubículo, limitado por outra porta interior e apor-

ta de um cano que vinha de dentro. Notei ainda diversas vigas redondas, na base da saliência ou rebordo.

"Comecei a falar, perguntando para onde queriam levar, com muitos gestos. Compreenderam a gesticulação e o que me pareceu o chefe fez no chão um ponto redondo cercado de sete círculos. Mostrando o Sol no espaço, indicou-me o sétimo círculo, apontando alternadamente esse círculo e o aparelho. Fiquei mudo de espanto. Sair do mundo com vida? Não! Não era comigo!

"Diante disso refleti. A luta era-me impossível, pois eles eram mais fortes no físico e em número. Tive uma idéia. Havia notado que eles evitavam ficar ao Sol. Assim, encaminhei-me para a sombra e, tirando do bolso a minha carteira, mostrei-lhe o retrato de minha esposa, dizendo-lhes que queria buscá-la, por meio de gestos. Não me detiveram. Saí e, dando graças a Deus, internei-me no matão, de onde fiquei a espreitá-los. Brincavam como crianças, dando saltos e atirando longe pedras de tamanho descomunal.

"Decorrida meia hora, mais ou menos, depois de olharem detidamente os arredores, recolheram-se ao aparelho, que se ergueu no ar com o mesmo silvo, dirigindo-se para o Norte, subindo até desaparecer nas nuvens.

"Jamais saberei se eram homens ou mulheres. Porém posso afirmar que, apesar das características que apontei, são belos e aparentam ter esplêndida saúde. Por outro lado, é-me difícil traduzir em letras a sua linguagem. Contudo, recordo -me de duas palavras: "Alamo" e "Orque", aquela designando o Sol e esta o sétimo círculo do desenho. Pudei se ter certeza de que voltaria, sabe Deus por onde andaria a estas horas!

"Teria sido um sonho? Teria sido realidade? Às vezes duvido que isso tenha realmente acontecido, pois bem pode ser que tudo não tenha passado de um estranho mas belo sonho".

EPISÓDIO Nº 45 " OS CASOS DE VENÂNCIO AIRES "

CIPEX e GENA

Publicação: Ref. nº 294.

Em dezembro de 1954, ocorreram dois casos no município de Venâncio Aires, Rio Grande do Sul, os quais, pelas suas características excepcionais, não podem deixar de figurar nesta coletânea. A revista O CRUZEIRO de 15 de janeiro de 1955 publica os depoimentos que seu repórter Licurgo Cardoso tomou das testemunhas envolvidas nas ocorrências que se resumem no seguinte:

Às 17 horas do dia 9, Olmiro da Costa e Rosa, residente no lugar denominado Linha Bela Vista, a quatro quilômetros da sede do município, estava capinando sua lavoura de feijão e milho, quando ouviu um ruído estranho, "como o que faz uma máquina de costura." Ao mesmo tempo, os animais que pastavam nas imediações fugiram precipitadamente.

Ao erguer o corpo, viu perto dele um homem desconhecido e, a pequena distância, um objeto grande, com a forma de "chapéu de explorador", de cor creme, tanto envolvido numa espécie de fumaça transparente. Teria uns 15 metros de diâmetro por 3 de altura e estava imóvel a mais ou menos um metro e meio do solo. Havia mais dois homens, um dentro do aparelho, com a cabeça de fora, e outro mais distante, junto da cerca, aparentemente examinando o arame farpado.

DESAPARECIMENTO MISTERIOSO

Apavorado, Olmiro quis gritar mas não teve ânimo e deixou cair a enxada. O estranho fez um gesto de continência, acompanhado de um sorriso tris-

te, depois abaixou-se, apanhou a enxada, olhou-a de todos os lados e a entregou ao lavrador. Em seguida, colheu um pé de feijão e outro de milho. Nesse momento, algumas ovelhas que haviam corrido estavam voltando, e vendo Olmiro que o indivíduo olhava para elas com interesse, perguntou-lhes, com palavras e gestos, se aceitava uma de presente. O tripulante pareceu compreender e fez sinal negativo.

De repente, não sabe como, o lavrador ficou sozinho! Os homens desapareceram. O disco voador, porém, continuava bem visível. Subiu verticalmente até uma altura de 10 metros e depois disparou obliquamente, desaparecendo à distância, em poucos segundos.

Os misteriosos seres, de tamanho médio, compleição robusta, rosto de "palidez cadavérica", cabelos compridos, louros e soltos, olhos rasgados, vestiam macacões de cor marrom-clara. As calças eram estreitas, parecendo ligar nos sapatos sem salto. A neve tinha aspecto metálico e forte brilho. Depois que o aparelho subira, permaneceu por algum tempo no ar um cheiro de carvão de pedra.

O OUTRO CASO

Dois dias depois, um outro lavrador, Pedro Moraes, que mora a apenas um quilômetro do sítio de Olmiro da Costa, esteve também as voltas com um disco voador. Foi às 17 horas do dia 11. Ele se preparava para ir ao armazém comprar mantimentos, quando

ouviu uma galinha cacarejar assustada. Foi ver o que era, mas, antes mesmo de encontrar a galinha, que continuava a cantar, viu um objeto esquisito, suspenso no ar, oscilando muito e fazendo um barulho "assim como uma máquina de costura."

"- Na parte de baixo, o "trem" parecia um enorme tacho de cobre polido e em cima tinha o formato de uma capota de jipe."

Desviando o olhar do objeto, notou que dois vultos de forma humana, vestindo uma roupa que cobria até a cabeça, estavam caminhando por entre a plantação de fumo. Curioso, se encaminhou para o aparelho, mas um dos vultos, levantando o braço, fez-lhe sinal para que parasse, porém o lavrador continuou a andar e, então, esse estranho ser, que se

encontrava a uns 10 metros de distância, correu para a aeronave, enquanto o outro tripulante, que já estava perto do disco, abaixou-se rapidamente e arancou um pedaço de fumo. Ambos entraram na cosmonave, que subiu em tremenda velocidade, desaparecendo em poucos instantes. Não chegou a ver o rosto deles.

"- De gente só tinham a forma da cabeça e do corpo. Por mais que eu olhasse, não vi olhos, nem boca, nem nariz, nem orelhas. Davam a impressão de que estavam metidos dentro de sacos amarelos."

Respondendo a uma pergunta do repórter, disse que os tripulantes eram baixinhos, do "tamanho de uma criança de dez anos."

EPISÓDIO Nº 46
" NO CEARÁ EM PARACURÚ "

CIPEX e GENA

Publicação: Ref. nº 19, 226

NO CEARÁ - O pescador Raimundo Ursulino declarou que viu, na madrugada do dia 14 de maio de 1960, dois discos voadores pousados sobre um morro da praia, em Paracuru. Um dos tripulantes chamou-o e ele, apavorado, não atendeu. Disse que os astronautas usavam roupa azul, com capacete na cabeça. Eram baixos e pálidos. (Folha de São Paulo - 25/5/60)

AVERIGUAÇÕES POPULARES

Chegando ao seu conhecimento que o zelador do edifício onde reside, Sr. Manuel Tonheiro da Silva, natural de Cratus, no Ceará, iria visitar a cidade de Fortaleza, um dos sócios da SBEDV (W.B.) pediu-lhe para chegar até Paracuru, que fica a 2 horas e meia de ônibus distante da capital do Estado, a fim de tentar localizar Raimundo Ursulino nessa cidade de aproximadamente 3.000 habitantes, que se ocupam principalmente da pesca.

Nessa tarefa, teve o Sr. Manuel Tonheiro, homem de confiança, idoso (60 anos), a ajuda do proprietário do HOTEL AMBRÓSIO, porém a primeira tentativa foi frustrada, porquanto não conseguiram barco para atravessar um braço de rio. Todavia, ficaram sabendo que teriam de andar ainda mais um

ra para alcançarem a casa de Ursulino. Como já a noitecia, desistiram da viagem, mas deixaram uma mensagem para o pescador, pedindo-lhe que os procurasse no hotel.

No dia seguinte, apareceu o Sr. Ursulino, homem de 60 anos, analfabeto, que lhes relatou o seguinte: estava de viagem numa ilha de nome Cambôa quando, às 8 horas da manhã, ao passar por um morro chamado PEDRO, viu, no cume do mesmo, um aparelho pousado no chão e, ao lado, dois homens "diferentes de nós, por serem baixinhos, da altura aproximada de um metro, e de pele branquinha". A cabeça deles estava parcialmente coberta, pelo menos à altura dos olhos, por um capacete branco, e usavam roupa azul, quasi branca.

Com medo, Ursulino se afastou, porém, mais adiante, reconsiderando, resolveu voltar "para poder vê-los melhor", e, assim, chegou bem perto, quando os homenzinhos lhe acenaram com as mãos. Novamente assaltado pelo temor, Ursulino distanciou-se outra vez, seguindo o seu caminho, mas refletiu, parou, pensou um pouco e resolveu voltar mais uma vez para falar com os branquinhos. No entanto, nem os pequeninos nem o aparelho não estavam mais no local.

EPISÓDIO Nº 47
" NO MUNICÍPIO DE IPU - CEARÁ "

Publicação: Ref. nº 234.

NO MUNICÍPIO DE IPU - Ceará - Quando percorria as terras da fazenda Jirimum, de sua propriedade, no município de Ipu, por volta das 18 horas, o agricultor Raimundo Nonato viu estranho objeto, em forma de disco, que procedia do lado Sul, em enorme velocidade, não fazendo ruído e irradiando intensa

luminosidade. Aproximando-se do local da aterrissagem feita pelo aparelho após algumas evoluções, pôde constatar que havia três tripulantes, mas, de distância em que se encontrava não conseguiu perceber suas características ou feições. (O POVO, de Fortaleza, edição de 8 de novembro de 1971).

EPISÓDIO Nº 48
" NO RIO GRANDE DO SUL "

Publicação: Ref. nº 213

RIO GRANDE DO SUL - O motorista João Lombero e seu ajudante Antônio Giarumpe viajavam na estrada entre Panambi e Pojucara, Rio Grande do Sul, quando um objeto com a forma de garrafão de dois gargalos de 40 metros por 15 de largura, aproximou-se e o caminhão em que os dois viajavam parou, o motor deixou de funcionar. Havia dois homens, um em cada ex-

tremidade do objeto, trocando sinais luminosos. Após 10 minutos, o aparelho levantou vôo e desapareceu, em grande velocidade. Somente então, o motor do caminhão voltou a funcionar. (Diário de Belo Horizonte e Luta Democrática do Rio, edição de 3 de agosto de 1962).

CIPEX e GENA

Publicação: Ref. nº 230

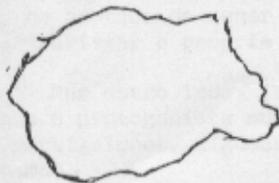
Segundo relata o proprietário da Fazenda Re^ucanto, a 60 Km de Sidrolândia, Sr. João Rodrigues Terra, e de acordo com matéria publicada em "O DIA" de 1-12-73, do Rio, desceu do céu uma nuvem branca que, a pouca altura, parou em frente ao automóvel que o conduzia. Freando a camionete para observar melhor, viu que se tratava de um objeto em forma de prato embochado, com dois seres de branco no seu interior. Depois de acenderem uma luz vermelha e outra azul naquela estranha nave, o objeto subiu velozmente até desaparecer.

ANEXO À "SIDROLÂNDIA"

Embora o relato acima conste do grupo dos "não pesquisados", aí o deixamos, porquanto a pesquisa da SBEDV chegou à conclusão que não houve subsídios suficientes para incluí-lo na coletânea. De outro lado, entretanto, ficou por ela comprovada a importância das notícias dos jornais que, geralmente, chegam a focalizar os ângulos ufológicos importantes, com a tendência de bem orientar as situações especializadas nas suas posteriores investigações. É por essa razão que registramos a seguinte nota:

A fazenda Cavorã, local do episódio, dista uns 50 Km de Sidrolândia, cidade matogrossense a 64 Km de Campo Grande, que, por sua vez, dista uns 2.000 Km da Guanabara, sede da SBEDV. As duas testemunhas, o fazendeiro João Rodrigues Terra, de 25 anos (com 4º ano primário) e seu auxiliar, Djalma da Silva Faques, de 22 anos (analfabeto), estavam transportando madeira em camionete para a casa do primeiro, por volta de 19 de dezembro de 1973, quando, entre 20h30m e 21 hs., já perto da encruzilhada do caminho para a casa, distante ainda uns 600m viram no céu de noite escura, uma esquisita nuvem, baixinha e "bem mais branca do que as outras nuvens". Estacionaram o carro e desceram, para ver melhor. Então, a 30m da camionete e a 1m acima do chão, surgiu repentinamente um objeto luminoso, cor de laranja (Letrafilme 118 Mg), ovalado, de 12m de diâmetro, aproximadamente, com uma calota encima e outra em baixo (vide desenho de João).

A nuvem branca havia desaparecido como por encanto e o pasto, numa distância de uns 300m, estava todo iluminado pela bola, como se fosse de dia. Entretanto, após uns 5 segundos aproximadamente, o diâmetro da luz alaranjada diminuiu durante uma fração de tempo de um só segundo até ficar apenas um ponto luminoso no centro, de tonalidade branca.



Nº 49- A nuvem e o DV conforme foi visto (e desenhado) por João Rodrigues terra.



Verificou-se, então que a superfície do objeto tinha a aparência de alumínio, branco e brilhante, e também se chegou a notar que havia um feixe luminoso, aberto em leque, partindo do centro da calota superior e dirigido para cima.

O jogo de formas e luzes não parou e, após o segundo de mudança para o foco branco central, este se alargou novamente, rapidamente, agora já na tonalidade de um azul comparável com Letrafilme 227 chegando a cobrir todo o objeto, permanecendo também uns 5 segundos, quando toda a sequência se repetiu, porém a nova cor era de tonalidade vermelha (comparável com Letrafilme 110 M).

Durante vários minutos observaram as testemunhas o jogo de contínuas mudanças das cores, no ritmo e sequência assinaladas acima, porém perceberam um vento bastante frio que se irradiava do fenômeno, daí resolveram entrar de novo no carro cujo motor, que havia sido deixado em funcionamento estava agora parado, os faróis apagados. O motor de arranque não pegou ao girar a chave e nem se acendeu a lâmpada vermelha do dínamo

Quando o objeto mudou a sua cor para azul, aí então conseguiu João, que estava no volante, dar partida ao motor, mas só conseguiu movimentar o carro em marcha lenta e com o motor acelerado para não parar.

O objeto acompanhou a camionete, a uma distância de 30 metros, sempre pela direita, durante uns 10 minutos aproximadamente, num percurso de uns 400 m em direção à casa. Foi nesse trecho que Djalma, sentado à direita de João, pode observar de perto o objeto, que agora mantinha sempre a cor vermelha, e dentro do qual acreditou vislumbrar perfeitamente um vulto humano, pequeno. Isso, entretanto, não pôde ser confirmado por João, ao nosso ver pela razão de estar preocupado com a direção do carro, que rodava lentamente, apesar dos esforços que fazia.

A 200 metros da casa o DV afastou-se em vôo rápido, em direção ao Sul, passando perto da casa de João, e só então o motor da camionete passou a funcionar regularmente.

EFEITO TARDIO SOBRE O HOMEM E O AUTO

João ficou com os olhos irritados, "como se tivesse olhando muito para uma solda elétrica", mas no dia seguinte não sentiu mais nada. Naquela noite, ele se deitou às 23 horas, mas não teve, como hábito, um sono tranquilo, contínuo. Acordou diversas vezes.

No local do encontro com o objeto, não foi notado sinal algum quando, no dia seguinte, às 7h da manhã, ele investigou a área. Entretanto, 3 dias após o episódio, a bateria do carro, que era nova com apenas dois meses de uso, de repente não aceitou mais carga, como se fosse velha, necessitando ser substituída.

A pesquisa da SBEDV foi realizada em 25 de fevereiro de 1974, dois meses após o episódio e o relato dos protagonistas coincidiram na primeira parte da narração, mas não em relação à segunda, por quanto o tripulante teria sido visto somente pelo auxiliar,

O Sr. João Terra informa ainda à SBEDV que, a 2 Km da sua casa, na fazenda Guariroba, dias antes do acontecimento acima descrito, foi também visto um DV, o que, na investigação da SBEDV foi confirma

do. Lá, o DV chegou à distância de uns 50 metros de uma camionete cujo motor, aparentemente, chegou a parar.

EPISÓDIO Nº 50
" DISCO EM LONDRINA "

Publicação: Ref. nº 225.

A FOLHA DE LONDRINA, em sua edição de 5-1-73, divulga o caso do Sr. João Marques, 31 anos vigia da residência 397, da Rua Santos, naquela cidade.

Às 2,30hs. da madrugada do dia 4-1-73, o ca seiro teria visto um objeto estranho, parado no céu em forma de "piôrra", emitindo luzes de várias cores. Era do tamanho de um avião grande. Depois, desceu, até ficar a uns 400 metros de altura. Então, abriu-se uma portinhola e, por uma corda, desceu uma criatura vestida de branco. Parecia um homem. Usava luvas brancas e, na cabeça, um capacete semelhante a uma panela de pressão. O indivíduo veio descendo até chegar na rua. Daí, caminhou em direção à casa

parando na grade do jardim, onde, com uma das mãos, comprida, apanhou um pouco de grama e levou-a à altura do nariz ou da boca. Parece que não gostou, por que atirou-a fora e colheu uma hortências, levando-a para o "avião redondo", que, depois de recolher o tripulante e a corda, fechou a portinhola e partiu, sem nenhum ruído.

Essa, porém, não foi a primeira aventura de João Marques com um disco voador, pois, em 1967, em Andradas, Minas, sua terra natal, vira um objeto mais ou menos idêntico, mas na ocasião pouca importância dera ao fato.

CIPEX e GENA



CAPÍTULO E

SELEÇÃO DE MATERIAL DE ESTUDO: CRITÉRIO ADOTADO1 - A OBJETIVIDADE NA PESQUISA

Naturalmente alguns leitores, dentro os já conhecidos do assunto Disco Voador irão criticar a exposição minuciosa e objetiva que se pretende dar ao relato das ocorrências do presente trabalho (ref 96).

Argumentarão que não foram mencionados gnomo e sílfides, que não foram feitas referências ao lado para-psicológico dos casos, que faltaram lucubrções teóricas no campo dos corpúsculos elementares, em vias de desenvolvimento, bem como outras tantas teorias em "planos mais elevados e ecléticos" que não se falou em "universos paralelos", antimatéria, etc.,etc.,etc.

Achamos de pouco interesse nesta coletânea quaisquer comentários e idéias opinativas, que possam desviar a atenção do leitor, afastando-o da realidade e objetividade do fenômeno que indica a presença, entre nós, de humanidades extraterrestres, seres evoluídos que, quando não são iguais a nós "humanos" em carne e osso, pelo menos se apresentam-se muito semelhantes na sua morfologia humanóide (ref. 107,121).

Uma vez que somos levados a admitir que algumas das idéias exdrúxulas, fantasmagóricas a respeito da "não realidade objetiva" das civilizações ex-

traterrestres sejam elaboradas e difundidas por círculos que combatem a verdade, a serviço de algumas das grandes potências que até agora têm o assunto sob as leis da espionagem e da mistificação, o cunho prático e objetivo deste trabalho torna-se um guia para o leitor especializado, caso esteja ele à procura de orientação em face da inflação de idéias despiastadoras, com as quais se procura confundir o assunto (ref. 24,30,34,77).

Com isso não queremos negar a existência de fenômenos parapsicológicos, como a telepatia. Longe disso! Entretanto não é nossa intenção nos deter em aspectos na ufologia, a não ser que venham acompanhados dos fenômenos de natureza concreta, como aterrissagens de discos voadores e presença de (seres)extra terrestres, desde que sejam verificados por um ou mais testemunhas (Ref.41,46,54,71,91,100).

Geralmente estas pessoas escolhidas ao acaso não demonstrem qualidades egocêntricas, nem se vangloriam de possuir o dom de vidência, muito pelo contrário, ficam surpresas com a fenomenologia ufológica se não assustadas e perturbadas física e psiquicamente pela influência de energias emanadas dos instrumentos das suas maravilhosas máquinas extraterrestres.

2 - MATERIAL ELIMINADO

CIPEX e GENA

a) Casos com fonte de informação deficiente

- a-1) Caso do Senhor Aladino Felix - Dino Kraspedon.

Embora muito tenha cooperado na fase de organização da SBEDV e sua "mesa redonda" (Bol. da SBEDV nº 2,3,4,5,7,8,9,10,11,13 e 14) omitimos o seu relato (Ref. 242).

Isto aconteceu não pelo fato de posteriormente o seu nome ter sido envolvido em atos terroristas (Ref.81), mas por estarmos convencidos de que as nossas pesquisas então realizadas foram bastante falhas não nos ocorreu insistir em entrevistar as duas testemunhas chaves citadas no livro - um comerciante da indústria farmacêutica e um matemático. Aliás, foram infrutíferas nossas tentativas, junto ao Senhor Félix, no sentido de sanar estas as falhas (inclusive de entrevistar a própria esposa da testemunha).

Por outro lado, lembramos os anos 1957 e 58, quando o protagonista queixu-se de ter sofrido muitas persiguições, algumas das quais nós mesmos testemunhamos.

- a-2) Caso do Paraíba do Sul (Ref. 14)

Este caso foi investigado pelo então sócio da SBEDV professor Waldik Pereira. No entanto, por ocasião de investigação posterior em Paraíba do Sul (WB) não se conseguiu localizar a casa da testemunha, motivo pelo qual foi o caso eliminado da Coletânea. (Com o caso acima citado não deve ser confundido o

caso de um teleguiado de DV observado numa sala de aula de uma escola em Paraíba do Sul ref. 391.

- a-3) Caso de Neli Brochado da Silva, de Porto Alegre (ref.40).

O caso foi pesquisado pelo jornalista gaúcho Fernando Sampaio e publicado no Boletim da SBEDV, nº 39/41, pag. 2 (em inglês), tendo o nosso confrade Carlos Varassin chamado a nossa atenção sobre a semelhança do desenho do tripulante (fig. nº 8 no referido Boletim) executado por F. Sampaio, com o dos tripulantes de Paulo Castano, em Itaperuna no desenho nº 5 do Boletim da SBEDV nº 85/89. Uma vez que o Sr. Sampaio, na sua carta à SBEDV, demonstrou insegurança em relação à veracidade do episódio, este também não entrou na Coletânea.

- a-4) Caso de Inácio de Souza

Também não apresentamos aqui o caso de Inácio de Souza (pseudônimo), publicado pelo prof. Felipe Machado Carrion, porque, como já mencionado em Boletim nº 80, pag.222 (ref.94), o fato foi mal pesquisado pelo articulista, que não interrogou nenhuma das testemunhas, nem entrou em contato com o médico que teria feito o exame de sangue. Outrossim, a Força Aérea Brasileira garante que até agora não houve hostilidade de dos supostos discos voadores, segundo notícia do Jornal do Brasil publicada no 1º Caderno da Edição de 11-5-69, 1º Cliché, quando, referindo-se evidentemente ao caso goiano, em que um tiro do lavrador não tripulante fora revidado com um raio luminoso do DV,

que teria prostrado o fazendeiro ao chão, diz: "Técnicos do SIDANI, comandados pelo chefe do órgão, Cel Gilberto Zani, estiveram há pouco tempo em Goiás e comprovaram que o episódio era (só) parcialmente verdadeiro: o fazendeiro (já) era leucêmico bem antes do acontecimento" ref. 229. E ainda mais, o proprietário da fazenda recusou ao membro da SBEDV promover seu contato com o médico goiano que teria examinado a testemunha, alegando desinteresse por parte do referido médico (segundo o Sr. Guilherme Wirz).

Se considerarmos que o articulista que publicou o fato nada pesquisou; que os pesquisadores da FAB não publicaram detalhes das suas pesquisas, como data, local e nomes das pessoas envolvidas, é evidente que nada foi feito no sentido de uma pesquisa séria neste caso.

Embora o caso da Lagôa Negra, no Rio Grande do Sul, não se situe no sistema racional de pesquisa por nós adotado, incluímo-lo, porquanto o professor Machado Carrion, pesquisou, embora tenha omitido datas e nomes dos demais investigadores que o acompanharam na pesquisa.

a-5) Caso de Sanmartin

Quanto ao livro O EMBAIXADOR DAS ESTRELAS ref 256, achamos que o encontro de Sanmartin com a pretensa mulher de outro planeta, em S. Paulo, não deve entrar na coletânea, porque ela apareceu intempestivamente, sem o "Disco" e sem nenhuma característica que levasse a aceitar sua origem extraterrena. E mais o próprio Sanmartin afirmou não assegurar a procedência extraterrestre da estranha mulher: seu contato com o homem da pedra e do "Disco" deu-se na Espanha e não no Brasil...

a-6) Material pobre em dados

Não foram tomados em consideração, para compilação, os casos assinalando a presença de tripulantes ou apenas de vultos, representando pouco ou nenhum subsídios, como foi o caso de discos voadores no Pará (ref. 110), em alguns casos de Mogi-Mirim registrados no Boletim 85/89 (ref.106) e no episódio de Sidrolândia, Mato Grosso, publicado nos jornais (ref. 230) e pesquisado por nós (veja no cap. O episódio nº 49).

b) Formas exóticas estranhas de tripulantes (bizarro em inglês, usado por alguns no sentido de "grotesco")

b-1) Caso da "VILA BAUMER"

O caso foi pesquisado pelo Senhor Carlos Varrassin do GPECE de Curitiba. O tripulante apresenta-

va uma forma geométrica, inteiramente diferente da morfologia humana, humanoide ou mesmo animalesca. O caso foi objeto de estudo do Bol. da SBEDV (ref 120).

c) Casos de robots teleguiados

c-1) Caso de Rivalino Mafra

Trata-se do sequestro de Rivalino Mafra nos arredores da cidade de Diamantina por dois engenhos aparentemente telecomandados, segundo teria presenciado o filho da infelizmente testemunha, por nós entrevistado, publicado em inglês no Bol. da SBEDV nº 28/30, pag. nº 1, Bol. nº 30 (em português) na pag. nº 8.

Houve ausência de seres extraterrestres, não só pelo que pode constatar pesquisa da SBEDV, como também pelas explicações de amigo da vítima, Francisco (chico) Prata, em discordância com publicação feita pelo APRO Bulletin setembro 1962 sobre o mesmo caso (ref. 180).

c-2) Robots com forma humana

Na cidade de Leme, estado de São Paulo, alta madrugada o encarregado de uma central elétrica manteve rude diálogo com duas pessoas, que, pelos seus movimentos sincronizados na saída, pela falta de piscar das palpebras e pela falta de sincronismo das palavras e dos movimentos buco-faciais (durante a conversa), mais pareciam robots, que, teleguiados, eram capazes de manter conversação e ainda assim como se estivessem tomando nota em um livrinho.

(*) Entretanto, admitimos que o material acima (ref.68) possa conter subsídios interessantes para o estudo da psicologia dos ufonautas, que, através dos robots, nesta Central Elétrica do Leme interrogaram um guarda noturno. Naturalmente um ufonauta teria programado e manipulado o robot, traduzindo, assim, sua filosofia.

Entretanto, 3 dias após, na Central Elétrica de Baurú (ref.68), à uma distância de aproximadamente 180 Km, um guarda surpreendeu ufonautas que procuravam algo no escritório da companhia. Estabeleceu-se luta corporal.

Haveria ligação entre os programadores de Leme e os ufonautas de Baurú? (*).

CIPEX e GENA

CAPÍTULO F

ANÁLISE DOS 40 CASOS RELATADOS: CONCLUSÕES

OBS: Admitimos que haja algumas discrepâncias na classificação feita por pesquisadores, autônomos ou em grupos, sem que isso possa levar a resultados finais diferentes.

1 - Em relação ao número de tripulantes observados

Tripulantes - Quanto ao número de tripulantes observados, podemos esclarecer que, na maioria, foram em número de dois em cada ocorrência em 14 casos, ou de três em 11 casos.

TABELA F1

Número de Tripulantes	1	2	3	4	5 ou vários	ou mais
Número de Casos	4	14	11	3	6	2

O autor do livro LA NOUVELLE VAGUE DES SOUCOU PES VOLANTES (ref.254) cita à página 181, a estatística do Dr. David Saunders, a qual, em 85.000 aparecimentos de discos voadores, registra 10% de aterrisagens.

Em nosso material brasileiro (ref.79) coletado nas fases de aparecimentos de uma centena e meia de DVs, em 1957/58 e outro tanto em 1968/1969, as aterrisagens chegaram a 8, resp. 10%. O aparecimento de tripulantes nestas duas revoadas foi de 2, resp. 7%. Nossa série atual de quarenta casos de tripulantes vistos em relação às observações de 628 discos voadores durante 14 anos (consulte a Tabela "G-4" no cap. "G"), a presença desses seres foi de aproximadamente 7%.

CIPEX e GENA

2 - Em relação ao número das testemunhas presentes

Testemunhas - Em 22 casos mais de três testemunhas, presenciaram os fatos.

TABELA F2

Número de Testemunhas	1	2	3	vários, 5 a mais	ou muitos
Número de Casos	27	1	8	3	1

Supondo-se seja aproximadamente 100 o número das testemunhas que viram tripulantes, de acordo com a tabela, e, em relação à população brasileira, de aproximadamente 100 milhões de habitantes, somente

uma pessoa em cada milhão pode ver um extraterrestre e isso distribuído ao longo dos 14 anos da nossa estatística.

Se é tão difícil que alguém tenha a sorte de ver um ser de outro planeta durante a sua vida, a mesma improbabilidade não se dá quanto a um sobrevôo, devendo para isso ser escolhida uma região bastante sobrevoada durante uma das ondas, a pessoa que pretenda fazer a observação deve munir-se de paciência, para esperar alguns dias no local, procurar do dormir mais durante o dia, para estar mais vigilante à noite, quando os objetos são vistos com mais frequência, provavelmente pela melhor visibilidade da sua luminosidade.

3 - Em relação ao horário do aparecimento

TABELA F3

SUB - GRUPO

	"VD"	"AA"	"PE"	"AF"	TOTAL
DIA	5	7	2	3	17
NOITE	11	5	1	6	23

Horário - O agrupamento psicológico dos tripulantes não evidenciou preferência por determinado horário. 17 dos casos se verificaram durante o dia e 23 à noite (leia também Bol. da SBEDV n° 8, pag.5)

4 - Em relação à vestimenta dos tripulantes

Trajes - Em relação à vestimenta, apresentaram-se os tripulantes com rosto encoberto por máscara ou por "escafandro" na proporção de 10 em 40 casos.

TABELA F4

VESTIMENTA DO TRIPULANTE

Nú	01 caso
Comum ou individual	08 casos
Igual ou uniformizado.....	13 casos
Com rosto encoberto	
ou escafandro	10 casos
Indistinto.....	08 casos

5 - Em relação ao seu tamanho

Estatura - Com relação à estatura dos tripulantes, verificou-se que, em 21 casos, ela era menor que a média humana e em 7 era maior. Em dois casos era indeterminada, já que só a parte superior do corpo era visível (nºs. 13 e 36).

No episódio nº 3 foram vistos indivíduos com estatura diferente, daí alcançar 41 a soma total dos casos considerados.

TABELA F5

TAMANHO DOS TRIPULANTES	NUMERAÇÃO DO EPISÓDIO	NÚMERO DE CASOS
Ignorado	13-36	02
Menor que 1 metro	08-10-19 31-39-40	06
1m a 1,50m ou "menor que terrestre"	2-3-4-5-7-15-16-20 24-27-30-32-33-35-38	15
1,6m a 1,8m ou "igual a terrestre"	01-06-11-14-17-18 25-28-29-34	10
1,90m a 2,20m ou "maior que terrestre"	03-09-21-22 23-26-37	07
Gigantes de 3 e 6m	12	01
T O T A L.....		41

CIPEX e GENA

Todos os casos de morfologia de aspecto terrestre foram incluídos neste grupo, inclusive os de tripulantes com tamanho menor que um metro.

Um detalhe desconhecido entre os terrestres, como um "olho de gato" (ver no Estado de São Paulo, edição de 10 de março de 1974: "Olho que brilha no escuro"), pela existência de uma camada "refletora da luz" (tapetum) no olho como no caso 15, e "uma boca feia, rasgada" (caso 24), permitiram a inclusão dos casos no grupo "humanoide".

Dos 40 casos considerados, não foi possível, em 16 casos, a definição de morfologia do tripulante, seja por estar mascarado, por ser de noite ou estar à longa distância da testemunha.

Nos 24 casos em que foi possível a distinção do tipo de tripulante, predominaram as formas "essencialmente humanas", em número de 15, sobre as formas "humanóides", em número de 9 (estabelecendo-se a relação de 5 : 3).

CIPEX e GENA

TABELA F7

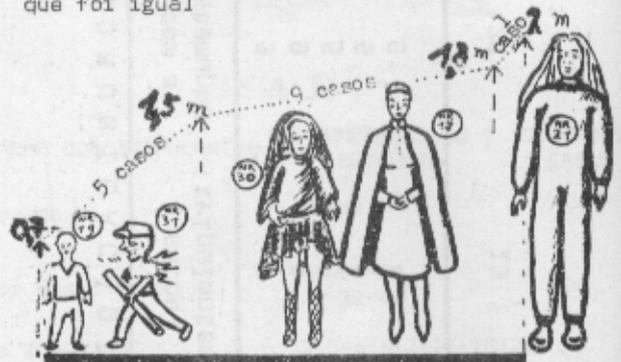
Nº de Casos	MORFOLOGIA	ESTATURA	NUMERAÇÃO DO EPISÓDIO
15	HUMANA	9 normal	06-11-17-16-26 28-29-32-34
		5 menor	05-19-30-31-38
		1 maior	21
09	HUMANOIDE	-	10-13-15-20-22 23-24-33-35-
16	INDEFINIDA		01-02-03-04-07 08-09-12-14-16 25-27-36-37-39-40
40	TOTAL		

Como varia enormemente o padrão de beleza no Universo, achamos desaconselhável o uso da expressão "monstro" para os tipos que diferem dos padrões morfológicos terrestres. Estes, conforme a peculiaridade morfológica, deveriam ganhar a cognominação da sua espécie, ou gênero, como "cyclopicus" para o

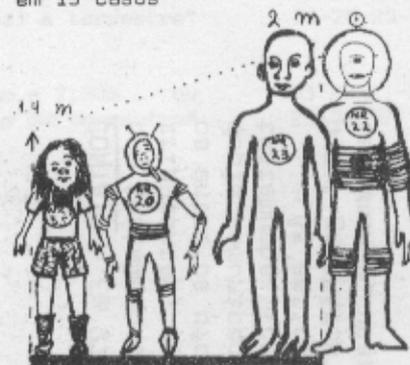
tripulante de um único olho. (de Sagrada Família); "glabrus" ou "bidigitus", como os homens observados por A. Rossi; "assymmetricus", os que apresentam implantação assimétrica dos olhos, como os vistos por Tiago Machado, etc, etc.

Todas as espécies ou gêneros observados no Brasil fariam ainda parte da família dos HOMINÍDEOS, uma vez que entre nós não foram observados elementos alados.

Em 24 casos conseguiu-se observar a morfologia dos tripulantes, que foi igual



ao homem terrestre em 15 casos



semelhante ("humanóide"), em 9 casos

Fig. "F-7" - Gráfico que demonstra a relação entre os variados tipos de ufo-nautas

8 - Efeitos Estranhos Verificados em Alguns dos 40
Casos

Movimentação - Em seis casos (n^{os}. 8, 18, 20, 22, 25 e 28) os tripulantes movimentaram-se pelo ar: ao longo de raios luminosos em três casos, dos quais dois (n^{os} 25 e 28) em forma helicoidal e um (n^o 22) em linha reta (ref. 46, 72, 99, 101, 103).

Em um dos casos, foi a própria testemunha "aspirada" através de uma porta (n^o 36) e em outro (n^o 39), foi manipulada no ar pelos tripulantes, por meio de raios luminosos. Houve ainda um caso nos arredores de Nova Friburgo ainda não publicado em Boletim, quando o tripulante foi observado a locomover-se horizontalmente no ar.

FIGURA N^o 8

Desaparecimento - Em três casos (n^{os} 5, 7, e 10), os tripulantes desapareceram inexplicavelmente ante os olhos da testemunha.

* Aliás, se nos fosse dado opinar sobre o fato destes tripulantes que de repente se tornam invisíveis, acrescentaríamos - invisíveis apenas para os nossos olhos -.

Hája visto o caso do casal inglês Templeton da cidade de Carlisle (F.S.R. Nov/Dez. 1964, pag. 11) que, no campo, bateu foto de uma filha e só após a revelação pode notar que havia, também fotografado um ufonauta, naquele momento invisível aos seus olhos.

No caso n^o 10 a testemunha relata que o ci- garro que estava segurando entre os seus dedos desapareceu quando o ufonauta também desapareceu.

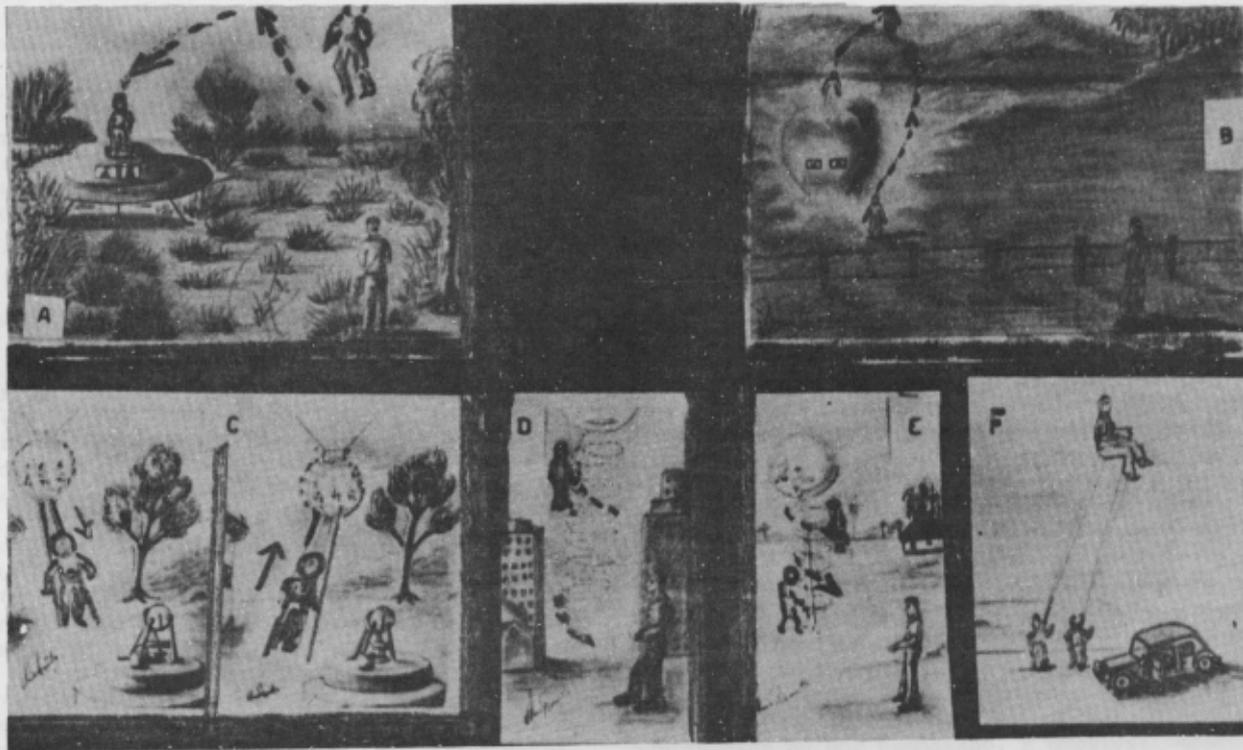
Efeitos fisiológicos - Em 10 casos, houve imobilização passageira da testemunha, por influências inexplicadas de raios ou campos energéticos (Ref. 10, 18, 20, 22, 25, 30, 33, 34, 36 e 39). No caso n^o 6, surgiu a fraqueza muscular posteriormente ao contato, e que perdurou por vários meses. Houve dor de cabeça posterior ao contato em 5 casos (episódios 2, 10, 27, 39 e 40); irritação das conjuntivas, sudorese, palpitações (separadamente ou em conjunto) em 8 casos (4, 15, 17, 18, 25, 36, 39 e 40) e diarreia no caso n^o 38 (leia-se também o caso de Ventura Maceiras na pag. 16 do Ufo Contact Fev. 1975 - ref. 199 e também as ref. 35, 41, 46, 54, 55, 61, 71, 87).

A experiência estranha ou luta corporal com o extraterrestre produziram efeitos emocionais esperados e dentro da normalidade em 8 casos, Episódios (19, 28, 29, 31, 32, 33, 35 e 37).

Relatividade - Em dois casos houve efeito de modificação da contagem de tempo, se comparados com os padrões terrestres casos: n^{os} 26 e 33 (ref. 113).

CIPEX e GENA

Fig. n^o 8 - Movimentação aérea nos casos n^o 20 (em "A"), n^o 8 (em "B"), n^o 22 (em "C"), n^o 25 (em "D"), n^o 38 (em "E") e n^o 39 (em "F").



O COMPORTAMENTO DOS TRIPULANTES

TABELA G-1

ESTUDO COMPARATIVO DO COMPORTAMENTO DE TRIPULANTES NUMA REGIÃO DELIMITADA (CIDADES BAURÚ, LINS E PIRASSUNUNGA) DURANTE A ONDA DE SOBREVÔOS PELOS DISCOS VOADORES EM

1968-1969					
Ex.	Sequência Cronológica	Cidade	Morfologia e Estrutura	Atividade	Nº do Episódio
1º	01-06-68	Baurú	Humano normal	Invasão de escritório	29
2º	25-06-68	Lins	Humano normal	Pedindo água em Hosp.	17
3º	19-11-68	Pirassununga	Humano normal	Gesto p/a testemunha	28
5º	06-02-69	Pirassununga	Humanoide	Gestos e intercâmbio	20
6º	06-02-69	Pirassununga	?	Visto à distância	14
7º	12-02-69	Pirassununga	Humanoide	Agressão n/provocada	35
8º	-02-69	Pirassununga	Humano pequeno	Observando galinheiro	11

-- (Consulte o mapa explicativo "G-2" na capa do Boletim)--

CIPEX e GENA

Na Tabela "G-1" foi estudada a atividade dos tripulantes do seguinte modo:

- 1º - Invade o escritório de uma estação hidroelétrica em construção;
- 2º - Pede água à atendente de um sanatório;
- 3º - Examina uma máquina de terraplanagem;
- 4º - Enfileirados à beira de uma estrada, fazem gestos amistosos de cumprimento aos passageiros de um carro;
- 5º - Observam galinhas e canal de uma fazenda.

Por mais incrível que possa parecer, nos casos 5º, 6º e 7º da Tabela "G-1" todos observados a algumas dezenas de metros de distância uns dos outros (sendo os casos 5º e 6º até na mesma data), houve grande diferença na atitude dos tripulantes, os quais pareciam pertencer à mesma raça:

- No caso 5º aceitou presente da testemunha
- no caso 6º "armando por instantes a sua barracquinha", a poucas centenas de metros da testemunha, e,
- no caso 7º, administrando um boa sova a um pobre trabalhador, sem nenhum motivo aparente (ref. 49, 79, 89, 104), comportamento contraditório em vista da atitude pacifista que temos defendida nos ufonautas.).

É compreensível que cada um interprete a sua maneira as intenções dos extraterrestres, conforme a sua profissão, educação e tendências morais. O espírito aventureiro vê no teleguiado do DV, muitas vezes representado por uma bola luminosa, alaranjada ou amarela, a "mãe-de-ouro" ou o "boi-tatá", na crença de que estes objetos indicam tesouros enterrados no subsolo; os militares e as leis de segurança vêem no disco um "invasor", que põe em risco o domínio político-militar e a hegemonia, pois esses

engenhos, com as suas forças tecnicamente superiores, sobrevoam fortificações, fábricas, arsenais, bases militares e de lançamentos de artefatos espaciais. Acha o geólogo que os DVs estão a procura de metais e terras raras; o agricultor pensa que eles precisam das nossas sementes e mudas de hortaliças e frutas. (Veja ref. 125, 149 e leia também cap. "E-2-C-2").

No Boletim nº 74/79 da SBEDV, página 33, assim nos expressamos: "...constatamos a presença, na mesma região e na mesma época, aproximadamente, de homens extraterrestres de diferentes origens, porquanto demonstraram diferenças na anatomia e no seu comportamento. Isso, mais uma vez, confirma a nossa opinião... de que a abordagem dos terrestres pelos extraterrestres se processa em uma base ampla onde numerosos mundos cooperam de maneira pré-concebida ou apenas fortuitamente, mas impelidos pelas leis cósmicas, cada um conforme seu estágio de evolução e tendência..." (ref. 49, 79, 89)

Com isso não queremos afirmar que sempre haja "cooperação" consciente entre as diversas raças cósmicas que aqui aportam. Ocorre nos comparar a cooperação inconsciente dos diversos órgãos do nosso organismo, numa sincronização perfeita, talvez regida pelo mesmo espírito que domina as raças siderais nas suas viagens à terra.

É possível que alguns dos extraterrestres se sintam atraídos no sentido de afastar-nos de um caminho que fatalmente conduziria a um desastre, talvez ao nosso desaparecimento: seriam raças com tendência evangelizante. Outras raças que nos visitam talvez o façam no sentido de observar-nos, por mera curiosidade ou por compaixão. É possível, mesmo, que



Fig. "G-3": Mapa que localiza os 40 casos estudados

CIPEX e GENA

alguns desses visitantes venham aqui com a intenção de se prepararem no sentido de se apossar da Terra quando chegar o momento em que a humanidade exale seu "último suspiro", num holocausto atômico ou num sufocamento ecológico.

Ao nosso ver, todos esses seres têm "algum" papel na sinfonia celeste da convivência dos homens e humanoides - interplanetários.

Em nosso espírito simplista, só vemos utilidade nos seres que nos cercam, certos animais, para a nossa alimentação; os cães, para obedecerem às nossas ordens, enquanto não vemos nenhuma utilidade nas cobras (que devoram os ratos), nos abrutés que comem os cadáveres e, assim, saneiam o ar. Assim, precisamos ver utilidades e algum sentido na vinda à Terra de toda essa diversidade de raças extraterrenas.

É óbvio que esses seres não vêm aqui fazer só turismo, mas nem sempre suas atividades são com previdas pela mente imediatista do homem na fase atual de evolução. Assim é que nos interrogamos qual o atrativo especial que motivou a vinda de diversas raças, a certas regiões do nosso país, (veja os mapas "G-2" e "G-3") em preferência a outras.

Este raciocínio se torna mais expressivo no mapa "G-2" (veja capa do Boletim) onde na mesma época, no mesmo local, foi localizado o aparecimento de diversas raças, com procedimentos diferentes:

Pirassununga estado de São Paulo e cidades próximas, Baurú e Lins, distando uma das outras 110 e 250 Km aproximadamente. Isso aconteceu durante uma revoadada de DV, assinalada com uma seta no gráfico "G-4" (compilação bimensal de ocorrências nos anos de 1958 a 1970 (tabela "G-5").

Uma vez que as diferentes raças e até as mesmas raças demonstraram maneiras bem diversas no tratamento com as testemunhas terrestres, parece-nos que, embora aparentemente existam diferenças nas suas intenções, estiveram elas apenas obedecendo a um plano cósmico comum, cuja finalidade ainda foge à nossa percepção, pela falta de um intercâmbio, que poderia, talvez, nos elucidar neste "por que".

Nos 8 casos focalizados na tabela "G-1" observamos três ou mais raças diferentes, não só no comportamento, como no inesperado das reações às situações locais.

Observamos o tripulante quando estava invadindo o escritório de uma central elétrica de Baurú (caso nº 29), o que colhia amostra de terra e examinava uma máquina de terraplanagem e que imobilizou a testemunha, fugindo a seguir (caso nº 30).

Há, também, ocorrências em que os tripulantes demonstram um comportamento aparentemente irracional, comparado aos nossos padrões terrestres. Assim, por exemplo, no caso nº 35 os tripulantes atacaram de repente, um operário, quando a caminho do local de trabalho.

Poder-se-ia justificar que tal atitude tinha por fim capturar o operário - como no caso de Bebedouro ou de Vilas Boas - para posterior interrogatório ou exame físico. Mas, assim sendo, porque os tripulantes fugiram sem utilizar o operário enquanto imobilizaram seu cachorro, que "ficou rolando no chão, sem que eles lhe houvessem tocado, com pernas fracas, a ponto de não poder acompanhar seu dono, quando este se afastou?"

Será que estes tripulantes, em roupas iguais às nossas, apenas esticavam os membros num

exercício de força, fora do controle do seu líder, que possivelmente estaria no grupo de escafandris - cas (caso nº 20 de Tiágo)? A morfologia era igual no desnível de olhos e desigual o comportamento, afável de uns, como no caso do Tiágo, que entretanto, foi imobilizado com um raio.

A violência espontânea dos extraterrestres, não se coaduna com a sua tecnologia avançada, que, pelo nosso raciocínio, espera sentimentos morais elevados e pacíficos, que evitem uma autodestruição, por guerra fratricidas, que tanto tememos.

Procurando explicação para o comportamento estranho dos tripulantes no caso nº35 poderíamos ainda supor que seja o caso de um raciocínio diferente, do qual participam interpolações de percepções ainda não presentes entre nós, com raras exceções, como acontece nos fenômenos de telepatia, visão, premonição, telestesia, carma etc.

Se estes casos de comportamento estranho por parte dos tripulantes fossem raros, nos referimos apenas a agressões - não (estritamente no sentido de) agressão -, poder-se-ia pensar em pesquisas mal feitas. No entanto o número destas ocorrências, tende a aumentar no mundo inteiro.

É possível que o caso de George Adamski tenha também a sua explicação quanto a alguma inconsistência no comportamento dos tripulantes encontrados por ele, os quais, em relação à face oculta da Lua, informavam que as condições de vida humana lá eram boas, ao passo que a NASA nega a possibilidade de vida naquele local.

CIPEX e GENA

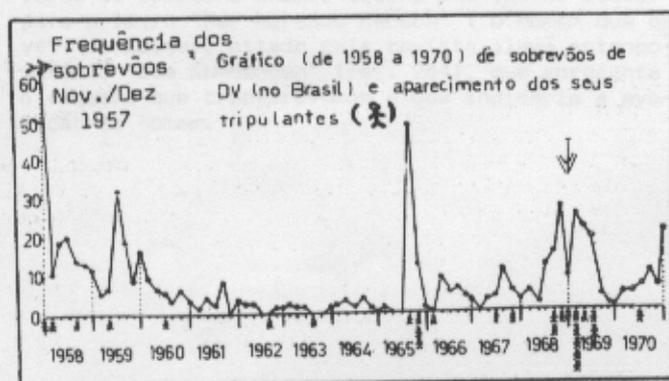


Fig. G-4 - Gráficos referentes a DV, bimestralmente, no período de Novembro 1957 à Dezembro de 1971.

Também no início os tripulantes de Adamski negaram a presença entre nós de extraterrestres cuja constituição fosse diferente da nossa. Também afirmavam que todos que nos visitassem teríamos os mais elevados padrões morais, o que posteriormente nem sempre foi comprovado pela pesquisas brasileira.

TABELA G - 5

FREQUÊNCIA BI - MENSAL DOS SOBREVÔOS DO BRASIL NOS ANOS (1958 a 1970)

ANO	Jan.-Fev.	Mar.-Abr.	Mai.-Jun.	Jul.-Ag.	Set.-Out.	Nov.-Dez.	TOTAL
1957	—	—	—	—	—	62	62
1958	10	19	20	14	13	11	87
1959	5	6	32	18	8	16	85
1960	9	6	5	3	6	3	32
1961	1	4	2	8	0	3	18
1962	2	2	0	0	1	1	6
1963	2	1	1	0	0	1	5
1964	2	3	1	4	1	0	11
1965	1	0	0	48	12	1	62
1966	0	9	5	6	7	3	30
1967	0	3	4	11	5	3	26
1968	5	2	12	15	27	9	70
1969	25	22	19	4	1	1	72
1970	5	5	7	10	9	26	62
total							628

Em todo caso no intuito de melhor compreender estas estranhas atitudes, a certo prazo e enquanto por iniciativa própria, não nos é dado visitá-los, até mesmo por desconhecê-los a origem, só nos resta estudar a maneira de melhor nos comunicarmos (casos nº 18,21,23,25,26,33,34 e 40).

As experiências de Artur Berlt (caso nº34) Antônio Rossi (caso nº 23), Mário Restier (caso nº 26) em viagens extraterrestres ou as repetidas experiências de Wilson Gusmão, de Alexânia (caso nº 18), fortalecem esta nossa afirmação.

Também devemos admitir que o receio dos extraterrestres em relação à Terra varie, conforme o seu grau de evolução, e a distância do seu mundo, do seu sistema solar ou da sua galáxia...

HAVERÁ JUSTIFICATIVA DO PONTO DE VISTA GENÉTICO PA
RA OS DIFERENTES TIPOS HUMANÓIDES?

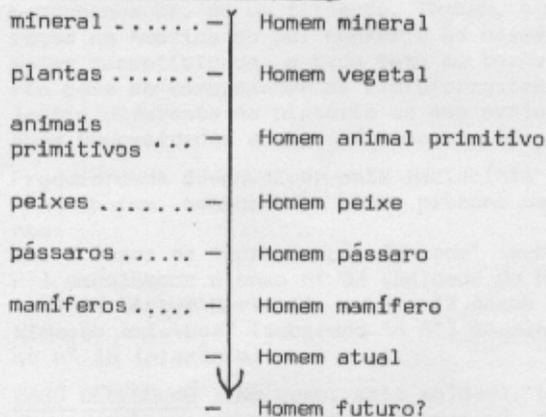
Achamos aplicável no caso o raciocínio do filósofo cósmico Teilhard de Chardin que se referiu ao homem terrestre mas que nos pareceu poderia ser aplicado ao extraterrestre e que Carlos Heitor Cony muito bem citou em artigo da Manchete (Ref. 292 : "A evolução seria um modo de ser Deus. O HOMO SAPIENS representaria o encontro entre a matéria e o espírito, o ponto exato da trajetória em que a evolução muda não apenas de gráu, mas de gênero. Por sua vez, na medida em que o homem sobe, Deus desce para realizar a convergência...")

Se aceito, este novo fato não anularia a tríade: hereditariedade - seleção - mutação. A lei de Darwin apenas receberia a complementação: - um quarto elemento - A PROGRAMAÇÃO DIVINA DA EVOLUÇÃO DO HOMEM. Assim a evolução do reino animal seria igualmente preconcebida - a feitura do homem - "à imagem do criador" (Karl Konig - ref. 241).

As várias formas de homem - 1º Homo Sapiens Terrenus - 2º Homo e Humanoide "Sapiens" Interplanetarius - como foram encontrados em nossas pesquisas, não da mais seriam do que produtos transitórios da evolução no tempo e no espaço que, naturalmente levaria em conta as peculiaridades dos respectivos reinos animais, a predominância dos primatas (na Terra) e outros mamíferos, dos peixes e aves, o que perfeitamente poderia explicar os espécimes achados nas diversas coletâneas ufológicas (ref. 96 , 121).

Torna-se oportuno chamar aqui a atenção do leitor para o livro "Der Horende Mensch" ("O Homem que ouve") de Kayser, citado pela revista alemã antroposofista "Die Kommenden" (ref. 284), que apresenta o esquema que transcrevemos e que indicaria a evolução do homem.

Imagem primitiva do homem



Nota-se que esse gráfico genealógico, idealizado numa época em que não se falava ainda em discos voadores e por uma Sociedade que até hoje os nega (como sendo extraterrestres), é, realmente, um fato bastante curioso!

Se, para as nossas considerações, tomássemos por base o esquema de Kayser, então os tripulantes pesquisados em Joinville, por Carlos Varassin (leia -se capítulo "E-2.b), poderiam representar o elo do "homem mineral" nesta escala filogenética. O homem glabro, encontrado por Antônio Rossi, seria talvez o tipo do homem terrestre "futuro".

Para conhecermos melhor este assunto e podermos informar com mais justeza, necessitamos estabelecer contatos mais frequentes com os tripulantes, tema este já focalizado e desenvolvido no capítulo "I".

O PROBLEMA DO INTERCÂMBIO COM OS UFONAUTAS

1 - Prós e contras

CIPEX e GENA

O Brookings Institute, em estudo feito, a pedido da NASA (ref. 25, 228, 257), opinou que, de contato de uma civilização superior, no caso, os extraterrestres, com uma de nível inferior, no caso a Terra, esta civilização superior terminaria absorvendo a outra.

Poder-se-ia argumentar que isso não seria bem o caso com os extraterrestres, já que, por toda a história da humanidade nos últimos 5.000 anos, a Terra não foi escravizada, nem invadida, nem absorvida pelos seres de outros mundos, muito embora estes, nas suas esporádicas visitas, demonstrassem estar tecnologicamente em condições de fazê-lo. Talvez seja exatamente essa filosofia de tolerância pacífica por parte de superpotências extraterrestres que choque nossos líderes conservadores, já que aqui entre nós esta filosofia não existe e que o mais forte sempre domina o mais fraco.

Mais chocante ainda para os nossos líderes terrestres, devem ter sido os relatos de testemunhas que privaram longa e repetidamente com esses seres espaciais, e que dizem que naqueles mundos há distribuição equitativa dos bens materiais; que, lá, o uso do petróleo e do átomo foi substituído por outras fontes energéticas mais simples.

Dai se concluir que qualquer contato em bases mais amplas com uma destas civilizações seria interpretado como uma SUBVERSÃO (ref. 182, 232, 280, 211). Dai compreender-se que o problema DV possa ser enquadrado nas leis da espionagem e da guerra psicológica. Esse cerco ao problema dos discos voadores dentro da pesquisa propriamente dita, é executado pelos slogans lançados por "experts" políticos como foi mencionado no capítulo "K-2".

Só uma modificação de grande profundidade - cataclismo, atômico ou telúrico - extinguindo as facilidades do confortável do mundo em que vivemos, poderia criar a possibilidade de substituição destas cômodas estruturas.

Mas, se compararmos o impasse atual do problema dos DVS com aquele que se verificou no tempo de Galileu, veremos então, que os órgãos de segurança daquela época prontamente entraram em função com as suas medidas repressivas. Mas, é certo que os entraves à evolução da humanidade foram superados, não deixando ressentimentos.

Dessa maneira, por estar a humanidade em constante evolução e, para não resvalarmos um dia no caos ou no pânico pelo nosso despreparo psicológico frente a uma repentina intensificação do contato com os extraterrestres, pensamos que todo esforço deve ser feito atualmente no sentido de mostrar com clareza as bases futuras que devam reger tais contatos.

Inicialmente tentaremos justificar a preferência pelo continente americano, especialmente a parte sul, inclusive o Brasil, para suas aterrisagens e contatos. Não nos parece que o que os atrai sejam especificamente instalações militares, hidroelétricas, agricultura ou minas de metais raros, embora, tudo isso também entre no rol das observações. Parece-nos que o elemento humano aqui constitui o elo mais provável dessa preferência, já que o povo sul-americano é bastante acessível. Ao nosso ver, o calor humano que aqui se encontra jamais será substi-

tuído pelos conhecimentos tecnológicos de um engenheiro atômico ou os conhecimentos de um Kant, um Schopenhauer, de um filósofo. Também, a mistura de raças na América do Sul conferiu às nossas mentes maior receptividade, e tudo isto se torna necessário para se compreender os extraterrestres, com um lastro diferente na história de sua evolução e das suas necessidades e suas afinidades.

Procuraremos desenvolver este raciocínio nas linhas abaixo, usando três casos citados na Coletânea:

Dos 9 casos de "aproximação forçada" (subgrupo "A-F") escolhemos o caso nº 33 (soldado de Bebedouro) e nº 34 (Artur Berlest), e, dos 12 casos de "aproximação amistosa" (subgrupo "A-A") escolhemos o caso nº 18 (Alexânia).

CASO BEBEDOURO - No caso, este soldado, teria sido convidado para um estágio de 7 anos no mundo dos extraterrestres, após o que, voltaria para o seu antigo habitat, com novas instruções. Aparentemente, demonstraram seriedade nas suas intenções, por quanto, algum tempo depois do primeiro contato, os tripulantes apareceram em frente à casa do soldado, como a lembrá-lo da proposta, sem, contudo, forçá-lo a uma decisão.

Poder-se-ia argumentar que o soldado correria grandes riscos... Isso, porém, seria problema dele, cuja resolução dependeria do seu espírito aventureiro. Não seria argumento válido, também, dizer que o militar, em contato com os extraterrestres, poderia revelar-lhes graves segredos e nossas fraquezas, primeiro porque um soldado raso não conhece graves segredos militares, nem tão pouco as deficiências das nossas forças de mar, terra e ar; segundo, porque coisa ou quase nada poderia o homem do Bebedouro informar aos extraterrestres que eles ainda não soubessem. Por outro lado, seriam de inestimável valor para nós as informações que o soldado trouxesse, ao voltar; de civilizações e mundos e volúidos que houvesse visitado. Também não estaria fora de cogitações que, posteriormente, esse contato pudesse ser estendido aos superiores hierárquicos do soldado, em nível governamental.

Só assim poderia justificar-se o pagamento do soldado aos seus familiares, na sua ausência da Terra, já que ainda continuaria na sua corporação, em bora destacado para outra missão oficial e... diferente, mas importante, em outros mundos...

Tudo isso, porém, não poderá tornar-se realidade, por enquanto, porque a real existência do problema DV não foi ainda reconhecida oficialmente.

No caso de Berlet, o problema apresentado seria o mesmo. Todavia, não desejando esperar um cataclismo atômico e com ele a vinda dos seres de outros planetas, seria necessário reconhecer primeiro a existência do problema DV, para, assim, conseguir-se uma reviravolta na mentalidade geral da população junto à liderança. Isso poderia ser conseguido conforme as recomendações no fim deste trecho, transcritas do Boletim da SBEDV (ref. 95).

CASO ALEXÂNIA - O caso de Alexânia presta-se melhor para as nossas argumentações, porque o contato foi presenciado por um seletivo grupo de oito pessoas, entre elas o General Uchôa que, durante longos meses,

pesquisou o caso, transmitido depois aos seus cidadãos no livro OS DISCOS VOADORES E A PARAPSIKOLOGIA. O próprio general, com circulação livre em um dos órgãos de segurança do país, como o relata no seu livro, deve ter sentido mais ainda o impacto que causou nos meios oficiais a extraordinária experiência da testemunha Wilson Plácido Gusmão. Assim, ninguém melhor que o general estará, no futuro, em condições de constituir elo de ligação entre terrestres e extraterrestres, quando, reconhecida publicamente a existência do problema, for resolvido pensar seriamente no estabelecimento de contato com outros mundos. Infelizmente, isso não nos parece viável no momento, porque existe um relacionamento muito íntimo entre a economia e a política terrestres e nenhuma nação goza de independência econômica suficiente para tomar, sozinha, suas resoluções.

Se tivéssemos a liberdade sonhar um planejamento futuro, então, à semelhança da descoberta de terras novas pela navegação espanhola e do desbravamento do Brasil pelas bandeiras portuguesas, sugeriríamos que fosse constituída uma BANDEIRA EM DIREÇÃO AOS EXTRATERRESTRES. Assim como resguardamos os marcos de nossa cultura, de nossa história, através do tombamento de prédios, monumentos e peças históricas, no sentido de legar às gerações futuras testemunho vivo do nosso passado, assim também poderia ser tombada a Fazenda de Wilson, para facilitar não só a ele como ao grupo de pesquisadores os meios materiais e sossego de espírito que permitiria outros contatos, porventura julgados úteis.

De fato, a permissão dada a um grupo selecionado de oito pessoas para observar o contato - caso único no mundo, ao que nos consta, constitui-se certamente num teste psicológico, premeditado pelos seres de outro planeta, no sentido de observarem as nossas reações frente a este fato incomum. Aliás, parece-nos oportuno mencionar que esse grupo foi constituído em grande parte por pessoas com tendências filosóficas espiritualista, portanto, de mente mais aberta e talvez melhor preparada para o acontecimento cósmico. "En passant" seja-nos permitido dizer que o contato no bairro da Baleia - Belo Horizonte - pesquisado pelo CICDANI, também parece constituir-se num teste de natureza psicológica, premeditado pelos extraterrestres, para experimentar o elemento humano local.

Entretanto, após este contato, a vida de Wilson Gusmão se desajustou, não obstante o crédito de que gozava na agência do Banco do Brasil (ref. 239), segundo o Gal. Uchoa. Vejamos: Wilson perdeu o emprego, viu-se obrigado a vender sua fazenda, perdeu até as fotos do DV.

Ocorre-nos lembrar ainda, que, então (no Congresso ufológico paulista de 1972), o Gal. desaconselhou a comercialização das fotografias para o exterior. E isto tinha razão de ser pois elas constituiriam a prova da experiência de Wilson e complemento de grande utilidade para ilustrar seu relato junto ao pesquisador.

Coloquemo-nos no lugar de Wilson Gusmão, o que sobrou de tão significativa experiência? Como pode -

ria ser consertada esta situação?

Nesta eventualidade ocorre-nos lembrar que em reunião de que participamos (junto ao Sr. Wilson Gusmão) em Brasília o general Uchoa teve a gentileza de conceder-nos a palavra.

Finalizando lembramos a advertência de Lord Dowding, ministro de Defesa da Inglaterra na segunda guerra mundial: "... seria ato de criminosa irresponsabilidade tentar-se evitar um contato, porquanto podem trazer benefícios incomuns para a humanidade" (ref. 151).

George Adamski, segundo o "Boletim de Notícias Cósmicas" dos seus seguidores, aconselhou "... ser amável e reconhecer a gente vinda de outros mundos! Sejamos suficientemente inteligentes", disse Adamski, "para aprender com aqueles que podem ensinar - nos tanto, que querem ser nossos amigos, bastando para isso que os recebamos bem!"

Fig. "I" - Em "A" - Fotos de DVs, publicados pela revista "UFO Contact", inclusive de George Adamski. Em "B" - Foto e desenho de um DV semelhante ao de Adamski. Foi publicado pela revista Skylook (ref. 176), da MUFON, - organização ligada ao próprio professor Hynek.

OBS. da SBEDV: Evidentemente referiu-se Adamski a um grupo específico, com o qual cooperou durante longos anos. Somente anos depois, chegou ele a saber da existência de outros grupos extraterrestres não tão nobres e nem tanto interessados no nosso destino. No entanto, para a Terra, são muito valiosos os grupos de outros mundos com tendências "adamskianas", de morfologia igual à terrestre. Assim, devemos salientar estes últimos para os nossos políticos, visando o estabelecimento de contato em bases mais amplas.

Queremos alientar mais uma vez a idoneidade de Adamski (ref. 47, 136) quando afirmava ter contato com tripulantes do DV o que foi ainda observado por 3 ou 4 dos seus colaboradores (ref. 167/8, 194/6 e 198). Um deles, Madeleine Rodeffer, foi até avisada com antecedência de um dia da passagem do DV pela sua propriedade. Os ufonautas a que se referia Adamski eram não só do tipo humano como também de fácil comunicação. Tipo ideal para contato terrestre.

Com isto, Adamski deu um grande impulso ao assunto e só agora, após 20 anos, começaram alguns a pensar em estabelecer aqueles contatos que Adamski já então recomendara.

Qualquer estudioso do problema concluirá que a América do Sul tem sido eleita para aterrissagens constantes dos DV, e talvez, por esse motivo, escolhida para realização de congresso internacionais de alto gabarito.

Entretanto, após 18 anos de estudo chegamos à conclusão de que o problema dos ufonautas é problema da humanidade, de ciências como a antropologia e, finalmente, apenas policial na medida em que cabe a ela a guarda da ordem e bem estar do cidadão....

CIPEX e GENA

Para estimular o contato com os extraterrestres, cremos que seria possível estabelecer um plano em três fases:

Fase Nº 1 - Seria de "tomada de posição", quando se procederia a uma comunicação ampla e oficial a respeito da existência de extraterrestres entre nós, e dos seus veículos espaciais popularmente chamados Discos Voadores (DV).

A propósito, lembremo-nos da afirmação do General Moacir Mendonça de Uchôa, Presidente de Honra do "4º Colóquio sobre DV", a respeito da eliminação do segredo sobre os DV. Talvez tenha isto marcado o início desta 1ª. fase.

Fase Nº 2 - Poderiam ser liberados e re-editados relatos sobre contatos, até agora sepultados em arquivos particulares e oficiais, bem como publicados fotos de DV. Por um mecanismo natural de encorajamento ("feed back"), o próprio povo seria levado a não mais considerar o assunto como ridículo. E os novos contatos com os DV se tornariam conhecidos tão logo ocorressem.

Fase Nº3-a) Poderiam os círculos oficiais designar grupos de trabalho, constituídos de pessoas estudiosas da matéria, ou de elementos qualificados por seus conhecimentos especializados e universitários; a eles caberia classificar os diversos fenômenos li-

gados às aterrisagens, aos tripulantes e aos contatos. Isto permitiria cautelosas conclusões sobre o comportamento dos extraterrestres, em função de nossa civilização e tecnologia diferentes. Seria então elaborado um código que orientaria futuros contatos de terrestres com extraterrestres. Neste código, tanto quanto possível, seriam eliminados os raciocínios terrestres, para evitar barreiras. Na elaboração deste código, naturalmente, seriam ouvidas as pessoas com experiência de contatos prolongados e repetidos e ainda participariam, a título de conselheiros, líderes cívicos e civis das nossas comunidades, especialmente aqueles que disto tivessem dado provas pelas suas obras sociais. (ref. 3- 11- 49- 112- 123).

b) Se por acaso resultar desses contatos algum conhecimento que determine supremacia da nação que o adquirir, e se esta nação for o Brasil, estamos certos de que, pela índole pacífica e espírito de humildade - (sem subserviência) - do brasileiro, jamais esses conhecimentos serão usados para o mal.

c) Se em nossos dias já há indícios de transposição de ideologias, nada mais natural do que eliminarmos aqueles que nos dificultam uma boa comunicação com os extraterrestres. (ref. 95).



Fig. - "I" - Em "A" - Fotos de DVs, publicados pela revista "UFO CONTACT", inclusive de Jorge Adamski. Em "B" - Foto e desenho de um DV semelhante ao de Adamski. foi publicado pela revista Skylook (f. 176), da MUFON, organização ligada ao próprio professor Hynek. -

1a.Faceta: - Despistamento

O despistamento na ufologia tem sido comparado, muito acertadamente, com o "ruído" nas comunicações de radiotelefonia, o qual muitas vezes chega mesmo a impossibilitar que se ouça ou se compreenda, com nitidez, o verdadeiro sentido de uma mensagem radiofônica. Assim, os conhecidos estudos ufológicos da Força Aérea Norte-americana, como o projeto "Sign" (sinal, em português), seguido pelo projeto "Grudge" (Má Vontade, em português) e, depois, pelo "Blue Book" (Livro Azul) tiveram, no decorrer dos últimos 20 anos, a função de esconder do grande público dos Estados Unidos (pelos seus "ruídos") a significação ("o sinal") dos Discos Voadores.

Em retrospecto, vamos considerar algumas das facetas deste despistamento, por vezes comparável a uma verdadeira cortina de silêncio.

Já em 1951 foi o assunto UFO classificado como segredo pelo Estado Maior das Forças Armadas dos Estados Unidos e, como tal, colocado sob as leis de espionagem (ref. 258,273) do artigo 200-2 da Força Aérea. Só era permitido à Força Aérea mencionar o assunto em público se pudesse ser descrito como um fenômeno terrestre e natural, como borboletas, bando de pássaros em voo, Venus, re-abastecimento de aviões em pleno voo, reflexo da lua ou de holofotes em nuvens ou camadas atmosféricas, com inversão de temperatura, etc., etc., ou dizendo apenas que o episódio seria estudado, sem, contudo, dar as explicações necessárias.

Este despistamento também foi chamado "debunking" em Inglês, significando "desmascaramento" (do mistério dos UFOS), esquecendo-se, entretanto, que a verdade, nua e crua, nunca usou máscaras, sendo, portanto, desnecessário que a Força Aérea procurasse arrancar a máscara (que não havia) ao mistério dos Discos Voadores.

2a.Faceta - Envolvimento da ciência

Quando o público e a imprensa começaram a cansar-se das explicações esfarrapadas dos projetos Sign, Grudge e Blue Book, ou, talvez, por haverem descoberto as ligações do "Blue Book" com as manobras de contra-informação pela Agência Central de Espionagem e Informação, a C.I.A., então entrou em campo o astrônomo adido àquele projeto, o prof. Allan Hynek que, para salvaguarda da verdade e das agências governamentais envolvidas, propôs que se entregasse toda a investigação em torno dos UFOS a um corpo de cientistas desvinculados da política. Assim, recebeu a Universidade de Colorado em fundo de 500.000 dólares - mais tarde reforçado com mais... 250.000 dólares - para que, imparcialmente, iniciasse os estudos ufológicos. Entretanto, com a despedida de dois professores participantes do grupo, Levine e David Saunders, ficou-se conhecendo que o "Comité de Estudos Ufológicos de Colorado", chefiado, pelo prof. Condon, estava previamente baseado em premissas fraudulentas: "não estudar o aspecto físico real da existência dos discos voadores" - como propunha o memorando de um certo Sr. Robert Low - (ref. 184, 185) - mas somente os aspectos psicológicos das pessoas que houvessem testemunhado os fenômenos (ref. 93, 146, 184, 185).

Nem o prof. Hynek - (ref. 187) , que criticou apenas a superficialidade do estudo do Comité, nem o

prof. Condon e nem também a Universidade de Colorado se afastaram de tão abjeto e anticientífico procedimento, tendo ainda a Associação Norte-americana de Ciências subscrito essa fraude e, pelo que nos consta, até hoje não revogou a sua assinatura.

O mérito maior da descoberta dessa fraude cabe ao professor da Universidade de Arizona, secção de Estudo das Condições Atmosféricas, James McDonald, o qual batalhou bastante enquanto viveu (ref. 146) pois, lamentavelmente, após uma primeira tentativa de suicídio, sucumbiu da segunda vez. Devido à sinceridade e dedicação à verdade de McDonald, teve o assunto UFO algum progresso também na secção política, cujos "experts", como Hynek, hoje já não ousam mais negar totalmente a procedência extraterrestre dos DVs, mas, mesmo assim, continuam a negar crédito aos encontros esporádicos havidos entre tripulantes dessas naves e membros da nossa população terrestre, as testemunhas. Parece até que isso é feito com a intenção de combater, a todo custo, a frequência crescente destes contatos ... (Hynek: "stop (them) at the gate").

3a.Faceta - Hostilização das Sociedades civis de pesquisa.

A hostilização da pesquisa não se tem limitado ao chamado "PSIQUISMO DAS TESTEMUNHAS" e tem sido estendido à própria pesquisa, quando tais Sociedades tem sido acusadas de "POSSÍVEL LEVIANDADE E TENDÊNCIAS SUBVERSIVAS" (ref. 280).

O comité Robertson, da C.I.A. no projeto "Blue Book" de estudos dos DVs pela USAF responsabiliza, assim, as sociedades civis de pesquisa "pelas consequências advindas da intensificação de sobrevôos dos DVs, porquanto, pela aparente irresponsabilidade destas Sociedades e uso de suas pesquisas como material de subversão de que poderão influenciar as massas".

Entretanto, de pouca valia nos parece a proposta da C.I.A. com o fim de solucionar o nervosismo geopolítico terrestre causado pelo problema dos discos voadores, simplesmente através da vigilância das sociedades que se dedicam a tal estudo, visto que elas não são causa, mas apenas efeito do problema.

A maior parte dessas sociedades civis já compreendeu a sua responsabilidade em preparar os cidadãos, para uma possível "intensificação dos sobrevôos dos DVs" não crie o pânico nas massas psicologicamente despreparadas, já que, durante anos a fio, foi omitida a existência dos DV e mais ainda, foram eles tratados como um mito, como uma alucinação em massa, como uma psicose coletiva.

* Quando estes experts afirmarem que o estudo dos ufonautas constitui um culto religioso, parapsicológico, responder-lhes-emos: "Será que foi o planeta Venus que aterrisou em nossos pastos, deixando marcas onde pousou?"

Com isso queremos salientar que na pesquisa ufológica devemos dedicar-nos exclusivamente ao fenômeno físico observado, dele separando o fenômeno parapsicológico paralelo, por ventura existente (leia caso do episódio nº 33).

OBS.: Para que os slogans dos "experts plíticos" tenham maior penetração, não raro lhes são fornecidos elementos como documentos fotográficos ou artefatos ufológicos, até então desconhecidos do público.

Paralelamente estes "experts políticos" desconfiam o estudo dos UFOs por pessoas ou sociedades não integrantes do seu grupo. (Leia-se também na "7a. faceta" onde um expert chamou estas pessoas e sociedades de "atravessadores")*



(Desalinho da casa do Maj. Hans Pertersen, na Dinamarca, após roubo de filme colorido de G. Adamski, sobre DV).

CIPEX e GENA

4a. Faceta: - Eliminação de provas eventuais

Das mais diversas partes do mundo surgem notícias de interceptação, ostensiva ou velada, de documentação referente aos DVs. Entre nós, assinalamos (ref. 6,7,27,28,53,70,145) o desaparecimento de alguns negativos de DVs (Itapeva-São Paulo). Na Dinamarca, de um filme colorido feito por George Adamski, da casa do pesquisador Major Hans Petersen (capitão, naquela época), numa ausência, durante as férias. Sua casa foi encontrada aberta e em desalinho (veja na figura ao lado, foto feita pela polícia); nada desapareceu a não ser o filme.

O livro "UFOs OVER THE AMERICAS" cita ainda uma declaração da Força Aérea Norteamericana (pág. 221), que atribui tal atitude em casos semelhantes a impostores que, indevidamente, teriam usado uniforme das forças armadas. John Keel, na revista SAGA (Ot. 1967, pág. 29) procura grosseiramente imputar aos próprios tripulantes o desaparecimento de provas e indícios dos DV e outros atos coercitivos, enquanto o livro acima citado (ref. 278,279) atribui o fato a "agentes e/ou funcionários de serviços secretos".

5a. Faceta - DV e ficção

Relacionar os DV à propaganda da ficção na qual os ufonautas são apresentados como invasores cruéis tem sido outra arma da contra propaganda. Os ufólogos normalmente não computam tais dados na pesquisa. Entretanto, um ufólogo canadense, conhecido nosso, o fez (ref. 152), omitindo, na mesma revista (ref. 153), material de um caso importante e real, que talvez contivesse subsídios de valor para a pesquisa.

6a. Faceta - Desvirtuamento de fatos

Através de omissão, de fatos relacionados com aparecimento dos DV ou da campanha de descrédito das testemunhas ou ainda de intrigas se pretende anu-

lar os fatos de valor na pesquisa. Citaremos dois exemplos:

Segundo a Folha de São Paulo, de 23 de agosto de 1960, 3a. edição os membros da SBEDV, foram taxados de "maníacos do DV, ignorantes e mistificadores medievais..." Ao que supomos, isto se verificou porque naquela ocasião a SBEDV deu cobertura ao prof. João de Freitas Guimarães que, então, se referiu ao contato que havia mantido com pacíficos ufonautas.

Ainda há alguns meses atrás, pessoas que nos merecem respeito como pessoa humana e pelo seu talento, nos telefonou para dizer que chegara ao seu conhecimento que no estudo do DV experts estrangeiros haviam dado como falsas as célebres fotos dos chamados DV da Ilha da Trindade. Ora, todos que acompanharam o fato, ocorrido em janeiro/fevereiro ... 1958, através de jornais e revistas da época (ref. 4,20,22,38,203,205,214, 215,216,231,233,235, 236, 288,295,296,297,300,304) se lembram de que o Estado Maior da Marinha admitiu a autenticidade das fotos, tiradas por Almiro Baraúna, em pleno dia na cobertura do navio-escola Almirante Saldanha da Gama. Também foi noticiado que, à aproximação do DV, houve a bordo uma série de interferências eletromagnéticas, como a cessação de funcionamento dos guinchos elétricos, da bússola, rádio e radar. Também se lembram de que, a bordo do mesmo navio, foi improvisada uma câmara escura, onde as fotos foram reveladas na presença do comandante da Ilha, o então capitão Carlos Alberto Bacelar.

Finalmente, houve uma palestra na SBEDV, proferida pelo próprio capitão Bacelar, na qual foi relatado que os DVs, já antes das fotos, haviam feito incursões na Ilha, e, numa delas, levaram o rádio de um balão-sonda meteorológico, (ref. 38,288) que desapareceu quando passava por uma nuvem, por onde também fora visto o DV.

7a. Faceta - DV e serviços secretos

Ao longo dos seus agora 18 anos de existência, a SBEDV vem sendo procurado periodicamente por serviços secretos, que ora oferecem conselhos, ora auxílios materiais, com intuito evidente de assim poderem controlar as suas pesquisas e publicações (ref. 177,178,186). Também no seu boletim nº 71, página 1, a SBEDV mencionou ter sido procurada, por pessoas que, pelas propostas que fazem, demonstram interesse de desacreditá-la, preparando, não raro, verdadeiras armadilhas. Não se pode saber se tais manobras têm por objetivo a desinformação através de agências de serviços secretos. O Diário de Notícias (Rio-11/1/70) publicou uma entrevista em que foi feita apologia da interferência na ufologia por meio de um serviço secreto estrangeiro. Nella os ufólogos civis eram chamados de "atravessadores" (ref. 221).

Aconselhamos leitura do livro "UFOs sobre as Américas" (ref. 275,276,278,279,280,281,317/8), bem como boletins de APRO, cujos diretores conhecidamente envolvidos no aspecto político e no do segredo da ufologia (ref. 179,181,182,183,188,192,193,... 277), pois possuem acesso aos altos segredos estatais ("high security clearance", - ref. 192) podem até oferecer a pessoas "capacitadas" 20,000 dólares pela cooperação em período de 3 a 12 meses (A-PRO Bol. de Maio/Junho 1974, pág. 9, col.3).

Finalmente, ocorre-nos lembrar que novo grupo se formou - a GEP - Grupo para Educação do Povo - intimamente ligado ao MUFON - (ref. 169, 172,174).

1º - A pesquisa secreta oferece atrativos financeiros substanciais e se torna assim mais emocionante.

Considerações: É difícil o caminho do idealista e só muita firmeza na idéia que defende não o deixa sucumbir ante os opositores com que não raro se depara. Lembremos de Galiléu, Copérnicus e tantos outros.

O estudioso dos UFO não escapa a esta contigência e muitas vezes é seduzido até pela possibilidade de tentadoras recompensas econômicas em detrimento dos princípios que defende.

Em nossos dias, para muitos, ser cientista se tornou um ganha-pão como outro qualquer e é, onde mais vale o critério de salário que é melhor pago nos empregos ligados à política de círculos econômicos.

Mas, no campo da ufologia, o número de cientistas empregados pelos governos é bem significativo e, em contrapartida, cabe-lhes defender dogmas políticos ligados como é fácil imaginar a grandes interesses econômicos, até certo ponto, alicerces das nações.

Naturalmente, o ufologista responsável não poderá transigir com uma interferência desta natureza, pois ele deve situar-se nos limites de uma pesquisa pura para que a pesquisa ufológica contemporânea não fique estacionária ou não se corrompa.

Com esta advertência pretendemos salientar que a política do segredo constitui fator negativo para a pesquisa e impede o livre intercâmbio de informações.

As razões psicológicas para uma restrição aos extraterrestres pode ser motivada de um lado por certo "racismo", muito acentuado em algumas das nações anglo-saxônicas, e de outro pelo egocentrismo antropológico terrestre, cultivado pela ciência dos nossos dias que quase chegar às raízes de um sentimento paranoide, e provoca "a priori" resistência às testemunhas, no sentido de divulgar suas experiências.

2º - Desde que os fenômenos ufológicos são considerados por alguns cientistas como fenômenos atmosféricos naturais, as sociedades de pesquisa (ufológica) deveriam estudar fenômenos meteorológicos e atmosféricos e não aterrisagem de DV e contatos com seus tripulantes.

Considerações: Os cientistas e astrônomos que têm externado esta opinião, ou desconhecem as pesquisas sérias e as provas de aterrisagens dos discos voadores como vem sendo observado, ou agem no sentido de tumultuar tais pesquisas.

Embora admitamos que, para o atual estágio de validade dos nossos cientistas (ref. 73), o estudo ufológico seja um assunto incômodo, entendemos que a ciência tem a obrigação de esmiuçar tudo, especialmente aquilo que foge ao conhecimento humano, como forças superiores, desconhecidas e poderosas. Urge então que eles se congreguem para que o assunto seja estudado com seriedade e para que o próprio cientista não caia daquele conceito que tem merecido através dos tempos.

3º - Há quem argumente:

CIPEX e GENA

Não convém aos cientistas estudar os UFOs, um tema do terreno da parapsicologia, um tema de culto religioso...

Considerações: Embora algumas pessoas assim pensem, justamente este ponto de vista prejudica o lado ob-

jetivo da pesquisa, o que se traduz numa distorção do assunto.

4º - O povo entraria em pânico se soubesse da verdade.

Considerações: É exatamente a ignorância que gerando o despreparo pode criar pânico em caso de uma aterrisagem de DV em maior escala.

5º - Deve-se evitar contato com os povos extraterrestres, possivelmente mais evoluídos, porquanto um intercâmbio poderia resultar em desequilíbrio de forças tecnológicas vigentes, em detrimento das atuais estruturas.

Considerações: Vejamos: A tendência conservadora do espírito humano deve ser usada para garantir uma evolução harmoniosa, nunca para evitá-la. Técnicas e costumes estão em constante modificação; nada mais natural de que procuremos assimilar técnicas e conhecimentos eventualmente mais aperfeiçoados que os nossos.

6º - O globo terrestre deve evitar contato com as raças extraterrestres, pois já temos muitos problemas com as raças daqui ...

Considerações: A história nos ensina que a cobiça, o egoísmo, o domínio do mais forte sobre o mais fraco, geram problemas entre os povos, impedem o bom convívio entre nós e talvez até dificultem a aproximação de outras raças que já ultrapassaram este estágio. Esta situação só deixará de existir quando tivermos conseguido estágios superiores de evolução!

7º - O assunto UFO ainda estaria em estudos e daí a necessidade de conclusões definíveis, antes de sua divulgação.

Considerações: Não nos parece um raciocínio válido, pois acreditamos que o povo deva participar destes estudos, teorias e debates.

8º - Os repetidos contatos, de uma mesma testemunha com os ufonautas, não deveriam ser tomadas em consideração - ("Stopped at the gate", como diz A. Hynek na página 29 do seu livro-ref.272).

Considerações: Isto é mais uma tentativa de negar exatamente o ponto mais importante do problema. São exatamente estes contatos repetidos, que ampliam os ângulos de estudo e conhecimento, possibilitam, teoricamente pelo menos, a abertura de uma janela para evolução rápida, pelo menos na parte técnica. Infelizmente, isso não foi compreendido em 1975, quando o Professor João de Freitas Guimarães, de Santos, preparou-se para um segundo contato, no que foi impedido pelo aparato bélico que se formou.

Também em 1969, 12 anos depois do caso do Prof. Freitas Guimarães, o fazendeiro Wilson Plácido Gusmão teve vários contatos, na sua estância, e logo em seguida foi como que neutralizado pelas dificuldades de ordem material, que surgiram.

Desta maneira bem se pode compreender o alcance do sinal de alerta (Hynek) "Stopped at the gate" (ref. nº 272) - "quando se trata de referência a repetidos contatos com extraterrestres".

9º - Não pode ser verdade que tenha havido contato entre terrestres e ufonautas, porque é natural que eles se tivessem dirigido a nós, o governo, em primeiro lugar. E então levaríamos o fato ao conhecimento dos cidadãos. Uma vez que isto não aconteceu é porque o ufonauta também não apareceu!

Considerações: Pelas perseguições de que, de longa data, foram alvo, os extraterrestres devem saber da hostilidade com que são recebidos por parte da Terra. É, talvez, por essa razão, que os contatos se processam discretamente, com enorme cutela.

O assunto DV, como assunto político "grave", é mantido em segredo. Lembremos da construção da primeira bomba atômica e de hidrogênio, também enquadrada como "assunto político grave", capaz de trazer modificações à estrutura da sociedade terrestre.

3 - PROCURA DA VERDADE

Já salientamos, que a política tem movido uma luta contra o pequeno grupo de pesquisadores apolíticos que sobreviveram neste últimos 27 anos, citaremos a Flying Saucer Review (Inglaterra), Ufo Nachrichten (Alemanha), UFO-Contact (Dinamarca) e SBEDV (Brasil). Entretanto, outros grupos sobrevivem graças aos subsídios ou apoio oficial, nos Estados Unidos e na Europa.

Podemos entender que pessoas beneficiadas pelo contato animador de George Adamski, como Dora Bauer, Lou Zinstag e Maj. H. Petersen tenham tido ânimo para continuar lutando, sem quaisquer interesses ou vantagens secundárias. Mas como é possível que estas pessoas que nunca tiveram os benefícios aci-

10º- A mistificação do problema dos discos voadores é necessário, para evitar que seja conhecida a superioridade técnica dos extraterrestres, e para que não sejam comprometidas "a fama e força política" dos atuais poderes estabelecidos...

Considerações: Se nas grandes nações a vida é confortável, o interesse pelo destino da humanidade passa para um plano secundário: a propaganda ou aquisição de uma TV ou bicicleta ou qualquer bem de consumo que traga conforto se torna mais importante que o estudo de qualquer problema filosófico desta encruzilhada (problema extraterrestre).

ma mencionados tenham continuado a lutar pela verdade durante anos a fio?

Será que essas criaturas possuem maior sensibilidade para a verdade e sentem por isso maior responsabilidade para defendê-la? Ou será verdadeira a teoria da reencarnação o que, aliás, foi admitido pela igreja católica até a época do Concílio de Niceia, por volta do ano 300 da nossa era.

Mesmo assim, a Ufologia ganha um novo conceito de respeitabilidade em certos círculos de cientistas.

Seja como for, oxalá a verdade se imponha para benefício da humanidade - !

CIPEX e GENA

...a verdade durante anos a fio? Será que essas criaturas possuem maior sensibilidade para a verdade e sentem por isso maior responsabilidade para defendê-la? Ou será verdadeira a teoria da reencarnação o que, aliás, foi admitido pela igreja católica até a época do Concílio de Niceia, por volta do ano 300 da nossa era. Mesmo assim, a Ufologia ganha um novo conceito de respeitabilidade em certos círculos de cientistas. Seja como for, oxalá a verdade se imponha para benefício da humanidade - !

Capítulo L

- A PADRONIZAÇÃO NA PESQUISA UFOLOGICA

1 - Generalidades

O CICOANI, Centro de Investigação Civil dos Objetos Aéreos não Identificados, situado em Belo Horizonte (MG), que tem por presidente o Prof. Húlvio Brant Aleixo, é entre nós, o centro mais antigo (fundado em 1954) e também o que primeiro, senão, um dos primeiros no mundo que tratou da padroniza-

ção da "Coleta de Dados" (ref. 105).

Hoje publicamos a ficha do CICOANI relativa à Especificação de Cores dos DVs (OANIS).

E nos parágrafos que se seguem o leitor encontrará descrição de técnicas, controle, roteiro e outros esclarecimentos para uma boa pesquisa ou facilidade de interpretação dos fenômenos ufológicos.

2 - Detalhes da Técnica

Como há diferente grau de inteligência entre uma mente e outra, sempre haverá pequenas divergências de percepção por um e outro indivíduos, sem que isto, entretanto, prejudique a verdade em si, mostrando-a, apenas, focalizada sob ângulos um pouco distorcidos.

Muito antagônicas apresentam-se, porém, as opiniões de diversos pesquisadores em relação ao problema DV, de modo que alguns acharam que era esta a causa para a controvérsia até hoje imperante a respeito da questão. No entanto, poucas pessoas, pelo que nos consta, deram-se ao trabalho de investigar a razão das diferenças de resultados na pesquisa sobre DVs.

No decorrer dos 15 anos que nos ocupamos com o assunto, e ainda recentemente, verificamos principalmente duas razões para a diversificação dos resultados dessas pesquisas:

1ª - Em primeiro lugar está a falsificação intencional na transcrição de relatos, especialmente quando publicados em livros, por autores que nunca estiveram envolvidos em pesquisas, não podendo, portanto, aquilatar quanto suor, energia e tempo são despendidos numa pesquisa. Pode acontecer que um autor apressado transcrevera de maneira errada um relatório, mas se esse erro, no mesmo autor, acontece frequentemente, se ele omite ainda o nome do pesquisador ou da sociedade pesquisadora, a data do acontecimento e da pesquisa, então já se pode suspeitar tratar-se de "expert político sobre DV", com a incumbência de "disciplinar politicamente a matéria DISCOS VOADORES", e que não é raro atualmente, como qualquer pessoa poderá comprovar. Como exemplo, citamos o fato de que, certa ocasião, fomos chamados ao telefone por pesquisador nacional, que nos informava que haviam recebido propostas de cientistas estrangeiros para sugerir "falsidade das fotos de discos voadores na Ilha Trindade":

2ª - Em segundo lugar está o resultado falso por falta da pesquisa propriamente dita. Geralmente, não há má fé ligada a essa omissão, que acontece mais por falta de regras uniformizadas que são essenciais na pesquisa e que damos a seguir.

Na pesquisa sobre DV, deverá o pesquisador:

a) - Interrogar PESSOALMENTE as testemunhas que participaram da ocorrência.

b) - Interrogar as testemunhas de cunho secundário na falta de testemunha primária, ou os especialistas que, eventualmente, realizaram exames de laboratório em relação ao episódio.

c) Deverá o pesquisador, se possível, ir ao local da ocorrência, PESSOALMENTE, onde fará uma reconstituição do evento, com a ajuda das testemunhas que participaram do episódio.

Temos a impressão de que muitas das pessoas que usam a palavra PESQUISA não se dão conta do que ela realmente significa.

OBS.: É verdade que uma pesquisa é geralmente iniciada após o recebimento do fato ufológico através de relatos ou recortes de jornais. Então, são tomadas as providências para entrevistar as pessoas envolvidas e em última face é publicado o fato em literatura especializada.

d) Proceder a uma pesquisa ainda que tardia, por quanto poderá ela trazer elementos novos e importantes para a ufologia.

e) Procurar não esmorecer pela distância ou outros obstáculos que numa pesquisa possa aparecer.

f) - Admitir sempre eventual "re-avaliação" de uma pesquisa, desde que novos fatos sejam apresentados, ainda que por outros pesquisadores.

Lembramos aqui a modificação de critério que foi obrigado a tomar o falecido George Adamski que, a princípio achava que todos os tripulantes que aqui aportaram fossem de índole "evangelizante", todos oriundos de nosso sistema solar e todos de morfologia humana. Entretanto, após alguns anos, teve esse magnífico pesquisador de revisar o seu ponto de vista. E o fez, embora não conseguisse explicar certas atitudes dos tripulantes com os quais conviveu em frequentes ocasiões. Mesmo assim, achamos precipitado, ou talvez um gesto político, a atitude de alguns pesquisadores que querem por isso condenar todas as pesquisas de Adamski, seus relatos, fotos e filmes coloridos.

Desmond Leslie, na sua "revista e alargada edição" do livro (ref. 249)

FLYING SAUCERS HAVE LANDED (Disco Voadores acabam de aterrisar) justifica na página 260 alguns dos erros de interpretação que, possivelmente ocorrem nas suas viagens interplanetárias ao co-autor do livro, George Adamski.

AJ- NÃO ESQUECER DE ANOTAR:

- Data da pesquisa; localidade; hora; nome de todas as testemunhas, seus endereços e telefones (se houver);
- Dados da testemunha: idade; peso e altura; profissões (atual e anteriores); - grau de escolaridade; estado de saúde no presente e no passado; vícios; vida familiar e estado de saúde de seus familiares; formação filosófica (ou religiosa); sua maneira de encarar a vida; seus conhecimentos de literatura ufológica anterior ao episódio; os seus passatempos.
- Eventualmente: nomes e endereços de familiares, amigos ou conhecidos da testemunha, possibilitando um levantamento adicional de croquis psicológico da pessoa, se isto se fizer necessário.
- Nomes e respectivos relatos (mesmo sendo divergentes) de eventuais outras testemunhas do episódio, se possível com as suas assinaturas.

B) - DEIXAR ENCAMINHADAS AS PESQUISAS SECUNDÁRIAS AO EPISÓDIO:

- Combinar, com as pessoas envolvidas, a reconsti-

tuição do episódio. CIPEX e GENA

- Fazer croquis e plantas baixas.
- Conseguir um bom desenhista, para confeccionar e eventualmente um retrato falado.
- Conseguir interessar um químico para as análises eventualmente necessárias, de fragmentos, traços ou artefatos deixados no chão.
- Preparar máquina fotográfica para documentação e eventual (em preto e branco ou em cor).
- Se uma foto ufológica foi feita de noite, será bom tirar outra de dia, do mesmo local, sob o mesmo ângulo e com a mesma máquina (para comparação topográfica da respectiva região).

C) - LEVANTAR FENÔMENOS UFOLÓGICOS ANTERIORES E/OU CONTEMPORÂNEOS AO EPISÓDIO:

- Nomes e endereços de observadores de outros casos (de discos voadores) na localidade e suas indicações; esboços (croquis) de tudo que se possa relacionar com os fenômenos; coleta de fragmentos ou resíduos; reconstituição das ocorrências.

4 - R O T E I R Oa) As bases

Embora sejam os episódios mais raros na ufologia, os contatos constituem a matéria mais interessante. O pesquisador, deve, de preferência, estar apoiado em conhecimentos, pelo menos básicos, pois, caso contrário, poderá ficar tentado a enfrentar a testemunha com desconfiança.

A testemunha terá o impulso de comunicar sua experiência à sua família e à sua comunidade e, na maioria dos casos tem encontrado quer numa, quer noutra a necessária compreensão. (Prof. Húlvio B.A.).

b) O primeiro relato

O pesquisador, geralmente é bem acolhido pela testemunha, que espera de sua parte um ouvido atento e cortez. O primeiro relato deve ser ouvido sem interrupções, podendo ser repetidas as últimas palavras proferidas, no caso de o relator ter embaraços na sua exposição (recomendação do Prof. Húlvio Brent Aleixo). Devem ser feitas anotações do relato ou uma gravação. A última capta fielmente linguagem e fonação junto às emoções externadas pela testemunha, como foi o caso do episódio nº 37 ("Beleia") cuja gravação se realizou uma hora após o evento (CICOANI).

c) O segundo relato

O primeiro relato servirá como base para um segundo questionário complementar (Prof. Húlvio B. Aleixo), quando serão esclarecidos os pontos obscuros ou fixada a sequência cronológica dos acontecimentos.

As questões deverão ser, tão quanto possível, desligadas dos nossos preconceitos de vida e técnicas atuais. Formulando-se 4 ou mais perguntas de ver - são diferentes, mas sempre ligadas ao mesmo problema, facilitamos ao relator (testemunha) uma escolha de expressões, tornando assim compreensível ao pesquisador os fenômenos - incompreensíveis - para a nossa técnica.

Devemos ter cuidado, de variar as perguntas sobre os mesmos fatos para ajudar a testemunha que natu-

ralmente terá dificuldade em bem traduzir em palavras a sua experiência.

d) O croquis

Por meio de croquis (qualquer que seja sua confecção, por adultos ou por crianças), são colhidos os melhores esclarecimentos. Para tanto, a testemunha deverá estar suficientemente motivada. Deste croquis deverá ser feito um outro, se possível por um técnico, para identificação, confirmação ou correção pelas retificações eventualmente feitas pela testemunha ("retrato falado" - CICOANI).

e) Ambientação

Nas pausas do cafezinho, procura-se verificar a situação do relator, o seu relacionamento familiar, escolaridade, cultura, nível profissional e financeiro, bem como antecedentes de saúde. Poder-se-á tentar avaliar a influência de nossos modernos meios de comunicações até onde teriam eles influenciado na testemunha.

Conferir o relato em presença da testemunha.

f) A reconstituição

A reconstituição deve ser tentada no menor prazo possível. Isto foi conseguido no "caso da Beleia" em cujo local de aterrissagem foram encontrados detritos da máquina, marcas do salto do sapato do tripulante (Prof. Húlvio B. Aleixo - CICOANI).

A reconstituição local deve registrar todos os lugares, incluir tantas pessoas envolvidas, dadas pela testemunha. O pesquisador deverá estar atento para registrar todos os detalhes (croquis, fotos).

g) Testes

Se o pesquisador mora na mesma cidade da testemunha, ou se lá puder permanecer mais tempo, será interessante levantar a sua personalidade por meio de testes psicológicos.

A personalidade do entrevistado, por mais estranha que nos pareça, deverá ser sempre respeitada.

ESPECIFICAÇÃO DE CORES CATÁLOGO: _____

Observador _____ Relatório nº....Fita nº...
Data da ocorrência _____ Data de hoje:.....
Local: _____ Coletor de dados

ITEM	DETALHE especificado	O/OU	Ac Ap	CDR Código Tabela	B/F	COR descr. livre
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						
8						
9						
10						
11						
12						

ABREVIATURAS

O/OU = OANI ou Urânida; Ac/Ap = parte acesa ou apagada; B/F = cor brilhante ou fosca.

DESENHO

No desenho ao lado, assinale cada parte descrita, utilizando o número do item correspondente.

Para observações, use o verso da folha.

CIPEX e GENA

6 - Carta no caso de um contato ou aterrisagem
(Na maior parte, modelo do CICOANI)

Exmo. Sr. (a)

Soubemos, através de notícias de, que V.Excía. testemunhou o raro fenômeno ligado à presença de um disco voador (DV) ou/e seus respectivos tripulantes.

A SBEDV liga a presença dessas naves a atividades de civilização extraterrestres, tecnologicamente mais avançadas do que a da Terra e, talvez, com aspirações diferentes de nós. Assim, achamos o estudo do problema DV de suma importância para a humanidade e é o que vem fazendo a SBEDV desde sua fundação em 1957 e a CICOANI desde 1954.

Dessa maneira, sua experiência pessoal interessa muito a esta Sociedade, que gostaria de receber todos os detalhes possíveis sobre aquilo que lhe foi dado observar, o que constituirá sem dúvida importante subsídio aos nossos estudos.

Para orientá-lo sobre a melhor maneira de enfocar todos os dados possíveis, com minúcias, da experiência, pedimos a V.S. que, antes do relatório, preencha o questionário que se segue, com referência à ocorrência, pelo que, de antemão, lhe agradecemos, na certeza de que V.S. compreenderá, melhor que muitos outros, a realidade e seriedade do problema que, dia a dia, cresce de importância e de interesse.

Gostaríamos, outrossim, de saber se V.S. está interessado em receber o nosso Boletim Informativo com o seu próprio relato ou outros Boletins com relatos semelhantes.

Informe-nos, também, por favor, se prefere que seu nome seja mencionado na íntegra, ou apenas pelas iniciais. Seu desejo será satisfeito e acatado.

QUESTIONÁRIO

Data e hora da ocorrência Local ..
..... Cidade próxima
..... Município
..... Nome das testemunhas
Endereço
Profissão e idade
..... Outras testemunhas e respectivos endereços

Características do Disco

Como se deu a aproximação
.....
..... Forma, dimensões (comprimento e altura do aparelho (completado no fim pelo desenho no local, assinalado na folha
.....
Qual foi a menor distância entre o aparelho e a testemunha?..... Como se processou o afastamento? Deixou vestígios no chão, na vegetação ou na água, se for o caso?
.....
..... Mencionar pormenores do aparelho como transparência, cúpula, trem de aterrisagem, ja nelas, partes em movimento, chamas, luzes, luminosidade, fumaça, cheiro, ruído?

Aspecto do ufonauta

Quantos eram? Estavam dentro ou fora da nave? Homens ou mulheres?.....
..... Andavam, trabalhavam, gesticulavam?.....

..... Ouviu vozes, conversou?

Viu gestos especiais ou teve idéias especiais?....

.....

Compare o tamanho do tripulante e as suas feições, se iguais ou diferentes às terrestres, e em que de talhes

..... Descreva cabeça, olhos, na riz, boca, dentes, orelhas, cabelo, pescoço, tronco, mãos, pés, pernas, proporção entre pernas e braços, cor e aparência da pele

.....

Descreva a vestimenta, da cabeça aos pés, (capacete, calças, camisas, sapatos, aparelhos manipulados, luzes manipuladas?)

.....

Houve tentativa de comunicação com os tripulantes? - gestos, palavras, idioma, idéias?

.....

Deixaram marcas no chão ou na vegetação?

..... Informe suas atitudes aparentes

.....

Como desapareceu o tripulante e qual foi a duração de todo o fenômeno?

.....

Houve alguma interferência no automóvel, avião, etc. em que viajava?.....

..... Houve efeitos secundários sobre homens ou animais? (intranquilidade, imobilidade, sudorese, palpitações, micção involuntária, manchas na pele)

Outros fenômenos correlatos

Houve, na ocasião, relatos de outro fenômeno no local ou nas vizinhanças?

..... Quais as testemunhas e onde podem ser encontradas?

..... Houve notícias de fenômenos ali em épocas anteriores?

..... Quais as pessoas que as presenciaram e os jornais que noticiaram o caso (nomes e datas)?.....

.....

DESENHO DO TIPO DA NAVE

(Faça tentativas e assinale com seta as melhores. Também assinale com setas as medidas em metros ou centímetros das diversas dimensões da nave)



DESENHO DOS TRIPULANTES

(Faça esboço em separado de algum detalhe distinto e interessante como por ex. peça do vestiário, traço morfológico especial como orelha, nariz, boca, etc. Faça tentativas e marque os melhores resultados).



RELATÓRIO MINUCIOSO DE TODA A OCORRÊNCIA NA SEQUÊNCIA EM QUE SE DESENEVOU:

.....

.....

.....

.....

.....

CIPEX e GENA

7 - Possibilidade numa aterrisagem e/ou contato
(ref. - 105)

I - IMPORTÂNCIA DO CASO, através de:

a - impacto psicológico; b - impacto físico; c - a apresentação de provas.

O impacto psicológico se produziu por:

a - proximidade da nave ou do tripulante; b - o número ou manobras dos objetos; c - efeitos colaterais.

A proximidade da nave (tripulante) foi constatada pelo tempo:

a - menor que 5 minutos; b - menor que 1 hora; c - mais de uma hora.

O impacto físico se comprovou por:

a - impressão no chão, vegetação, arvoredo; b - efeitos físicos e elétricos à distância.

As provas são por meio de:

a - fotos; b - artefatos; c - relatos científicos; d - reencontros comprovados.

II - O OBJETO VOADOR

Distância do observador:

a - menos de 50 m; b - menos de 500 m; c - mais de 500 m.

A sua maior dimensão era:

a - até 1,5 m; b - até 150 m; c - mais de 150 m.

Quantidade de objetos voadores:

a - um; dois ou três objetos; c - mais de três.

A forma do objeto era:

a - oval ou arredondada; b - cilíndrica, alongada; c - outra forma.

A superfície do objeto era:

a - lisa; b - com detalhes .

Tornava-se invisível:

- a - ao olho nu; b - ao radar;
- a - era silencioso ou só assobiou; b - fazia ruídos; c - ruidoso mas invisível.
- a - sem cheiro; b - cheiro foi pressentido
- a - aterrissagem completa; b - sem sinais no chão ou incompleta.
- a - nave fotografada; b - desenhada pela testemunha; c - desenho "falado".

III - TRIPULANTES:

Foram vistos:

- a - na nave; b - ao lado da nave; c - sem a nave.
- a - um; b - dois; c - mais de dois.

A espécie era:

- a - humana; b - humanóide; c - outra espécie.

Se humana, era da raça:

- a - conhecida para comparação; b - desconhecida para comparação.

Se era conhecida a raça, esta era parecida com:

- a - árabe, européia ou indú; b - asiática; c - africana.

IV - CONTATO COM O TRIPULANTES:

Foi de natureza:

- a - visual somente; b - psicológica ou auditiva; c - também física.

A intenção do tripulante foi de:

- a - ficar indiferente ao contato; b - procurar o contato; c - fugir.

Houve articulações de sons em:

- a - língua conhecida; b - língua desconhecida; c - sons não humanos.

Houve intercâmbio por meio de:

- a - sinais; b - linguagem compreensível; c - transmissão de pensamentos.

A testemunha:

- a - não entrou na nave; b - chegou a entrar na nave; c - chegou a voar.

V - A(s) TESTEMUNHAS(s):

Eram em número de:

- a - uma; b - duas; c - mais de duas pessoas.

Procuraram entrar em:

- a - contato; b - não procuraram contato; c - fugiram de um contato.

O raciocínio da testemunha é:

- a - lento; b - regular; c - rápido.

A educação escolar é:

- a - nenhuma; b - modesta; c - regular ou boa.

A testemunha é conhecida na sociedade como:

- a - extremamente honesta e séria; b - expansivo; c - dada a "brincadeiras"

Um "teste psicológico":

- a - mostrou-se indeciso; b - aceitou de bom grado; c - consternado procurou evasivas.

Desmonstrou pelo contato:

- a - profundo efeito psicológico; b - efeito físico; c - nenhuma repercussão.

VI - DETALHES DO TRIPULANTE:

Altura:

- a - até 1,2 metros; b - até 2 metros; c - mais de 2 metros;

Vestês:

- a - comum; b - fardado; c - macacão hermético, com luva e capacete;

Aparelho:

- a - seguro na mão; b - englobado às vestes; c - outra modalidade;

Aparelho em função:

- a - sim; b - não; c - dúvida;

Luzes específicas fixas nas vestes ou corpo:

- a - contínuas; b - apagando e acendendo; c - ritmadas; d - sem ritmo;

Movimento do tripulante:

- a - comum; b - saltitante; c - gingando;
- a - comum; b - rápido; c - desaparecendo;
- a - com pés em movimento; b - sem tocar no chão; c - sem movimentar os pés.

A pele era:

- a - lisa; b - rugosa; c - com escamas.

De pigmento conhecido:

- a - pálido; b - moreno ou sanguíneo; c - preto.

De pigmento desconhecido:

- a - azulado; b - amarelado; c - esverdeado.

De brilho:

- a - comum; b - desconunal; c - luminoso ou fluorescente.

Os pelos do corpo:

- a - eram ausentes; b - muitos pelo corpo; c - eram diferentes

A cabeça era de:

- a - forma diferente; b - de proporções diferentes.

Os olhos eram:

- a - diferente na forma; b - diferentes em número.

O nariz tinha forma:

- a - comum; b - diferente; c - só tinha fendas.

Orelha:

- a - comum; b - diferente; c - ausente.

Boca e dentes de forma:

- a - comum; b - dentes diferentes; c - dentes ausentes.

Dedos:

- a - comum; b - diferentes na forma; c - desproporcionais

Braços em proporção as pernas:

- a - comuns; b - maiores na proporção; c - menores na proporção.

1 - DECÁLOGO DA S.B.E.D.V.

A SBEDV, como não poderia deixar de ser - procurou encarar com naturalidade o problema DV. Assim logo de início, elaborou um decálogo que se tornou a base de suas pesquisas e reação em torno de testemunhas entrevistadas.

Eis o decálogo:

- 1 - Os discos voadores são extraterrenos.
- 2 - Seus tripulantes tem-se comportado em atitude pacífica.
- 3 - Não visa a Sociedade explorar o sensacionalismo, mas única e exclusivamente, contribuir para o esclarecimento do fenômeno.
- 4 - É condição essencial, para os membros da Diretoria, não tirar do fenômeno disco voador qualquer vantagem de ordem material, imediata ou remota.
- 5 - Interessam à Sociedade os contatos com os discos voadores, pelo que se propõe ela a dar acolhida e assistência a todos aqueles que tive-

ram esses contatos.

- 6 - A Sociedade não critica nem repele os relatos aparentemente fantasiosos, pois parte do princípio de que aquilo que parece ser, hoje, fantasia, pode tornar-se realidade, amanhã.
- 7 - É objetivo da Sociedade ampliar cada vez mais seu campo de ação, colaborando, para esse fim, com as congêneres em todo o mundo.
- 8 - A Sociedade aceita a cooperação de todos aqueles que a procurarem, sem nenhum preconceito de raça, culto ou ideologia política.
- 9 - A Sociedade se propõe prestar as autoridades brasileiras a ajuda ao seu alcance, quando solicitada, desde que não sejam infringidos os dispositivos deste Decálogo ou dos Estatutos.
- 10- No caso de aterrissagens de discos voadores, discreta ou ostensivamente, a Sociedade procurará dar, aos tripulantes dos discos, toda a assistência possível, partindo do princípio de serem sempre de caráter pacífico essas visitas.

2 - NORMAS DE CONTATO

CIPEX e GENA

Em colaboração com Alcino Diniz então ligado à TV Tupi, a SBEDV elaborou normas que deverão orientar a testemunha que tenha contato com um DV.

Eis as normas:

- 1 - Ao ver o disco, procure controlar as suas reações diante o desconhecido. O pânico será seu maior inimigo.
- 2 - Refreie sua curiosidade, não se aproximando do disco, antes de receber sinais ou convites de um dos tripulantes. Em nossos estudos, chegamos à conclusão de que a locomoção do disco está ligada à ação de um campo eletromagnético, possivelmente acompanhado de irradiação. A aparente facilidade com que os tripulantes entram e saem do campo magnético não deve enganar você. Eles dispõem de proteção, seja através de aparelhos próprios ou da roupa. A exposição de seu corpo a esse campo poderá trazer sérios prejuízos a sua saúde.
- 3 - Coloque-se na posição do visitante. Evite gestos bruscos. Eles poderão ser tomados como tentativa ou ameaça de agressão.
- 4 - Deixe que eles se ambientem. Assim como você está observando, eles também estão. Se você achar que deve se afastar, faça-o lentamente.
- 5 - Não tome iniciativa. Deixe que eles o façam. Muitas vezes, você é o que menos interessa. Seus estudos podem estar voltados para solo, animais, magnetismo terrestre ou outra qualquer coisa.

6 - Refeito do susto, seu primeiro pensamento será o de colher alguma prova material do seu encontro. Controle-se. Recebido o convite para que se aproxime., faça-o, com passos lentos e com atitude mental de amizade. Lembre-se: os que tentaram agredir sempre levaram desvantagem.

7 - Eles podem se comunicar com você, por língua falada, por gestos ou mentalmente. A linguagem falada possivelmente você não entenderá mas responda, procurando fazer-se entender. Demonstre sempre que um contato maior será bem recebido. Procure obter explicações técnicas, filosóficas, bem como procedência.

8 - Observe e guarde bem todos os detalhes. Eles serão úteis. Observe roupa, veículo, tipo físico (às vezes com detalhes anatômicos diferentes), aparelhagem e funcionamento.

9 - Convidado a entrar no aparelho e sendo sua intenção fazê-lo, procure obter a certeza de seu regresso e a segurança de sua integridade física. Ao terminar o contato, afaste-se lentamente. Lembre-se de que, ao se movimentar o disco, o campo energético entra em ação.

10- Não guarde para si a experiência. Procure divulgar na sua comunidade e comunique às autoridades locais. Os detalhes de sua narração são muito importantes para os estudos que estão sendo levados a efeito.

CAPÍTULO N

N - RELAÇÃO CRONOLÓGICA DOS ENCONTROS COM UFONAUTAS

(Fonte: Ventla Verlag - Wiesbaden)

CIPEX e GENA

Data do encontro	Título do episódio	Número do episódio	Data do encontro	Título do episódio	Número do episódio
1946 - 7 de Jun.	Na Serra da Mantiqueira.	13	1968 -18 de Fev.	Caso Alexânia.	18
1947 -23 de Jul.	O caso do Paraná.	44	26 de Jul.	Luta livre em Baurú.	29
1949 - 4 de Dez.	Caso Mário Restier.	26	25 de Ago.	Caso Maria Cintra.	17
1953 -12 de Jan.	Caso Maurício Ramos.	27	2 de Out.	O caso de Turíbio Pereira.	30
28 de Nov.	O caso de Guaporé.	42	19 de Nov.	Tripulantes pedem carne.	28
1954 - 9 de Dez.	Os casos de Venâncio Aires.	45	1-69 -12 de Jan.	Tripulantes atacam em Pirassununga.	35
11 de Dez.	Os casos de Venâncio Aires.	45	31 de Jan.	Caso Alexânia.	18
1956 -16 de Jun.	Caso Dr.Freitas Guimarães.	21	6 de Fev.	"Bela Aliança".	11
Set.	Caso do Cabo Frio	9	6 de Fev.	O caso dos "Mata-Formigas".	14
1957 - Set.	O caso de Lança-Chamas.	6	6 de Fev.	Caso Tiago Machado.	20
10 de Out.	O caso de Ceres	41	22 de Mar.	O caso do Colégio Batista.	15
16 de Out.	Caso Villas Boas.	32	1 de Abr.	O caso do "K-11".	7
18 de Nov.	Caso Pedro Zilli.	43	Caso da enfermeira.	24
1958 - Jan.	Caso da Lagoa Negra.	3	4 de Maio	Caso de Bebedouro.	33
14 de Maio	Caso Berlet.	34	20 de Maio	O caso da Vila Operária.	36
Ago.	Os gigantes.	12	1970 -21 de Jun.	Amerisagem observada da Av. Niemeyer.	1
1959 -25 de Abr.	Caso Luiz Henrique (até 30 Abril).	25	1971 -23 de Set.	O caso Paulo Caetano.	40
1960 -14 de Maio	No Ceará em Paracará.	46	25 de Set.	Caso Benedito Miranda.	39
1962 - 3 de Ago.	No Rio Grande do Sul.	48	10 de Out.	O caso Paulo Caetano.	40
30 de Ago.	No caso de Itabirito.	10	8 de Nov.	No município Ipú-Ceará.	47
1963 -28 de Ago.	O caso de Sagrada Família.	22	17 de Nov.	O caso Paulo Caetano.	40
1965 -26 de Jul.	Encontro em Carazinho.	2	5 de Dez.	O caso Paulo Caetano.	40
10 de Out.	Caso Páu Ferro.	19	19 de Dez.	O caso Paulo Caetano.	40
18 de Out.	O caso de Mogy-Guaçú.	5	20 de Dez.	Levitação em Itaperúna.	8
Out.	O caso de Canhotinho.	31	1972 -.. de Jun.	O caso do Sítio "Quebra Perna".	16
1966 -15 de Fev.	Cosmonáutas em Quipapá.	4	1973 - 4 de Jan.	Disco em Londrina.	50
1967 - Jun.	Rapto em Sarandi.	38	19 de Nov.	O caso de Sidrolândia-Mato Grosso.	49
14 de Set.	Caso da Baleia.	37			
27 de Dez.	Caso Alexânia.	18			

0 - REFERÊNCIAS

CIPEX e GENA

Nº Ref.	Sigla	Vol.	Pág.	Boletins ufologicos Título ou assunto	Nº Ref.	Sigla	Vol.	Pág.	Boletins ufológicos Título ou assunto
1	SBEDV			Bol. informativo da Soc. Bras. de Estudos sobre os DV.	27	SBEDV	21	35	Prof. J. de Freitas Guimarães. O silenciamento de testemunha.
2	SBEDV	1	3	Caso de Ceres.	28	SBEDV	21	36	Deput., resp. piloto de avião são proibidos de falar.
3	SBEDV	3	4	Contatos com os tripulantes.	29	SBEDV	22/23	4	Aspectos de Trindade focalizados pelo prof. J. de Freitas Guimarães.
4	SBEDV	4	1	Com. Carlos A. Bacelar relata o caso de Trindade.	30	SBEDV	22/23	8	O despistamento.
5	SBEDV	4	2	Caso do prof. F. de Freitas Guimarães.	31	SBEDV	24/25	3	Caso de Hélio Aguiar.
6	SBEDV	4	4	Silenciamento de um fotógrafo.	32	SBEDV	26/27	7	Caso de Antônio Vilas Boas.
7	SBEDV	5	2	Kodak entrega de volta um filme em branco.	33	SBEDV	28/30	1	Rapto em Diamantina
8	SBEDV	5	6	Exemplificando o antropocentrismo com o caso dos índios.	34	SBEDV	30	4 a 6	Despistamento e silenciamento sobre os DVs.
9	SBEDV	6	5	Técnicas do despistamento sobre os DV.	35	SBEDV	30	8	O rapto de Diamantina. Efeitos fisiológicos de raios.
10	SBEDV	8	2	Estatística de 1957/58	36	SBEDV	30	11	Caso do Sr. Zilli em Cresciúma-Araranguá. Caso de Ceres.
11	SBEDV	8	3	Caso do Sr. Zilli e caso de Minduri. Caso de Quebra Côco e veículo acompanhado por DV. Comunicação possível com os DV.	37	SBEDV	31/35	2	Prof. J. de Freitas Guimarães responde questionário.
12	SBEDV	8	4	Caso do Sr. Zilli.	38	SBEDV	31/35	4	Revista "Flying Saucer" de Ray Palmer (Fev. 1961) focaliza o caso da Trindade.
13	SBEDV	9	7	Caso do Sr. Zilli.	39	SBEDV	36/38	1	Caso do teleguiado do DV na escola Horácio de Melo em Paraíba do Sul.
14	SBEDV	10	4	Tripulante em Paraíba do Sul. Contato de Luiz H. da Silva.	40	SBEDV	39/41	2	Caso de Nely Brochado da Silva.
15	SBEDV	10	5	Tripulante sobre por raios.	41	SBEDV	42/44	1 a 2	Efeitos fisiológicos de raios. Casos de Itaperito.
16	SBEDV	10	6	Caso de Hélio Aguiar.	42	SBEDV	45/47	7	Caso de Carazinho.
17	SBEDV	14	10	Caso de Campinas.	43	SBEDV	45/47	11	Homenagem a Lullo Duncan de L. Rodrigues.
18	SBEDV	15	17	Caso da Lagoa Negra (Itapoã)	44	SBEDV	45/47	12	"Em memória" da morte de Adamski (23/4/65).
19	SBEDV	16	21	Paracatu-Ceará.	45	SBEDV	48/50	3 a 6	Caso de Sagrada Família.
20	SBEDV	16	22	Almiro Baraúna relata o caso da Trindade.	46	SBEDV	48/50	6 a 7	Efeitos fisiológicos de raios. Tripulantes descem por raios.
21	SBEDV	17	25	Caso de Cabo Frio.	47	SBEDV	48/50	20	Visita de G. Adamski ao Papa João XXIII
22	SBEDV	18	28	Mais aspectos do caso da Trindade.	48	SBEDV	51/53	3	Caso de Sagrada Família.
23	SBEDV	18	29	O segredo sobre os DVs e os seus tripulantes e a atuação de NICAP, CIA e USAF.	49	SBEDV	51/53	12	Comunicação com os Tripulantes. Diferentes raios surgem no mesmo local.
24	SBEDV	18	30	Despistamento, segredos e "emoções (?)". CBPCO-ANI.					
25	SBEDV	21	33	Brookings Institute. Os extraterrestres e o Time M.					
26	SBEDV	21	34	O Time M.					

Nº Ref.	Sigla	Vol.	Pág.	Boletins ufológicos Título ou assunto	Nº Ref.	Sigla	Vol.	Pág.	Boletins ufológicos Título ou assunto
50	SBEDV	54	3	Caso de Canhotinho.	80	SBEDV	72/73	137	O segrêdo ...
51	SBEDV	54	7	Caso de Quipapá.	81	SBEDV	72/73	140	A saída psicológica pa ra um antropocentrismo frustrado. A testemu nha Aladino Félix.....
52	SBEDV	54	11	Caso de Mogi-Guaçu.					CIPEX e GENA
53	SBEDV	54	15/16	Intimidação de uma tes temunha João de Olivei ra, vulgo João do Rio .					Terror e chapas frias nos USA é mobilizado contra a ufologia
54	SBEDV	54	19	Efeitos fisiológicos de raios.	82	SBEDV	72/73	153	Bela Aliança.
55	SBEDV	54	21	Feixe de luz é "dobra do" por um DV.	83	SBEDV	72/73	153	Caso da Serra Manti - queira.
56	SBEDV	55/59	4 a 6	DV há 20 anos, SBEDV há 10. A pessoa de Lullo Duncan de L. Rodr.	84	SBEDV	74/79	4	Caso da Av. Niemeyer.
57	SBEDV	55/59	5	Despistamento sôbre os DV.	85	SBEDV	74/79	9	Caso do bairro da Ba - leia - Belo Horizonte.
58	SBEDV	55/59	9	Caso de Maurício Ramos.	86	SBEDV	74/79	23	"Não devem ser hostili zados"...
59	SBEDV	55/59	10	Caso de Antônio Paufer ro da Silva (Garanhuns)	87	SBEDV	74/79	25 a 26	Efeitos fisiológicos por raios.
60	SBEDV	55/59	12	Teorias sôbre entida - des ciclópicas.	88	SBEDV	74/79	30	Caso de ataque em pira sununga. Caso de Baurú
61	SBEDV	55/59	13 a 15	Efeitos fisiológicos de raios.	89	SBEDV	74/79	33	Raças diferentes ater risando no mesmo. lo - cal...
62	SBEDV	60/61	12	Caso de Mário Restier.	90	SBEDV	74/79	34	Extraterrestres procu ram carona?
63	SBEDV	60/61	19	Caso da Serra da Manti queira.	91	SBEDV	74/79	36	Caso da Vila Operária. Caso de rapto em Saran di.
64	SBEDV	62/65	40	Caso de Sagrada Famí lia.	92	SBEDV	80	213	Necrólogo do Dr. José August de Costa Junion
65	SBEDV	62/65	49	Rotsiro de uma investi gação.	93	SBEDV	80	217	Uma questão de integri dade moral.
66	SBEDV	66/68	72	Caso de Maria Cintra.	94	SBEDV	80	222	Caso de Ignácio de Sou za. Efeitos fisiológi cos por raios.
67	SBEDV	66/68	74	Caso de Torúbio Perei ra.	95	SBEDV	81/84	228	Programação ufológica para o futuro.
68	SBEDV	66/68	76 a 78	Corpo a corpo com ex traterrestres. Caso dos Robots de Leme.	96	SBEDV	85/89	3 a 4	3 modalidades de pes quisar pelos ufonautas. Teorias sôbre a evolu ção humana.
69	SBEDV	66/68	79	Caso de Tiago Machado.	97	SBEDV	85/89	7	Caso de Benedito Miran da.
70	SBEDV	66/68	84	O caso (de roubo) de uma foto de DV em Itapeva -S.P.	98	SBEDV	85/89	8	A respeito de amnésia.
71	SBEDV	66/68	89 a 90	Efeitos fisiológicos pelos raios.	99	SBEDV	85/89	9	Subida e descida ao lon go de feixes luminosos
72	SBEDV	66/68	90	Tripulante sobe por rai os.	100	SBEDV	85/89	10	Caso de Paulo Caetano Silveira.
73	SBEDV	66/68	91	Atitude antropocentri ca de Muniz Barreto de um e da humildade de outro lado de Bernard Loomer, Berkeley, face aos extraterrestres.	101	SBEDV	85/89	17	Suspensão de Paulo por um raio luminoso.
74	SBEDV	66/68	95	Silenciamento de teste munhas ufológica pela APRO.	102	SBEDV	85/89	18	O caso do Campo da Avi ação.
75	SBEDV	69/70	11	O caso do bairro "K-1" em Nova Iguaçu.	103	SBEDV	85/89	19	O caso da enfermeira . "Tripulantes sobem pe lo ar ..."
76	SBEDV	69/70	102	Caso de Alexânia.	104	SBEDV	85/89	20	"DV visitam Itaperuna por 3 dias seguidos" .
77	SBEDV	69/70	119	Propostas para expurgo da política da pesqui sa ufológica.	105	SBEDV	85/89	27 a 35	Padronização da pesqui sa ufológica.
78	SBEDV	71	1	A SBEDV está sendo pro curada por pessoas....	106	SBEDV	85/89	41	Casos adicionais de Mo gi-Guaçu. Considerações a respeito de uma foto colorida de DV.
79	SBEDV	72/73	135/136	A peculiaridade da regi ão de Lins ...					

Nº Ref.	Sigla	Vol.	Pág.	Boletins ufológicos Título ou assunto	Nº Ref.	Sigla	Vol.	Pág.	Boletins ufológicos Título ou assunto
107	SBEDV	85/89	45	Sonegação ao público do caso AVB durante 4 anos. Modificações no concreto de Funil após sobrevôo por DV. Beleza "humana" da ufonauta vista por A.V.B.	130	(F.S.R.)	1963	Set./Out. pág. 9	How to classify and codify Saucer sightings - J.Val lée.
108	SBEDV	90/93	3	Deformação dos resultados da pesquisa ufológica.	131	(F.S.R.)	1964	Jan./Fev. pág. 6	Entities of type I sightings.
109	SBEDV	90/93	5	Caso de Antônio Vilas Boas. Sonegação do caso. Interferência pelos ufonautas com o livre arbítrio da testemunha.	132	(F.S.R.)	1964	Maio/Jun. pág. 3	Entities associated with type I Sightings.
110	SBEDV	94/98	3	Observação de DV no Pará.	133	(F.S.R.)	1965	Jan./Fev. 13	A.V.B. - The most amazing case of all.
111	SBEDV	94/98	7	Caso de Bebedouro.	134	(F.S.R.)	Mar./Abr. pág. 5		Caso de A.V.Boas.
112	SBEDV	94/98	20	Intercâmbio com extraterrestres já é possível?	135	(F.S.R.)	ul./Ago. pág. 24		Caso de A.V.B.
113	SBEDV	94/98	20 a 21	Problema da dilatação (encurtamento) do tempo.	136	(F.S.R.)	1965	Nov./Dez.	Visita de G. Adamski a J.XXIII em 31/5/63.
114	SBEDV	94/98	23	Dados adicionais ao caso Tiago Machado.	137	(F.S.R.)	1966	Jul./Ago. pág. 23	Caso de A. V.Boas.
115	SBEDV	94/98	25	Caso dos "mata-formigas".	138	(F.S.R.)	1966	Set./Out. pág. 22	Caso de A. V.Boas.
116	SBEDV	94/98	26	Caso da fazenda "Bela Aliança".	139	(F.S.R.)	1966	Nov./Dez. pág. 14	Caso de A.V. Boas.
117	SBEDV	94/98	28	Lembrete de controle. Necessidade de exames complementares.	140	(F.S.R.)	1967	Jan./Fev. pág. 25	Caso de A. V.Boas.
118	SBEDV	94/98	30	Caso Onilson Paterno.	141	(F.S.R.)	1967	Maio/Jun. pág. 5	Caso de Luiz H. da Silva. Caso de Hélio Aguiar.
119	SBEDV	94/98	38	Sobre a necessidade urgente de informar o público	142	(F.S.R.)	1967	Maio/Jun. pág. 22	Caso de A. V.B.
120	SBEDV	94/98	41 a 46	Tripulantes de morfologia estranha. Observações da SBEDV-	143	(F.S.R.)	1968	Nov./Dez. pág. 8	Caso da Baileia (Humanoides encountered).
121	SBEDV	99/103	3	Morfologia dos tripulantes de DV.	144	(F.S.R.)	1969	Jul./Ago. pág. 25	"The Clemente Ferreira Santorium Ufo".
122	SBEDV	99/103	4	O 2º caso de Onilson Paterno.	145	(F.S.R.)	1970	Mar./Abr. pág. 20	"The Itapeva Photograph".
123	SBEDV	99/103		Outros relatos sobre DV na região de Catanduva. "Os tripulantes não devem ser hostilizados".	146	(F.S.R.)	1970	Jul./Ago. pág. 2	"A question of Integrity" (C. Harvard Gibbs-Smith).
	CIPEX e GENA				147	(F.S.R.)	1971	Mar./Abr. pág. 9	"The landing of Quipapá".
124	SBEDV	99/103	10	A credibilidade de uma testemunha.	148	(F.S.R.)	1971	Maio/Jun. pág. 3	"Ufo on the sea near Rio".
125	SBEDV	99/103	12	Tripulantes de DV testam sociedade terrestre?	149	(F.S.R.)	1971	Nov./Dez. pág. 24	"Uproar in Brazil" (Casos de Itaperuna).
126	SBEDV	99/103	14	"A escalada do teste". A hipnose na ufologia.	150	(F.S.R.)	1972	Maio/Jun. pág. 9	"Brazil learns At last about Antônio Vilas Boas.
127	SBEDV	99/103	18	A sessão de hipnose regressiva de Benedito Miranda.	151	(F.S.R.)	1973	Jun. pág. 6	Recomendações de Lord Dowding.
128	Boletim Especial do GEOANI de Itajubá - Minas Gerais - Brasil - 1967.				152	(F.S.R.)	1973	Maio/Jun. pág. 26	Caso de ficção do prof. P.M.H. Edwards.
129	(F.S.R.) Flying Saucer Review - P.O. Box 25, Bernet, Herts, EN5 2NR - Inglaterra.				153	(F.S.R.)	1973	Maio/Jun. pág. 111	Caso da sonegação de um relato (prof. P.H.M.Edwards).
					154	(F.S.R.)	1973	Nov./Dez. pág. 6	"Abduction at Bebedouro".
					155	(F.S.R. "Special Issue")			"Case Histories" - P.O. Box 25, Bernet, Herts, EN5 2NR - Inglaterra.
					156	(F.S.R. "Special Issue")	nº 3 pág. 28		"The one eyed entities of Belo Horizonte".
					157	(F.S.R. "Special Issue nº 3	pág. 39		"The Pirassununga landing".
					158	(F.S.R. "Special Issue nº 5	pág. 39		"Itaperuna 1970 - 71".
					159	(F.S.R. "Special Issue nº 7	pág. 7		"Stone Age Statuette" (ref. ao caso A.B.B.).

Nº Ref.	Sigla	Vol.	Pág.	Boletins ufológicos Título ou assunto	Nº Ref.	Sigla	Vol.	Pág.	Boletins ufológicos Título ou assunto
160	(F.S.R.	"Special Issue nº 12	pág. 15	" The investigation of General M.U. in Brazil".	184	A.P.R.O.	1967 Jul./Ago.	pág. 2-coluna 2-	Ligaçãõ com o agente Robert Low.
161	(F.S.R.	"Special Issue nº 15	pág. 16	" The investigation of General M.U. in Brazil". - Part 2.	185	A.P.R.O.	1967 Set./Out.	pág. 4 coluna 2	Co nexões com a Universidade de Colorado.
1 62	(F.S.R.	"Special Issue nº 16	pág. 11	" The investigation of General M.U. in Brazil" - Part 3.	186	A.P.R.O.	1968 Ago.	pág. 6	Representante da APRO visita SBEDV.
1 63	(G.E.P.A.)	- Groupement D'Etude de Phénomènes Aériens - 69, rue de la Tombe -Issoire, 75014 Paris 14 ^e - França.			187	A.P.R.O.	1969 Jan./Fev.	pág. 1-coluna 2-	"Con don not Thorough enough".
164	(G.E.P.A.)	- "Special" James McDonald: " Le Plus Grand Problème Scientifique de notre Temps?"			188	A.P.R.O.	1969 Mar./Abr.	pág. 2-coluna 3-	Em visita a forças aéreas e da marinha sulameri canas.
165	(G.E.P.A.)	- Nº 24,25,27,28 e 29 "Les ex tra-terrestres" de Jader Pereira.			189	A.P.R.O.	1969 Maio/Jun.	pág. 1-coluna 2-	Hynek é promovido secretamente a escalão mais elevado.
166	(G.E.P.A.)	- "Special" Nov. 1973 - " Les ex tra-terrestres" de J. Pereira.			190	A.P.R.O.	1970 Jul./Ago.	pág. 6	- Caso da Av. Niemeyer.
167	S.P. Newsletter - C.A. Honey - P.O. Box ... 2431 - Fullerton, Calif. 92633 USA.				191	A.P.R.O.	1971 Maio/Junho	pág.3	- Hynek coope ra com APRO.
168	S.P. Newsletter - 1963 (junho, Out.); 1965 (Dez.).				192	A.P.R.O.	1971 Nov./Dez.	pág. 5	-coluna 1-Li gações com o segredo.
169	SKYLOOK - Bulletin do MUFON (Mutual Ufo Network - 103 Oldtowne Rd., Seguin, Texas 78155 USA,				193	A.P.R.O.	1972 Set./Out.	pág. 2	- coluna 3-Co nexões com as forças militares.
170	SKYLOOK - Bulletin do MUFON - Fev. 1973 pág. 7 - Rand Corp. elabora propostas para estudo dos UFOs em 1968.				194	UFO CONTACT - Maj. Hans Petersen - Tvaerhave 6 - Mlholm - 7.100 Vejle-Dinamarca.			
171	SKYLOOK - Bulletin do MUFON - Jul. 1973 pág. 16 - Propostas da rand Corp. são tornadas acessíveis para o público por US\$ 3.95 pela PEG - Box 11, Northfield, Ill. 600993-USA.				195	UFO CONTACT - 1966 - Out. pág. 2 - Visita de G. Adamski ao Vaticano.			
172	SKYLOOK - Bulletin do MUFON - Dez.1973 pág. 2 e 3 - Hynek é um dos diretores do PEG ("Public Education Group") e o computador ufológico de D. Saunders("UFO-cat") fica ligado à MUFON:				196	UFO CONTACT - 1966 - Dez. pág.35 - M. Rodeffer e G. Adamski são abordados por um tripulante e em seguida filmam um DV em vôo.			
173	SKYLOOK - Bulletin do MUFON - Jan.1974 pág. 2 - D. Saunders coopera com MUFON.				197	UFO CONTACT - 1967 - Fev. pág.70 - Caso de Garanhuns.			
174	SKYLOOK - Bulletin do MUFON - Mar.1974 pág. 6 - Hynek explica o funcionamento do UFO Center.				198	UFO CONTACT - 1967 - Jun. pág.115- A. Ste cking filma uma armada de DV.			
175	SKYLOOK - Bulletin do MUFON - Abr.1974 pág. 7 - D. Saunders' "Ufo-Cat" na Universidade de Colorado.				199	UFO CONTACT - 1975 - Fev. pág. Caso de Ventura Maceiros.			
176	SKYLOOK - Bulletin do MUFON - Abr.1974 pág. 8 - Testemunha no Perú fez croquis de UFO idêntico aquele fotografado por G. Adamski.				200	UFO Critical Bulletin de Escobar Faria -Jan/ Fev. 1959 - São Paulo - Brasil.			
177	Spaceview - H. Hinfeler - Henderson - New Zealand (Nova Zelandia).				201	UN (Ufo Nachrichten) da "DUIST" (deutsche Ufo-Ifo Forschungsgesellschaft).			
178	Spaceview - 1967 Ag./Out. pág. 10 " Report from Brazil" (SBEDV recebe a visita de um representante da APRO).				202	Nº 17 Jan. 1958 - Caso de Freitas Guimarães - Postfach 17185 - Wiesbaden Schierstein - A lemanha.			
179	A.P.R.O. The APRO Bulletin-3910 E. Kleindale Rd., Tucson, Arizona 85712 - USA.				203	Nº 59 (Jun. 1961) Caso da Trindade. UN			
180	A.P.R.O. 1962 Set. - Caso de rãpto em Diamantina.				204	Nº 64 Dez. 1961 - Caso de Freitas Guimarães.			
181	A.P.R.O. 1965 Jan. - pág. 8 coluna 2 - Si lenciando testemunhas, ufológicas.				205	UN - Nº 69 (Dez. 1962) Caso da Trindade.			
182	A.P.R.O. 1965 Maio/Jun. - pág. 2 coluna 3 Defendendo o segredo e silêncio.				206	Nº 98 - Caso Ceres. UN			
183	A.P.R.O. 1967 Maio/Jun. pág. 12 coluna 3 Li gações com agências governamentais.				207	UN - Nº 155 Jul. 1969 - Caso da Baleia.			
					208	UN - Nº 156 Ago. 1969 - Caso da Baleia.			
					209	UN - Nº 183 - Caso do Quãpapã.			
					210	UN - Spezial - 1973 - Casos de contatos com extraterrestres (J. de Freitas Guimarães "Ra umreisen in extraterr. Flugkorpern")			
					211	UN - 255 - 1975 - Ufo - "Krieg" (pág. 3).			
						<u>Jornais cotidianos</u>			
					212	Diário de Belo Horizonte 30/11/58 - Caso da Lagoa Negra.			
					213	Diário de Belo Hrizonte 3/8/62 - Caso do DV em forma de garrafa com 2 gargalos.			
					214	Diário Carioca (Rio) - 23/2/58 -Caso de Trin dade.			

- | Nº Ref. | Sigla | Vol. | Pág. | Boletins ufológicos
Título ou assunto | Nº Ref. | Sigla | Vol. | Pág. | Boletins ufológicos
Título ou assunto |
|---------|-------|------|------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|-------|------|------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 215 | | | | Diário Carióca (Rio) - 28/5/58 - Caso da Ilha de Trindade. | 245 | | | | "Discos Voadores, da utopia à realidade" de Artur Berlet - mimiografado em 1967 no Rio - esgot. - Biblios. Nac. Rio |
| 216 | | | | Diário da Noite (Rio) - 27/2/58 - Caso da Ilha Trindade. | 246 | | | | "Extraterrestres y creencias religiosas" de Salvador Reixedo - Puerto Rico - P.O. Box 14.134, Santa Sanduce-Porto Rico. |
| 217 | | | | Diário de Notícias (Rio) - 15/12/68 - "Homens na Lua". | 247 | | | | "Flying Saucer Farewell" de G. Adamski - Abelard-schuman, USA - 1955. |
| 218 | | | | Diário de Notícias (Rio) - 1/3/69 - "Testemunhas importantes de DV". | 248 | | | | "Flying Saucer have landed" de Desmond Leslie e G. Adamski-The British Book Center 1953 |
| 219 | | | | Diário de Notícias (Rio) - 4/3/69 - "Testemunhas importantes de DV". | 249 | | | | "Flying Saucers have landed" de Desmond Leslie e G. Adamski-Niveille Spearman-Londres - 1970 - (pág. 260 a 261). |
| 220 | | | | Diário de Notícias (Rio) - 15/6/69 - "O teste munho de astrônomos". | 250 | | | | "Flying Saucer Occupants" (caso de A.V. Boas na pág. 42 a 72; Política de despistamento e atuação da C.I.A. nas pág. 153 a 158) de Coral e J. Lorenzen Signet Book, New American Library, 1967, USA. |
| 221 | | | | Diário de Notícias (Rio) - 11/1/70 - Apologia a pesquisa ufológica realizada pela C.I.A. . | 251 | | | | "Ich war auf einem andern Planeten" de Salvador Villanueva Medina - Verlag- 1962. |
| 222 | | | | Diário de Notícias (Rio) - 28/6/70 - Caso da Av. Niemeyer. | 252 | | | | "Inside the Space Ships" de G. Adamski - Abelardo Schuman, USA - 1955. |
| 223 | | | | Diário de Pernambuco (Recife) - Out.6,15 e 28 - 1971 - Pesquisa de Enoch Burgos. | 253 | | | | "Im Raumschiff von Planet zu Planet" de Artur Berlet - Ventla Verlag - 1972. |
| 224 | | | | Estado de São Paulo - 10/3/74 - "Olho que brilha no escuro". | 254 | | | | "La nouvelle vague des Soucoupes Volantes" de Jean-Claude Bourret - Edition France Empire - 68, rue Jean-Jaques Rousseau - 75001 Paris - 1974 - França. |
| 225 | | | | Folha de Londrina - 5/1/73 - Caso de Londrina. | 255 | | | | "Num Disco Voador visitei outro planeta" de Antônio Rossi - Editora Nova Era - S. Paulo - Brasil - 1957. |
| 226 | | | | Folha de São Paulo - 25/5/60 - Caso de Raí - mundo Ursulino. | 256 | | | | "O embaixador das estrelas" de Alberto San Martin - Editora Nova Era - 1959 - S. Paulo - Brasil. |
| 227 | | | | Folha de São Paulo (3a. edição) - 23/ 8/ 60 - SBEDV é atacada pela S.I.B. | 257 | | | | "Proposed Studies of the Implications of the peaceful Space Activities of Human Affairs " (pág. 215) do Brookings Intitute - Março -.. 1961 - USA. |
| 228 | | | | Jornal do Brasil (Rio) - 16/3/61 -Referência ao livro do Brookings Institute. | 258 | | | | "The Flying Saucer Conspiracy" (pág. 312) de Donald Keyhoe - Henry Holt - 1955 - New York - USA. |
| 229 | | | | Jornal do Brasil (1º clichê) - 11/5/69 - Caso de Ignácio de Souza. | 259 | | | | "The Interrupted Journey" de John G. Fuller - The Dial Press - 1966 - USA. |
| 230 | | | | O Dia (Rio) - 1/12/72 - Caso de Sidrolândia. | 260 | | | | "The Humanoides" de Charles Bowen - Nevill Spearman-Londres - 1969 - Inglaterra. |
| 231 | | | | O Globo (Rio) - 28/2/58 - Caso da Ilha Trindade. | 261 | | | | "The Humanoides" pág. nº 99 "São Sebastião" (caso Freitas Guimarães). |
| 232 | | | | O Globo (Rio) - 3/7/73 - "Galileo abjura". | 262 | | | | "The Humanoides" pág. nº 100 - "Quebra Côco" (cidade de Cêres). |
| 233 | | | | O Jornal (Rio) - 23/2/58 - Aspectos legais da reportagem sobre a Ilha da Trindade. | 263 | | | | "The Humanoides" pág. nº 101 - "São Francisco de Sales (caso de A.V.Boas). "Maracajá" (caso do Sr. Zilli). |
| 234 | | | | O Povo (Fortaleza) - 8/11/71 - Caso de Ipú . | 264 | | | | "The Humanoides" pág. nº 102 - "Minduri" (caso dos gigantes). |
| 235 | | | | Última Hora (Rio) - 22/2/58 - Caso da Ilha de Trindade. | 265 | | | | "The Humanoides" pág. nº 104 - "Belo Horizonte" (caso de Sagrada Família). |
| 236 | | | | Última Hora (Rio) - 16/4/58 - Caso da Ilha Trindade. | 266 | | | | "The Humanoides" pág. nº 113 - "Carazinho" . |
| | | | | <u>Livros</u> | 267 | | | | "The Humanoides" pág. nº 121 - "São João" (Caso de Antônio Pau Ferro em Garanhuns). |
| 237 | | | | "Aboard a Flying Saucer" de Truman Bethurum - DeVorss e Co. USA - 1954. | 268 | | | | "The Humanoides" pág. nº 124 - "Alto do Cruzeiro" (caso de José Camilo Filho em Canhotinho). |
| 238 | | | | "A antiguidade dos Discos Voadores" de Sábado Dinotos (Aladino Félix) - Brasil. | | | | | |
| 239 | | | | "A parapsicologia e os Discos Voadores" (pág. 107) do Gal. Moacyr Uchôa - Grupo de expansão cultural 1973 - Brasil. | | | | | |
| 240 | | | | "Believe it or not" de Robert L. Ripley - Pocket Books-Simon and Schuster-New York -USA. | | | | | |
| 241 | | | | "Bruder Tier" de Karl Konig - Freies Geistes leben - 1967 - Alemanha. | | | | | |
| 242 | | | | "Contato com os Discos Voadores" de Dino Kraspedon (Aladino Félix) - São Paulo Editora - 1957 - Brasil. | | | | | |
| 243 | | | | "Discos Voadores" de Escobar Faria - Edições Melhoramentos - 1959 - Brasil. | | | | | |
| 244 | | | | "Discos Voadores, imprevisíveis e conturbados" (pág. 73) de Felipe Machado Carrion - Porto Alegre - 1968 - Brasil. | | | | | |

- 269 "The Humanoides" pág. nº 200 - "The amazing case of A.V.Boas.).
- 270 "The Startling Evidence of The Invasion from Outer Space" (pág. 64 a 73, caso de A.V.B.) de C. Lorenzen - Signet Book 1966 - USA.
- 271 "Flying Saucer occupants" de J. e C.Lorenzen - Signet book 1967 - pág. 42 a 73.
- 272 "The Ufo Experience" de J. Allan Hynek - Abelardo Schuman - Londres 1972 - Inglaterra.
- 273 "Ufo Annual" (Appendix: pág. nº 4) de M. K. Jessup - The Citadel Press-New York - 1958 - USA.
- 274 "Ufo's and Diamagnetismo" de Eugene H. Burt - Exposition Press Inc, 50 Jericho Turnpike, Jericho, New York 11.753 - 1970 - USA.
- 275 "Ufo's over the Americas" de Jim e Coral Lorenzen - Signet Book - 1968 - USA.
- 276 "Ufo's over the Americas" pág. 183 a 196 - Técnicas de despistamento, espionagem e silenciamento de testemunhas ufológicas.
- 277 "Ufo's over the Americas" pág. 184 - Diretores da APRO em contato com agentes secretos.
- 278 "Ufo's over the Americas" pág. 195 - Hostilização de testemunhas ufológicas pelos agentes de serviços secretos.
- 279 "Ufo's over the Americas" pág. 220 - Intimidação de testemunhas, sequestro de fotos ufológicas.
- 280 "Ufo's over the Americas" pág. 234 a 238 - Controle das sociedades de pesquisa ufológica.
- 281 "Ufo's over the Americas" pág. 239 a 246 - Manipulação das notícias ufológicas.
- 282 "Vierzig Begegnungen mit usserirdischen in Brasilien - Ventla Verlag - Alemanha.
- 283 "Why are they here?" de Fred Stebbings - Van tage Press, USA - 1969.
- Magazines e revistas
- 284 "Die Kommenden" (mensal) - Rosastrasse 21 - Freiburg/Brg - Alemanha. Data 10/07/74, página 15.
- 285 "Domingo Ilustrado" (semanal) - Bloch Editora - Rio de Janeiro - Brasil.
- 286 "Domingo Ilustrado" 3/10/71 - Caso de A.V.B.
- 287 "Domingo Ilustrado" 10/10/71 - Caso de A.V.B.
- 288 "Flying Saucers" de R. Palmer - USA - 1961 - Fev. - Caso da Marinha e a Ilha de Trindade.
- 289 "Jornal de Letras, nº 284 - Jul. - 1974 - artigo de Gibson Barbosa de Albuquerque.
- 290 "Manchete" Bloch Editora-Rio de Janeiro - 29/10/66 - Caso do casal Hill.
- 291 "Manchete" Bloch Editora-Rio de Janeiro - 5/11/66 - Caso do Casal Hill.
- 292 "Manchete" Bloch Editora-Rio de Janeiro - 13/4/74 - Artigo sobre Teilhard de Chardin.
- 293 "O Cruzeiro" - Rio de Janeiro-(Diários Assoc.) - 13/11/54 - Caso do Paraná (pág. 80). Caso Guaporé (pág. 81).
- 294 "O Cruzeiro" - Rio de Janeiro-(Diários Assoc.) - 13/1/55 - Caso Venâncio (pág.55).
- 295 "O Cruzeiro" R.J. (Diários Assoc.) - 8/3/58 - Caso da Ilha de Trindade.
- 296 "O Cruzeiro" R.J. (Diários Assoc.) - 3/5/58 - Caso da Ilha de Trindade.
- 297 "O Cruzeiro" R.J. (Diários Assoc.) - 8/5/58 - Caso da Ilha de Trindade.
- 298 "O Cruzeiro" Rio de Janeiro (Diários Assoc.) - 17/5/58 - Caso de Cêres (Quebra Côco- pág. 39).
- 299 "O Cruzeiro" R.J. (Diários Assoc.) - 13/6/59 - Caso de Hélio Aguiar (pág. 56).
- 300 "O Cruzeiro" R.J. (Diários Assoc.) - 16/4/60 - Caso da Ilha de Trindade.
- 301 "O Cruzeiro Internacional"-Rio - 16/1/65 - Caso de A.V.Boas.
- 302 "O Cruzeiro Internacional"-Rio - 1/2/65 - Caso de A.V.Boas.
- 303 "O Cruzeiro Internacional"-Rio - 16/2/65 - Caso de A.V.Boas.
- 304 "O Cruzeiro Internacional"-Rio - 1/10/65 - Caso da Ilha Trindade
- 305 Proceedings of the Eastern UFO-APRO Symposium Jan. 1971 - Baltimore.
- 306 "Saga" Out. 1967 - USA - Artigo de John Keel ("Men in Black").
- 307 "Understanding" - Out. 1973 - P.O. Box 206 - Merlin, Oregon 97532 - USA (Caso das ossas ciclópicas).
- ALGUMAS DAS SIGLAS E ABREVIÇÕES DE SOCIEDADES UFOLOGICAS
- 308 CBPCOANI - "Comissão Brasileira de Pesquisa Confidencial dos Objetos Aéreos Não Identificados". (Rua Gusmão nº 100 - São Paulo - Brasil).
- 309 CEI - "Centro de Estudos Interplanetários" (revista "Stendek") - Apartado 282, Barcelona-Espanha.
- 310 CICOANI - Centro de Investigação Civil dos Objetos Aéreos Não Identificados - Caixa Postal nº 1675 - Belo Horizonte - Min. Ger.-Brasil.
- 311 GGIDANI - "Grupo Gaúcho de Investigação de Objetos Aéreos Não Identificados". - Porto Alegre- Rio Grande do Sul - Brasil.
- 312 GPECE - "Grupo Paranaense de Estudos das Civilizações Extraterrestres" - Curitiba - Paraná - Brasil
- 313 ICCS - "Irmandade Cruz do Sul" Caixa Postal nº 72 - Gravataí - Rio Grande do Sul - Brasil.
- 314 LDIN - "Lumières dans la Nuit" - Les Pins... 43.400 - Le Chambon-Sur-Lignon- França.
- 315 NICAP - "National Investigation Committee of Aereal Phenomena" (revista: "The Ufo Investigator") Suite nº 2, - 3535 University Blvd - West-Kensington - Maryland - USA.
- 316 SOBEPS - "Societá Belge D'Etude des Phenomènes Spatiaux" (revista: "INFORESpace"), Boulevard Aristide Briand 26 - 1070 Bruxelles - Bélgica.
- 317 "Rusmussen Publication" é uma firma especializada em livros ufológicos, nos Estados Unidos (P.O. Box. 2656, La Mesa, Califórnia 92041-USA), que poderá também indicar livros difíceis de serem encontrados. Para informação reter 2 "coupons" internacionais de resposta.
- 318 "Flying Saucers-a Bibliograpy" é um compêndio da literatura ufológica até o ano 1975 (preço US\$ 3,00) editado por Henrietta M. Page, P. O. Box 74, Aiken, S.C. 29801 - U.S.A.